



GAIL HONEYMAN



**ELEANOR
OLIPHANT
ESTÁ MUITO BEM**



GAIL HONEYMAN

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS

FÁBRICA231

Para minha família

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

BONS TEMPOS

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

DIAS' RUINS

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

DIAS MELHORES

Capítulo 41

Agradecimentos

Créditos

A Autora

“Na verdade, como Weiss continua a mostrar, a solidão é marcada por um desejo intenso de livrar a experiência a um fim, algo que não pode ser alcançado por pura força de vontade ou simplesmente saindo mais, mas apenas desenvolvendo ligações íntimas. É muito mais fácil dizer isso do que fazer, especialmente para pessoas cuja solidão surge de um estado de perda ou exílio ou preconceito, que têm motivos para temer ou desconfiar, bem como para a falta da sociedade de outros.

“O que isso significa é que quanto mais solitária uma pessoa fica, menos ela se torna apta a circular por correntes sociais. A solidão cresce à sua volta, como mofo ou pelos, um profilático que inibe o contato, não importa o quanto se deseje o contato. A solidão cresce gradualmente, estendendo-se e perpetuando-se. Depois de implantada, não é nem um pouco fácil desalojá-la.”

Olivia Laing, *A cidade solitária*

**BON'S
TEMPOS**



QUANDO AS PESSOAS ME PERGUNTAM o que eu faço – motoristas de táxi, dentistas –, digo a elas que trabalho em um escritório. Em quase nove anos, ninguém nunca perguntou que tipo de escritório, ou que tipo de trabalho faço lá. Não sei ao certo se isso é porque me encaixo perfeitamente na ideia de como se parece uma funcionária de escritório, ou se as pessoas escutam a frase *trabalho em um escritório* e automaticamente preenchem por conta própria as lacunas – uma mulher tirando xerox, um homem digitando em um teclado. Não estou reclamando. Fico feliz por não precisar entrar nos detalhes fascinantes de contas a pagar. Quando comecei a trabalhar aqui, sempre que alguém perguntava, eu dizia que trabalhava para uma empresa de design gráfico, mas aí eles supunham que eu era do tipo criativa. Ficou um pouco chato ver seus rostos perderem o interesse quando eu explicava que eram coisas administrativas de escritório, que não usava canetas de ponta fina nem programas sofisticados.

Tenho, agora, quase trinta anos, e trabalho aqui desde os 21. Bob, o proprietário, me contratou pouco depois que o escritório abriu. Acho que ele sentiu pena de mim. Eu tinha um diploma em Estudos Clássicos e, vale dizer, nenhuma experiência profissional, e apareci para a entrevista com um olho roxo, alguns dentes faltando e um braço quebrado. Talvez nessa época ele tenha sentido que eu jamais aspiraria a nada mais do que um emprego mal remunerado em um escritório, que ficaria satisfeita por permanecer na empresa e o poupava do trabalho de um dia ter que recrutar uma substituta. Talvez ele também tenha percebido que eu jamais tiraria dias para sair em lua de mel nem requisitaria licença-maternidade. Não sei.

Há sem dúvida um sistema de dois níveis no escritório; os criativos são os astros do cinema, o resto de nós, apenas artistas coadjuvantes. Só de olhar para nós você já pode dizer em que categoria estamos. Para ser justa, parte disso tem a ver com o salário. A equipe administrativa recebe uma mixaria, e por isso não podemos pagar por coisas como cortes de cabelo elegantes e óculos de nerd. Roupas, músicas, aparelhos – embora os designers fiquem desesperados para ser vistos como críticos com ideias únicas, eles também aderem a um uniforme estrito. Não tenho nenhum interesse em design gráfico. Sou uma funcionária do financeiro. Podia estar emitindo notas de qualquer coisa, na verdade: armamentos, remédios ou cocos.

De segunda a sexta, entro às 8h30. Tiro uma hora de almoço. Costumava trazer meus próprios sanduíches, mas a comida em casa sempre estragava antes que eu pudesse terminar de consumi-la, por isso agora eu pego alguma coisa na rua principal. Sempre termino com uma ida à loja Marks and Spencer em uma sexta-feira, o que encerra bem a semana. Sento na sala dos funcionários com meu sanduíche e leio o jornal do início ao fim, em seguida faço as palavras cruzadas. Pego o *Daily Telegraph* não porque goste dele em especial, mas porque tem as palavras cruzadas mais difíceis. Não falo com ninguém – depois de comprar minha refeição na promoção e de ler o jornal e terminar as duas palavras cruzadas, a hora está quase no fim. Volto para minha mesa e trabalho até as 17h30. O ônibus para casa demora meia hora.

Faço o jantar e o como enquanto escuto a novela de rádio *The Archers*. Normalmente como massa com pesto e salada – uma panela e um prato. Minha infância foi cheia de contradições culinárias, e jantei ao longo dos anos tanto mariscos coletados manualmente por mergulhadores quanto bacalhau semipronto. Depois de muita reflexão sobre os aspectos políticos e sociológicos da mesa, percebi que não tenho o menor interesse por comida. Minha preferência é por alimentos baratos, rápidos e simples de comprar e preparar, enquanto fornecem os nutrientes necessários para permitir que uma pessoa permaneça viva.

Depois de me lavar, leio um livro, ou às vezes assisto à TV se há um programa recomendado pelo *Telegraph* naquele dia. Normalmente (bem, sempre) converso com minha mãe nas noites de quarta-feira por mais ou

menos quinze minutos. Vou para a cama por volta das dez, leio por meia hora e então apago a luz. Em geral, não tenho problemas para dormir.

Nas sextas-feiras, não pego o ônibus direto depois do trabalho. Em vez disso, vou ao mercado Tesco Metro, depois da esquina perto do escritório, e compro uma pizza margherita, vinho Chianti e duas garrafas grandes de vodca Glen's. Quando chego em casa, como a pizza e bebo o vinho. Tomo um pouco de vodca depois. Não preciso de muito em uma sexta-feira, só alguns goles grandes. Costumo acordar no sofá por volta das três da manhã, e vou cambaleando até a cama. Bebo o restante da vodca durante o fim de semana, espaçando pelos dois dias, de modo que não fico nem bêbada nem sóbria. Demora um bom tempo para chegar segunda-feira.

Meu telefone não toca com frequência – ele me dá um susto quando faz isso –, e normalmente são pessoas tentando passar um golpe pelo telefone. Sussurro para elas *Eu sei onde você mora* e desligo o telefone com muita, muita delicadeza. Ninguém esteve em meu apartamento este ano além de profissionais de serviço; não convidei voluntariamente outro ser humano a atravessar a porta, exceto para ler os medidores. Você acha que isso deve ser impossível, não é? Mas é verdade. Eu existo, não existo? Frequentemente parece que não estou aqui, que sou um produto de minha própria imaginação. Há dias em que me sinto conectada de modo tão leve à Terra que os fios que me prendem ao planeta são filamentos delgados fiados de açúcar. Uma forte lufada de vento poderia me desalojar completamente, e eu levantaria voo e seria soprada como uma daquelas sementes de dente-de-leão.

Os fios se apertam um pouco de segunda até sexta-feira. As pessoas ligam para o escritório para discutir linhas de crédito, me mandam e-mails sobre contratos e orçamentos. Os meus colegas de escritório – Janey, Loretta, Bernadette e Billy – perceberiam se eu não aparecesse. Depois de alguns dias (sempre me perguntei quantos) eles se preocupariam por eu não ter ligado para avisar que estava doente – algo tão nada a ver comigo – e conseguiriam meu endereço no arquivo de pessoal. Imagino que, no fim, eles ligariam para a polícia, não ligariam? Será que os policiais arrombariam a porta da frente? Dariam de cara comigo e cobririam o rosto com ânsia de vômito devido ao fedor? Isso daria a eles algo sobre o que falar no escritório. Eles me odeiam,

mas na verdade não desejam que eu morra. Acho que não, pelo menos.



Fui ao médico ontem. Parece que faz séculos. Dessa vez, fui atendida pelo médico jovem, o cara pálido com cabelo ruivo, o que me agradou. Quanto mais jovens são, mais recente seu treinamento, e isso só pode ser uma coisa boa. Odeio quando sou atendida pela velha dra. Wilson; ela tem cerca de sessenta anos, e não posso imaginar que ela saiba muito sobre remédios e descobertas médicas mais recentes. Ela mal consegue usar um computador.

O médico estava fazendo aquela coisa quando falam sem olhar para você, lendo minhas anotações na tela, apertando a tecla de *Enter* com ferocidade crescente à medida que a tela descia.

– O que posso fazer por você desta vez, srta. Oliphant?

– É dor nas costas, doutor – contei a ele. – Estou sofrendo. – Ele ainda não olhou para mim.

– Há quanto tempo você tem experimentado isso? – perguntou ele.

– Há algumas semanas – respondi.

Ele assentiu.

– Acho que sei o que está causando isso – continuei. – Mas queria saber sua opinião.

Ele parou de ler e finalmente olhou em minha direção.

– O que você acha que está causando sua dor nas costas, srta. Oliphant?

– Acho que são meus seios, doutor – disse.

– Seus seios?

– Sim – confirmei. – Sabe, eu já os pesei, e eles têm quase três quilos. Isso é o peso dos dois juntos, não de cada um! – Eu ri. Ele olhou fixamente para mim, sem rir. – É muito peso para levar por aí, não é? – perguntei a ele. – Quer dizer, se eu fosse prender três quilos de carne adicional a seu peito e forçá-lo a andar por aí o dia inteiro com isso, suas costas iam doer também, não é?

Ele me encarou, em seguida limpou a garganta.

– Como... como você...?

– Balança de cozinha – respondi, sacudindo a cabeça afirmativamente. –

Eu meio que... coloquei um deles em cima. Não pesei os dois. Supus que eles seriam mais ou menos do mesmo peso. Sei que não é muito científico, mas...

– Vou lhe dar uma receita para mais analgésicos, srta. Oliphant – disse ele, dirigindo-se a mim enquanto digitava.

– Fortes, dessa vez, por favor – pedi com firmeza. – E muitos. – Eles tinham tentado me enganar antes com pequenas doses de aspirina. Eu precisava de medicação altamente eficiente para acrescentar ao meu estoque. – O senhor também poderia me dar outra receita do meu remédio de eczema, por favor? Parece piorar em épocas de estresse ou excitação.

Ele não deu resposta a esse pedido educado, apenas assentiu com a cabeça. Nenhum de nós falou enquanto a impressora cuspiu a papelada, que ele me entregou. Ele tornou a olhar fixamente para a tela e começou a digitar. Houve um silêncio desconfortável. Suas habilidades sociais eram terrivelmente inadequadas, especialmente para um emprego de contato com o público como o dele.

– Então até logo, doutor – disse eu. – Muito obrigada pelo seu tempo. – Meu tom passou completamente despercebido. Ele ainda estava, ao que parecia, envolvido em suas anotações. Esse é o único problema com os mais novos; eles têm modos muito ruins com seus pacientes.



Isso foi ontem de manhã, em uma vida diferente. Hoje, *depois*, o ônibus estava fazendo bom progresso enquanto eu seguia para o escritório. Estava chovendo, e todas as outras pessoas pareciam infelizes, encolhidas em seus sobretudos, o hálito matinal azedo embaçando as janelas. A vida cintilava em minha direção através das gotas de chuva no vidro, tremeluzia fragrantemente acima do bafo de roupas molhadas e pés úmidos.

Sempre me orgulhei muito de cuidar da minha vida sozinha. Sou uma sobrevivente solitária. Sou Eleanor Oliphant. Não preciso de mais ninguém – não há nenhum grande vazio em minha vida, nenhuma parte faltando em meu quebra-cabeça particular. Sou uma entidade independente. De qualquer forma, isso foi o que sempre disse a mim mesma. Mas, na noite passada, encontrei o amor da minha vida. Quando eu o vi entrar em cena, eu

simplesmente *soube*. Ele usava um chapéu muito estiloso, mas não foi isso o que me atraiu. Não, não sou tão superficial. Ele vestia um terno com colete, *com o botão de baixo do paletó desabotoado*. Minha mãe sempre disse que um verdadeiro cavalheiro deixa o botão de baixo desabotoado – era um dos sinais a ser procurado, significando, como significava, um homem elegante de classe e posição social apropriadas. Seu rosto bonito, sua voz... Finalmente ali estava um homem que podia ser descrito com algum grau de certeza como “para casar”.

Mamãe ia ficar empolgada.

2

N O ESCRITÓRIO HAVIA AQUELA SENSÇÃO PALPÁVEL de alegria da sexta-feira, todo mundo conspirando com a ideia de que, de algum modo, o fim de semana seria fantástico e que, na semana seguinte, o trabalho seria diferente, melhor. Eles não aprendem nunca. Para mim, porém, as coisas *tinham* mudado. Eu não dormira bem, mas, apesar disso, estava me sentindo bem melhor, o máximo. Dizem que quando você depara com “a pessoa”, você simplesmente sabe. Tudo em relação a isso era verdade, até o fato de que o destino o jogara em meu caminho em uma noite de quinta-feira, por isso agora o fim de semana se estendia à frente de forma convidativa, cheio de tempo e promessas.

Um dos designers estava se despedindo hoje – como sempre, íamos marcar a ocasião com vinho barato, cerveja cara e salgadinhos jogados em tigelas de cereal. Com alguma sorte, começaria cedo, de modo que eu poderia dar as caras e ainda sair a tempo. Eu simplesmente *precisava* chegar às lojas antes que fechassem. Empurrei a porta. O frio do ar-condicionado me fez estremecer, embora estivesse vestindo meu colete. Billy era o centro das atenções. Ele estava de costas para mim, e os outros estavam entretidos demais para notar minha entrada.

– Ela é louca – disse ele.

– Bem, nós sabemos que ela é louca – disse Janey. – Ninguém nunca duvidou disso. A questão é o que ela fez dessa vez?

Billy escarneceu.

– Vocês sabiam que ela ganhou ingressos e me chamou para ir àquele show idiota com ela?

Janey sorriu.

– O sorteio anual do Bob de jabás vagabundos de clientes. Primeiro

prêmio: dois ingressos grátis. Segundo prêmio: quatro ingressos grátis.

Billy deu um suspiro.

– Exatamente. Uma noite de quinta-feira completamente constrangedora... um show de caridade em um pub estrelado pela equipe de marketing do nosso maior cliente, além de números embaraçosos de todos os seus amigos e familiares. E, para piorar as coisas, com *ela*?

Todo mundo riu. Eu não podia discordar de sua opinião; aquilo estava longe de ser uma noite estilo Gatsby, de glamour e excessos.

– Na primeira metade, havia uma banda. Johnny qualquer coisa e os Pilgrim Pioneers. Eles não eram tão ruins, na verdade – disse ele. – Eles tocavam em sua maioria as próprias músicas, alguns covers, também, velhos clássicos.

– Eu o conheço, Johnnie Lomond! – exclamou Bernadette. – Ele estava no mesmo ano do meu irmão mais velho. Foi à nossa casa para uma festa uma noite quando mamãe e papai estavam em Tenerife, ele e alguns dos velhos amigos do meu irmão do sexto ano. Se lembro bem, ele acabou entupindo a pia do banheiro...

Eu virei o rosto, sem querer ouvir sobre suas indiscrições juvenis.

– Enfim – continuou Billy. Ele não gostava de ser interrompido, percebi. – Ela *odiou* completamente essa banda. Ela só ficou ali sentada congelada, sem se mexer, sem aplaudir, nada. Assim que eles terminaram, ela disse que precisava ir para casa. Ela não chegou nem até o intervalo, e eu tive que ficar ali sentado sozinho até o fim do show, como, literalmente, um solitário.

– Mas que pena, Billy. Sei que, depois, você queria levá-la para um drinque, talvez ir dançar – disse Loretta enquanto o cutucava.

– Muito engraçada, Loretta. Não, ela partiu como uma bala. Ela devia estar enfiada na cama com uma xícara de chocolate e um exemplar da *Take a Break* antes mesmo que a banda tivesse terminado sua seleção.

– Ah – disse Jane. – Eu, de algum modo, não a vejo como uma leitora da *Take a Break*. Deve ter sido algo muito mais esquisito, muito mais aleatório. Uma revista de pesca? De política?

– Uma sobre cavalos e cachorros? – disse Billy com firmeza. – Que ela assina. – Todos riram.

Eu, na verdade, ri disso.



Eu não estava esperando que isso acontecesse ontem à noite. Não mesmo. E me atingiu com mais força por causa disso. Sou uma pessoa que gosta de planejar as coisas de maneira apropriada, de me preparar com antecedência e estar organizada. Isso saiu do nada, pareceu um tapa na cara, um soco no estômago, uma queimação.

Eu chamei Billy para ir ao show comigo principalmente porque ele era a pessoa mais jovem no escritório; por esse motivo, imaginei que ia gostar da música. Ouvi os outros o provocarem por isso quando acharam que eu tinha saído para o almoço. Eu não sabia nada sobre o show, não tinha ouvido falar de nenhuma das bandas. Eu ia sair por uma sensação de dever; tinha ganhado os ingressos no sorteio de caridade e sabia que as pessoas perguntariam por isso no escritório.

Eu estava bebendo o vinho branco azedo, quente e contaminado pelos copos de plástico nos quais o pub servia as bebidas. Eles deviam achar que éramos selvagens! Billy insistira em pagar, como forma de me agradecer por convidá-lo. Não havia questão de que a saída fosse um encontro. A própria noção disso era ridícula.

As luzes se apagaram. Billy não queria ver os números de abertura, mas eu estava determinada. Você nunca sabe se vai testemunhar o surgimento de um novo astro, nunca sabe quem vai subir no palco e iluminá-lo. E então *ele* fez isso. Eu o olhei fixamente. Ele era luz e calor. Ele flamejava. Tudo com o que ele entrava em contato mudava. Cheguei para a frente em meu assento e me aproximei lentamente. Finalmente, eu o havia encontrado.



Agora que o destino havia apresentado meu futuro, eu simplesmente *precisava* descobrir mais sobre ele; o cantor, a resposta. Antes que eu tivesse que enfrentar o horror das contas do fim do mês, pensei em dar uma olhada rápida em alguns sites – Argos, John Lewis – para ver quanto custaria um computador. Imagino que poderia ter passado no escritório no fim de semana

para usar um, mas havia um grande risco de outra pessoa estar lá e perguntar o que eu estava fazendo. Não que eu estivesse quebrando alguma regra, mas isso não era da conta de mais ninguém, e eu não queria ter que explicar ao Bob como mesmo trabalhando nos fins de semana não tinha conseguido baixar em nada a pilha enorme de faturas que aguardavam processamento. Além disso, eu podia fazer outras coisas em casa ao mesmo tempo, como cozinhar um cardápio experimental para nosso primeiro jantar juntos. Mamãe me disse, anos atrás, que os homens ficam completamente loucos por enroladinhos de salsicha. O caminho para o coração de um homem, disse ela, são um enroladinho de salsicha feito em casa, massa folhada quente e carne de boa qualidade. Havia anos que eu não fazia nada além de massa. Nunca fiz um enroladinho de salsicha. Mas imagino que não seja extremamente difícil. É apenas massa e carne processada.

Liguei o computador e digitei minha senha, mas toda a tela congelou. Desliguei e tornei a ligá-lo, e dessa vez ele não chegou sequer a pedir a senha. Irritante. Fui falar com Loretta, a gerente administrativa. Ela tem ideias exageradas de suas habilidades administrativas, e em seu tempo livre faz bijuterias horríveis que ela então vende para idiotas. Eu disse a ela que meu computador não estava funcionando e que não tinha conseguido falar com Danny, do TI.

– Danny saiu, Eleanor – respondeu ela sem tirar os olhos da tela. – Agora tem um cara novo. Raymond Gibbons? Ele começou no mês passado? – ela disse isso como se eu devesse saber. Ainda sem erguer os olhos, escreveu o nome dele completo e o número de seu ramal em um Post-it que me entregou.

– Muito obrigada; como sempre, você foi muito prestativa, Loretta – disse eu. Ela não deu a menor atenção, é claro.

Liguei para o número, mas caiu na caixa postal.

– Oi, Raymond aqui, mas também *não está aqui, te atendendo*. Sou praticamente o gato de Schrödinger. Deixe uma mensagem depois do bipe. Até logo.

Sacudi a cabeça enfadada, e falei devagar e com clareza para a máquina.

– Bom dia, sr. Gibbons. Meu nome é srta. Oliphant e sou funcionária do

financeiro. Meu computador parou de funcionar, e eu ficaria muito agradecida se o senhor pudesse consertá-lo hoje. Se precisar de mais detalhes, pode me encontrar no ramal 535. Muito obrigada.

Torci para que minha mensagem clara e concisa pudesse servir de exemplo para ele. Esperei por dez minutos, arrumando minha mesa, mas ele não retornou a ligação. Depois de duas horas arquivando documentos, e na falta de qualquer comunicação com o sr. Gibbons, resolvi tirar bem cedo minha hora de almoço. Passou por minha cabeça que eu devia me preparar fisicamente para um possível encontro com o músico, e fazer algumas melhorias. Eu devia me arrumar de dentro para fora, ou trabalhar de fora para dentro? Compilei uma lista na cabeça de todos os trabalhos ligados à aparência que precisariam ser feitos: cabelo (cabeça e pelos do corpo), unhas (dos pés e das mãos), sobrancelhas, celulite, dentes, cicatrizes... Todas essas coisas precisavam ser atualizadas, valorizadas, melhoradas. Depois de algum tempo, resolvi começar de fora e trabalhar na direção do interior – afinal de contas, é isso o que frequentemente acontece na natureza. A troca de pele, o renascimento. Animais, aves e insetos podem fornecer insights muito úteis; se não tenho certeza da atitude a tomar, eu penso: “O que um furão faria?” ou “Como uma salamandra reagiria a essa situação?”. Invariavelmente, encontro a resposta certa.

Eu passava a pé pela Julie’s Beauty Basket todo dia a caminho do trabalho. Por sorte, eles tinham tido um cancelamento. Levaria vinte minutos, Kayla seria minha terapeuta, e custaria 45 libras. Quarenta e cinco! Ainda assim, lembrei a mim mesma enquanto Kayla me conduzia na direção de uma sala no subsolo que ele valia a pena. Kayla, como as outras funcionárias, estava vestindo uma roupa branca que parecia uma bata cirúrgica com tamancos brancos. Eu aprovei aquela indumentária pseudomédica. Entramos em uma sala pequena e desconfortável, mas grande o suficiente para acomodar a cama, a cadeira e a mesinha lateral.

– Bom, então – disse ela. – Você precisa agora tirar a... – Ela fez uma pausa e olhou para minha metade inferior. – Er, a calça e a calcinha, depois pule para a cama. Você pode ficar nua da cintura para baixo ou, se preferir, pode pular dentro disso. – Ela pôs um pacote pequeno na cama. – Cubra-se

com a toalha que estou de volta em um pulo para ver você, está bem?

Assenti. Não tinha antecipado tantos pulos.

Depois que a porta se fechou atrás dela, tirei os sapatos e a calça. Será que eu devia ficar de meia? Pensei e cheguei à conclusão que, provavelmente, devia. Tirei a calcinha e me perguntei o que devia fazer com ela. Não parecia certo pendurá-la em cima da cadeira em plena vista, como eu fizera com a calça, por isso eu a dobrei com cuidado e a coloquei em minha sacola. Sentindo-me um tanto exposta, peguei o pacotinho que ela deixara na cama e o abri. Sacudi para fora o conteúdo e o ergui: uma calcinha preta muito pequena, em um estilo que reconheci como “Tanga” na nomenclatura da Marks and Spencer, e feita do mesmo tecido parecido com papel de saquinhos de chá. Eu entrei na calcinha e a puxei. Era pequena demais, e minha carne saía pela frente, pelos lados e por trás.

A cama era muito alta e eu encontrei uma escadinha de plástico embaixo dela, que usei para me ajudar a subir. Eu me deitei; ela estava ladeada de toalhas e era encimada pelo mesmo papel azul áspero que você encontra no sofá do médico. Havia outra toalha preta dobrada aos meus pés, e a puxei até a cintura para me cobrir. As toalhas pretas me preocuparam. Que tipo de mancha suja a cor escura tinha sido projetada para esconder? Olhei fixamente para o teto e contei as luminárias, depois olhei de um lado para o outro. Apesar da iluminação fraca, podia ver marcas de arranhões nas paredes pálidas. Kayla bateu e entrou, toda alegre e satisfeita.

– E então? O que nós vamos fazer hoje? – disse ela.

– Como eu disse, depilar a virilha...

Ela riu.

– Isso, desculpe, quis dizer que tipo de cera você quer.

Eu pensei nisso.

– Do tipo mais comum... tipo de vela? – eu sugeri.

– E o formato? – indagou ela abruptamente, em seguida percebeu minha expressão. – Então – disse ela com paciência, contando-as nos dedos. – Você tem meia virilha, virilha cavada, completa...

– Completa – disse eu por fim. – Estou completamente nessa.

Ela ergueu a toalha.

– Oh... – disse ela. – Oook... – Ela foi até a mesa e abriu uma gaveta, de onde tirou algo. – Vai custar duas libras a mais para aparar – disse ela com seriedade enquanto pegava um par de luvas descartáveis.

A máquina zuniu enquanto eu olhava fixamente para o teto. Aquilo não doía nada! Quando ela terminou, usou um pincel grande e grosso para limpar os pelos raspados para o chão. Senti o pânico começar a crescer dentro de mim. Eu não tinha olhado para o chão quando entrei. E se ela tivesse feito aquilo com as outras clientes – será que pelos pubianos alheios estavam grudados às solas das minhas meias de bolinhas? Comecei a me sentir um pouco nauseada com a ideia.

– Assim é melhor – disse ela. – Agora, vou ser o mais rápida possível. Não use loções perfumadas na área por pelo menos doze horas depois disso, está bem? – Ela mexeu no pote de cera que estava aquecendo no outro lado da mesinha lateral.

– Ah, não se preocupe, não sou muito dada a unguentos, Kayla – disse eu. Ela arregalou os olhos para mim. Achei que os funcionários no mercado de estética teriam habilidades melhores no trato com o público. Ela era quase tão ruim quanto meus colegas do escritório.

Ela puxou a calcinha de papel para um lado e me pediu para esticar a pele. Em seguida, pintou uma faixa de cera quente em meu púbis com uma espátula de madeira, e apertou uma tira de papel sobre ela. Depois segurou-a por uma das pontas e a arrancou com um floreio rápido de dor terrível e lancinante.

– *Morituri te salutant* – sussurrei com lágrimas ardendo nos olhos. É isso o que digo em tais situações, e sempre me anima muito. Comecei a sentar, mas ela me empurrou de volta para baixo com delicadeza.

– Ah, ainda não terminamos – disse ela com um tom de voz bem animado.

A dor é fácil; a dor é algo com que estou familiarizada. Entrei na pequena salinha branca no interior de minha cabeça, a que tem a cor das nuvens. Ela cheira a algodão branco e filhotes de coelho. O ar no interior da sala é do mais claro rosa bebê; e toda a música, mais bonita. Hoje era “Top of the World”, dos Carpenters. Aquela voz linda... Ela parece tão feliz, tão cheia de

amor. A adorável e sortuda Karen Carpenter.

Kayla continuou a lambuzar e arrancar. Ela me pediu para dobrar e afastar os joelhos e juntar os calcanhares. Como pernas de sapo, disse eu, mas ela me ignorou, atenta ao trabalho. Ela arrancou os pelos bem da parte de baixo. Eu nem imaginara que tal coisa fosse possível. Quando terminou, ela me pediu para tornar a deitar normalmente e tirou a calcinha de papel. Ela passou cera quente nos pelos restantes e os arrancou todos, triunfalmente.

– Pronto – disse ela enquanto removia as luvas e esfregava a testa com as costas das mãos. – Agora ficou muito melhor!

Ela me passou um espelho de mão para que eu pudesse olhar para mim mesma.

– Mas estou completamente lisa! – disse eu, horrorizada.

– Isso mesmo, completa – disse ela. – Foi isso que você pediu.

Senti meus punhos se cerrarem com força, sacudi a cabeça, sem acreditar. Eu tinha ido ali para começar a me tornar uma mulher normal, e em vez disso ela me deixou parecendo uma criança.

– Kayla – falei, sem conseguir acreditar na situação em que eu me encontrava. – O homem em quem estou interessada é um adulto normal. Ele vai gostar de relações sexuais com uma mulher normal. Você está tentando sugerir que ele seja algum tipo de pedófilo? Como você *ousa*?!

Ela olhou para mim horrorizada. Eu já tinha ficado farta daquilo.

– Por favor, deixe que eu me vista, agora – pedi, virando o rosto para a parede.

Ela saiu e eu desci da cama. Vesti a calça, consolada pelo pensamento de que os pelos iam, sem dúvida, tornar a crescer antes de nosso primeiro encontro íntimo. Não dei gorjeta a Kayla ao sair.



Quando voltei para o escritório, meu computador ainda não estava funcionando. Eu me sentei cuidadosamente e tornei a ligar para Raymond, do TI, mas caí outra vez direto em sua mensagem ridícula. Resolvi subir e procurar por ele; pela saudação em sua caixa postal, ele parecia ser o tipo de pessoa que ignoraria um telefone tocando e ficaria sentado sem fazer nada.

No momento em que empurrei a cadeira para trás, um homem se aproximou da minha mesa. Ele era pouco mais alto que eu, e usava tênis verdes, calça jeans larga e uma camiseta com o desenho de um cachorro deitado em cima de sua casinha. Ela estava bem esticada por cima de sua barriga protuberante. Ele tinha cabelo claro, cor de areia, cortado curto em uma tentativa de esconder o fato de que estava rareando e recuando, e marcas falhadas de barba loira por fazer. Toda sua pele visível, tanto do rosto quanto do corpo, era muito rosada. Uma palavra surgiu em minha mente: porcino.

– Er... Oliphant? – disse ele.

– Sim, Eleanor Oliphant. Eu sou ela – respondi.

Ele se moveu bruscamente na direção de minha mesa.

– Sou Raymond, do TI – disse ele.

Estendi a mão para um aperto, coisa que ele acabou por fazer, de modo um tanto hesitante. Prova ainda maior do declínio lamentável nos modos modernos. Eu me afastei e permiti que ele se sentasse à minha mesa.

– Qual parece ser o problema? – perguntou enquanto olhava fixamente para meu monitor.

Eu lhe contei o que estava acontecendo.

– Certo, certo – disse ele, digitando ruidosamente. Eu peguei meu *Telegraph* e disse que estaria na sala dos funcionários; não fazia muito sentido ficar ali parada enquanto ele consertava o computador.

O criador da palavra cruzada de hoje era “Elgar”, cujas pistas sempre são elegantes e justas. Estava batendo nos dentes com a caneta, refletindo sobre a 12 vertical, quando Raymond entrou na sala e interrompeu o fluxo de meu pensamento. Ele olhou por cima de meu ombro.

– Palavras cruzadas, hein? – disse ele. – Nunca vi sentido nelas. Prefiro um bom jogo de computador. *Call of Duty*...

Eu ignorei suas informações inócuas.

– Você consertou? – perguntei.

– Consertei – respondeu ele, parecendo satisfeito. – Você tinha um vírus muito sério. Limpei seu HD e reiniciei o firewall. O ideal era que você fizesse um escaneamento completo do sistema toda semana. – Ele deve ter percebido minha expressão de incompreensão. – Venha, vou lhe mostrar. – Nós

caminhamos pelo corredor. O piso rangia sob seus tênis horrendos. Ele tossiu.

– Então... Você, er, trabalha aqui há muito tempo, Eleanor? – inquiriu.

– Trabalho – respondi, apertando o passo.

Ele conseguiu me acompanhar, mas ficou um pouco sem fôlego.

– Certo – disse ele e limpou a garganta. – Comecei aqui há algumas semanas. Estava na Sandersons, antes. No Centro. Você os conhece?

– Não – neguei.

Chegamos à minha mesa e eu me sentei. Ele se abaixou e se aproximou demais. Ele cheirava a comida e levemente a cigarros. Desagradável. Ele me disse o que fazer, e eu segui as instruções, guardando-as na memória. Quando terminou, eu tinha alcançado meu limite diário de interesse por assuntos tecnológicos.

– Obrigada pela ajuda, Raymond – agradei formalmente. Raymond me cumprimentou e levantou. Era difícil imaginar um homem com menos porte militar.

– De nada, Eleanor. Vejo você por aí!

Eu duvido muito, pensei, abrindo a planilha que listava as contas atrasadas daquele mês. Ele saiu apressado com um passo estranho e saltitante, pisando com força demais na ponta dos pés. Eu percebi que muitos homens feios andam desse jeito. Tenho certeza de que os tênis não ajudam.

Na outra noite, o cantor usava belos sapatos Oxford masculinos. Ele era alto, elegante e gracioso. Era difícil acreditar que o cantor e Raymond fossem membros da mesma espécie. Eu me remexi desconfortavelmente na cadeira. Havia uma dor latejante e o começo de uma coceira *lá embaixo*. Talvez eu devesse ter posto a calcinha de volta.



O bota-fora começou por volta das 4h30, e eu me assegurei de aplaudir de forma extravagante ao fim do discurso de Bob e dizer em voz alta para que todos me notassem:

– Isso, isso, bravo!

Fui embora às 16h59 e andei até o shopping o mais rápido que o atrito

ocasionado por minha nova epiderme sem pelos permitia. Cheguei lá às 17h15, graças a Deus. *Um pássaro na mão*, era o que eu estava pensando, considerando a importância da tarefa, de modo que simplesmente segui direto para a primeira grande loja de departamentos que vi e peguei o elevador para a seção de eletroeletrônicos.

Um rapaz de camisa cinza e gravata reluzente olhava fixamente para as fileiras de telas gigantes de TV. Eu me aproximei e informei a ele que desejava comprar um computador. Ele pareceu assustado.

– *Desktop, laptop ou tablet?* – recitou ele. Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

– Nunca comprei um computador antes, Liam – expliquei ao ler o crachá com seu nome. – Sou uma consumidora de tecnologia muito inexperiente.

Ele puxou o colarinho da camisa como se tentasse liberar o enorme pomo de Adão de sua pressão. Ele tinha a expressão de uma gazela ou um impala, um desses tediosos animais beges com olhos grandes e redondos nos lados da cara. O tipo de animal que, no final, sempre é comido por um leopardo.

Acho que começamos com o pé esquerdo.

– Para que você vai usá-lo? – perguntou ele sem fazer contato visual.

– Isso absolutamente não é da sua conta – disse eu, muito ofendida.

Ele parecia prestes a chorar, e me senti mal. Ele era apenas um jovem. Toquei seu braço, embora odeie toques.

– Infelizmente estou um pouco ansiosa porque é absolutamente fundamental que eu consiga acessar a internet neste fim de semana – expliquei. Sua expressão nervosa permaneceu no lugar.

– Liam – disse eu lentamente. – Simplesmente preciso comprar algum tipo de equipamento de computador que eu possa usar no conforto do meu lar para realizar pesquisas na internet. Posso, eventualmente, enviar mensagens eletrônicas com ele. Só isso, você tem alguma coisa apropriada no estoque?

O garoto olhou para o céu e pensou profundamente.

– Um laptop com acesso à internet? – disse ele. Por que estava me perguntando, pelo amor de Deus? Eu balancei a cabeça afirmativamente e entreguei a ele meu cartão de débito.

Quando cheguei em casa, um pouco tonta com a quantidade de dinheiro que tinha gastado, percebi que não havia nada para comer. Sexta-feira, claro, era dia de pizza margherita, mas minha rotina estava, pela primeira vez na vida, um pouco fora de equilíbrio. Lembrei que tinha um folheto na gaveta de panos de prato, algo que tinha sido posto em minha caixa de correio faz algum tempo. Eu o achei com facilidade e o alisei. Havia cupons de desconto no pé, que tinham expirado. Achei que os preços deviam ter subido, mas supus que o telefone tivesse permanecido o mesmo, e eles supostamente ainda vendessem pizza. Mesmo aqueles preços antigos eram ridículos, e na verdade ri alto com eles. No Tesco Metro, as pizzas custavam um quarto daquele valor.

Decidi pedir. Sim, era extravagante e indulgente, mas por que não? A vida devia ser experimentar coisas novas, explorar limites, lembrei a mim mesma. O homem do outro lado da linha me disse que a pizza chegaria em quinze minutos. Escovei o cabelo, tirei o chinelo e botei outra vez os sapatos de trabalho. Eu me perguntei como eles fariam com a pimenta-do-reino, será que o homem traria um moedor de pimenta com ele? Sem dúvida ele não a moeria sobre a pizza ainda parado à porta. Liguei a chaleira caso ele quisesse uma xícara de chá. Eles tinham me dito ao telefone quanto ia custar e separei o dinheiro, coloquei em um envelope e escrevi *Pizza Pronto* na frente. Não me incomodei em botar o endereço. Eu me perguntei se o certo a fazer seria dar gorjeta, e desejei ter alguém a quem perguntar. Mamãe não seria capaz de me aconselhar. Ela não decide o que come.

O problema do plano da pizza foi o vinho. Eles não entregavam, disse o homem ao telefone, e na verdade ele pareceu achar divertido eu ter perguntado. Estranho, o que poderia ser mais normal que pizza com vinho? Eu não podia ver como ia comprar algo para beber a tempo de tomar com a pizza. Eu realmente precisava de algo para beber. Fiquei pensando nisso enquanto esperava pela entrega.

Por fim, a experiência da pizza foi extremamente decepcionante. O homem apenas enfiou uma caixa grande em minha mão e pegou o envelope, que em seguida abriu rudemente bem na minha frente. Eu o ouvi murmurar um palavrão baixo enquanto contava as moedas. Eu estava juntando moedas

de cinquenta centavos em um pequeno pires de cerâmica, e aquela parecera a oportunidade perfeita para usá-las. Coloquei uma a mais para ele, mas não recebi um agradecimento por isso. Rude.

A pizza estava excessivamente gordurosa, e a massa, mole e sem gosto. Decidi no ato que jamais comeria pizza entregue a domicílio outra vez, e sem dúvida não com o músico. Se algum dia nos víssemos em necessidade de pizza e longe demais de um Tesco Metro, uma de duas coisas ia acontecer. Uma: nós pegaríamos um táxi preto para a cidade e jantaríamos em um restaurante italiano adorável. Duas: ele faria pizza para nós dois, com quase nada. Ele misturaria a massa e esticaria com aqueles dedos compridos e finos, amassando-a até que fizesse o que ele queria. Ele pararia ao lado do fogão cozinhando tomates com ervas frescas, reduzindo-os em um molho gostoso, grosso e escorregadio com uma camada de azeite de oliva.

Ele estaria usando seu jeans mais velho e confortável, uma calça, e se encaixava confortavelmente em suas coxas finas, os pés descalços batendo enquanto ele cantava baixo para si mesmo em sua voz deliciosa e agitada. Depois de montar a pizza, cobrindo-a com alcachofras e funcho picado, ele a colocaria no forno e viria me encontrar, me tomaria pela mão e me levaria até a cozinha, onde teria posto a mesa, gardênia no centro, velas pequenas reluzindo através de vidro colorido. Ele tiraria lentamente a rolha de uma garrafa de Barolo, com um estalido longo e satisfatório, e a colocaria sobre a mesa, depois puxar a cadeira para mim. Antes que eu pudesse me sentar, ele me tomaria nos braços e me beijaria, com as mãos em torno de minha cintura, puxando-me para tão perto que eu poderia sentir nele o pulso de seu sangue, cheirar o tempero doce de sua pele e o açúcar quente de seu hálito.



Tinha acabado de comer minha pizza de má qualidade e estava pulando para cima e para baixo sobre a caixa tentando amassá-la o suficiente para caber na lata de lixo quando me lembrei do conhaque. Mamãe sempre dizia que conhaque é bom para choques, e eu comprei um pouco, havia vários anos, só por garantia. Eu o pusera no armário do banheiro, com todos os outros itens de emergência. Fui conferir e lá estava ele, atrás dos rolos de ataduras e dos

suportes de pulso – meia garrafa de Rémy Martin, cheia e fechada. Desatarraxeí a tampa e dei um gole. Não era tão bom quanto vodca, mas não era ruim.

Eu estava muito apreensiva em relação ao laptop, pois nunca tinha usado um computador antes, mas na verdade foi bem fácil. A coisa da internet também foi simples. Levei o conhaque e o laptop para a mesa da cozinha, digitei o nome do músico no Google e apertei *Enter*, depois cobri os olhos com as mãos. Segundos depois, olhei através dos dedos. Havia centenas de resultados! Parecia que aquilo ia ser bem fácil, por isso resolvi racionar as páginas; afinal de contas, eu tinha todo o fim de semana, por isso não havia sentido em correr.

O primeiro link me levou para sua própria página na internet, que era totalmente tomada por fotos dele e de sua banda. Eu me aproximei da tela até meu nariz quase tocá-la. Eu não o havia imaginado, nem superestimado a extensão de sua beleza. O link seguinte me levou para seu perfil no Twitter. Permiti a mim mesma o prazer de ler as três mensagens mais recentes, duas das quais eram irônicas e inteligentes, e a terceira, extremamente charmosa. Nela, ele estava declarando a admiração profissional por outro músico. Muito nobre da parte dele.

Em seguida, sua conta no Instagram. Ele tinha postado quase cinquenta fotos. Cliquei em uma aleatoriamente, um close do rosto, cândido e relaxado. Ele tinha um nariz romano, harmoniosamente reto, com proporções clássicas. Suas orelhas também eram perfeitas, exatamente do tamanho certo, as curvas de pele e cartilagem impecavelmente simétricas. Os olhos eram castanho-claros. Eram castanho-claros do mesmo modo que uma rosa é vermelha, ou que o céu é azul. Eles definiam o que significava ser castanho-claro.

Havia séries e séries de fotos na página, e meu cérebro obrigou meu dedo a apertar a tecla e voltar à ferramenta de busca. Examinei os outros sites que o Google tinha encontrado. Havia vídeos de apresentações no YouTube. Havia reportagens e críticas. Aquela era apenas a primeira página dos resultados da busca. Eu ia ler toda informação que pudesse encontrar sobre ele, conhecê-lo direito – afinal de contas, sou muito boa em pesquisa e em solucionar problemas. Não quero me gabar; estou apenas expondo os fatos. Descobrir

mais sobre ele era a coisa certa a fazer, a abordagem sensata, se ele acabasse por ser mesmo o amor da minha vida. Peguei o conhaque, um caderno novo e uma caneta de ponta fina que eu pegara emprestado no escritório e fui para o sofá, pronta para dar início a meu plano de ação. O conhaque ao mesmo tempo aquecia e acalmava, e eu continuei a beber.

Quando acordei, eram pouco mais de três da manhã, e a caneta e o caderno estavam jogados no chão. Lentamente, eu me lembrei de desviar do assunto e começar a sonhar acordada à medida que o conhaque descia. As costas de minha mão estavam tatuadas com tinta preta, o nome dele escrito ali várias e várias vezes, inscrito no interior de corações amorosos, de modo que mal restava um centímetro de pele sem tinta. Sobrava um bom gole de conhaque na garrafa. Eu o tomei e fui para a cama.

3

POR QUE ELE? POR QUE AGORA? Na manhã de segunda-feira, enquanto esperava no ponto de ônibus, tentei compreender. Aquilo era traiçoeiro. Quem pode entender o funcionamento do destino, afinal de contas? Mentes muito maiores do que a minha tinham tentado, e falhado, chegar a uma conclusão. Ali estava ele, um presente dos deuses – bonito, elegante e talentoso. Eu estava bem, perfeitamente bem sozinha, mas precisava manter minha mãe feliz, mantê-la calma para que ela me deixasse em paz. Um namorado – um marido? – podia funcionar. Não que *eu* precisasse de alguém. Eu estava, como dito antes, perfeitamente bem.

Depois de examinar com atenção as provas fotográficas disponíveis durante o curso do fim de semana, cheguei à conclusão de que havia algo especialmente hipnotizante em seus olhos. Os meus são de um tom parecido, embora não sejam nem de perto tão belos, é claro, sem conter as mesmas profundidades tremeluzentes acobreadas. Enquanto olhava para todas aquelas fotos, lembrei-me de alguém. Era apenas uma memória incompleta, como um rosto sob o gelo ou borrado pela fumaça, indistinto. Olhos exatamente como os meus, olhos dispostos em um rosto pequeno, largo e vulnerável, cheios de lágrimas.

Ridículo, Eleanor. Fiquei desapontada por ter me permitido, mesmo que por um instante, deixar-me cair no sentimentalismo. Muitas pessoas no mundo tinham olhos castanho-escuros como os meus, afinal de contas – isso era um fato científico. Era estatisticamente inevitável que algumas delas tivessem feito contato comigo durante uma interação social rotineira.

Entretanto, havia mais alguma coisa que me incomodava. Todos os estudos mostram que as pessoas costumam tomar um parceiro que seja mais ou menos tão atraente quanto elas; as semelhanças se atraem, esta é a norma.

Eu não tinha ilusões. Em termos de beleza, ele era nota dez, e eu... Não sei qual é minha nota. Não um dez, com certeza. Claro, eu esperava que ele pudesse ver além das superficialidades, olhar um pouco mais fundo; mas, dito isso, eu sabia que sua profissão exigiria uma parceira que fosse ao menos apresentável. A indústria da música, o show business, é totalmente centrado na imagem, e ele não podia ser visto com uma mulher cuja aparência fosse considerada inapropriada pelos tolos. Eu sabia bem disso. Eu teria que fazer o melhor possível para me encaixar no papel.

Ele havia postado algumas fotos, dois closes do rosto, de perfil, esquerdo e direito. Ele era perfeito nos dois, e eram idênticos – objetivamente, ele literalmente não tinha um lado ruim. Claro, uma característica definidora da beleza é a simetria, e isso é outra coisa com a qual todos os estudos concordam. Eu me perguntei que conjunto genético tinha criado progênie tão bela. Será que ele tinha irmãos ou irmãs? Se chegássemos a ficar juntos, eu talvez conseguisse conhecê-los. Eu não sabia muito sobre pais, no geral, nem sobre irmãos em particular, principalmente por minha criação nada convencional.

Senti pena das pessoas bonitas. A beleza, a partir do momento em que você a possui, já está escapando, efêmera. Isso deve ser difícil. Sempre ter que provar que há mais em você, querendo que as pessoas vejam por baixo da superfície, ser amada pelo que você é, e não por seu corpo maravilhoso, olhos brilhantes ou cabelo farto, lustroso e reluzente.

Na maioria das profissões, envelhecer significa ficar melhor em seu trabalho, ganhar respeito apenas por sua idade e experiência. Se seu trabalho depende da aparência, o contrário é verdade – que deprimente. Sofrer a antipatia de outras pessoas deve ser difícil, também; todas aquelas pessoas amargas e menos atraentes, invejosas e ressentidas com sua beleza. Isso é incrivelmente injusto com elas. Afinal de contas, as pessoas bonitas não pediram para nascer assim. É tão injusto não gostar de alguém por ser atraente quanto não gostar de alguém por uma deformidade.

Não me incomoda nem um pouco quando pessoas reagem na minha cara aos contornos brancos e elevados de um tecido de cicatriz que atravessa minha face direita, começando em minha têmpora e seguindo até o queixo. Olham

fixamente para mim, sussurram a meu respeito; faço as pessoas virarem a cabeça. Era reconfortante achar que ele entenderia, sendo ele mesmo alguém que fazia cabeças virarem ao passar, embora por razões muito diferentes.



Deixei de lado o *Telegraph* hoje em favor de um material de leitura alternativo. Tinha gastado uma quantidade obscena de dinheiro em uma pequena seleção de revistas femininas, frágeis e fantásticas, grossas e brilhantes, todas prometendo uma variedade de maravilhas, mudanças simples para transformar a vida. Eu nunca havia comprado tais coisas antes, embora tivesse, é claro, folheado algumas em salas de espera de hospitais e outros ambientes institucionais. Percebi que, de forma decepcionante, nenhuma delas tinha uma palavra cruzada difícil; na verdade, uma continha um “caça-palavras sobre astros de novelas” que insultaria a inteligência de uma criança de sete anos. Eu poderia ter comprado três garrafas de vinho ou um litro de vodca de primeira pelo preço daquela pequena pilha. Ainda assim, depois de pensar cuidadosamente, descobri que elas eram a fonte de informação mais confiável e acessível de que eu precisava.

Essas revistas podiam me dizer que roupas e sapatos usar, como arrumar o cabelo de forma adequada. Elas podiam me mostrar o tipo certo de maquiagem a comprar e como usá-la. Dessa maneira, eu desapareceria na aceitabilidade de toda mulher. Não me olhariam fixamente. O objetivo, no fim, era uma camuflagem bem-sucedida de mulher humana.

Mamãe sempre me dizia que sou feia, esquisita, *desprezível*. Ela fazia isso desde que eu era pequena, mesmo antes que adquirisse minhas cicatrizes. Então me senti muito bem por fazer essas mudanças. Excitada. Eu era uma tela em branco.

Em casa naquela noite, olhei no espelho acima da pia enquanto lavava as mãos machucadas. Ali estava eu: Eleanor Oliphant, cabelo castanho-claro comprido e escorrido até a cintura, pele pálida, meu rosto, um palimpsesto de fogo, cheio de cicatrizes. Um nariz pequeno demais e olhos grandes demais. Orelhas: nada especial. Altura em torno da média, peso aproximadamente em torno da média. Eu *aspiro* à média... Há tempos tenho sido demais o foco de

atenção. Passe por mim, siga em frente, por favor, não há nada para ver aqui.

Como regra, não costumo me olhar no espelho. Isso, em absoluto, não tem nada a ver com minhas cicatrizes. É por conta da combinação perturbadora de genes que olha de volta para mim. Vejo demais o rosto de minha mãe ali. Não consigo distinguir nenhum dos traços de meu pai, porque nunca o conheci e, até onde sei, não existe nenhum registro fotográfico. Mamãe quase nunca o mencionava, e nas raras ocasiões em que era citado, ela se referia a ele apenas como “o doador de gametas”. Uma vez procurei o termo em seu *New Shorter Oxford English Dictionary* (do grego γαμέτης, “marido” – será que essa aventura etimológica juvenil despertou meu amor pelos clássicos?), passei vários anos me perguntando sobre aquele conjunto estranho de circunstâncias. Mesmo quando pequena, eu entendia que a concepção assistida era a antítese da paternidade descuidada, espontânea e não planejada, que ela era a decisão mais deliberada, tomada apenas por mulheres sérias e dedicadas em sua missão de ser mães. Eu simplesmente não podia acreditar, considerando as evidências e minha própria experiência, que mamãe algum dia tivesse sido tal mulher, pudesse ter desejado um filho com tamanha intensidade. Como se sucedeu, eu estava certa.

Por fim, reuni a coragem de perguntar diretamente sobre as circunstâncias de minha concepção, e buscar qualquer informação disponível sobre o doador mítico de espermatozoides, meu pai. Como qualquer criança faria em tal situação – talvez ainda mais em *minha* situação em particular –, eu tinha acalentado uma fantasia pequena, mas intensa, sobre a personalidade e a aparência de meu pai ausente. Ela riu muito.

– Doador? Eu disse mesmo isso? Foi apenas uma *metáfora*, querida – disse ela.

Outra palavra que eu teria de procurar.

– Eu, na verdade, estava tentando poupar seus sentimentos. Foi mais uma... doação compulsória, digamos assim. Eu não tive escolha nisso. Você entende o que eu estou te dizendo?

Eu disse que sim, mas estava mentindo.

– Onde ele vive, mamãe? – perguntei, sentindo-me corajosa. – Como é a cara dele, o que ele faz?

– Não me lembro de como é a cara dele – disse ela com um tom indiferente, entediado. – Ele cheirava a carne em putrefação e roquefort líquido, se isso ajuda em alguma coisa. – Eu devo ter parecido intrigada. Ela se inclinou para a frente e me mostrou os dentes. – Isso quer dizer carne podre e queijo podre e fedorento, querida. – Ela fez uma pausa e recuperou a calma. – Não sei se ele está vivo ou morto, Eleanor – continuou. – Se ele estiver vivo, provavelmente está muito rico, por meios dúbios e antiéticos. Se estiver morto, e espero sinceramente que esteja, nesse caso imagino que esteja descansando na parte externa do sétimo círculo do Inferno, mergulhado em um rio de sangue fervente e fogo, insultado por centauros.

Nesse momento, eu me dei conta de que provavelmente não valia a pena perguntar se ela havia guardado alguma foto.

ERA NOITE DE QUARTA-FEIRA. Hora da mamãe. Por mais que eu desejasse que fosse de outra maneira, ela sempre conseguia, no fim, falar comigo. Eu dei um suspiro e desliguei o rádio, sabendo que teria que esperar até a maratona de episódios domingo agora, para descobrir se a sidra de Eddie Grundy tinha fermentado com sucesso. Eu me senti tomada repentinamente por um otimismo desesperado. E se eu não tivesse que conversar com ela? E se eu pudesse falar com outra pessoa, qualquer pessoa?

– Alô? – disse eu.

– Olá, querida, sou só eu. Que tempo, hoje, hein?

Não era muita surpresa que ela estivesse presa – isso, é de se imaginar, era uma bênção, considerando a natureza de seu crime –, mas ela fora longe, bem mais longe do que o necessário adotando o sotaque e as gírias dos lugares onde tinha ficado detida. Imaginei que isso a ajudasse a agradar as companheiras residentes, ou, talvez, os funcionários. Podia ser apenas para se divertir. Ela é muito boa com sotaques; mas, afinal, ela é uma mulher com uma ampla gama de talentos. Eu estava preparada, *en garde*, para essa conversa, como era preciso estar sempre com ela. Era uma adversária formidável. Talvez fosse imprudente, mas dei o primeiro passo.

– Faz só uma semana, eu sei, mas parece uma eternidade desde a última vez em que conversamos, mãe. Ando muito ocupada no trabalho e...

Nesse momento, ela me interrompeu bruscamente, trocando o sotaque para se igualar ao meu. Aquela voz; eu me lembrava dela da infância, ainda a ouvia em meus pesadelos.

– Sei o que você quer dizer, querida – disse. Ela falou depressa. – Olhe, não posso conversar por muito tempo. Conte-me sobre sua semana. O que você andou fazendo?

Contei a ela que tinha ido a um show, mencionei o bota-fora no trabalho. Não contei a ela absolutamente mais nada. Assim que ouvi sua voz, senti aquele medo assustador. Eu estava tão ansiosa para contar a novidade, jogá-la a seus pés como um cão recuperando uma ave de caça salpicada de chumbo. Agora eu não podia evitar a ideia de que ela iria pegá-la e, com calma brutal, simplesmente rasgá-la em pedaços.

– Ah, um show, isso parece maravilhoso, sempre gostei de música. Aqui de vez em quando há uma apresentação, sabia? Alguns residentes fazem uma cantoria na sala de recreação se estão no clima. Na verdade é... bem legal.

Ela fez uma pausa, então a ouvi reclamar com alguém.

– Ei, ah, porra, Jodi, estou falando com minha menina aqui, e não vou *cortar* minha conversa por causa de uma vagabunda como você. – Houve uma pausa. – Não. Agora *vá se foder*. – Ela limpou a garganta.

– Desculpe por isso, querida. Ela é a típica “viciada”... ela e seus amigos igualmente dependentes foram presos furtando perfumes na Boots. Midnight Heat, da Beyoncé, você acredita? – Ela tornou a baixar a voz. – Não estamos falando exatamente de gênios do crime aqui, querida, eu acho que o professor Moriarty pode ficar tranquilo, por enquanto.

Ela riu, um tilintar de coquetel – o som leve e nítido de um personagem de Noel Coward saboreando uma troca divertida de *bon mots* em um terraço coberto de glicínias. Tentei seguir adiante com a conversa.

– Então... Como está você, mãe?

– Fabulosa, querida, simplesmente fabulosa. Tenho feito “trabalhos manuais”. Umas senhoras simpáticas e bem-intencionadas têm me ensinado a bordar almofadas. É muita bondade delas dedicar voluntariamente seu tempo, não é? – Pensei em mamãe na posse de uma agulha comprida e pontiaguda, e uma corrente gelada subiu pela minha espinha.

– Mas chega de falar de mim – disse ela, com as bordas cortantes de sua voz endurecendo. – Quero saber de *você*. Quais são seus planos para o fim de semana? Você vai sair para dançar, talvez? Um admirador a chamou para sair?

Quanto veneno. Eu tentei ignorá-lo.

– Estou fazendo pesquisa, mãe, para um projeto.

A respiração dela se acelerou.

– É mesmo? Que tipo de pesquisa? Está pesquisando sobre uma *coisa* ou sobre uma *pessoa*?

Não consegui me segurar. Eu contei a ela.

– Uma pessoa, mãe.

Ela sussurrou tão baixo que eu mal pude escutá-la.

– Então o jogo começou, não é? Conte... – disse ela. – Sou toda ouvidos, querida.

– Na verdade, ainda não há nada a contar, mãe – respondi, olhando para meu relógio. – Simplesmente conheci alguém... legal... E quero descobrir um pouco mais sobre... esse alguém. – Eu precisava polir e aperfeiçoar as coisas antes de reunir a coragem para compartilhar minha nova joia reluzente com ela, colocá-la à sua frente para aprovação. Enquanto isso, quero fugir, quero que isso acabe, *por favor*.

– Que maravilha! Vou aguardar ansiosa por atualizações regulares sobre esse seu projeto, Eleanor – disse ela animada. – Você sabe o quanto eu ia amar se você encontrasse alguém *especial*. Alguém *apropriado*. Todas essas conversas que tivemos ao longo dos anos, sempre tive a impressão de que você está perdendo oportunidades, sem ter alguém significativo na vida. É bom que você tenha começado a procurar por... sua cara-metade. Um parceiro no crime, digamos assim. – Ela riu baixo.

– Não sou solitária, mãe – protestei. – Estou bem sozinha. Sempre estive bem sozinha.

– Bom, você nem *sempre* estive sozinha, não é? – disse ela com voz arguta e baixa. Senti o suor grudar na nuca, umedecendo meu cabelo. – Enfim, diga a si mesma o que quer que você precise para conseguir dormir à noite, querida – disse ela, rindo. Ela tem um talento especial para se divertir, embora ninguém risse muito em sua companhia. – Você sabe que sempre pode conversar comigo. Sobre qualquer coisa. Ou qualquer pessoa. – Ela deu um suspiro. – Eu amo ter notícias suas, querida... Você não entenderia, é claro, mas o elo entre uma mãe e uma filha é... Qual a melhor maneira de descrever... *Inquebrável*. Nós duas estamos ligadas para sempre, sabe, o mesmo sangue que corre em minhas veias corre nas suas. Você cresceu dentro de mim, seus *dentes*, sua *língua* e sua *cérvice*, todos são feitos das minhas

células, dos meus genes. Quem sabe as surpresinhas que deixei crescendo em seu interior, que códigos eu disparei. Câncer de mama? Alzheimer? Você só terá que esperar para ver. Você passou todos aqueles meses fermentando dentro de mim, tranquila e aconchegada, Eleanor. Por mais que você tente se afastar desse fato, você não pode, querida, você simplesmente não pode. Não é possível destruir uma ligação tão forte.

– Isso pode ou não ser verdade, mãe – respondi em voz baixa. Que audácia. Não sei onde encontrei coragem. O sangue pulsava através do meu corpo, e minhas mãos tremiam.

Ela respondeu como se eu não tivesse falado.

– Certo, então vamos manter contato, né? Siga em frente com seu projetinho, e falo com você à mesma hora na semana que vem. Então está combinado. Preciso correr. Até logo!

Só quando o silêncio caiu que percebi que estava chorando.

5

SEXTA-FEIRA, FINALMENTE. Quando cheguei ao escritório, meus colegas já estavam reunidos em torno da chaleira, conversando sobre novelas. Eles me ignoraram; há muito tempo deixei de iniciar qualquer conversa com eles. Pendurei meu colete nas costas da cadeira e liguei o computador. Não tinha dormido bem outra vez na noite anterior por estar um pouco incomodada com a conversa com mamãe. Resolvi fazer uma xícara refrescante de chá antes de começar. Tenho minha própria caneca e colher, que guardo na gaveta da mesa por razões de higiene. Meus colegas acham isso estranho, ou pelo menos eu suponho isso a partir de suas reações, no entanto, eles ficam felizes em beber em recipientes imundos, lavados descuidadamente por mãos desconhecidas. Não posso sequer conceber a noção de enfiar uma colher de chá, lambida e chupada por um estranho pouco mais de uma hora antes, em uma bebida quente. É imundo.

Parei junto da pia enquanto esperava que a chaleira fervesse, tentando não ouvir a conversa deles. Dei mais uma enxaguada com água quente em meu bulezinho de chá, só por garantia, e embarquei em pensamentos agradáveis, pensamentos sobre ele. Eu me perguntei o que ele estaria fazendo naquele exato momento – compondo uma música, talvez? Ou ainda estaria dormindo? Eu me perguntei qual seria a aparência de seu rosto bonito em repouso.

A chaleira emitiu um estalido e desligou, e eu aqueci o bule, em seguida com a colher botei nele um pouco de Darjeeling de primeira florescência, com a mente ainda concentrada na suposta beleza de meu trovador adormecido. O riso infantil de meus colegas começou a invadir meus pensamentos, mas supus que isso tivesse a ver com minha escolha de bebida. Como não sabem de nada, eles ficam contentes em jogar um saquinho de chá misturado da pior qualidade em uma caneca, escaldá-lo com água fervente e em seguida diluir o

sabor restante acrescentando leite gelado da geladeira. Mais uma vez, por alguma razão, eu é que sou considerada estranha. Mas se você vai beber uma xícara de chá, por que não tomar todos os cuidados para maximizar o prazer?

Os risos continuaram, e Janey começou a cantarolar. Não houve qualquer tentativa de esconder; agora eles estavam rindo alto e com força. Ela parou de cantarolar e começou a cantar. Não reconheci a melodia nem a letra. Ela parou, sem conseguir prosseguir porque estava rindo muito, ainda fazendo um estranho passo para trás.

– Bom dia, Michael Jackson! – exclamou Billy para mim. – Por que a luva branca?

Então essa era a fonte da diversão deles. Inacreditável.

– É para meu eczema – respondi, falando devagar e pacientemente, do jeito que você explica coisas para uma criança. – Tive uma erupção muito ruim na noite de quarta-feira, e a pele em minha mão direita está extremamente inflamada. Estou usando esta luva de algodão para prevenir infecções. – O barulho morreu e deixou uma pausa longa. Eles se entreolharam em silêncio, como animais ruminantes no campo.

Eu não interagía frequentemente com meus colegas desse jeito informal e falante, o que me fez parar e refletir se eu devia tirar o máximo da oportunidade. A conexão fraternal de Bernadette com o objeto de meu afeto – sem dúvida seria um trabalho rápido obter alguma informação adicional e útil sobre ele. Eu não achava que estivesse disposta a uma interação prolongada – ela tinha uma voz muito alta e áspera e uma risada que parecia um grito de macaco –, mas certamente valia alguns instantes de meu tempo. Mexi meu chá no sentido horário enquanto preparava meu movimento de abertura.

– Você gostou do resto do show na outra noite, Billy? – quis saber. Ele pareceu surpreso com a pergunta, e houve uma pausa antes que respondesse.

– É, foi legal – disse ele. Articulado como sempre. Aquilo ia ser trabalho duro.

– Os outros cantores eram da mesma qualidade de... – Fiz uma pausa e fingi vasculhar o cérebro. – De Johnnie Lomond?

– Eles eram bons, acho – respondeu ele, dando de ombros. Que

discernimento, que prosa clara e descritiva. Bernadette interveio, como sabia que faria, incapaz de resistir a uma oportunidade de atrair atenção para si mesma por qualquer meio disponível.

– Eu o conheço, Johnnie Lomond – contou-me ela com orgulho. – Ele era amigo do meu irmão na escola.

– É mesmo? – disse eu, sem ter que fingir interesse nem uma vez sequer. – Que escola era?

A forma como Bernadette dissera o nome da instituição sugeria que eu devia conhecê-la. Tentei parecer impressionada.

– Eles ainda são amigos? – perguntei enquanto mexia meu chá outra vez.

– Não – disse ela. – Ele foi ao casamento de Paul, mas acho que se afastaram depois disso. Sabe como é, quando você é casado e tem filhos, meio que perde o contato com os amigos solteiros, não é? Vocês não têm mais tanto em comum...

Eu não tinha conhecimento nem experiência da situação que ela descrevera, mas balancei a cabeça como se tivesse, enquanto durante todo o tempo a mesma frase corria em minha mente: ele é solteiro, ele é solteiro, ele é solteiro.

Levei o chá de volta para minha mesa. O riso deles, agora, parecia ter se transformado em um sussurro baixo. Nunca deixo de me impressionar com as coisas que eles acham interessantes, divertidas ou incomuns. Só posso imaginar que eles tenham levado vidas muito protegidas.



Janey, a secretária, tinha ficado noiva de seu último neandertal, e houve uma vaquinha para ela naquela tarde. Eu contribuí com setenta e oito centavos. Eu só tinha moedas na bolsa, ou uma nota de cinco libras, e eu sem dúvida não ia botar uma soma tão extravagante em um envelope comunitário para comprar algo desnecessário para alguém que eu mal conhecia. Devo ter contribuído com centenas de libras ao longo dos anos para todos os presentes de despedida, chás de bebê e aniversários especiais, e o que eu tinha recebido de volta? Meus próprios aniversários passando sem ser notados.

Quem quer que tivesse escolhido o presente de noivado havia decidido por

copos de vinho e um decantador combinando. Tais enfeites são desnecessários quando você bebe vodca – eu simplesmente uso minha caneca favorita. Eu a comprei em um bazar de caridade há alguns anos, e ela tem a foto de um homem de rosto redondo de um lado. Ele está vestindo uma jaqueta de couro marrom. Ao longo da borda, em uma fonte amarela estranha, ela diz: *Top gear*. Não afirmo entender essa caneca. Entretanto, ela contém a quantidade perfeita de vodca, assim eliminando a necessidade de refis frequentes.

Janey planejava um noivado curto, disse ela com sorriso afetado. Portanto, é claro, a inevitável vaquinha para o presente de casamento aconteceria em breve. De todas as contribuições financeiras compulsórias, essa é a que me mais me aborrece. Duas pessoas saem passeando pela John Lewis escolhendo coisas adoráveis para si mesmas, depois fazem com que outras pessoas paguem por elas. É uma afronta deslavada. Elas escolhem coisas como travessas, tigelas e talheres – quer dizer, o que elas estão fazendo no momento, enfiando comida direto da embalagem na boca com as mãos? Simplesmente não consigo ver como o ato de formalizar legalmente um relacionamento humano necessita que amigos, familiares e colegas de trabalho façam por elas uma melhoria na cozinha.

Eu, na verdade, nunca fui a uma cerimônia de casamento. Fui convidada para a festa de Loretta, à noite, há alguns anos, junto com todas as outras pessoas do trabalho. Foi em um hotel horrível perto do aeroporto, e organizamos um micro-ônibus para chegar lá. Tive que contribuir com o custo disso, além de minha passagem de ônibus de ida e volta até a cidade. Os convidados foram obrigados a pagar pela própria bebida durante toda a noite, o que me chocou. Admito que o entretenimento não é uma área de minha especialidade, mas sem dúvida se você é um anfitrião, é responsável por se assegurar de que seus convidados recebam uma libação, não? Esse é um princípio básico, em todas as sociedades e culturas, e tem sido assim desde que se tem registro. No evento, bebi água da bica – raramente bebo álcool em público. Na verdade, só gosto disso quando estou sozinha, em casa. Eles pelo menos serviram chá e café, mais tarde na noite, de graça; isso foi acompanhado de doces de má qualidade e, bizarramente, fatias de bolo

natalino. Por horas e horas, houve uma discoteca, e pessoas terríveis dançaram de forma terrível músicas terríveis. Sentei sozinha, ninguém me chamou para dançar, e me senti absolutamente bem com isso.

Os outros convidados pareciam estar se divertindo ou, pelo menos, supus que esse fosse o caso. Eles se arrastavam na pista de dança, de rostos vermelhos e bêbados. Seus sapatos pareciam desconfortáveis, e eles gritavam as letras das músicas na cara uns dos outros. Nunca mais vou a um evento como esse. Simplesmente não valeu a pena, só por uma xícara de chá e uma fatia de bolo. Entretanto, a noite não foi um desperdício completo, porque consegui enfiar quase uma dúzia de enroladinhos de salsicha em minha sacola, embalados em guardanapos, para mais tarde. Infelizmente, eles não estavam muito gostosos, nem de perto tão bons quanto os do sempre confiável Greggs.



Quando a terrível festa de noivado terminou, fechei o zíper do colete e desliguei o computador, empolgada com a ideia de ligar meu laptop pessoal em casa assim que pudesse. Podia haver alguma informação útil on-line sobre seus tempos de colégio, considerando a pérola de nova informação que eu obtivera mais cedo com Bernadette. Como seria maravilhoso se tivesse uma foto de turma! Eu adoraria ver como ele era na juventude, se sempre tinha sido bonito, ou se desabrochava como uma borboleta gloriosa em um estágio relativamente tardio. Eu apostava que era lindo de nascença. Podia haver uma lista de prêmios que ele ganhou! De música, obviamente, em inglês, provavelmente – afinal de contas, ele escrevia letras maravilhosas. De todo modo, ele sem dúvida me parecia um vencedor.

Tento planejar minhas saídas do escritório de modo que não precise falar com mais ninguém ao sair. Sempre há muitas perguntas. *O que você vai fazer esta noite? Planos para o fim de semana? Já fez reserva para as férias?* Não tenho ideia por que outras pessoas estão sempre tão interessadas em minha programação. Eu tinha cronometrado tudo perfeitamente e estava manobrando minha sacola quando percebi que alguém tinha puxado a porta e a mantido aberta para mim. Eu me virei.

– Tudo bem, Eleanor? – disse o homem com um sorriso paciente enquanto eu soltava um fio de minhas luvas da manga. Embora não sejam necessárias na atual atmosfera temperada, eu as guardo no trabalho, pronta para vesti-las quando uma eventual mudança no clima exige.

– Sim – respondi. E então, ao me lembrar de meus modos, murmurei: – Obrigada, Raymond.

– Não foi nada – disse ele.

Irritantemente, começamos a seguir pela calçada ao mesmo tempo.

– Para onde você vai? – perguntou ele. Balancei a cabeça de modo vago na direção da colina.

– Eu também – disse ele.

Eu me abaixei e fingi apertar novamente o velcro do meu sapato. Demorei o máximo que pude, na esperança de que ele entendesse a dica. Quando, por fim, fiquei de pé outra vez, ele ainda estava lá, com os braços pendentes ao lado do corpo. Percebi que ele estava usando um casaco duffle. Um casaco duffle! Sem dúvida, coisa de crianças e ursinhos. Começamos a descer a rua juntos, e ele pegou um maço de cigarros e me ofereceu um. Eu recuei diante do maço.

– Que nojo – disse eu. Sem hesitar, ele acendeu um.

– Desculpe – murmurou ele. – É um péssimo hábito, eu sei.

– É mesmo – concordei. – Você vai morrer anos antes do que morreria se não fumasse, provavelmente de câncer ou alguma doença cardíaca. Você não vai ver os efeitos no coração ou no pulmão por algum tempo, mas vai perceber na boca (problemas na gengiva, perda de dentes), e você já tem a pele sem brilho e com rugas prematuras característica de fumantes. A composição química dos cigarros inclui cianeto e amônia, sabia? Você quer mesmo deliberadamente ingerir substâncias tão tóxicas?

– Você parece saber muita coisa sobre cigarros para uma não fumante – disse ele, soprando uma nuvem nociva de carcinogênicos pelos lábios finos.

– Eu pensei brevemente em começar a fumar – admiti. – Mas faço muita pesquisa sobre todas as atividades antes de as iniciar, e fumar, por fim, não me pareceu um passatempo viável nem sensato. Também é financeiramente problemático.

– É. – Ele balançou a cabeça afirmativamente. – Isso custa mesmo uma fortuna. – Houve uma pausa. – Por onde você vai, Eleanor? – quis saber ele.

Considerei a melhor resposta para essa pergunta. Eu estava indo para casa pra um encontro excitante. Esta ocasião inusitada – um compromisso com um visitante em minha casa – significava que eu precisava abreviar essa interação tediosa e não planejada o mais depressa possível. Eu, portanto, devia escolher qualquer rota, menos a que Raymond ia pegar. Mas qual? Estávamos prestes a passar pela clínica de podologia e tive uma inspiração.

– Tenho hora marcada ali – disse eu, apontando para o podólogo em frente. Ele olhou para mim. – Joanetes – improvisei. Eu o vi olhar para meus pés.

– Sinto muito por isso, Eleanor – disse ele. – Minha mãe é igual; ela tem problemas terríveis com os pés.

Esperamos na travessia de pedestres e ele, finalmente, ficou em silêncio. Observei um velho caminhar com dificuldade pelo outro lado da rua. Ele era pequeno e quadrado, e chamou minha atenção por causa de seu suéter vermelho-tomate, que explodia de baixo de cinzas e um tom pastel atenuado, padrão de aposentados. Quase em câmera lenta, o velho começou a cambalear e a tremer de maneira errática, balançando loucamente de um lado para outro, com as bolsas de compras cheias criando uma espécie de pêndulo humano.

– Bêbado de dia – disse eu em voz baixa, mais para mim mesma que para Raymond. Ele abriu a boca para responder quando o velho finalmente tombou, caiu para trás e ficou imóvel. Suas compras explodiram ao seu redor, e percebi que ele tinha comprado barras de caramelo e um pacote grande de salsichas.

– Merda – disse Raymond apertando com força o botão do sinal luminoso.

– Deixe-o – disse eu. – Ele está bêbado. Ele vai ficar bem.

Raymond olhou fixamente para mim.

– Ele é um velho frágil, Eleanor. Bateu a cabeça naquela calçada com muita força – disse ele.

Então eu me senti mal. Até alcoólicos merecem ajuda, imagino, embora eles devessem se embriagar em casa, de modo a não criar problema para mais ninguém. Mas, na verdade, nem todo mundo é tão sensato nem tem tanta

consideração quanto eu.

Por fim, o homem verde se acendeu e Raymond atravessou a rua correndo depois de jogar o cigarro na sarjeta. Não é preciso jogar lixo no chão, pensei, enquanto caminhava um passo mais contido atrás dele. Quando cheguei ao outro lado, Raymond já estava ajoelhado ao lado do velho, sentindo a pulsação em seu pescoço. Ele estava falando alto e lentamente tolices sem sentido como *Oi, meu velho, como você está?* e *Você consegue me ouvir, senhor?* O velho não respondeu. Eu me debrucei sobre ele e inalei profundamente.

– Ele, na verdade, não está bêbado – disse eu. – Você sentiria o cheiro se ele estivesse bêbado o suficiente para cair e desmaiar. – Raymond começou a afrouxar as roupas do homem.

– Chame uma ambulância, Eleanor – disse ele em voz baixa.

– Eu não tenho celular – expliquei. – Embora esteja aberta à persuasão em relação a sua eficácia. – Raymond remexeu no bolso de seu casaco e me jogou o dele.

– Depressa – disse ele. – O velho está completamente apagado.

Comecei a discar o número, em seguida uma lembrança me atingiu em cheio. Eu não podia fazer aquilo outra vez, percebi, simplesmente não podia viver e escutar uma voz dizendo *De que serviço a senhora precisa?*, e em seguida, a aproximação das sirenes. Toquei minhas cicatrizes, e depois joguei o telefone de volta para Raymond.

– Você faz isso – disse eu. – Eu fico com ele. – Raymond praguejou baixo e ficou de pé.

– Não pare de falar, e não o mova – disse ele. Tirei meu colete e o pus sobre o tronco do homem.

– Oi – disse eu. – Sou Eleanor Oliphant. – Não pare de falar com ele, dissera Raymond, então eu fiz isso. – Que suéter bonito – continuei. – Você não vê essa cor com frequência em uma roupa de lã. Você a descreveria como vermelhão? Ou carmim, talvez? Eu gosto muito. Eu mesma não tentaria usar esse tom, claro. Mas, apesar de improvável, acho que fica bem no senhor. Cabelo branco e roupa vermelha, como o Papai Noel. O suéter foi presente? Parece um presente, todo macio e caro. É uma coisa boa demais para se comprar para si mesmo. Mas talvez o senhor *compre* coisas boas para si

mesmo, algumas pessoas fazem isso, eu sei. Algumas pessoas não acham nada de mais se permitir usufruir o melhor de tudo. Embora, olhando para o resto de suas roupas, e o conteúdo de sua sacola de compras, pareça muito improvável que o senhor seja esse tipo de pessoa.

Eu fiquei tensa e respirei fundo três vezes, em seguida baixei a mão e a coloquei sobre a dele. Eu a segurei com delicadeza pelo máximo que aguentei.

– O sr. Gibbons está chamando uma ambulância – disse eu. – Por isso, não se preocupe, o senhor não vai ficar deitado aqui no meio da rua por muito tempo. Não há necessidade de ficar ansioso; cuidados médicos são completamente gratuitos neste país, e o padrão em geral é considerado um dos melhores do mundo. O senhor é um homem de sorte. Quer dizer, o senhor provavelmente não ia querer cair e bater com a cabeça, digamos, no novo país do Sudão do Sul, levando em conta sua atual situação econômica e política. Mas aqui em Glasgow... Bom, o senhor tropeçou na sorte, se me permite a brincadeira.

Raymond desligou e se aproximou.

– Como ele está, Eleanor? – disse ele. – Já recobrou a consciência?

– Não – respondi. – Mas estou falando com ele como você pediu.

Raymond segurou a outra mão do homem.

– Pobre alma – disse ele.

Concordei com a cabeça. Surpreendentemente, senti uma emoção que reconheci como ansiedade ou preocupação em relação àquele estranho idoso. Eu me sentei, e minha bunda bateu em algo grande e curvo. Quando me virei para olhar, era uma grande garrafa plástica de Irn-Bru. Eu me levantei e estiquei a espinha, em seguida comecei a recolher as compras espalhadas e a colocá-las nas sacolas de compras. Uma delas estava rasgada, por isso levei a mão à minha sacola e peguei minha ecobag favorita, a da Tesco com os leões. Guardei todos os comestíveis e botei as sacolas aos pés do velho. Raymond sorriu para mim.

Ouvimos as sirenes, e Raymond me entregou meu colete. A ambulância parou ao nosso lado, e dois homens saíram. Eles estavam no meio de uma conversa, e me surpreendeu o quanto soavam proletários. Achei que eles seriam mais como médicos.

– Está bem – disse o mais velho. – O que temos aqui, afinal? O coroa levou um tombo, não foi?

Raymond contou a ele o que tinha acontecido, e eu observei o outro paramédico; ele estava debruçado sobre o velho. Ele tomou seu pulso, apontou uma lanterninha para o interior de seus olhos e lhe deu tapinhas delicados para tentar obter uma reação. Ele se virou para o colega.

– Precisamos ir andando – disse ele.

Eles pegaram uma maca e foram rápidos e surpreendentemente delicados ao erguer o velho e o prender. O homem mais jovem envolveu um cobertor vermelho de lã em torno dele.

– A mesma cor de seu agasalho – disse eu, mas os dois me ignoraram.

– Vocês vêm com ele? – perguntou o homem mais velho. – Saibam que só tem espaço para um atrás.

Raymond e eu olhamos um para o outro. Eu olhei para meu relógio. O visitante devia chegar à *chez Oliphant* em meia hora.

– Eu vou, Eleanor – disse ele. – Você não quer perder sua hora no podólogo.

Assenti, e Raymond subiu ao lado do leito do velho e do paramédico, que estava ocupado, colocando no soro e ligando monitores. Eu peguei as sacolas de compras e as ergui o suficiente para passá-las para Raymond.

– Olhem – disse o socorrista parecendo levemente irritado. – Isso aqui não é uma van do mercado. Nós não entregamos compras.

Raymond estava ao telefone e eu o ouvi falando, aparentemente com a mãe, contando a ela que ia se atrasar, antes de desligar rapidamente.

– Eleanor – disse ele. – Por que você não me liga daqui a pouco? Talvez você possa levar as coisas dele para o hospital... – Pensei nisso, concordei com a cabeça e observei quando ele levou a mão ao bolso do casaco e pegou uma caneta esferográfica. Ele pegou minha mão. Levei um susto e cheguei para o lado, chocada, e pus a mão com firmeza atrás das costas.

– Preciso lhe dar meu número de telefone – disse ele com paciência.

Peguei meu caderninho em minha sacola, que ele devolveu com uma página coberta de garranchos azuis, seu nome pouco legível, e uma série de números garatujada abaixo em uma letra desajeitada e infantil.

– Dê uma hora, mais ou menos – disse ele. – Você já vai ter cuidado de seus joanetes a essa hora, não vai?

6

EU MAL TIVERA TEMPO de chegar em casa e me livrar de meus trajes quando a campainha tocou, dez minutos antes do que eu estava esperando. Provavelmente tentando me pegar fazendo algo errado. Quando a abri, devagar, sem tirar a corrente, não era a pessoa que eu esperava. Quem quer que fosse, não estava sorrindo.

– Eleanor Oliphant? June Mullen, serviço social – disse ela dando um passo à frente, seu progresso bloqueado pela porta.

– Eu estava esperando Heather – disse eu enquanto olhava ao redor.

– Heather está de licença médica, infelizmente; não tenho ideia de quando ela vai voltar. Eu assumi seus casos.

Pedi para ver algum tipo de identificação oficial – quer dizer, cuidado nunca é demais. Ela deu um leve suspiro e começou a procurar na bolsa. Ela era alta, estava cuidadosamente vestida em um terninho preto com calça comprida e camisa branca. Quando baixou a cabeça, percebi a faixa branca de couro cabeludo no repartido de seu cabelo preto reluzente. Por fim, ela ergueu os olhos e sacou um crachá com um grande logo da prefeitura e uma foto pequenina. Eu o examinei com cuidado, olhei da fotografia para seu rosto e de volta novamente várias vezes. Não era uma foto lisonjeira, mas eu não tomei isso contra ela. Eu mesma não sou especialmente fotogênica. Na vida real, ela devia ter mais ou menos minha idade, com pele lisa e sem rugas e uma linha de batom vermelho.

– Você não parece uma assistente social – disse eu.

Ela olhou fixamente para mim, mas não disse nada. Outra vez, não! Em cada passo da vida, encontro com frequência alarmante pessoas com habilidades sociais não desenvolvidas. Por que empregos que necessitam encarar o cliente atraem tanto os misantropos? É um enigma. Tomei uma

nota mental de retornar ao tópico depois, soltei a corrente e a convidei a entrar. Eu a introduzi na sala e ouvi seus saltos altos clicarem pelo piso. Ela perguntou se podia fazer um tour rápido; eu estava esperando por isso, é claro. Heather também costumava fazer isso; suponho que seja parte do emprego, verificar se não estou guardando a própria urina em garrações ou sequestrando pegas-rabudas e as costurando no interior de fronhas. Ela elogiou sem entusiasmo minha decoração de casa enquanto íamos para a cozinha.

Tentei ver minha casa pelos olhos de uma visitante. Tenho consciência de ter muita sorte de viver aqui, pois moradias sociais nesta área são virtualmente inexistentes atualmente. Eu não teria como pagar para morar neste bairro de outra maneira, sem dúvida não com a mixaria que Bob me paga. O serviço social organizou tudo para que eu me mudasse para cá depois que deixei meu último lar adotivo, no verão imediatamente anterior a começar a faculdade. Eu tinha acabado de completar dezessete anos. Na época, uma pessoa jovem e vulnerável que tinha sido criada em lares adotivos recebia um apartamento pertencente ao governo perto da região onde estudava sem grandes problemas. Imagine isso.

Levei algum tempo para começar a decorá-lo, eu me lembro, e por fim pintei o lugar no verão depois da minha formatura. Comprei tinta e pincéis depois de descontar um cheque que recebi pelo correio do University Registry, junto com meu diploma; na verdade, eu tinha ganhado um pequeno prêmio, criado em nome de algum estudioso dos clássicos há muito tempo morto, pelo melhor desempenho final em um trabalho sobre as *Geórgicas* de Virgílio. Eu me formei *in absentia*, é claro; parecia sem sentido subir no palco sem ninguém ali para me aplaudir. O apartamento não tinha sido tocado desde então.

Imagino, tentando ser objetiva, que ele estava parecendo um tanto monótono. Mamãe sempre disse que a obsessão com a decoração de casa era tediosamente burguesa e, ainda pior, que todo tipo de atividade “faça você mesmo” era basicamente pertencente à gentilha. É muito assustador pensar nas ideias que eu posso ter absorvido de minha mãe.

A mobília foi fornecida por uma obra de caridade que ajuda pessoas jovens

vulneráveis e ex-detentos quando eles se mudam para uma casa nova; coisas doadas que não combinavam, pelas quais, na época, fiquei muito agradecida, e ainda sou. Tudo era perfeitamente funcional, de modo que eu nunca tinha visto necessidade de substituir nada daquilo. Eu não limpava o lugar com grande frequência, imagino, o que talvez contribuisse para o que podia ser percebido como um ar geral de negligência. Não via razão para isso; eu era a única pessoa que comia, me lavava, ia dormir e acordava ali.

Esta *June Mullen* era a primeira visita que eu tivera desde novembro do ano passado. Elas ocorrem mais ou menos a cada seis meses, as visitas do serviço social. Ela é minha primeira visita este ano. O leitor do medidor ainda não apareceu, embora eu deva dizer que prefiro quando eles deixam um cartão e eu posso telefonar para passar a leitura. Eu amo *call centers*; é sempre muito interessante ouvir todos os sotaques diferentes e tentar descobrir algo sobre a pessoa com quem você está falando. A melhor parte é quando eles perguntam no fim *Há mais alguma coisa que possa fazer para ajudá-la hoje, Eleanor?*, e eu posso, então, responder: *Não, não, obrigada, você resolveu meus problemas completamente e de maneira compreensível*. Também é sempre bom ouvir meu primeiro nome dito em voz alta por uma voz humana.

Além do serviço social e das empresas de serviços públicos, às vezes aparece um representante de uma ou outra igreja para perguntar se já recebi Jesus em minha vida. Eles não costumam gostar de debater o conceito de conversão, descobri, o que é decepcionante. No ano passado, apareceu um homem para entregar um catálogo de compras, que se revelou uma leitura muito agradável. Ainda me arrependo de não comprar o pegador de aranhas, que era um dispositivo muito engenhoso.

June Mullen recusou minha oferta de uma xícara de chá quando voltamos à sala, e depois de se sentar no sofá, ela retirou meu arquivo de sua pasta. Ele tinha vários centímetros de espessura, preso de forma precária por um elástico. Alguém escrevera OLIPHANT, ELEANOR com um marcador no canto superior direito e o datou de julho de 1987, ano de meu nascimento. A pasta parda, surrada e manchada parecia um artefato histórico.

– A letra de Heather é terrível – murmurou ela, passando uma unha bem-feita pela página no alto da pilha de papéis. Ela falou baixo consigo mesma

em vez de comigo. – Visitas semestrais... Continuidade da integração com a comunidade... Identificação de qualquer necessidade adicional de apoio...

Ela continuou a ler, em seguida vi seu rosto mudar, e ela olhou para mim, sua expressão uma mistura de horror, alarme e pena. Ela devia ter chegado à parte sobre minha mãe. Eu a encarei, até que ela virou o rosto. Ela respirou fundo, olhou para os papéis e em seguida expirou lentamente e tornou a olhar para mim.

– Eu não tinha ideia – disse ela, sua voz refletindo sua expressão. – Você... Você deve sentir muita falta dela.

– De minha mãe? – disse eu. – Não muito.

– Não, quis dizer... – Ela se calou e pareceu estranha, constrangida. Ah, eu as conhecia bem, elas eram a Santíssima Trindade das expressões Oliphant. Eu dei de ombros, sem ter a mínima ideia do que ela estava falando.

O silêncio caiu entre nós, trêmulo de infelicidade. Depois de passar o que pareceram dias, June fechou o arquivo em seu colo e me deu um sorriso excessivamente aberto.

– Então, Eleanor, como você tem andado, em geral, quer dizer, desde a última visita de Heather?

– Bom, não tomei consciência da necessidade de nenhum apoio adicional, e estou plenamente integrada à comunidade, June – respondi.

Ela deu um sorriso desanimado.

– Tudo bem no trabalho? Vejo que você é... – Ela tornou a consultar a pasta. – Você trabalha em um escritório?

– O trabalho vai bem – disse. – Está tudo bem.

– E em casa? – disse ela, olhando ao redor da sala.

Seus olhos se detiveram em meu grande pufe verde, com a forma de um sapo gigante, parte da doação de móveis da obra de caridade que eu recebera logo quando havia me mudado para cá. Eu passara a gostar muito de seus olhos esbugalhados e sua língua rosa gigante com o passar dos anos. Certa noite, uma noite de vodca, eu desenhei uma grande mosca, *musca domestica*, em sua língua com uma caneta roubada. Não tenho nenhum talento artístico, mas ficou, em minha modesta opinião, uma reprodução bem razoável do tema em questão. Senti que aquele ato me ajudara a tomar posse do item

doado, e criei algo novo de algo de segunda mão. Além disso, ele parecia com fome. June Mullen parecia incapaz de tirar os olhos dele.

– Está tudo bem por aqui, June – reiterei. – Todas as contas pagas, relações cordiais com os vizinhos. Estou perfeitamente confortável.

Ela tornou a folhear o arquivo, em seguida inspirou. Eu sabia o que ela estava prestes a dizer, reconhecendo muito bem a mudança de tom, o medo, a hesitação que sempre precediam o assunto.

– Você ainda é da opinião, pelo que entendo, de que não quer saber nada sobre o incidente, nem sobre sua mãe? – Sem sorriso, dessa vez.

– Isso mesmo – afirmei. – Não há necessidade, falo com ela uma vez por semana, nas noites de quarta-feira, com a regularidade de um relógio.

– É mesmo? Depois de todo esse tempo, isso ainda está acontecendo? Interessante... Você tem interesse em... manter esse contato?

– Por que não teria? – questionei, incrédula. Onde, afinal, o departamento de serviço social encontra essas pessoas?

Ela permitiu deliberadamente que o silêncio se estendesse e, embora eu reconhecesse a técnica, não consegui evitar preenchê-lo, depois de algum tempo.

– Acho que minha mãe ia gostar se eu tentasse descobrir mais sobre... o incidente... Mas não tenho nenhuma intenção de fazer isso.

– Não – disse ela enquanto assentia. – Bom, o quanto quer saber sobre o que aconteceu depende apenas de você, não é? Os tribunais foram bem claros, na época, que qualquer coisa como essa devia estar exclusivamente ao seu arbítrio?

– Correto – disse eu. – Foi exatamente isso o que eles disseram.

Ela me olhou com atenção, como muitas pessoas tinham feito antes, escrutinando meu rosto em busca de qualquer traço de minha mãe, desfrutando de alguma emoção estranha por estar *tão perto* de uma parente de sangue da mulher a quem os jornais às vezes ainda se referiam, depois de todos esses anos, como *o rosto bonito do mal*. Observei seus olhos passarem por minhas cicatrizes. Sua boca pendia levemente aberta, e ficou claro que aquele terno e o cabelo à Chanel eram um disfarce inadequado para aquela caipira boquiaberta.

– Eu, provavelmente, poderia conseguir uma fotografia, se você quisesse uma – disse eu.

Ela piscou duas vezes e enrubescou, em seguida se ocupou em uma disputa com a pasta de arquivo grossa, tentando arrumar todos aqueles papéis soltos em uma pilha organizada. Percebi uma folha solta cair flutuando e aterrissar embaixo da mesa de centro. Ela não a vira escapar, e eu refleti se devia ou não dizer a ela. Era sobre mim, afinal de contas, então na prática não era minha? Eu a devolveria na próxima visita, é claro, não sou uma ladra. Imaginei a voz de minha mãe, sussurrante, dizendo-me que eu estava certa, que assistentes sociais eram intrójetas, samaritanas, enxeridas. June Mullen passou o elástico em torno do arquivo, e o momento de mencionar a folha de papel tinha passado.

– Eu... Há mais alguma coisa que você gostaria de discutir comigo hoje? – perguntou ela.

– Não, obrigada – respondi, com o sorriso mais largo que podia. Ela pareceu um pouco desconcertada, talvez até com um pouco de medo. Fiquei desapontada. Minha intenção era ser agradável e amigável.

– Bom, então, parece que por enquanto é isso, Eleanor. Vou deixá-la em paz – disse ela e continuou a falar enquanto guardava o arquivo em sua pasta, adotando um tom alegre e despreocupado. – Algum plano para o fim de semana?

– Tenho que visitar uma pessoa no hospital – disse eu.

– Ah, isso é bom. Visitas sempre animam o paciente, não é?

– Animam? – perguntei. – Não sei, nunca visitei ninguém em um hospital antes.

– Mas você, é claro, já passou muito tempo em um hospital – disse ela.

Eu a encarei fixamente. O desequilíbrio na extensão de nosso conhecimento uma da outra era nitidamente injusto. Assistentes sociais deviam se apresentar a seus novos clientes com um relatório sobre si mesmas para tentar corrigir isso, eu acho. Afinal de contas, June tinha acesso irrestrito àquela grande pasta parda, o livro da vida de Eleanor, duas décadas de informação sobre as minúcias íntimas de minha vida. Tudo o que eu sabia sobre ela era seu nome e seu empregador.

– Se você sabe disso, deve saber que as circunstâncias foram tais que a polícia e meus representantes legais eram as únicas visitas permitidas – disse eu.

Ela olhou para mim boquiaberta. Isso me lembrou daquelas cabeças de palhaço em parques de diversões, aquelas nas quais você tenta jogar uma bola de pingue-pongue em suas bocas abertas para ganhar um peixe dourado. Abri a porta para ela e vi seus olhos se virarem repetidamente na direção do sapo gigante personalizado.

– Vejo você daqui a seis meses, então, Eleanor – disse ela com relutância.
– Boa sorte.

Fechei a porta com delicadeza excessiva assim que ela saiu.



Ela não fizera nenhuma observação sobre Polly, pensei, o que era estranho. Eu me senti quase ridiculamente insultada em nome de Polly. Ela ficou ali parada no canto durante toda nossa reunião, e era nitidamente a coisa que mais chamava a atenção na sala. Minha bela Polly, descrita de modo prosaico como uma planta papagaio, às vezes chamada de uma planta cacatua do Congo, mas sempre conhecida por mim, em toda sua glória latina, como *Impatiens niamniamensis*. Eu digo isso em voz alta, frequentemente: *niamniamensis*. É como beijar, “o M força seus lábios juntos, passa por cima das consoantes, sua língua se projeta nos N e por cima dos S”. Os ancestrais de Polly vieram de longe, da África, originariamente. Bem, todos viemos. Ela é a única coisa constante da minha infância, a única coisa viva que resistiu. Ela foi presente de aniversário, mas não lembro quem deu, o que é estranho. Eu não era, afinal de contas, uma garota que era coberta de presentes.

Ela veio comigo do quarto de minha infância, sobreviveu aos lares adotivos e aos orfanatos e, como eu, ainda está aqui. Eu tratei dela, cuidei, pudei-a e a replantei quando caía ou era jogada. Ela gosta de luz e tem sede. Além disso, exige mínimo cuidado e atenção, e basicamente cuida de si mesma. Às vezes converso com ela. Não tenho vergonha de admitir isso. Quando o silêncio e a solidão caem sobre mim e a minha volta, esmagando-me, me cortando como gelo, às vezes *preciso* falar em voz alta, nem que para provar que estou viva.

Uma questão filosófica: se uma árvore cai em uma floresta e ninguém está por perto para escutar, ela faz algum barulho? E se uma mulher que é completamente sozinha eventualmente fala com uma planta de vaso, ela é sã? Estou segura de que, às vezes, é perfeitamente normal falar consigo mesma. Não é como se eu estivesse esperando resposta. Tenho total consciência de que Polly é uma planta ornamental.

Eu a reguei, em seguida me dediquei a algumas tarefas domésticas, antecipando o momento em que poderia abrir o laptop e verificar se um certo cantor bonito tinha postado alguma informação nova. Facebook, Twitter, Instagram. Janelas para um mundo de maravilhas, enquanto eu botava roupa na máquina de lavar, meu telefone tocou. Uma visita e um telefonema! Um dia muito marcante. Era Raymond.

– Liguei para o celular de Bob e expliquei a situação a ele, então ele pegou seu telefone nos arquivos de pessoal para mim – disse ele.

Ah, fala sério. Será que tudo sobre mim estava à mostra em pastas pardas, disposto abertamente para qualquer um folhear e fazer o que quiser?

– Que grande abuso de minha privacidade, sem falar em uma ofensa contra a lei de proteção à informação – disse eu. – Vou falar com Bob sobre isso na semana que vem.

Houve um silêncio no outro lado da linha.

– Então? – disse eu.

– Certo. Sim. Desculpe. Só que você disse que ia ligar e não ligou, e, bom, eu agora estou no hospital. Eu me perguntei, você sabe... se você não queria trazer aqui as coisas do velho. Estamos na enfermaria oeste. Ah, e o nome dele é Sami-Tom.

– O quê? – disse eu. – Não, isso não pode ser certo, Raymond, ele é um homem baixo e gordo de Glasgow. Não há a menor possibilidade de ele ter sido batizado como *Sami-Tom*. – Eu estava começando a desenvolver sérias preocupações sobre as capacidades mentais de Raymond.

– Não, não, Eleanor. É Sammy, como... a abreviação de Samuel. Thom, como em T-H-O-M.

– Ah – disse eu. Houve outra pausa longa.

– Então, como eu disse, Sammy está na ala oeste, as visitas começam às

sete, se você quiser vir.

– Eu disse que iria, e sou uma mulher de palavra, Raymond. É um pouco tarde agora. Amanhã à tarde seria melhor para mim, se for aceitável para você.

– Claro – disse ele. Outra pausa. – Você quer saber como ele está?

– Quero, naturalmente – respondi. O homem tinha um papo péssimo e estava tornando todo aquele diálogo um trabalho extremamente duro.

– Não é bom. Ele está estável, mas é sério. Só para preparar você. Ele ainda não recobrou a consciência.

– Nesse caso, não posso imaginar como ele vá ter muita utilidade para seus doces e sua salsicha quadrada amanhã, não é? – perguntei. Eu ouvi Raymond respirar fundo.

– Olhe, Eleanor, é decisão exclusivamente sua visitá-lo ou não. Ele não tem pressa para receber suas coisas, e acho que você pode jogar fora qualquer coisa que não vá durar. Como você diz, a pobre alma não vai fazer uma fritura tão cedo.

– Isso é mesmo. Na verdade, imagino que frituras sejam exatamente o que o levaram a esta situação, para começo de conversa.

– Preciso ir agora, Eleanor – disse ele, e desligou o telefone de maneira um tanto abrupta. Que grosseria!

Eu estava em um dilema; parecia não haver muito sentido em ir até o hospital para ver um estranho comatoso e deixar refrigerante em sua cabeceira. Por outro lado, seria interessante experimentar ser visitante em um hospital, e havia sempre uma chance remota de que ele pudesse acordar enquanto eu estivesse lá. Ele pareceu gostar de meu monólogo enquanto estávamos à espera da ambulância; bem, até onde podia dizer, já que ele estava inconsciente.

Enquanto eu pensava nisso, peguei a página caída da pasta e a virei. Ela estava levemente amarelada nas bordas e tinha um cheiro institucional; metálico, como arquivos, e suja, tocada pela pele não lavada de múltiplas mãos anônimas. Cédulas de dinheiro têm um odor parecido, percebi.



DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

NOTAS DE REUNIÃO DE DISCUSSÃO DE CASO

15 de março de 1999, 10h

CASO EM QUESTÃO: OLIPHANT, ELEANOR (12/07/1987)

Presentes: Robert Brocklehurst (vice-presidente, Departamento de Serviço Social de Crianças e Famílias); Rebecca Scatcherd (assistente social sênior, Departamento de Serviço Social); o sr. e a sra. Reed (pais adotivos).

A reunião ocorreu na casa do sr. e da sra. Reed, cujas crianças, entre elas Eleanor Oliphant, estavam na escola, na hora. O sr. e a sra. Reed solicitaram a reunião, além das sessões regulares marcadas, para discutir suas preocupações crescentes com Eleanor.

O sr. Reed relatou que o comportamento de Eleanor piorou desde que foi abordado pela última vez, em uma reunião com assistentes sociais cerca de quatro meses antes. O sr. Brocklehurst pediu exemplos, e o sr. e a sra. Reese citaram os seguintes:

- O relacionamento de Eleanor com as outras crianças tinha se rompido quase totalmente, em especial com John (14), o mais velho;
- Eleanor era insolente e rude com a sra. Reed diariamente. Quando a sra. Reed tentava castigá-la, mandando-a subir para o quarto extra para refletir sobre seu comportamento, por exemplo, ela ficava histérica e, em uma ocasião, fisicamente violenta;
- Eleanor, de vez em quando, fingia desmaiar em uma tentativa de evitar ser castigada, ou em resposta ao castigo;
- Eleanor morria de medo de escuro e mantinha a família acordada com choros histéricos. Tinham lhe dado uma luminária, e ela reagia com

soluções e tremores violentos a qualquer sugestão de que devia abrir mão dela, por estar velha demais para isso;

- Eleanor costumava se recusar a comer o alimento fornecido a ela; as horas das refeições tinham se transformado em fonte de conflito à mesa da família;
- Eleanor se recusava terminantemente a ajudar com tarefas de casa simples, como acender a lareira ou limpar as cinzas.

O sr. e a sra. Reed relataram que estavam extremamente preocupados com os efeitos do comportamento de Eleanor sobre os outros três filhos (John, 14, Eliza, 9, e Georgie, 7), e, à luz dessas preocupações e também das demais levantadas anteriormente durante outras reuniões regulares, eles gostariam de discutir o melhor caminho para Eleanor.

O sr. e a sra. Reed requisitaram outra vez mais informações sobre a história passada de Eleanor, e o sr. Brocklehurst explicou que isso não seria possível, e na verdade não era permitido.

A sra. Scatcherd solicitara um boletim escolar da coordenadora de Eleanor antes da reunião, e observou-se que Eleanor estava com bom desempenho, com notas excelentes em todas as matérias. A coordenadora comentou que Eleanor era uma criança excepcionalmente brilhante e articulada, com um vocabulário impressionante. Os professores de cada matéria relataram que ela era quieta e se comportava bem durante as aulas, mas não participava de discussões, embora fosse uma ouvinte atenta. Vários funcionários da escola haviam observado que Eleanor era muito fechada em si mesma e isolada durante os intervalos, e não parecia se socializar com os colegas.

Depois de longa discussão, e à luz das preocupações levantadas e repetidamente enfatizadas pelo sr. e a sra. Reed sobre o impacto do comportamento de Eleanor sobre seus outros filhos, concordou-se que o mais apropriado a fazer seria remover Eleanor da residência da família.

O sr. e a sra. Reed ficaram satisfeitos com esse resultado, e o sr. Brocklehurst informou a eles que o departamento entraria em contato em relação aos passos seguintes.



Registro para arquivo: em 12 de novembro de 1999, foi organizada uma junta para revisar a Ordem de Supervisão Compulsória em relação a Eleanor Oliphant, na qual o sr. Brocklehurst e a sra. Scatcherd estavam presentes (minutas anexadas).

A audiência chegou à conclusão de que, devido ao comportamento desafiador de Eleanor neste e em lares anteriores, a adoção por um lar familiar não seria apropriada no presente momento. Portanto, concordou-se que Eleanor devia ser posta em um orfanato, provisoriamente, e que a decisão da junta seria revista em doze meses.

(Ação: R Scatcherd deve investigar a disponibilidade de vagas em instalações locais e notificar o sr. e a sra. Reed da data prevista para a remoção.)

R Scatcherd, 12/11/1999



Mentirosos. Mentirosos, mentirosos, mentirosos.

7

O ÔNIBUS ESTAVA SILENCIOSO, eu tinha um banco inteiro para mim, e as compras do velho ao meu lado em duas ecobags. Tinha jogado fora as salsichas e o queijo laranja, mas guardei o leite para mim, raciocinando que não era roubo porque ele não ia poder usá-lo, de qualquer forma. Eu tive problemas para jogar fora os outros itens perecíveis. Entendo que algumas pessoas acham errado o desperdício e, depois de refletir com cuidado, costumo concordar. Mas tinha sido criada para pensar de modo muito diferente; mamãe sempre disse que apenas camponeses e formigas operárias rastejantes se preocupavam com coisas tão triviais.

Minha mãe dizia que éramos imperatrizes, sultanas e maranis em nosso próprio lar, e que era nosso dever levar uma vida de prazeres e indulgências sibaritas, dizia ela, e era melhor passar fome do que macular o palato com qualquer coisa menos que porções refinadas. Ela me contou como tinha comido tofu frito com pimenta nos mercados noturnos de Kowloon, e que o melhor sushi fora do Japão podia ser encontrado em São Paulo. A melhor refeição de sua vida, disse ela, tinha sido polvo na brasa, que ela comera ao pôr do sol em uma taverna simples à beira da baía em um entardecer de fim de verão em Náxos. Ela observara um pescador chegar com ele em terra naquela manhã, depois bebeu ouzo a tarde inteira enquanto a equipe da cozinha o batia repetidas vezes contra o paredão da baía para amaciar sua carne pálida e com ventosas. Preciso lhe perguntar como é a comida onde ela está agora. Desconfio que o fornecimento de chá *lapsang souchong* e os biscoitos *langues de chat* esteja escasso.

Lembro-me de ser convidada para a casa de uma colega de turma depois da aula. Só eu. A ocasião era um “chá”. Isso em si era confuso; eu estava, não sem razão, esperando um chá da tarde, enquanto a mãe dela preparara uma

espécie de jantar antecipado na cozinha para nós. Ainda posso visualizá-lo – laranja e bege – três palitos de peixe reluzentes, uma poça de feijões assados e uma pilha pálida de batatas ao forno. Eu nunca tinha visto, muito menos experimentado, nenhum daqueles itens, e tive que perguntar o que eram. Danielle Mearns contou a todo mundo na aula no dia seguinte, e todos riram e me chamaram de a Maluca do Feijão (encurtado para Feijoca, que pegou por algum tempo). Não importa; a escola foi uma experiência de vida curta para mim. Houve um incidente com um professor extremamente curioso que sugeriu uma ida até a enfermeira da escola, depois do que minha mãe decidiu que o professor era *um monoglota mal alfabetizado cuja única qualificação digna de nota era um certificado em primeiros socorros*. Depois disso, passei a estudar em casa.

Na casa de Danielle, a mãe dela deu a cada uma de nós um iogurte Munch Bunch de sobremesa, e eu guardei escondido o pote vazio na bolsa da escola para poder estudá-lo depois. Aparentemente, era merchandising pertencente a um programa infantil de televisão sobre pedaços de frutas animados. E eles diziam que eu era estranha! Era objeto de aversão para as outras crianças na escola eu não falar sobre programas de TV. Nós não tínhamos TV; minha mãe a chamava de carcinogênico catódico, câncer do intelecto, e por isso nós líamos ou ouvíamos discos, às vezes jogávamos gamão ou mah jong se ela estivesse de bom humor.

Pega de surpresa por minha falta de familiaridade com comida pronta congelada, a mãe de Danielle Mearns me perguntou o que eu costumava ter para o chá em uma noite de quarta-feira.

– Não tem uma rotina – respondi.

– Mas que tipo de coisas você come, em geral? – perguntou ela, verdadeiramente intrigada.

Listei algumas delas. Velouté de aspargos com ovo de pato pochê e óleo de avelã. Bouillabaisse com molho rouille caseiro. Galeto confitado no mel com fondants de aipo. Trufas frescas durante a temporada, raspadas sobre cogumelos cèpes e linguine na manteiga. Ela olhou fixamente para mim.

– Isso tudo parece muito... chique.

– Ah, não, às vezes é só alguma coisa bem simples – disse eu. – Como

torrada de levedura com queijo manchego e pasta de marmelo.

– Certo – disse ela, trocando um olhar com a pequena Danielle, que estava me olhando boquiaberta, revelando uma boca cheia de feijões parcialmente mastigados. Ninguém falava, e a sra. Mearns pôs uma garrafa de vidro com um líquido denso e vermelho sobre a mesa, que Danielle logo começou a sacudir com violência e derramar por cima de toda aquela comida laranja e bege.

Claro, depois que passei a viver em lares adotivos, conheci rapidamente uma nova família culinária; marcas como Aunt Bessie, Captain Birdseye e Uncle Ben apareciam com regularidade, e agora consigo distinguir molho HP do Daddies só pelo cheiro, como uma *sommelier* de molhos. Era uma das inúmeras maneiras em que minha vida antiga e a minha nova eram diferentes. Antes e depois do fogo. Em um dia, estava comendo melancia, queijo feta e sementes de romã, no seguinte, pão de forma tostado coberto de margarina. Essa, pelo menos, foi a história que minha mãe me contou.



O ônibus parou bem em frente ao hospital. Havia uma loja no térreo que vendia uma variedade eclética de produtos. Eu sabia que era basicamente a coisa certa a fazer levar um presente ao visitar um paciente, mas comprar o quê? Eu não conhecia nada sobre Sammy. Produtos comestíveis pareciam não fazer sentido, já que o propósito de minha visita era levar sua própria comida, itens que ele tinha bem recentemente selecionado para si mesmo. Considerando que ele estava em coma, material de leitura parecia um tanto irrelevante. Entretanto, não havia muito mais que pudesse ser adequado. A loja tinha uma pequena variedade de produtos cosméticos, mas parecia inapropriado para mim, uma estranha do sexo oposto, presenteá-lo com itens relativos às suas funções corporais e, de qualquer modo, um tubo de pasta de dente e um pacote de lâminas de barbear descartáveis não me pareciam presentes muito charmosos.

Tentei me lembrar do presente mais legal que já havia recebido. Além de Polly, a planta, eu não conseguia pensar em nada. De forma alarmante, Declan me veio à mente. Meu primeiro e único namorado, eu tinha quase

conseguido apagá-lo por completo de minha memória, de modo que era um tanto preocupante lembrar-me dele. Recordei um incidente quando, ao ver o único cartão de aniversário que recebi em um ano (de uma jornalista que, de algum modo, conseguira me localizar, com um bilhete que dizia que ela pagaria uma quantia substancial por uma entrevista a qualquer momento, em qualquer lugar), ele disse que eu tinha deliberadamente deixado de lhe dizer o dia de meu aniversário. Como meu presente de vinte e um anos, ele me socou nos rins, me chutou enquanto estava caída no chão e me deixou de olho roxo quando voltei a mim, por “esconder informação”. Meu único outro aniversário do qual me lembrava era o de onze anos. Ganhei uma pulseira de prata da família adotiva com quem eu estava vivendo na época, com um pingente de ursinho preso a ela. Fiquei muito agradecida por receber um presente, mas não cheguei sequer a usá-lo. Não sou, na verdade, o tipo de pessoa que gosta de ursinhos.

Eu me perguntei que tipo de presente o cantor gato poderia me dar em um aniversário, digamos, ou de Natal. Não, espere, no Dia dos Namorados, o dia mais especial e romântico do ano. Ele comporia uma música para mim, algo bonito, e depois a tocaria para mim em seu violão enquanto eu bebia champanhe perfeitamente gelado. Não, não no violão, isso era óbvio demais. Ele me surpreenderia aprendendo... fagote. Sim, ele tocaria a melodia no fagote, para mim.

De volta a questões mais prosaicas. Por falta de algo mais adequado, comprei alguns jornais e revistas para Sammy, achando que eu poderia ao menos lê-los em voz alta para ele. Eles mantinham em estoque uma seleção passável. Por sua aparência e pelo conteúdo de suas sacolas de compras, imaginei que ele fosse mais *Daily Star* que *Daily Telegraph*. Comprei alguns tabloides e resolvi levar uma revista para ele, também. Isso era mais difícil. Havia tantas. Revistas de viagens, iates, como eu poderia saber qual escolher? Eu não tinha ideia do que interessava a ele. Pensei com cuidado e racionalmente para deduzir a resposta. A única coisa que eu sabia ao certo era que ele era um homem adulto; qualquer outra coisa seria pura especulação. Segui a lei das médias, fiquei na ponta dos pés e peguei um exemplar da *Playboy*. Trabalho terminado.

Estava quente demais no interior do hospital, e o piso rangia. Havia na parede na entrada da enfermaria um recipiente de gel para as mãos e uma grande placa amarela acima dele: *Não beba*. Será que as pessoas realmente bebiam álcool em gel? Imagino que deviam fazer isso, daí a placa. Parte de mim, uma bem pequena, considerou brevemente abaixar a cabeça para provar uma gota, só porque tinham me mandado não fazer isso. Não, Eleanor, disse a mim mesma. Controle suas tendências rebeldes. Atenha-se ao chá, ao café e à vodca.

Eu estava apreensiva sobre usar aquilo nas mãos, por medo que pudesse inflamar meu eczema, mas fiz isso mesmo assim. Boa higiene é muito importante – Deus me livre virar um vetor de infecção. A enfermaria era grande, com duas fileiras compridas de camas ao longo de cada parede. Todos os habitantes eram intercambiáveis: velhos carecas e sem dentes que estavam cochilando ou com olhar vazio, com os queixos caídos para a frente. Avistei Sammy, bem no fim do lado esquerdo, mas só porque ele era gordo. O restante deles eram ossos cobertos de pele pálida e enrugada. Sentei-me na cadeira limpa de vinil ao lado da cama. Não havia sinal de Raymond.

Os olhos de Sammy estavam fechados, mas ele obviamente não estava em coma. Ele estaria em uma enfermaria especial, se esse fosse o caso, preso a máquinas, não estaria? Eu me perguntei por que Raymond tinha mentido sobre isso. Eu podia dizer pela forma regular com que o peito de Sammy se erguia e descia que ele estava dormindo. Decidi não ler para ele, sem desejo de acordá-lo, por isso pus o material de leitura em cima do armário ao lado da cama. Abri o compartimento na frente, achando melhor depositar as ecobags no interior. O armário estava vazio, além de uma carteira e um jogo de chaves. Eu me perguntei se devia olhar dentro da carteira de Sammy para ver se ela continha alguma pista sobre ele, e estava prestes a esticar minha mão à frente para pegá-la quando ouvi alguém limpar a garganta às minhas costas, um som cheio de catarro que indicava um fumante.

– Eleanor. Você veio – disse Raymond, puxando uma cadeira do lado oposto da cama. Olhei fixamente para ele.

– Por que você mentiu, Raymond? Sammy não está em coma. Ele está apenas dormindo. Isso não é a mesma coisa.

Raymond riu.

– Ah, Eleanor, mas são ótimas notícias. Ele acordou há algumas horas. Aparentemente, sofreu uma concussão severa e fraturou a bacia. Eles a recolocaram no lugar ontem. Ele está muito cansado por conta da anestesia, mas disseram que vai ficar bem.

Assenti com a cabeça e me levantei de forma abrupta.

– Então, nós devíamos deixá-lo em paz – afirmei.

Eu estava ansiosa para sair da enfermaria, para ser franca. Era quente demais, e familiar demais – os cobertores de algodão, os cheiros químicos e humanos, as superfícies duras das armações de metal das camas e as cadeiras de plástico. Minhas mãos estavam ardendo um pouco por causa do gel, que tinha penetrado nas rachaduras da pele. Caminhamos juntos até o elevador e descemos em silêncio. As portas se abriram no térreo, e senti minhas pernas se acelerarem por conta própria na direção da porta da frente.

Era um desses belos entardeceres de verão – 20h e ainda cheio de calor e luz suave. Não ia escurecer até quase 23h. Raymond tirou a jaqueta, revelando outra camiseta ridícula. Essa era amarela e tinha dois galos jovens desenhados na frente. *Los Pollos Hermanos*, dizia. Não fazia nenhum sentido. Ele olhou para o relógio.

– Vou pegar algo para levar e seguir direto para a casa de meu amigo Andy. Alguns de nós costumamos passar por lá nas noites de sábado, ligamos o Playstation, fumamos e tomamos umas cervejas.

– Parece absolutamente delicioso – disse eu.

– E você? – perguntou ele.

Eu ia para casa, é claro, assistir a um programa de TV ou ler um livro. O que mais eu estaria fazendo?

– Vou voltar para meu apartamento – disse eu. – Acho que deve ter um documentário sobre dragões de Komodo na BBC4 mais tarde.

Ele tornou a olhar para o relógio, e em seguida para o céu azul sem limites. Houve um momento de silêncio, e em seguida um melro começou a se exhibir ali perto, com um canto tão espetacular que beirava o vulgar. Nós dois escutamos, e quando sorri para Raymond, ele retribuiu o sorriso.

– Olhe, está uma noite agradável demais para ficar em casa sozinha. O que

acha de tomar uma cerveja em algum lugar? Preciso ir embora em uma hora mais ou menos, antes que a loja de bebidas feche, mas...

Isso exigia consideração cuidadosa. Eu não ia a um pub havia muitos anos, e Raymond dificilmente poderia ser descrito como uma companhia interessante. Entretanto, cheguei rapidamente à conclusão de que isso seria útil por duas razões. Primeiro, seria um bom treino, pois, se as coisas corressem bem, Johnnie Lomond ia querer me levar a um pub durante um de nossos encontros, e por isso eu devia mesmo me familiarizar antes com o ambiente em geral e os comportamentos exigidos. Segundo, Raymond era um especialista em TI – supostamente – e eu precisava de conselhos. Esses conselhos podiam ser caros de se obter por meio de canais oficiais, mas eu podia perguntar a ele esta noite, de graça. Levando tudo em consideração, pareceu prático concordar com a solicitação de Raymond. Ele estava olhando fixamente a meia distância, e percebi que tinha acendido um cigarro e fumado quase metade dele enquanto eu pensava.

– Sim, Raymond. Eu vou tomar um drinque em um pub com você – respondi balançando a cabeça em concordância.

– Mágico – disse ele.



Acabamos em um bar a cinco minutos do hospital. Uma das mesas externas estava desocupada. A superfície de metal estava coberta de manchas circulares e suas pernas pareciam instáveis, mas Raymond pareceu encantado.

– Lugares do lado de fora! – disse ele, jogando-se sentado e pendurando o casaco nas costas da cadeira. – Certo, então, eu vou ao bar – disse ele. – O que você quer, Eleanor?

Senti uma preocupação palpitante no estômago. Em primeiro lugar, sentada ali fora, eu não ia conseguir ver o interior do pub nem observar o que acontecia ali dentro. Segundo, eu não sabia o que pedir. O que as pessoas normais bebiam nos pubs? Resolvi assumir o controle da situação.

– Raymond, eu vou ao bar. Eu insisto. O que você gostaria que eu pedisse para você? – ele tentou discutir, mas eu me mantive firme, e ele acabou concordando, embora parecesse aborrecido. Eu simplesmente não podia

imaginar por que ele estava criando tanto caso por causa disso.

– Certo, bem, imagino que vou querer uma Guinness grande. Mas eu gostaria que você me deixasse buscar, Eleanor.

Coloquei as duas mãos na mesa e inclinei-me para a frente para aproximar bem o rosto do dele.

– Raymond, eu vou comprar as bebidas. É importante para mim, por razões que eu não gostaria de expor para você.

Ele deu de ombros, então concordou com a cabeça, e eu caminhei na direção da porta.



Parecia muito escuro lá dentro depois da luz do sol, e barulhento, também – havia música de um gênero não familiar pulsando alta de alto-falantes grandes. O lugar não estava cheio, e eu era a única cliente no bar. Um homem e uma mulher jovens estavam servindo; ou melhor, eles estavam envolvidos em uma conversa profunda um com o outro, e de vez em quando ela ria como uma idiota e jogava o cabelo loiro descolorido, ou ele socava de brincadeira seu braço e ria de uma maneira falsa e muito alta. Rituais de acasalamento humanos são inacreditavelmente entediantes de se observar. Pelo menos no reino animal, você de vez em quando ganha um vislumbre de penas coloridas ou uma demonstração de violência espetacular. Jogar o cabelo e brigas de brincadeira não eram exatamente a mesma coisa.

Estava entediada e bati três vezes no balcão de madeira, como se fosse uma porta da frente. Os dois olharam, pedi uma Guinness grande, que o garoto começou a servir de uma torneira.

– Mais alguma coisa? – indagou. Eu ainda estava atordoada. Raciocinei que parte de seu trabalho seria ajudar clientes nessas situações.

– O que você me recomenda? – perguntei. Ele ergueu os olhos e parou de observar o líquido escuro cair no copo.

– Hein?

– Perguntei o que você recomendaria para mim. Em geral, eu não bebo em pubs.

Ele olhou para a esquerda e a direita, como se esperasse que houvesse mais

alguém parado ali. Houve uma pausa longa.

– Er – disse ele. – Bom... Magners é muito popular. Com gelo? Um belo drinque de verão.

– Certo – disse eu. – Obrigada. Neste caso, eu quero uma Magners, por favor, por recomendação sua. – Ele abriu uma garrafa marrom e a pôs no bar. Botou um pouco de gelo em um copo alto e o pôs ao lado da garrafa.

– O que é isso? – disse eu.

– A Magners.

– E para que é o copo vazio?

– É para a Magners – disse ele.

– *Eu* devo servir a bebida da garrafa no copo? – perguntei, intrigada. – Não é *seu* trabalho fazer isso? – Ele olhou fixamente para mim, em seguida derramou lentamente o líquido marrom sobre o gelo e a baixou com bastante força; na verdade, ele praticamente bateu com a garrafa no balcão.

– Oito libras e setenta – disse ele de maneira bem pouco amistosa. Entreguei a ele uma nota de cinco libras e quatro moedas de uma, depois peguei o troco e o guardei cuidadosamente na bolsa.

– Você por acaso teria uma bandeja? – perguntei. Ele jogou uma bandeja imunda e grudenta e me observou pôr as bebidas sobre ela antes de me dar as costas. Há uma parcimônia de boas maneiras em exibição no chamado setor de serviços!



Raymond me agradeceu pela bebida e deu um gole grande. A Magners era bem agradável, e revi minha opinião sobre o jovem barman. Sim, suas habilidades no serviço aos clientes eram ruins, mas ele ao menos sabia como fazer recomendações de bebida apropriadas. Espontaneamente, Raymond começou a me contar sobre sua mãe, que ele ia visitá-la amanhã, algo que fazia todo domingo. Ela era viúva e não estava muito bem. Tinha muitos gatos, e ele a ajudava a cuidar deles. Ele falou e falou de maneira monótona. Eu o interrompi.

– Raymond – disse eu. – Posso lhe perguntar uma coisa?

Ele deu um gole em sua cerveja.

– Claro.

– Se eu fosse comprar um smartphone, que tipo você aconselharia? Tenho avaliado os méritos relativos de iPhones em comparação com aparelhos Android, e gostaria da perspectiva de alguém bem informado sobre a relação custo-benefício, digamos assim.

Ele pareceu um tanto surpreso com minha pergunta, o que era estranho, já que ele trabalhava com TI e, portanto, devia ouvir perguntas sobre tecnologia com boa frequência.

– Bom, certo... – Ele sacudiu a cabeça de um modo levemente canino, como se estivesse limpando os pensamentos dela. – Isso depende de muitos fatores. – Ele expôs esses fatores por algum tempo, sem chegar a nenhum tipo de conclusão útil, e depois olhou para seu relógio. – Merda! É melhor eu correr, preciso pegar umas cervejas antes de ir para a casa do Andy, já são quase 22h. – Ele enxugou a cerveja, ficou de pé e vestiu a jaqueta, embora não estivesse nem um pouco frio.

– Você vai chegar bem em casa, Eleanor? – disse ele.

– Vou, sim – disse eu. – Vou a pé. Está uma noite muito bonita, e ainda está claro.

– Então está bem, vejo você na segunda-feira – disse ele. – Aproveite o resto do fim de semana. – Ele se virou para ir embora.

– Raymond, espere! – disse eu. Ele olhou para trás em minha direção com um sorriso.

– O que é, Eleanor?

– A Guinness, Raymond. Custou três libras e cinquenta. – Ele olhou fixamente para mim. – Está tudo bem – disse eu. – Não há pressa. Você pode me dar na segunda-feira, se for mais fácil.

Ele contou quatro moedas de uma libra e as pôs em cima da mesa.

– Guarde o troco – disse ele e saiu andando. Extravagante! Botei o dinheiro na bolsa e terminei minha bebida. Encorajada pelas maçãs, resolvi fazer um desvio no caminho para casa. Sim. Por que não? Era hora para uma missão de reconhecimento.



NÃO HÁ ALGO COMO O INFERNO, É CLARO; mas se houvesse, então a trilha sonora dos gritos, do trabalho do tridente e do lamento infernal das almas condenadas, seria uma mistura repetida de canções extraídas dos anais do teatro musical. A obra completa de Lloyd Webber e Rice seria tocada, sem interrupções, em um palco no interior do poço fervente, e uma plateia de pecadores seria obrigada a assistir – e ouvir – pela eternidade. Os piores entre eles, os molestadores de crianças e ditadores assassinos, teriam que interpretá-la.

Tirando a obra refinada de certo sr. Lomond, ainda preciso encontrar um gênero musical de que eu goste; é basicamente física audível, ondas e partículas energizadas e, como a maioria das pessoas sãs, não tenho interesse por física. Portanto me pareceu bizarro que estivesse cantarolando uma canção do musical *Oliver!*. Acrescentei mentalmente o ponto de exclamação, o que, pela primeira vez na vida, foi apropriado. *Who will buy this wonderful evening?* [Quem vai comprar esta noite maravilhosa?] Quem, de fato?

Um dos meus pais adotivos mantinha uma videoteca de musicais aos quais nos fazia assistir *en famille* nos fins de semana. Por isso, embora desejasse ferventemente não ser, sou muito familiarizada com a obra de Lionel Bart, Rodgers Hammerstein *et al.* Saber que eu estava *ali na rua onde ele vivia* estava me dando uma sensação engraçada, palpitante e instigante, beirando a euforia. Eu quase podia entender por que aquele bufão de casaca de *My Fair Lady* tinha sentido a necessidade de gritar sobre isso diante da janela de Audrey Hepburn.

Descobrir onde vivia o músico tinha sido fácil. Ele havia postado uma foto de um pôr do sol lindo no Twitter:

@johnnieLocks

A vista da minha janela: eu não tenho muita sorte?

#verãonacidade #abençoad

Ela mostrava telhados, árvores e o céu, mas também havia um pub no canto da foto, bem no fim da rua, com o nome nitidamente visível. Eu o encontrei em segundos, graças ao Google.

A rua, como a maioria nessa parte da cidade, era composta de prédios residenciais. Todos tinham portas trancadas com campainhas com nomes na parede externa, uma para cada apartamento no interior do prédio. Essa era a rua certa. De que lado eu devia começar? Números pares, decidi. Ele era um tipo de homem de par, não de ímpar. Eu tinha um quebra-cabeça a solucionar. Eu cantarolava enquanto trabalhava, e não conseguia me lembrar da última vez que tinha me sentido assim – leve, animada, ativa. Eu desconfiei que essa pudesse ser a sensação da felicidade.

Era fascinante ver todos os nomes diferentes nas campainhas, e a maneira como eram exibidos. Alguns estavam escritos a caneta em um adesivo e colados descuidadamente sobre o botão. Outros haviam digitado seus nomes em maiúsculas e negrito, imprimido e fixado com três camadas de fita durex. Alguns haviam deixado suas campainhas em branco, ou haviam deixado de substituir seu nome quando os elementos haviam feito a tinta escorrer, deixando-o ilegível. Eu torcia muito para que ele não fosse um desses, mas mantive uma lista de suas localizações em meu caderno, só por garantia. Se tivesse eliminado todos os nomes legíveis sem encontrar o dele, teria que voltar e passar pela lista das que estavam em branco.

Ah, mas como eu podia ter duvidado dele? Na metade da rua, no mais par dos números pares, ali estava ele: *Sr. J. Lomond, Esq.* Parei diante das campainhas e examinei as letras. Estavam escritas cuidadosamente, mas de modo artístico, em tinta preta clássica sobre papel branco. Era muito ele.

Parecia improvável que ele, um homem bonito e popular com o mundo aos pés, estivesse em casa em um sábado à noite. Por isso, só para ver como seria a sensação, toquei com delicadeza a campainha com a ponta do meu dedo indicador. Houve um estalo, e então uma voz masculina falou. Fiquei um tanto surpresa, para dizer o mínimo.

– Alô? – disse ele outra vez.

Uma voz profunda, bem falada, contida. Mel e fumaça, veludo e prata. Examinei rapidamente a lista e selecionei o nome de outro morador, aleatoriamente.

– Entrega de pizza para... McFadden? – disse eu. Eu o ouvi dar um suspiro.

– Eles ficam no andar de cima – disse ele e desligou. A porta emitiu um zumbido, um estalido e se abriu. Sem parar para pensar muito, entrei.

O músico ficava acima, no primeiro andar, no apartamento do lado direito. Havia uma placa discreta com o nome acima da campainha. Eu parei e escutei. Não conseguia ouvir nada no interior, apenas o zumbido da luz da escada e os sons abafados da rua abaixo. No andar acima, havia uma TV berrando. Apanhei meu caderno e arranquei uma folha em branco. Eu a coloquei sobre a placa de identificação e peguei um lápis, em seguida comecei a esfregá-lo sobre o latão. Em momentos, eu tinha um fac-símile impressionante da placa, que pus cuidadosamente na bolsa, entre as páginas do caderno. As portas externas estavam abertas, e a porta interna dele, um típico design vitoriano em mogno e vidro opaco gravado, estava tentadoramente próxima.

Parei o mais perto que ousava. Não consegui ouvir nada do interior, e não havia movimento visível. Eu quase conseguia identificar a forma de uma estante de livros e uma pintura. Um homem culto. Quanta coisa tínhamos em comum!

Fiquei rígida. Ali: dedos delicados sobre aço em vibração, um acorde tremulou no ar, nebuloso e leitoso, luz de uma estrela muito, muito antiga. Uma voz: quente, baixa e delicada; uma voz para fazer feitiços, encantar serpentes, dar forma ao fluxo dos sonhos. Eu não podia fazer nada além de me virar em sua direção e me inclinar mais para perto. Eu me apertei contra o vidro. Ele estava compondo uma canção, criando tudo – letra, música, *sentimentos*. Que privilégio raro, ter a permissão de escutar o momento exato da criação! Ele cantava sobre a natureza, meu belo Orfeu. Sua voz. Sua voz!

Inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos. Visualizei o céu. Estava azul quase preto, macio e denso como pele de animais. Além da grande extensão

da noite, em suas profundezas aveludadas, a luz se espalhava, o suficiente para mil escuridões. Padrões se revelavam: o olho, completamente fascinado, procurava a espiral de caracóis e pérolas, deuses, animais e planetas estilhaçados. Mesmo parados, ainda assim girávamos e, enquanto fazíamos a rotação, nos movíamos em um círculo maior, dando voltas e voltas em torno do sol; ah, e o ímpeto atordoante disso...

A música parou e houve um movimento súbito e indistinto. Eu me afastei e rapidamente comecei a subir a escada com o coração batendo forte. Nada. Parei no andar de cima e esperei por alguns minutos. Nada.

Desci na ponta dos pés e me posicionei diante da porta novamente. A música tinha começado mais uma vez, mas eu não queria incomodá-lo. Afinal de contas, eu só estava ali para saber onde ele morava... Não havia mal em procurar. Missão cumprida.

Era loucura pura e perdulária, mas assim que cheguei à rua, chamei um táxi preto para me levar para casa. A tarde se prolongara lentamente, mas agora era definitivamente noite, e eu não queria estar na rua. No escuro é que as coisas ruins acontecem. Estimei que o táxi custaria algo por volta de seis libras, mas eu não tinha escolha. Coloquei o cinto de segurança e fechei o painel de vidro que me separava do motorista. Eu não tinha desejo de escutar suas opiniões sobre futebol, prefeitura ou sobre nenhum outro tópico. Eu só tinha uma coisa na cabeça. Ou, mais precisamente, uma pessoa.



Percebi após uma ou duas horas que eu não ia conseguir dormir depois da aventura de mais cedo. Acendi a luz e olhei para minha camisola. Eu tenho duas, para permitir lavá-las alternadamente. Elas são idênticas, as duas até o tornozelo com gola alta, feitas de confortável algodão penteado. Elas são cor de limão (o tom lembra balas verdes que explodem na boca, não algo relativo a minha primeira infância, mas uma imagem reconfortante mesmo assim). Quando eu era pequena, como guloseima, minha mãe jogava uma azeitona recheada de pimentão em minha boca, ou, de vez em quando, uma anchova oleosa de uma lata amarela e vermelha em forma de caixão. Ela sempre destacava para mim que pratos sofisticados costumavam ter sabores fortes,

que balas baratas de açúcar eram a ruína dos pobres (e de seus dentes). Mamãe sempre teve dentes muito brancos e afiados.

As únicas guloseimas doces aceitáveis, dizia ela, eram boas trufas belgas (Neuhaus, *nom de dieu*; só turistas compravam essas conchas feias de chocolate) ou tâmaras gordas de Medjool dos souks de Túnis, duas coisas difíceis de encontrar em nossa loja de conveniências local. Houve uma época, pouco antes do... incidente... quando ela fazia compras apenas em mercados da classe alta, e eu lembro que nesse mesmo período ela mantinha correspondência regular com a delicatessen de comida francesa Fauchon sobre imperfeições percebidas em sua *confiture des cerises*. Lembro-me dos belos selos vermelhos nas cartas de Paris: *Liberté, Egalité, Fraternité*. Não exatamente uma doutrina de mamãe.

Dobrei meu travesseiro em dois para me apoiar quando sentei. O sono ainda parecia distante, e eu precisava me tranquilizar. Levei a mão ao espaço entre o colchão e a parede e procurei meu velho companheiro com suas bordas arredondadas e amaciadas por anos de manuseio. *Jane Eyre*. Eu podia abrir o romance em qualquer página e imediatamente saber onde estava na história, quase podia visualizar a frase seguinte antes de chegar a ela. Era um velho clássico da Penguin com o retrato da srta. Brontë enfeitando a capa. A folha de rosto dizia: *Escola Dominical da Igreja da Paróquia de Saint Eustace, presenteado a Eleanor Oliphant por sua frequência perfeita, 1998*. Eu tive uma criação muito ecumênica, tendo sido criada por pais adotivos presbiterianos, anglicanos, católicos, metodistas e quacres, além de alguns indivíduos que não reconheceriam Deus se ele apontasse seu dedo elétrico de Michelangelo em sua direção. Eu me submetia a todas as tentativas de educação espiritual com igual má vontade. A escola dominical, ou seu equivalente, ao menos me tirava de qualquer que fosse a casa onde eu estava morando, e às vezes havia sanduíches ou, mais raramente, companhia tolerável.

Abri o livro em uma página aleatória, como em um sorteio. Ele se abriu em uma cena fundamental, aquela em que Jane conhece o sr. Rochester, assustando seu cavalo na mata e o fazendo cair. Pilot também está aí, o belo cão de olhos profundos. Se o livro tem uma falha é haver menções insuficientes a Pilot. É impossível haver cachorros demais em um livro.

Jane Eyre. Uma criança estranha, difícil de amar. Uma filha única, solitária. Ela é deixada para lidar com muita dor em uma idade jovem demais – as consequências da morte, a falta de amor. No fim, é o sr. Rochester quem se queima. Eu conheço *essa* sensação. Ela inteira.

Tudo parece pior nas horas mais escuras da noite; fiquei surpresa ao ouvir que os pássaros ainda estavam cantando, embora parecessem com raiva. As pobres criaturas mal devem dormir no verão quando a luz brilha sem parar. Na semiescuridão, na escuridão completa, eu lembro, eu lembro. Estava acordada nas sombras, com o coração acelerado como o de um coelho, a respiração entrecortada. Eu lembro, eu lembro... Fechei os olhos. As pálpebras são apenas cortinas de carne. Seus olhos estão sempre “ligados”, sempre *olhando*. Quando você os fecha, está apenas observando a pele fina e com veias do interior de sua pálpebra em vez de olhar diretamente para o mundo. Não é um pensamento confortante. Na verdade, se eu pensasse sobre isso por tempo suficiente, provavelmente ia querer arrancar meus próprios olhos, para parar de olhar, parar de *ver* o tempo todo. As coisas que vi não podem ser desvistas.

Pense em algo bom, dizia um de meus pais adotivos quando eu não conseguia dormir, ou em noites em que eu acordava suando, chorando, gritando. Conselho banal, mas às vezes eficaz. Por isso eu penso em Pilot, o cachorro.



Imagino que devo ter dormido – parece impossível que eu não tenha apagado por pelo menos um ou dois momentos –, mas não pareceu. Os domingos são sempre dias mortos. Tento dormir o máximo possível para passar o tempo (aparentemente, um velho truque de prisão – obrigada pela dica, mãe), mas nas manhãs de verão pode ser difícil. Quando o telefone tocou logo depois das dez, eu estava acordada havia horas. Tinha limpado o banheiro e lavado o chão da cozinha, tirado o lixo reciclável e arrumado todas as latas no armário da cozinha de modo que os rótulos ficassem para frente em ordem zetabética. Tinha engraxado os dois pares de sapato. Lera o jornal e completara todas as palavras cruzadas e passatempos.

Limpei a garganta antes de falar ao perceber que não tinha dito uma palavra sequer em quase doze horas, desde quando disse ao motorista de táxi onde me deixar. Isso, na verdade, é muito bom para mim – normalmente, não falo desde o momento em que digo meu destino ao motorista de ônibus na noite de sexta até cumprimentar seu colega na manhã de segunda-feira.

– Eleanor? – Era Raymond, é claro.

– Sim, é ela – disse eu bem sumariamente. Pelo amor de Deus, quem ele esperava? Ele tossiu de forma extravagante: fumante sujo.

– Er, certo. Só queria que você soubesse que vou voltar para ver Sammy hoje. Quero saber se gostaria de ir comigo.

– Por quê? – disse eu.

Ele fez uma pausa bem longa, estranha. Estava longe de ser uma pergunta difícil.

– Bom... Eu telefonei para o hospital, e ele está muito melhor, está acordado, e foi transferido para a enfermaria geral. Eu achei... Acho que achei que seria bom se ele nos conhecesse, caso tivesse alguma questão sobre o que aconteceu com ele.

Eu não estava pensando muito rápido e não tive tempo para considerar as ramificações. Antes que soubesse exatamente o que havia acontecido, tínhamos combinado de nos encontrar no hospital naquela tarde. Desliguei e olhei para o relógio na parede da sala, acima da lareira (um que comprei na loja da Cruz Vermelha: azul-claro, com moldura circular, Power Rangers; acrescenta uma *joie de vivre* extravagante à sala, sempre achei isso). Eu tinha várias horas até o encontro.

Resolvi ocupar o tempo me preparando, e olhei cautelosamente para mim mesma no espelho enquanto o chuveiro esquentava. Me perguntei se algum dia poderia ser a musa de um músico. Eu estava familiarizada com a alusão clássica, é claro, mas em termos práticos dos dias de hoje, uma musa parecia ser simplesmente uma mulher atraente com quem o artista queria ir pra cama.

Pensei em todas aquelas pinturas; donzelas voluptuosas reclinadas em esplendor curvilíneo, bailarinas delicadas, com olhos límpidos enormes, belezas afogadas em vestidos brancos colantes cercadas por flores flutuantes. Eu não era curvilínea nem delicada. Era de tamanho normal e rosto normal

(de um dos lados, pelo menos). Será que os homens alguma vez se olhavam no espelho, eu me perguntei, e se viam desprovidos de maneiras internamente fundamentais? Quando abriam um jornal ou assistiam a um filme, eles eram apresentados apenas a homens jovens e excepcionalmente bonitos, e será que isso fazia com que se sentissem intimidados, inferiores, por não serem tão jovens nem tão bonitos? Será que, em seguida, liam as reportagens do jornal ridicularizando esses mesmos homens se ganhavam peso ou usassem algo que não caísse bem?

Essas eram, é claro, perguntas retóricas.

Tornei a olhar para mim mesma. Eu era saudável, e meu corpo era forte. Tinha um cérebro que funcionava bem, e uma voz, embora não fosse nada melódica; a inalação de fumaça tantos anos atrás havia danificado minhas cordas vocais de maneira irreparável. Eu tinha cabelo, orelhas, olhos e uma boca. Eu era uma mulher humana – nem mais nem menos.

Até o lado de meu rosto de aberração de circo – minha metade danificada – era melhor que a alternativa, que teria significado a morte por fogo. Eu não queimei até virar cinzas. Emergi das chamas como uma pequena fênix. Passei os dedos pelo tecido da cicatriz, acariciando os contornos. Eu não queimei, mãe, pensei. Eu atravessei o fogo e sobrevivi.

Há cicatrizes em meu coração, tão grossas e desfigurantes quanto as de meu rosto. Sei que estão ali. Espero que reste algum tecido ileso, uma área através da qual o amor possa entrar e fluir para fora. Espero.

9

RAYMOND ESTAVA ESPERANDO em frente à porta do hospital. Eu o vi se curvar para baixo para acender o cigarro de uma mulher de cadeira de rodas – ela trouxera o cigarro consigo, sobre rodas, para poder destruir sua saúde ao mesmo tempo que o dinheiro dos contribuintes estava sendo usado para tentar recuperá-la. Raymond conversava com ela enquanto ela fumava, dando baforadas também. Ele se inclinou para a frente e disse algo, e a mulher riu, uma gargalhada de bruxa que terminou em um acesso prolongado de tosse. Eu me aproximei com cautela, temendo que a nuvem nociva me envolvesse com efeitos danosos. Ele me viu ao me aproximar, apagou o cigarro e veio em minha direção. Ele vestia uma calça jeans que pendia desagradavelmente baixa em torno de sua bunda; quando ele virou de costas, vi dois centímetros indesejados de cueca – um púrpura imperial horrendo – e pele branca coberta de sardas, o que me lembrou do couro de uma girafa.

– Oi, Eleanor – disse ele, esfregando as mãos na frente das coxas como se as estivesse limpando. – Como você está hoje?

Aterrorizantemente, ele se inclinou para a frente como se fosse me abraçar. Eu recuei, mas não antes de ter a chance de sentir o cheiro de fumaça de cigarro e outro odor, algo desagradavelmente químico e pungente. Desconfiei que fosse uma marca barata de colônia masculina.

– Boa tarde, Raymond – disse eu. – Vamos entrar?

Pegamos o elevador para a Enfermaria 7. Raymond recontou os eventos da noite anterior para mim de modo prolongado e entediante; ele e os amigos, aparentemente, tinham “virado”, o que quer que isso significasse, para completar uma missão no *Grand Theft Auto*, e, depois, jogado pôquer. Eu não sabia ao certo por que ele estava me contando isso. Eu sem dúvida não tinha perguntado. Ele finalmente terminou de falar, em seguida me perguntou

sobre minha noite.

– Eu fiz um pouco de pesquisa – respondi, sem desejo de macular a experiência contando-a para Raymond. – Veja! – exclamei. – Enfermaria 7!

Como uma criança ou um bicho de estimação pequeno, ele era distraído com facilidade, e nos alternamos para usar o álcool em gel para as mãos antes de entrar. Segurança em primeiro lugar, embora minha pobre pele arruinada mal tivesse se recuperado do massacre dermatológico anterior.

Sammy estava na última cama mais perto da janela, lendo o *Sunday Post*. Ele nos olhou por cima dos óculos enquanto nos aproximávamos; seu comportamento não era amistoso. Raymond limpou a garganta.

– Oi, sr. Thom – disse ele. – Eu sou Raymond, e esta é Eleanor. – Acenei com a cabeça para o velho. Raymond continuou a falar. – Nós, er, encontramos o senhor quando teve seu incidente, e vim com o senhor na ambulância até o hospital. Queríamos passar aqui hoje para dizer alô, ver como o senhor está...

Inclinei-me para a frente e estendi a mão. Sammy olhou fixamente para ela.

– Hein? – disse ele. – *Quem* você disse que era? – Ele parecia bem perturbado e bastante agressivo. Raymond começou a explicar outra vez, mas Sammy ergueu a mão espalmada para a frente para silenciá-lo. Apesar de vestir pijamas com listras brancas e seu cabelo branco estar felpudo e espetado como um filhote de pombo, ele ainda assim tinha uma figura surpreendentemente assertiva. – Agora parem, esperem um minuto – disse ele, e se inclinou na direção do armário à sua cabeceira, de onde pegou algo na prateleira.

Dei um passo involuntário para trás, quem poderia saber o que ele estava prestes a tirar dali? Ele inseriu alguma coisa no ouvido e mexeu nela por um instante. Esse lado de sua cabeça emitia um guincho agudo. Quando parou, ele sorriu.

– Certo, então – disse ele. – Assim é melhor. Agora eu consigo entender as coisas. Então, qual a história de vocês dois? Igreja, não é? Ou vocês estão tentando me alugar uma TV outra vez? Eu não quero, filho, já disse a seus amigos. Não vou de jeito nenhum pagar para ficar ali sentado assistindo a

toda *aquela* merda! Gordos fazendo dança de salão, homens crescidos fazendo bolos, pelo amor de Deus!

Raymond tornou a pigarrear e repetiu sua introdução, enquanto me inclinei para a frente e apertei a mão de Sammy. Sua expressão mudou instantaneamente, e ele sorriu para nós dois.

– Ah, então foram *vocês* dois, certo? Eu não parava de perguntar às enfermeiras quem tinha salvado minha vida. “Quem me trouxe para cá?”, eu dizia. “Como cheguei aqui?” Mas elas não sabiam me dizer. Sentem-se, vamos, sentem-se ao meu lado e me contem tudo sobre vocês. Não posso agradecer o suficiente por tudo o que fizeram, não posso mesmo. – Ele balançou a cabeça afirmativamente, e então seu rosto ficou muito sério. – Você só escuta hoje em dia que tudo está perdido, como todo mundo é pedófilo ou vigarista, e não é verdade. Você se esquece de que o mundo é um lugar cheio de pessoas comuns e decentes como vocês, bons samaritanos que vão parar e ajudar uma alma necessitada. Esperem só até minha família conhecê-los! Eles vão ficar muito satisfeitos, vão mesmo.

Ele recostou nos travesseiros, cansado do esforço de falar. Raymond puxou para mim uma cadeira de plástico, depois outra, para si mesmo.

– Como, então, está se sentindo, sr. Thom? – perguntou Raymond. – O senhor teve uma boa noite?

– Pode me chamar de Sammy, filho, não há necessidade de ter cerimônia. Estou bem, obrigado. Vou ficar bom logo, logo. Você e sua esposa, aqui, porém, salvaram minha vida, não há a menor dúvida disso.

Senti Raymond se remexer na cadeira e me inclinei para a frente.

– Sr. Thom – disse eu.

Ele ergueu as sobrancelhas, em seguida mexeu-as para mim de um modo bem desconcertante.

– Sammy – disse eu, me corrigindo, e ele balançou a cabeça afirmativamente para mim. – Infelizmente preciso esclarecer algumas imprecisões factuais – prossegui. – Em primeiro lugar, nós não salvamos sua vida. O crédito para isso deve ir para o serviço de ambulância, cuja equipe, embora um pouco brusca, fez o que foi necessário para estabilizar sua condição enquanto o trazia para cá. A equipe médica no hospital, incluindo o

anestesista e o cirurgião ortopédico que operou sua bacia, junto com os muitos outros profissionais de saúde que realizaram os cuidados pós-operatórios... Se alguém salvou o senhor, foram eles. Raymond e eu apenas chamamos o socorro e lhe fizemos companhia até o momento em que o Serviço Nacional de Saúde assumiu a responsabilidade.

– Sim, Deus abençoe o SNS, verdade – disse Raymond em uma interrupção rude. Eu dei para ele um de meus olhares mais sérios.

– Além disso – continuei –, preciso esclarecer *imediatamente* que Raymond e eu somos apenas colegas de trabalho. Com toda a certeza *não* somos casados. – Lancei um olhar duro para Sammy para assegurar que ele não tinha dúvidas. Sammy olhou para Raymond, Raymond olhou para Sammy. Um silêncio desconfortável, pelo menos para mim, se estendeu. Raymond chegou para a frente na cadeira.

– Então, eh, onde você mora, Sammy? O que estava fazendo no outro dia quando sofreu o acidente? – perguntou.

Sammy sorriu para ele.

– Sou da área, filho. Nascido e criado – disse ele. – Sempre faço minhas compras às sextas. Estava me sentindo um pouco esquisito naquela manhã, verdade, mas achei que fosse só minha angina. Nunca pensei que fosse parar no hospital!

Ele pegou um caramelo em um saco grande em seu colo, em seguida nos ofereceu. Raymond pegou um; eu recusei. A ideia de um doce maleável aquecido à temperatura corporal na virilha de Sammy (embora envolta em pijama de flanela e um cobertor) era repugnante.

Tanto Sammy quanto Raymond faziam barulho para mastigar. Enquanto mastigavam, olhei para as minhas mãos e percebi que pareciam esfoladas, quase queimadas, mas estava feliz pelo fato de o álcool em gel ter removido os germes e as bactérias que espreitavam por toda parte no hospital. E, supostamente, em mim.

– E vocês dois, vocês hoje vieram de longe até aqui? – perguntou Sammy. – Separados, quero dizer – acrescentou ele rapidamente, olhando para mim.

– Eu vivo no South Side – disse Raymond. – Eleanor... Você mora no West End, não é? – Balancei a cabeça afirmativamente sem desejo de revelar

mais precisamente meu local de residência. Sammy perguntou pelo trabalho, deixei que Raymond contasse a ele e me contentei em observar. Sammy parecia bem vulnerável, como as pessoas costumam ficar quando usam pijamas em público, mas ele era mais jovem do que eu pensara originalmente, acho que não mais de setenta, com olhos impressionantemente azuis.

– Não sei nada sobre design gráfico – disse Sammy. – Parece muito chique. No meu tempo eu era carteiro. Mas saí na hora certa. Posso viver de minha aposentadoria, desde que seja cuidadoso. Tudo agora está mudado, ainda bem que não estou mais lá. Toda a bagunça que fizeram. No meu tempo, era um serviço público correto...

Raymond assentia com a cabeça.

– Verdade – disse ele. – Lembra quando você costumava receber sua correspondência antes de sair de casa, de manhã, e também havia uma entrega na hora do almoço? Ela agora chega no meio da tarde, quando chega...

Preciso admitir que estava achando a conversa sobre correio um tanto tediosa.

– Quanto tempo você deve ficar aqui, Sammy? – disse eu. – Só pergunto porque as chances de contrair uma infecção pós-operatória aumentam significativamente em pacientes que ficam internados por muito tempo: gastroenterite, *Staphylococcus aureus*, *Clostridium difficile*...

Raymond me interrompeu outra vez.

– É – disse. – E aposto que a comida também é horrível, hein, Sammy?

Sammy riu.

– Nisso você não está errado, filho – disse ele. – Vocês tinham que ter visto o que eles serviram no almoço hoje. Era para ser um guisado irlandês... Parecia mais comida de cachorro em lata, tinha até o mesmo cheiro.

Raymond sorriu.

– Quer que a gente traga algo, Sammy? Podíamos dar um pulo na loja lá embaixo, ou talvez voltar depois, esta semana, e trazer alguma coisa que você precisar...

Raymond olhou para mim em busca de confirmação, e eu assenti. Eu não tinha razão para recusar a sugestão. Na verdade, era uma sensação bem agradável, pensar que eu podia ajudar uma pessoa idosa que estava sofrendo

devido a nutrição inadequada. Comecei a pensar no que trazer para ele, tipos de comida que podiam ser transportados sem contratempos. Eu me perguntei se Sammy ia gostar de massa fria ao pesto; eu podia fazer uma porção dupla para jantar uma noite e trazer o resto para ele no dia seguinte em um Tupperware. Eu não tinha nenhum, já que não tivera necessidade de um pote até hoje. Eu podia ir a uma loja de departamentos para comprar alguns. Isso parecia ser o tipo de coisa que uma mulher de minha idade e situação social poderia fazer. Empolgante!

– Ah, filho, é muito simpático de sua parte – disse Sammy, de algum modo acabando com minha animação. – Mas, na verdade, não há necessidade. Minha família vem aqui todo dia, duas vezes por dia. – Ele disse essa última parte com orgulho evidente. – Não consigo terminar nem metade das coisas que eles trazem. Tem tanto! Acabo tendo que dar a maior parte – disse ele, indicando os outros homens na enfermaria com um aceno altivo da mão.

– De quem sua família é constituída? – perguntei, um pouco surpresa por essa revelação. – Imaginei que você fosse solteiro e sem filhos, como nós.

Raymond se remexeu desconfortavelmente na cadeira.

– Eu sou viúvo, Eleanor – disse Sammy. – Jean morreu há cinco anos, câncer. Ela foi levada rapidamente, no fim. – Ele fez uma pausa e se sentou mais reto. – Tenho dois filhos e uma filha. Keith é meu mais velho, casado, com dois filhos pequenos. Eles são uns danadinhos, esses meninos – disse ele com os olhos franzidos. – Gary é meu outro filho; Gary e Michelle... Eles não são casados, mas moram juntos. As coisas parecem ser assim nos dias de hoje. E Laura, minha caçula... Bom, Deus sabe sobre Laura. Duas vezes divorciada aos trinta e cinco anos, vocês podem acreditar nisso? Ela tem um pequeno negócio, uma bela casa e um carro... Ela apenas parece não conseguir um bom homem. Ou quando encontra um, não consegue ficar com ele.

Achei isso interessante.

– Eu aconselharia sua filha a não se preocupar – falei com confiança. – Em minha experiência recente, o homem perfeito aparece quando você menos espera. O destino o joga em seu caminho, e em seguida a providência se assegura de que vocês acabem juntos.

Raymond fez um som estranho, alto, entre uma tosse e um espirro. Sammy deu um sorriso simpático para mim.

– É verdade? Então você mesma pode dizer isso a ela – disse ele. – Eles logo vão estar aqui.

Uma enfermeira passou quando ele disse isso e tinha nitidamente escutado. Ela estava repulsivamente acima do peso e usava tamancos de plástico brancos um tanto atraentes, combinando com meias incríveis listradas de preto e amarelo – seus pés pareciam grandes vespas gordas. Fiz uma anotação mental para perguntar a ela onde as havia comprado antes de sairmos.

– Há um máximo de três visitantes por cama – disse ela. – E estamos aplicando essa regra estritamente hoje, infelizmente. – Ela não pareceu achar nada infeliz tal medida. Raymond se levantou.

– Vamos embora e deixar que sua família o visite, Sammy – disse ele. Eu fiquei de pé, também; parecia apropriado.

– Sem pressa, sem pressa agora – disse Sammy.

– Devemos voltar depois, esta semana? – perguntei. – Há alguma revista ou jornal que gostaria que trouxéssemos?

– Eleanor, é como eu disse, vocês dois salvaram minha vida, nós agora somos uma família. Venham me visitar quando quiserem. Eu adoraria vê-la, querida – disse Sammy. Seus olhos estavam úmidos, como caramujos no mar.

Eu tornei a estender a mão e, em vez de apertá-la, ele segurou minhas duas mãos nas dele. Normalmente eu ficaria horrorizada, mas ele me surpreendeu. As mãos dele eram grandes e quentes, como as patas de um animal, e as minhas pareceram pequenas e frágeis dentro delas. Suas unhas eram bem compridas e retorcidas, e havia pelos grisalhos enrolados nas costas de suas mãos, que subiam e corriam para cima até entrar por baixo das mangas do pijama.

– Eleanor, escute – disse ele, olhando para mim nos olhos e apertando minhas mãos com força. – Obrigado outra vez, minha jovem, obrigado por cuidar de mim e trazer minhas compras. – Eu descobri que não queria remover as mãos do calor e da força das dele. Raymond tossiu, seus pulmões sem dúvida reagindo à ausência de carcinogênicos pela última meia hora, mais

ou menos.

Engoli em seco, de repente com dificuldade para falar.

– Volto depois, esta semana, então, com comestíveis – falei por fim. – Eu prometo. – Sammy assentiu.

– Até logo, então, cara – disse Raymond, colocando a mão carnuda no ombro de Sammy. – Vejo você em breve.

Sammy acenou para nós enquanto saíamos da enfermaria, e ainda acenava e sorria quando viramos a curva e seguimos na direção do elevador.



Nenhum de nós falou até chegarmos do lado de fora.

– Que cara simpático, hein? – disse Raymond, de algum modo de forma redundante.

Assenti, tentando guardar a sensação das minhas mãos nas dele, aconchegantes e seguras, e a expressão de bondade e calor em seus olhos. Descobri, para minha extrema consternação, que lágrimas nascentes se formavam em meus olhos, e virei o rosto para esfregá-las antes que se derramassem. De forma irritante, Raymond, normalmente a pessoa menos observadora, havia percebido.

– O que vai fazer pelo resto do dia, Eleanor? – perguntou Raymond com gentileza. Olhei para o relógio. Eram quase quatro.

– Acho que vou voltar para casa, talvez ler um pouco – respondi. – Tem um programa no rádio mais tarde para o qual as pessoas escrevem para pedir um trecho do que gostaram durante a semana. Isso costuma ser razoavelmente divertido.

Também estava pensando que podia comprar mais vodca, só meia garrafa, para completar o que restava. Desejava a sensação breve e penetrante de quando a bebo – uma sensação triste e ardente – e, depois, felizmente, nenhuma sensação. Também tinha visto a data no jornal de Sammy e lembrei que hoje era, na verdade, meu aniversário. Irritantemente, eu me esquecera de perguntar à enfermeira onde tinha comprado suas meias de vespa – elas podiam ter sido meu presente para mim mesma. Decidi que, em vez disso, podia comprar alguns junquinhos. Sempre amei seu aroma suave e a

delicadeza de suas cores – eles têm uma espécie de luminosidade empanada que é muito mais bonita que um girassol chamativo ou uma rosa clichê.

Raymond estava olhando para mim.

– Vou para a casa da minha mãe agora – disse ele.

Assenti, assoei o nariz e fechei o zíper de meu colete em preparação para a viagem para casa.

– Escute, você gostaria de vir comigo? – disse Raymond enquanto eu me virava na direção do portão.

Em hipótese alguma, foi meu pensamento imediato.

– Vou lá na maioria dos domingos – prosseguiu ele. – Ela não sai muito. Tenho certeza de que adoraria ver uma cara nova.

– Mesmo uma igual à minha? – perguntei. Eu não podia imaginar que alguém tivesse algum prazer especial em olhar para meu rosto, fosse pela primeira ou pela milésima vez. Raymond me ignorou e começou a remexer nos bolsos.

Pensei sobre sua sugestão enquanto ele acendia outro cigarro. Eu ainda podia comprar vodca e flores de aniversário a caminho de casa, afinal de contas, e podia ser interessante ver o interior da casa de outra pessoa. Tentei me lembrar da última vez em que tinha feito isso. Eu parara no corredor do apartamento de meus vizinhos de baixo alguns anos atrás, para entregar uma encomenda que eu recebera para eles. O lugar tinha um cheiro forte de cebolas, e havia uma feia luminária padrão no canto. Alguns anos antes disso, uma das recepcionistas dera uma festa em seu apartamento e convidara todas as mulheres do trabalho. Era um belo apartamento, um prédio residencial tradicional com vitrais, mogno e cornijas elaboradas. A “festa”, entretanto, tinha sido apenas um pretexto, uma espécie de ardil para dar a ela a oportunidade de nos vender brinquedos eróticos. Foi um espetáculo nada edificante; dezessete mulheres bêbadas comparando a eficácia de um conjunto de vibradores assustadoramente grandes. Fui embora depois de dez minutos, depois de beber um copo morno de pinot grigio, e me defendi de uma pergunta ultrajantemente descabida de uma prima da anfitriã sobre minha vida pessoal.

Estou familiarizada com o conceito de bacanais e festas dionisiacas, é

claro, mas me parece extremamente bizarro que mulheres gostem de passar a noite inteira bebendo e comprando tais objetos e, na verdade, que isso possa passar por “diversão”. A união sexual entre amantes devia ser algo particular e sagrado. Não devia ser tema de discussão com estranhos diante de um mostruário de lingerie comestível. Quando o músico e eu passássemos nossa primeira noite juntos, a união de nossos corpos iria espelhar a de nossas mentes, nossas almas. A diversidade dele; os pelos em sua axila, os botões de osso em sua clavícula. O cheiro de sangue na dobra de seu braço. A maciez quente de seus lábios, quando ele me toma nos braços e...

– Er, Eleanor? Alô? Eu estava dizendo... Precisamos ir agora para pegar o ônibus, se você vier à minha mãe.

Eu me arrastei de volta ao presente indesejado e à figura atarracada de Raymond, com seu agasalho encardido com capuz e tênis sujos. Talvez a mãe de Raymond se revelasse uma companhia com charme e inteligência. Eu duvidava, com base nos indícios de sua progênie, mas nunca se sabe.

– Sim, Raymond. Vou acompanhá-lo à casa de sua mãe – disse eu.

CLARO QUE RAYMOND NÃO TINHA CARRO. Eu diria que ele tinha por volta de trinta e cinco anos, mas havia algo adolescente, não completamente formado, nele. Em parte era o modo como se vestia, é claro. Eu ainda tinha que vê-lo com sapatos normais, de couro; ele usava tênis o tempo todo, e parecia possuir uma grande coleção de cores e estilos. Eu já percebi reincidentemente que as pessoas que rotineiramente usam tênis têm a menor possibilidade de fazer atividades físicas.

O esporte é um mistério para mim. No ensino fundamental, o dia do esporte era o único do ano em que estudantes menos academicamente dotados podiam triunfar. Vencendo prêmios por pular mais rápido em um saco, ou correr do ponto A ao B mais rápido que seus colegas de turma. Como eles adoravam usar aquelas medalhas em seus blazers no dia seguinte! Como se uma prata na corrida de ovo na colher fosse alguma espécie de compensação por não entender como usar um apóstrofo.

No ensino fundamental, a aula de educação física era simplesmente insondável. Tínhamos que usar roupas especiais e em seguida correr infinitamente em torno de um campo, e de vez em quando nos mandavam segurar um tubo de metal e passá-lo para outra pessoa. Se não estivéssemos correndo, estávamos pulando em uma caixa de areia ou por cima de uma pequena barra sobre pernas. Havia um jeito especial de fazer isso; você não podia simplesmente correr e saltar, tinha que primeiro dar uma saltitada estranha. Perguntei o motivo, mas nenhum dos professores de educação física (a maioria dos quais, até onde eu podia averiguar, tinha dificuldade para lhe dizer as horas) pôde me fornecer uma resposta. Todas pareciam atividades estranhas de se impor a jovens sem qualquer interesse nelas, e na verdade estou certa de que elas apenas serviam para alienar a maioria de nós de

atividades físicas pelo resto da vida. Felizmente, sou naturalmente flexível e de membros elegantes, e gosto de andar, por isso sempre me mantive em um estado razoável de forma física. Minha mãe tem uma aversão especial por excesso de peso (“Animal guloso e preguiçoso”, sibilava ela se alguém assim passasse por nós na rua), e eu talvez possa ter internalizado essa visão até certo ponto.

Raymond não era gordo, mas era cheinho e um pouco barrigudo. Nenhum de seus músculos era visível, e desconfio que ele usasse apenas os de seu antebraço com algum grau de regularidade. Suas escolhas de vestimentas não ajudavam seu físico pouco atraente: jeans largos, camisetas folgadas com dizeres e imagens infantis. Ele se vestia como um garoto em vez de como um homem. Sua higiene pessoal era desleixada também, e ele costumava estar com a barba por fazer – não era exatamente uma barba, mas pelos crescendo com falhas, que faziam apenas com que ficasse com aparência relaxada. Seu cabelo, um loiro sujo cor de rato, era cortado curto, e recebia o mínimo de atenção – no máximo, talvez, uma esfregada com uma toalha suja depois de lavar. A impressão geral era de um homem que, se não era exatamente um vagabundo, sem dúvida tinha dormido mal em uma pensão ou no chão de um estranho na noite anterior.

– Aí está nosso ônibus, Eleanor – disse Raymond cutucando-me de maneira indelicada. Eu estava com meu passe de viagem pronto, mas, tipicamente, Raymond não tinha um, preferindo pagar um preço bem mais alto por falta de um momento de planejamento prévio. Ele não tinha, revelou-se, nem mesmo o troco certo, por isso tive de lhe emprestar uma libra. Eu não ia me esquecer de cobrar no trabalho, no dia seguinte.

A viagem até a casa de sua mãe levou cerca de vinte minutos, durante os quais expliquei os benefícios de um passe de viagem para ele, incluindo onde era possível comprar uma coisa dessas e quantas viagens era preciso fazer para compensar ou, na verdade, para viajar de fato de graça. Ele não pareceu particularmente interessado, e nem me agradeceu quando terminei. Ele é um conversador espetacularmente sem sofisticação.

Caminhamos através de um pequeno conjunto residencial de casas brancas quadradas; havia quatro projetos diferentes de casa espalhados em um padrão

previsível. Cada uma delas tinha um carro de aspecto novo na entrada de automóveis e indícios de crianças – bicicletas pequenas com rodinhas, um aro de basquete preso à parede da garagem –, mas não se via nem ouvia nenhuma. Todas as ruas tinham nomes de poetas – Wordsworth Lane, Shelley Close, Keats Rise –, sem dúvida escolhidos pelo departamento de marketing da construtora. Eram todos poetas que o tipo de pessoa que desejaria uma casa daquelas reconheceria, poetas que escreveram sobre vasos e flores e nuvens errantes. Com base em experiências passadas, eu provavelmente ia acabar morando na rua Dante Lane ou na Poe.

Eu estava bem familiarizada com aquele ambiente depois de viver em várias casas virtualmente idênticas em ruas virtualmente idênticas durante minha colocação em lares adotivos. Ali não haveria aposentados, nada de amigos dividindo uma casa, e ninguém morando sozinho, com a exceção de um divorciado transitório ocasional. Carros com aspecto de novo se alinhavam em entradas de garagem, idealmente dois por casa. Famílias chegavam e saíam, e todo o lugar parecia, de algum modo, temporário, como um cenário teatral que tivesse sido montado às pressas e pudesse ser trocado a qualquer momento. Eu estremeci, espantando as memórias.

A mãe de Raymond vivia em uma bela fileira de casas geminadas por trás das residências novas, uma fileira de casas duplas de chapisco de seixos. Era moradia social; as ruas, aqui, tinham o nome de políticos locais obscuros. Os que haviam comprado suas casas haviam instalado portas de PVC de vidro duplo, ou acrescentado pequenas varandas. A propriedade da família de Raymond não tinha sido modificada.



Raymond ignorou a porta da frente e fez a volta pela lateral da casa. O jardim dos fundos tinha um barracão com cortinas de filó na janela, e um quadrado de grama verde marcado por estacas de varal. Roupa lavada tremulava na corda, segura com precisão militar, uma fileira de lençóis e toalhas brancos simples e, ao lado, uma linha alarmante de roupa íntima esticada. Havia uma horta com ruibarbo de uma exuberância tropical e fileiras organizadas de cenouras, alhos-poró e repolhos. Admirei a simetria e a precisão com as quais

eles tinham sido dispostos.

Raymond empurrou e abriu a porta dos fundos sem bater, e gritou alô enquanto caminhava pela cozinha pequena. Tinha um cheiro delicioso de sopa, salgado e quente, provavelmente emanando da panela grande em cima do fogão. O chão e todas as superfícies eram imaculadamente limpos e organizados, e eu tive certeza de que, se abrisse uma gaveta ou armário, tudo no interior estaria impecável e muito bem organizado. A decoração era simples e funcional, mas com eventuais lampejos kitsch – havia um calendário grande com uma fotografia horrível de dois gatinhos em uma cesta, e um tubo de tecido para guardar sacos plásticos desenhados para se assemelhar a uma boneca antiga pendia de uma maçaneta na porta. Uma única xícara, copo e prato estavam arrumados no corredor.

Entramos em um corredor diminuto e segui Raymond até a sala de estar que, mais uma vez, estava imaculada, e cheirava a lustra-móveis. Havia um vaso de crisântemos sobre o batente da janela, e uma confusão descuidada de fotografias em porta-retratos e enfeites estava protegida pelas portas de vidro fumê de uma cristaleira fora de moda como relíquias sagradas. Uma mulher idosa em uma poltrona levou a mão à frente e pegou o controle remoto para tirar o som de uma TV enorme. Ela estava mostrando aquele programa no qual as pessoas levam coisas velhas para ser avaliadas e, depois, se descobrem que valem alguma coisa, fingem gostar demais delas para vendê-las. Havia três gatos deitados no sofá; dois olharam para nós, o terceiro apenas abriu um olho e em seguida voltou a dormir, sem nos considerar dignos de resposta.

– Raymond, filho! Entre, entre – disse a senhora, apontando para o sofá e se inclinando para a frente na poltrona para espantar as criaturas.

– Trouxe uma amiga do trabalho, mãe. Espero que não tenha problema – disse ele caminhando adiante e lhe dando um beijo no rosto. Eu me aproximei e estendi a mão.

– Eleanor Oliphant, é um prazer conhecê-la – disse eu. Ela pegou minha mão, em seguida a segurou entre as suas, de um modo muito parecido com o que Sammy fizera.

– É muito bom vê-la, querida – disse ela. – Sempre gosto de conhecer os amigos de Raymond. Você não quer se sentar? Tenho certeza de que vai

precisar de uma xícara de chá. Com o que você toma? – Ela moveu-se para se levantar, e percebi o andador com rodinhas ao lado da poltrona.

– Fique onde está, mãe, eu pego – disse Raymond. – O que acham de eu fazer uma bela xícara para todos nós?

– Seria adorável, filho – disse ela. – Tem alguns biscoitos, também. Recheados e cobertos com chocolate, seus favoritos.

Raymond foi para a cozinha e eu me sentei no sofá, à direita de sua mãe.

– Ele é um bom garoto, meu Raymond – disse ela com orgulho. Eu não estava certa da melhor maneira de responder àquilo e optei por um leve balanço de cabeça. – Então vocês trabalham juntos – disse ela. – Você também conserta computadores? Meu Deus, as garotas podem fazer praticamente qualquer coisa hoje em dia, não podem?

Ela era tão limpa e arrumada quanto sua casa, com a blusa presa em torno do pescoço por um broche. Usava chinelos de veludo vinho com uma aplicação de pele de carneiro, que parecia confortável. Estava na casa dos setenta, eu diria, e percebi, quando apertei sua mão, que os nós de seus dedos estavam inchados, do tamanho de groselhas.

– Trabalho no departamento de contas, sra. Gibbons – expliquei. Contei a ela um pouco sobre meu trabalho, e ela pareceu ficar fascinada, balançando a cabeça e dizendo de vez em quando: “É mesmo?” e “Nossa, isso é muito interessante”. Quando terminei meu monólogo, depois de exaurir as oportunidades já limitadas de conversa proporcionada por contas a pagar, ela sorriu.

– Você é daqui, Eleanor? – perguntou ela com delicadeza. Normalmente, detesto que me façam perguntas desse jeito, mas estava claro que seu interesse era autêntico e sem malícia, por isso contei a ela onde vivia, sendo deliberadamente vaga em relação à localização exata. Ninguém nunca devia revelar o lugar exato de sua residência para estranhos.

– Mas você não tem sotaque? – disse ela, pronunciando isso como outra pergunta.

– Passei o início da infância no sul – disse eu. – Mas me mudei para a Escócia quando tinha dez anos.

– Ah – disse ela. – Isso explica. – Ela pareceu satisfeita. Percebi que a

maioria dos escoceses não pergunta mais sobre “o sul”, e só posso imaginar que essa descrição englobe uma espécie de grande condado genérico da Inglaterra para eles, com corridas de barco e chapéus-coco, como se Liverpool e Cornwall fossem o mesmo tipo de lugar, habitados pelo mesmo tipo de gente. De modo oposto, eles afirmam sempre de maneira radical que cada parte de sua própria terra é única e especial. Não sei ao certo por quê.

Raymond voltou com as coisas do chá e um pacote de biscoitos em uma bandeja espalhafatosa de plástico.

– Raymond! – disse a mãe dele. – Você podia ter posto o leite em uma jarra, pelo amor de Deus! Nós temos visita!

– É só Eleanor, mãe – disse ele, em seguida olhou para mim. – Você não se importa, não é?

– De jeito nenhum – disse eu. – Sempre uso a caixa em casa, também. É apenas um recipiente para transferir o líquido para a xícara; na verdade, é provavelmente mais higiênico do que usar um jarro descoberto, imagino.

Levei a mão à frente para pegar um biscoito. Raymond já estava mastigando o dele. Os dois conversaram sobre assuntos sem importância e eu me instalei no sofá. Nenhum deles tinha a voz particularmente estridente, e eu ouvi o antigo relógio de viagem em cima da lareira tiquetaquear alto. Estava quente, do lado certo do calor opressivo. Um dos gatos, deitado de lado em frente ao fogo, se esticou todo, estremeceu e, em seguida, voltou a dormir. Havia uma foto ao lado do relógio, com as cores esmaecidas pela idade. Um homem, obviamente o pai de Raymond, dava um grande sorriso para a câmera com uma taça de champanhe na mão em um brinde.

– Esse é o pai de Raymond – disse a mãe dele, percebendo. Ela sorriu. – Isso foi no dia em que Raymond recebeu o resultado dos exames para a universidade. – Ela olhou para ele com orgulho evidente. – Nosso Raymond foi o primeiro da família a fazer faculdade – disse ela. – O pai dele ficou todo bobo. Só queria que ele pudesse ter estado presente na formatura. Que dia foi aquele, hein, meu filho? – Raymond sorriu e assentiu.

– Ele teve um ataque cardíaco pouco depois que comecei a faculdade – explicou ele.

– Nunca conseguiu desfrutar de sua aposentadoria – disse a mãe dele. –

Normalmente acontece assim. – Os dois ficaram sentados em silêncio por um momento.

– Ele trabalhava com o quê? – perguntei. Eu não estava interessada, mas achei que era apropriado.

– Era bombeiro gasista – disse Raymond.

A mãe dele aquiesceu.

– Ele trabalhava duro todos os dias, e nunca nos faltou nada, não é, Raymond? Nós tirávamos férias todos os anos e tínhamos um belo carrinho. De qualquer modo, pelo menos ele conseguiu ver nossa Denise se casar. Isso é alguma coisa.

Eu devo ter parecido confusa.

– Minha irmã – explicou Raymond.

– Ah, pelo amor de Deus, Raymond. Ocupado demais falando de futebol e computadores, sem dúvida. E, de qualquer maneira, não acho que ela esteja interessada nesse tipo de coisa. Garotos, hein, Eleanor? – Ela sacudiu a cabeça para mim com um sorriso.

Isso era intrigante. Como era possível esquecer que tinha uma irmã? Ele não havia esquecido, suponho, simplesmente a irmã era familiar demais; um fato da vida imutável e desinteressante, nem sequer digno de menção. Era impossível para mim imaginar tal situação, sozinha como eu era. Só mamãe e eu habitamos o mundo dos Oliphants.

A mãe dele ainda estava falando.

– Denise tinha onze anos quando Raymond chegou, ele foi uma surpresa e uma benção.

Ela olhou para ele com tanto amor que tive que virar o rosto. Pelo menos eu sei como o amor se parece, disse a mim mesma. Isso é importante. Ninguém nunca tinha me olhado desse jeito, mas eu seria capaz de reconhecer se fizessem isso.

– Aqui, filho, pegue o álbum. Vou mostrar a Eleanor aquelas fotos de nossas primeiras férias em Alicante, no verão antes de você ter começado na escola. Ele ficou preso em uma porta giratória no aeroporto – disse ela, em voz baixa, inclinando-se confidencialmente em minha direção.

Eu ri alto com a expressão de horror absoluta no rosto de Raymond.

– Mãe, Eleanor não quer morrer de tédio vendo nossas fotos antigas – disse ele, enrubescendo de um jeito que supus que algumas pessoas pudessem considerar charmoso. Pensei por um momento em insistir que eu adoraria vê-las, mas ele parecia tão infeliz que eu não consegui fazer isso. De forma conveniente, meu estômago deu um ronco alto. Eu havia comido apenas o biscoito desde meu antepasto na hora do almoço de anéis de macarrão na torrada. Ela tossiu educadamente.

– Você vai ficar para o chá, não vai, Eleanor? Não é nada de mais, mas você é bem-vinda.

Olhei para meu relógio. Eram apenas cinco e meia, uma hora estranha para comer, mas eu estava com fome, e isso ainda me daria tempo para ir ao Tesco a caminho de casa.

– Eu adoraria, sra. Gibbons – respondi.

Sentamos ao redor da pequena mesa da cozinha. A sopa estava deliciosa; ela disse que tinha usado um joelho de porco para fazer o caldo, depois desfiou a carne na sopa, que também estava cheia de vegetais da horta. Havia pão, manteiga e queijo, e depois tomamos uma xícara de chá e bolo recheado com creme. O tempo todo a sra. Gibbons nos entreteve com histórias das várias excentricidades e doenças de seus vizinhos, junto com atualizações nas atividades de seus familiares, o que parecia ser de tão pouca relevância para Raymond quanto era para mim, a julgar por sua expressão. Ele provocava a mãe com frequência e afeto, e ela respondia com irritação fingida. Dando-lhe um tapa delicado no braço ou o repreendendo pela indelicadeza. Eu me senti quente, cheia e confortável de um jeito que não me lembrava de ter me sentido antes.

A mãe de Raymond se levantou. Ficou de pé e pegou o andador. Tinha artrite debilitante nos joelhos e nos quadris, disse-me Raymond enquanto ela subia com dificuldade a escada para ir ao banheiro. A casa, na verdade, não era adequada para alguém com mobilidade limitada, mas ela se recusava a se mudar, disse ele, porque tinha vivido ali por toda a vida adulta e tinha sido o lugar onde criara sua família.

– Bem, então – disse ela ao voltar do andar de cima. – Vou lavar esses poucos pratos, depois podemos nos sentar e ver um pouco de TV. – Raymond

ficou de pé imediatamente.

– Sente-se, mãe, deixe que eu faço isso, não vai levar um minuto. Eleanor vai me ajudar, não vai, Eleanor?

Eu me levantei e comecei a recolher os pratos. A sra. Gibbons protestou com veemência, mas acabou por sentar outra vez na cadeira, devagar e desajeitada, e ouvi um pequeno suspiro de dor.

Raymond lavou e eu sequei. Foi sua sugestão – de algum modo ele percebera minhas mãos vermelhas e inflamadas, embora não tenha falado nada sobre isso. Apenas me empurrou delicadamente para longe da pia e me jogou um pano de prato – um bem vistoso com um terrier escocês usando uma gravata-borboleta de tartan – em meus dedos machucados.

O pano de prato era macio e fibroso, como se tivesse sido lavado muitas vezes, e tivesse sido passado a ferro em um quadrado bem dobrado. Dei uma olhada nos pratos antes de empilhá-los na mesa para que Raymond os guardasse. A louça era velha, mas de boa qualidade, pintada com rosas avermelhadas e com bordas de um dourado desbotado. A sra. Gibbons me viu olhando para ela. Sem dúvida não havia nada de errado com seus poderes de observação.

– Essa foi a porcelana de meu casamento, Eleanor – disse ela. – Imagine, ainda em perfeito estado quase cinquenta anos depois!

– Você ou a porcelana? – disse Raymond, e ela fez uma expressão de desaprovação e sacudiu a cabeça com um sorriso. Havia um silêncio confortável enquanto fazíamos nossas respectivas tarefas.

– Diga-me, você está namorando atualmente, Eleanor? – perguntou ela.

Que entediante.

– No momento, não – respondi. – Mas estou de olho em alguém. É só questão de tempo. – Houve um estrondo na cozinha quando Raymond jogou com barulho a concha no escorredor.

– Raymond! – disse a mãe. – Cuidado com seus dedos frouxos!

Eu estava acompanhando o músico on-line, é claro, mas ele estava bem quieto, virtualmente falando. Algumas fotos no Instagram de refeições que fizera, alguns tuítes, atualizações desinteressantes do Facebook sobre a música de outras pessoas. Eu não me importava. Era apenas questão de esperar com

paciência. Se eu sabia uma coisa sobre romance, era que o momento perfeito para nos conhecermos e nos apaixonarmos chegaria quando eu menos esperasse, e no conjunto de circunstâncias mais charmoso. Dito isso, se não acontecesse logo, eu mesma faria acontecer.

– E sua família? – disse ela. – Eles moram perto? Tem irmãos ou irmãs?

– Não, infelizmente – disse eu. – Eu teria amado ter crescido com irmãos. – Pensei a respeito disso. – Na verdade, é uma das grandes fontes de tristeza em minha vida – eu me ouvi dizer. Eu nunca enunciara uma frase dessas antes e, na verdade, não tinha sequer formado completamente o pensamento até esse mesmo momento. Eu me surpreendi. *E de quem é a culpa disso, afinal?* Uma voz sussurrava em meu ouvido, fria e cortante. Raivosa. Minha mãe. Fechei os olhos para tentar me livrar dela.

A sra. Gibbons pareceu sentir meu desconforto.

– Ah, mas tenho certeza de que, então, isso deve significar que você teve uma relação adoravelmente próxima com sua mãe e seu pai, não? Aposto que você é tudo para eles, sendo a única.

Olhei para meus sapatos. Por que eu os havia escolhido? Eu não conseguia me lembrar. Eles eram presos por velcro para serem fáceis de usar e eram pretos, o que combinava com tudo. Eram baixos pelo conforto, e reforçados ao redor do tornozelo para dar apoio. Eles eram, eu percebi, horríveis.

– Não seja tão enxerida, mãe – disse Raymond, secando as mãos no pano de prato. – Você parece a Gestapo!

Achei que ela ficaria com raiva, mas foi pior que isso. Ela se desculpou.

– Ah, Eleanor, desculpe, amor. Não queria aborrecê-la. Por favor, querida, não chore. Me desculpe.

Eu estava chorando de soluçar! Eu não chorava de modo tão extravagante em anos. Tentei me lembrar da última vez; foi depois que eu e Declan nos separamos. Mesmo na época, não foram lágrimas emotivas – eu estava chorando de dor, porque ele quebrara meu braço e duas costelas quando finalmente pedi a ele que fosse embora. Isso simplesmente não era correto, chorar na cozinha da mãe de um colega. O que minha mãe diria? Eu me recompus.

– Por favor, não se desculpe, sra. Gibbons – disse eu, com a voz rouca, que

em seguida mudou de tom como um garoto adolescente enquanto eu tentava acalmar minha respiração e secava os olhos no pano de prato. Ela estava literalmente retorcendo as mãos, e parecia estar à beira das lágrimas também. Raymond estava com o braço em torno de seu ombro.

– Não fique aborrecida, mãe. Você não teve nenhuma intenção, e ela sabe disso, não é, Eleanor?

– Sim, claro! – afirmei e, em um impulso, inclinei-me sobre a mesa e apertei sua mão. – Sua pergunta foi ao mesmo tempo razoável e apropriada. Minha resposta, entretanto, não foi. Não tenho palavras para explicá-la. Por favor, aceite minhas desculpas, se eu a deixei desconfortável.

Ela pareceu aliviada.

– Graças a Deus por isso, querida – disse ela. – Eu não estava esperando lágrimas na cozinha hoje!

– Ah, normalmente é sua comida que me faz chorar, mãe – disse Raymond, e ela riu em silêncio. Eu limpei a garganta.

– Sua pergunta me pegou desprevenida, sra. Gibbons – expliquei. – Nunca conheci meu pai e não sei nada sobre ele, nem seu nome. Mamãe atualmente está... Digamos apenas que ela está *hors de combat*. – Recebi olhares inexpressivos dos dois. Eu nitidamente não estava em meio a francófonos. – Eu nunca sequer a vejo... Ela é... inacessível – continuei. – Nós nos comunicamos uma vez por semana, mas...

– É claro, isso deixaria qualquer um triste, amor, é claro que deixaria – disse ela, balançando a cabeça de maneira simpática. – Todo mundo precisa de sua mãe de vez em quando, não importa a idade que tenha.

– Ao contrário – disse eu. – Talvez o contato semanal seja demais para mim. Minha mãe e eu, nós somos... Bom, é complicado...

A sra. Gibbons balançou a cabeça de maneira simpática, esperando que eu continuasse. Eu, por outro lado, sabia que era hora de parar. Uma van de sorvetes passou pela rua, seus sinos tocando “Yankee Doodle”, executada alguns hertz dolorosos abaixo das notas corretas. Eu me lembrei da letra, com *feathers in caps* e *macaroni*, de algum baú de memórias profundo e completamente inútil.

Raymond bateu palmas e juntou as mãos em falsa cordialidade.

– Certo, então, a hora está passando. Mãe, vá se sentar, seu programa está prestes a começar. Eleanor, você podia, talvez, por favor, me dar uma ajuda para trazer a roupa limpa?

Fiquei satisfeita em ajudar, satisfeita por me afastar da conversa relacionada a minha mãe. Havia várias tarefas com as quais a sra. Gibbons precisava de ajuda – Raymond escolhera trocar a areia dos gatos e esvaziar as latas de lixo, de modo que eu sem dúvida tirara a sorte grande com a roupa.

Lá fora, o sol do entardecer estava fraco e pálido. Havia uma fileira de jardins à direita e à esquerda, que se estendia nas duas direções. Coloquei o cesto de roupa limpa no chão, peguei o saco de pregadores (no qual alguém escrevera em letra manuscrita floreada “pregadores”) e o pendurei na corda. A roupa estava seca e cheirava a verão. Ouvi as batidas sincopadas de uma bola de futebol sendo chutada contra uma parede e garotas cantarolando enquanto uma corda rodava e deslizava pelo chão. Os sinos distantes da van de sorvete agora estavam quase inaudíveis. A porta dos fundos de alguém bateu, e uma voz masculina gritou uma reprimenda furiosa para – era de se esperar – um cachorro. Havia o canto de pássaros, uma segunda voz acima dos sons de uma TV que saíam por uma janela aberta. Tudo dava a sensação de segurança, tudo dava a sensação de *normalidade*. Como a vida de Raymond tinha sido diferente da minha – uma família apropriada, uma mãe e um pai e uma irmã, aconchegada em meio a outras famílias apropriadas. Como ainda era diferente; todo domingo, aqui, isso.

De volta à casa, ajudei Raymond a trocar os lençóis na cama da mãe pelos limpos que eu trouxera do varal. O quarto dela era muito rosa e cheirava a talco. Era limpo e trivial – não como um quarto de hotel, mais como uma hospedaria, imaginei. Tirando um folheto grosso e um pacote de menta extraforte na mesa de cabeceira, não havia nada pessoal no quarto, nenhuma pista da personalidade da dona. Fiquei impressionada que, da melhor maneira possível, ela não tivesse personalidade; era uma mãe, uma mulher boa e amorosa, sobre quem ninguém jamais iria dizer: “Era louca, aquela Betty!”, “Você nunca vai adivinhar o que Betty fez agora!”, ou “Depois de examinar os relatórios psiquiátricos, Betty não obteve fiança com a justificativa de que apresentava risco extremo para o público em geral”. Ela era, bem

simplesmente, uma senhora simpática que criara uma família e agora vivia tranquilamente com os gatos e plantava hortaliças. Isso era ao mesmo tempo nada e tudo.

– Sua irmã o ajuda com sua mãe, Raymond? – perguntei. Ele estava atrapalhado com o edredom e eu o tomei dele. Existe um talento especial para essas coisas. Raymond é um homem sem esse talento. Ele botou as fronhas (flores, babados), em vez disso.

– Não – disse ele, concentrado. – Ela tem dois filhos, e eles dão trabalho. Mark trabalha embarcado, por isso ela é mãe solteira às vezes por semanas, na verdade. Não é fácil. Ela diz que vai ser melhor quando as crianças estiverem na escola.

– Ah – disse eu. – Você... Você gosta de ser tio, então? – Tio Raymond. Senti que ele era um exemplo um tanto improvável. Ele deu de ombros.

– É, eles são bem divertidos. Para ser honesto, não é nada difícil. Eu só dou a eles uma grana no Natal e nos aniversários e os levo ao parque algumas vezes por mês. Trabalho feito.

Eu nunca seria tia, é claro. Provavelmente é uma coisa boa.

– Você teve sorte de escapar de mamãe e dos álbuns de fotos dessa vez, Eleanor – disse Raymond. – Ela vai matar você de tédio da próxima vez com os netos, pode esperar.

Ele estava fazendo suposições demais aqui, pensei, mas deixei passar. Olhei para meu relógio, surpresa ao ver que passava das oito.

– Eu preciso ir, Raymond – disse.

– Você não quer ficar mais uma hora, mais ou menos? Vou ter terminado aqui, e podemos pegar o ônibus juntos – disse ele. Eu, naturalmente, recusei.

Desci e agradei a sra. Gibbons pelo “chá”. Ela, por sua vez, agradeceu-me profusamente por ajudar com as tarefas.

– Eleanor, foi adorável, foi mesmo – disse ela. – Eu não passo do jardim há meses. Esses meus joelhos... Então é um prazer ver um rosto novo e, além disso, tão amistoso. Você foi de grande ajuda na casa também; obrigada, querida, muito obrigada.

Sorri para ela. Duas vezes em um dia, receber um obrigada e consideração sincera! Eu nunca teria suspeitado que pequenas ações pudessem provocar

respostas tão genuínas e generosas. Senti um breve calor, por dentro – não uma labareda, mais como uma vela acanhada e constante.

– Volte quando quiser, Eleanor, sempre estou em casa. Você não precisa vir com... – Ela apontou um dedo na direção de Raymond. – *Ele*, venha sozinha, se quiser. Você, agora, sabe onde estou. Não suma.

Por impulso, inclinei-me para a frente e rocei minha bochecha (não a com cicatrizes, a normal) perto da dela. Não foi um beijo nem um abraço, mas foi o mais perto a que consegui chegar.

– Até logo! – disse ela. – Volte em segurança para casa!

Raymond foi comigo até o fim da rua para me mostrar onde ficava o ponto de ônibus. Como era domingo, eu provavelmente teria que esperar um pouco, disse ele. Eu dei de ombros. Estava acostumada a esperar, e a vida me ensinou a ser uma pessoa muito paciente.

– Até amanhã, então, Eleanor – disse ele.

Peguei meu passe de viagem e o mostrei a ele.

– Viagens ilimitadas! – disse eu. Ele fez que sim com a cabeça e deu um pequeno sorriso. Milagrosamente, o ônibus chegou. Eu estendi a mão e subi a bordo. Olhei fixamente adiante quando o ônibus saiu para evitar qualquer desconforto com acenos.

Tinha sido um dia e tanto. Eu me sentia esgotada, mas algo havia se cristalizado em minha mente. Essas pessoas novas, aventuras novas... Esse contato. Eu achei isso atordoante; mas, para minha surpresa, não de todo desagradável. Eu tinha lidado surpreendentemente bem, pensei, conhecera pessoas novas, me apresentara a elas e passáramos um bom tempo livre socializando sem problemas. Se havia uma coisa que eu podia tirar das experiências de hoje era isso: eu estava quase pronta para declarar minhas intenções para o músico. O momento de nosso primeiro encontro grandioso estava chegando cada vez mais perto.

NÃO VI RAYMOND NA SEGUNDA-FEIRA, nem na terça. Não pensei nele, embora minha mente tivesse, às vezes, voltado a Sammy e à sra. Gibbons. Eu podia, é claro, visitar algum deles ou os dois sem Raymond estar presente. Na verdade, os dois reforçaram isso para mim no domingo. Mas seria melhor se ele estivesse ao meu lado? Desconfiei que sim, e não só porque ele sempre podia preencher um silêncio com comentários e perguntas banais e inócuas se a necessidade surgisse. Enquanto isso, eu fui à loja de celulares com o letreiro menos chamativo localizada mais perto do escritório e, com os conselhos altamente suspeitos de um vendedor entediado, acabei por comprar um aparelho razoavelmente caro e um “pacote” que me permitia fazer ligações, acessar a internet e também várias outras coisas, a maioria das quais não tinha nenhum valor para mim. Ele mencionou aplicativos e jogos; perguntei sobre palavras cruzadas, mas fiquei muito desapontada com a resposta. Eu estava me familiarizando com o manual do aparelho novo em vez de completar os detalhes dos impostos na fatura do sr. Leonard quando, muito contra minha vontade, tomei consciência da conversa que circulava ao meu redor, devido a seu volume excessivo. Era, de forma surpreendente, sobre o tema de nosso almoço anual de Natal.

– É, mas eles fornecem diversão! E muitos outros grupos grandes vão, então podemos conhecer gente nova, nos divertir – dizia Bernadette.

Diversão! Em me perguntei se isso envolveria uma banda e, se sim, será que podia ser a banda *dele*? Um milagre de Natal bem antecipado? Seria o destino intervindo mais uma vez? Antes que eu pudesse perguntar por detalhes, Billy falou:

– Você só quer dar uns pegas em algum cara bêbado da Allied Carpets. Não vou pagar sessenta libras por cabeça de jeito nenhum por um jantar com

peru assado seco e uma discoteca brega vespertina. Não se for só para vocês saírem à caça!

Bernadette riu e lhe deu um tapa no braço.

– Não – disse ela. – Não é isso. Eu só acho que pode ser mais divertido se houver mais gente lá, é só...

Janey olhou discretamente para os outros, achando que eu não a tinha visto. Eu vi seus olhos pairando sobre minhas cicatrizes, como faziam com frequência.

– Vamos perguntar à Harry Potter ali – disse ela em voz não muito baixa, em seguida se virou para se dirigir a mim.

– Eleanor! Ei, Eleanor! Você é uma garota descolada, não é? O que acha: aonde devíamos ir para o almoço de Natal do escritório este ano?

Olhei explicitamente para o calendário de parede do escritório que, este mês, exibia uma fotografia de um caminhão verde articulado.

– Estamos no meio do ano – disse eu. – Na verdade, não posso dizer que tenha pensado nisso.

– É – disse ela. – Mas precisamos reservar alguma coisa logo. Do contrário, todos os lugares bons estarão cheios e sobrarão algo tipo um pub ou hotel da rede Wetherspoons ou um restaurante italiano vagabundo.

– É uma questão de suprema indiferença para mim – respondi. – Não vou mesmo. – Esfreguei a pele rachada entre meus dedos. Estava sarando, mas o processo era dolorosamente lento.

– Ah, isso mesmo – disse ela. – Você nunca vai, não é? Eu tinha me esquecido disso. Você também não participa do amigo oculto. Eleanor, a Grinch, é assim que devíamos chamar você. – Todos eles riram.

– Não entendo essa referência cultural – comentei. – Entretanto, para esclarecer, eu sou ateia, e não me deixo levar pelo consumo, por isso o festival de compras conhecido como Natal tem pouco interesse para mim.

Voltei para meu trabalho na esperança de que isso os inspirasse a fazer o mesmo. Eles são como crianças pequenas, facilmente distraídas, e contentes em passar o que parecem horas discutindo trivialidades e fofocando sobre pessoas que não conhecem.

– Parece que *alguém* teve uma experiência ruim com o Papai Noel no

passado – disse Billy, e então, felizmente, o telefone tocou. Eu dei um sorriso triste. Ele não podia imaginar o tipo de experiências ruins que eu tive *no passado*.

Era uma ligação interna: Raymond perguntando se eu queria visitar Sammy outra vez com ele esta tarde. Uma quarta-feira. Eu ia perder minha conversa semanal com mamãe. Nunca tinha perdido uma, nenhuma, em todos esses anos. Mas afinal, o que ela podia de fato fazer a respeito no fim das contas? Não era possível haver muito problema em perder isso, só dessa vez. E Sammy precisava de comida nutritiva. Eu aceitei.



Nosso encontro foi marcado para as cinco e meia. Eu insisti para nos encontrarmos em frente ao correio, temendo a reação de meus colegas de escritório se fôssemos observados deixando o trabalho juntos. A tarde estava fresca e agradável, por isso decidimos caminhar até o hospital, o que levaria apenas vinte minutos. Raymond sem dúvida estava precisando de exercício.

– Como foi seu dia, Eleanor? – quis saber ele, fumando enquanto caminhávamos. Mudei de lado, tentando me posicionar longe das toxinas.

– Bem, obrigada. Comi um sanduíche de queijo com pickles no almoço, com batatinhas fritas prontas e salgadas e um suco de manga. – Ele soprou fumaça pelo lado da boca e riu.

– Mais alguma coisa aconteceu? Ou só o sanduíche?

Pensei nisso.

– Houve uma discussão prolongada sobre locais para o almoço de Natal – falei. – Aparentemente, isso foi reduzido ao TGI Fridays, porque “é divertido”. – Tentei um pequeno gesto de agitar os dedos indicando aspas, o que eu tinha visto Janey fazer uma vez e guardara para futura referência; acho que o realizei com confiança. – Ou o bufê de Natal do Bombay Bistrô.

– Nada é mais natalino que um biryani indiano de carneiro, hein? – disse Raymond.

Ele apagou o cigarro e o jogou na calçada. Chegamos ao hospital e esperei enquanto Raymond, tipicamente desorganizado, entrou na loja no térreo. Não há realmente desculpa para estar despreparado. Eu já tinha ido a uma

loja de departamentos antes de me encontrar com ele e comprado alguns produtos selecionados, incluindo um pacote de sementes de abóbora. Eu desconfiava que Sammy estivesse precisando muito de zinco. Raymond saiu balançando uma sacola de compras. No elevador, ele a abriu e me mostrou o que comprara.

– Haribo, o *Evening Times*, uma embalagem grande de creme azedo e Pringles de cebolinha. O que mais um homem poderia querer, hein? – disse ele, parecendo bem orgulhoso de si mesmo. Eu não honrei isso com uma resposta.

Fizemos uma pausa na entrada da enfermaria; a cama de Sammy estava cercada de visitantes. Ele nos viu e nos chamou. Olhei ao redor, mas a enfermeira severa com as meias listradas não estava em nenhum lugar à vista. Sammy estava regamente recostado em um monte de travesseiros, se dirigindo ao grupo reunido.

– Eleanor, Raymond, que maravilha ver vocês! Venham conhecer a família! Este é Keith, as crianças estão em casa com a mãe. Estes são Gary e Michele, e essa... – ele apontou para uma mulher loira que digitava com concentração impressionante no celular – é minha filha, Laura.

Eu estava consciente de todos sorrindo e assentindo, e então apertaram nossas mãos e deram tapinhas nas costas de Raymond. Aquilo foi bem impressionante. Eu tinha colocado luvas brancas de algodão, em vez de usar o gel para as mãos – raciocinei que podia escaldá-las em água fervente assim que chegasse em casa. Isso provocou certa hesitação nos apertos de mão, o que foi estranho – sem dúvida uma barreira de algodão entre as respectivas superfícies de nossas peles só podia ser uma coisa boa.

– Muito obrigado por cuidarem do meu pai, gente – disse o irmão mais velho, Keith, esfregando as mãos na frente da calça. – É muito importante saber que ele não estava sozinho quando isso aconteceu, que havia pessoas cuidando dele.

– Ei, o que é isso? – disse Sammy, cutucando-o com o cotovelo. – Não sou um velho inválido cambaleante, sabia? Posso cuidar de mim mesmo. – Eles sorriram um para o outro.

– Claro que pode, pai. Só estou dizendo que é bom ter um rosto amigo

por perto de vez em quando, né?

Sammy deu de ombros sem ceder, mas permitindo educadamente que aquilo passasse.

– Tenho boas notícias para vocês dois – nos disse Sammy, recostando-se satisfeito nos travesseiros enquanto Raymond e eu depositávamos nossas bolsas de compras como se fossem mirra e olíbano aos pés de sua cama. – Vou receber alta no sábado!

Raymond bateu na palma erguida da mão dele, depois de um estranhamento inicial enquanto Sammy não tinha ideia de por que uma mão gorducha tinha sido enfiada em sua cara.

– Ele vai ficar em minha casa por algumas semanas, só até pegar confiança com o andador – disse a filha dele, Laura, finalmente tirando os olhos do telefone. – Vamos fazer uma festinha para comemorar! Vocês dois estão convidados, é claro – acrescentou sem muito entusiasmo.

Ela olhava fixamente para mim. Não me importei. Na verdade, prefiro mesmo isso a olhares sub-reptícios, furtivos; dela, ganhei uma avaliação completa e franca, cheia de fascínio, mas sem traço de medo nem nojo. Afastei o cabelo do rosto, de modo que ela pudesse ter uma visão melhor.

– Neste sábado? – disse eu.

– Sim, Eleanor, não ouse dizer que está ocupada – disse Sammy. – Sem desculpas. Quero vocês dois lá. Fim.

– Quem somos nós para discutir? – disse Raymond com um sorriso. Eu pensei naquilo. Uma festa. A última festa à qual eu tinha ido, além daquela horrenda recepção de casamento, tinha sido no aniversário de treze anos de Judy Jackson. Envolvera patinação no gelo e milk-shakes, e não tinha acabado bem. Sem dúvida era improvável que alguém vomitasse ou perdesse um dedo na celebração da volta para casa de um idoso inválido.

– Eu vou – respondi, inclinando a cabeça.

– Aqui está meu cartão – disse Laura, passando um para Raymond e outro para mim. Era preto e brilhante, gravado com folhas de ouro, e dizia: *Laura Marston-Smith, esteticista, cabeleireira, consultora de imagem*, com seus detalhes de contato escritos abaixo.

– Às 19h no sábado, hein? Não levem nada, só vocês mesmos.

Guardei o cartão cuidadosamente na bolsa. Raymond enfiara o dele no bolso de trás. Ele não conseguia tirar os olhos de Laura, percebi, aparentemente hipnotizado tal como um mangusto diante de uma cobra. Ela estava nitidamente consciente disso. Desconfio que estivesse acostumada, por conta de sua aparência. Cabelo loiro e seios grandes são tão clichê, tão óbvios. Homens como Raymond, andarilhos idiotas, sempre seriam distraídos por mulheres parecidas com ela, sem a inteligência nem a sofisticação para ver além das glândulas mamárias e da água oxigenada.

Raymond tirou bruscamente os olhos do decote de Laura e olhou para o relógio de parede, depois, explicitamente, para mim.

– Nós vamos embora – disse eu. – E nos encontramos outra vez no sábado. – Mais uma vez, houve um assalto assoberbante de saudações e apertos de mão. Sammy, enquanto isso, estava remexendo nas bolsas que tínhamos trazido. Ele ergueu uma embalagem de couve crespa orgânica.

– Que diabos é isso? – disse ele, incrédulo. *Zinco*, sussurrei para mim mesma. Raymond me retirou da enfermaria de modo um tanto brusco, senti, e antes que eu tivesse a chance de mencionar que a salada de lulas precisava ser comida rapidamente. A temperatura ambiente na enfermaria do hospital era muito quente.

N O DIA SEGUINTE, ENQUANTO ESPERAVA que a chaleira fervesse, meu olho foi atraído pelo folheto que fora jogado no alto do saco de reciclagem do escritório, junto com uma pilha de brochuras de viagens e revistas de fofocas muito folheadas. Era de uma loja de departamentos na cidade, não uma que eu já havia frequentado, e apresentava uma oferta introdutória, oferecendo uma redução francamente espetacular de um terço no preço de “Tratamento especial de manicure de luxo”. Tentei sem sucesso imaginar o que uma manicure de luxo poderia envolver. Como era possível introduzir luxo e tratamento especial no processo de dar forma e pintar uma unha? Era, realmente, além de minha imaginação. Senti um frisson. Havia apenas um meio de descobrir. Com meu regime de embelezamento animal em mente, voltaria minhas atenções para as garras.

Eu tinha negligenciado um pouco meu plano de autoaperfeiçoamento, recentemente, distraída pelo incidente infeliz de Sammy e os acontecimentos resultantes dele. Mas era hora de tornar a me concentrar em meu objetivo: o músico. Eu me permiti por um momento o pecado do orgulho. Minhas unhas crescem excessivamente rápido, e são fortes e brilhantes. Atribuo isso a uma dieta rica em vitaminas, minerais e ácidos graxos, obtidos por meu regime de refeições bem planejado. Minhas unhas são um tributo à excelência culinária das ruas comerciais britânicas. Não sendo uma pessoa vaidosa, apenas as corto com o cortador quando crescem demais, para permitir a digitação confortável de dados, e lixo os cantos afiados resultantes para que não prendam em tecido nem arranhem minha pele de maneira desagradável quando estou tomando banho. Até agora, perfeitamente adequado. Minhas unhas estão sempre limpas – unhas limpas, como sapatos limpos, são fundamentais para o respeito próprio. Apesar de não ser nem estilosa nem na moda, estou sempre

limpa; assim, pelo menos, posso manter a cabeça erguida quando tomo meu lugar, por menos exaltado que seja, no mundo.



Segui para a cidade durante meu intervalo para o almoço, comendo meu sanduíche no caminho para poupar tempo. Pensei bem e desejei ter selecionado um recheio menos agressivo; ovo com agrião talvez não fosse a escolha mais criteriosa para um vagão de trem movimentado e quente, e tanto eu quanto o sanduíche estávamos atraindo olhares de reprovação de nossos companheiros de viagem. Normalmente, já odeio comer em público, por isso a viagem de oito minutos não foi uma experiência agradável para nenhum dos envolvidos.

Encontrei a franquia de unhas no fundo do departamento de beleza, um celeiro vasto, iluminado por candelabros, de espelhos, aromas e barulho. Eu me senti um animal aprisionado – um novilho ou cão raivoso – e imaginei o caos que provocaria se eu, correndo a grande velocidade, fosse encurralada ali contra minha vontade. Apertei bem o panfleto na mão e a enfiei fechada no bolso do colete.

O “Unhas Et Cetera” – eu me perguntei a que extras o termo em latim se referia – parecia consistir em duas crianças entediadas de túnica branca, uma bancada central com quatro bancos e uma estante de esmaltes em todos os tons, do claro ao alcatrão. Eu me aproximei com cautela.

– Bem-VindaAoUnhasEtCeteraComoPossoAjudá-laHoje? – disse a garota menor. Eu levei um instante para compreender.

– Boa tarde – disse lentamente e com uma modulação exagerada para dar a ela uma pista de como era preciso falar para se comunicar com eficácia.

Ela e sua companheira estavam ambas me olhando fixamente. Suas expressões eram uma combinação de alarme e... Bem, de alarme, principalmente. Elas eram tão novas, afinal de contas – talvez aquilo fosse alguma espécie de estágio e elas estivessem à espera da volta da instrutora.

– Eu gostaria do tratamento de manicure especial de luxo, por favor – disse com a maior clareza possível. Houve uma pausa longa e silenciosa na qual nada aconteceu. A mais baixa foi a primeira a sair do transe.

– Sente-se! – disse ela, indicando o banco mais próximo. A colega dela permanecia petrificada. A mais baixa (Casey, segundo o distintivo de identificação) saiu andando distraída e, em seguida, sentou em frente, depois de pôr sobre a bancada um pote em forma de feijão cheio de água morna com sabão. Ela virou o mostruário de esmaltes em minha direção. – De que cor você gostaria?

Meu olhar foi atraído por um tom de verde-claro, o mesmo de um sapo amazônico, os diminutos e deliciosamente mortais. Eu o entreguei a ela. Ela assentiu. Ela não estava na verdade mascando chiclete, mas seu comportamento era muito o de alguém que o fazia.

Ela pegou minhas mãos e pôs as pontas dos dedos na água morna. Mantive um olhar atento para me assegurar de que nenhuma outra carne entrasse em contato com as substâncias detergentes desconhecidas, por temor de inflamar meu eczema. Fiquei ali sentada por vários minutos, sentindo-me um tanto tola, enquanto ela remexia em uma gaveta próxima e voltava com uma variedade de ferramentas de aço inoxidável dispostas com cuidado em uma bandeja. Sua companheira catatônica finalmente tinha ganhado vida e conversava animada com uma colega de trabalho em uma franquia diferente; eu não consegui discernir o tópico, mas pareceu provocar um pouco de revirar de olhos e dar de ombros.

Casey achou que o momento era apropriado para remover minhas mãos da água, e, em seguida, ela as dispôs sobre uma flanela dobrada. Ela secou completamente a ponta de cada dedo. Eu me perguntei por que ela não tinha simplesmente pedido que eu retirasse as mãos, usando a voz, e me passado a toalha, de modo que eu pudesse tê-las secado, já que desfruto, no momento atual em que conto isso, de pleno uso das funções motoras em todos os membros e extremidades. Talvez, porém, isso fosse o que tratamento especial de luxo significava: literalmente não ter que mover um dedo.

Casey começou a trabalhar com as ferramentas. Empurrou minhas cutículas e as removeu quando necessário. Tentei começar uma conversa, sabendo que essa era a coisa habitual naquelas circunstâncias.

– Você trabalha aqui há muito tempo? – perguntei.

– Dois anos – disse, para minha surpresa; ela parecia ter em torno de 14

anos e, até onde eu sabia, o trabalho infantil ainda era contra a lei neste país.

– E você sempre quis ser... – lutei para dizer a palavra – manicure?

– Técnica em unhas – ela me corrigiu. Estava concentrada em sua tarefa e não olhava para mim enquanto falava, o que aprovei muito. Não há, categoricamente, nenhuma necessidade para contato visual quando a pessoa envolvida está manuseando instrumentos afiados.

– Eu queria trabalhar ou ser uma técnica em unhas – prosseguiu. Ela passara para uma massagem das mãos. Mais tratamento especial de luxo, supostamente, embora eu achasse aquilo um tanto sem sentido e ineficiente, e estivesse preocupada com possíveis reações alérgicas. As mãos dela eram pequeninas, quase tão pequenas quanto as minhas (que são, infelizmente, pequenas de forma anormal, quase como as de um dinossauro). Teria preferido que mãos masculinas massageassem as minhas; maiores, mais fortes, firmes e peludas.

– Então, sim – disse ela. – E não conseguia me decidir entre animais ou unhas, então perguntei a minha mãe, e ela disse que eu devia tentar ser técnica de unhas. – Ela pegou uma lixa e começou a dar forma a minhas unhas. Era um processo estranho, que teria sido sem dúvida mais fácil de fazer sozinha.

– Sua mãe é economista ou uma consultora de carreiras qualificada? – perguntei. Casey olhou fixamente para mim. – Porque se não, não tenho certeza se o conselho dela foi necessariamente baseado nas últimas informações sobre projeções de ganhos e exigências do mercado de trabalho – disse eu, muito preocupada com as perspectivas de futuro dela.

– Ela é agente de viagens – disse Casey com firmeza, como se encerrasse a questão. Deixei para lá. Afinal, não era da minha conta, e ela parecia bem feliz em seu trabalho. A ideia fez com que eu pensasse, enquanto ela pintava várias camadas de vários esmaltes, que ela talvez pudesse ter combinado as duas profissões se tornando uma cabeleireira de cães. Entretanto, decidi guardar para mim meu conselho nesse tema. Às vezes, quando você tentava ajudar com sugestões, podia levar a mal-entendidos, nem todos eles agradáveis.

Ela pôs minhas mãos em uma maquininha que era, supus, um secador

para unhas, e alguns minutos depois, o tratamento especial de luxo. Contudo, a experiência fora um tanto decepcionante.

Ela me informou o preço; era francamente uma extorsão.

– Tenho um folheto – disse eu. Ela balançou a cabeça afirmativamente sem sequer pedir para vê-lo, deduziu o terço necessário e informou a soma revisada, que ainda me deixou atordoada. Levei a mão a minha sacola. Ela disse de maneira bem alarmante:

– Pare! – Eu parei. – Você vai borrá-las – disse ela, e se inclinou para a frente. – Vou pegar sua carteira para você, se quiser.

Eu estava preocupada que aquilo fosse algum esquema elaborado para tirar ainda mais do meu dinheiro ganho com tanta dificuldade, por isso a observei como o gavião proverbial enquanto levava a mão ao interior de minha bolsa. Tarde demais, lembrei-me dos restos inacabados do sanduíche de ovo que havia lá dentro – ela pareceu ter ânsia de vômito de maneira ostensiva ao remover minha carteira. Uma reação um pouco excessiva, pensei – sim, o odor que escapou era um tanto sulfuroso, mas ainda assim não havia necessidade de pantomima. Mantive os olhos fixos em seus dedos (sem esmalte, percebi) enquanto extraía as notas exigidas e recolocava a carteira na sacola com muito cuidado.

Eu me levantei, pronta para sair. Sua velha colega tinha retornado e lançou um olhar para minhas mãos, com as extremidades verdes reluzindo.

– Bonito – disse ela com um tom e uma linguagem corporal que indicavam fortemente que tinha pouco interesse no assunto. Casey ficou um pouco mais animada.

– Quer um cartão fidelidade? Você faz a unha cinco vezes e a sexta é grátis!

– Não, obrigada – disse eu. – Não vou mais fazer unha com manicures. Posso fazer a mesma coisa em casa, melhor, sem pagar nada.

Elas ficaram levemente boquiabertas, mas com isso eu tinha saído, e me encaminhei outra vez para o mundo, desviando dos borrifadores e das distribuidoras de amostras enquanto passava pelos balcões de perfumaria. Eu desejava sair e ter luz natural e ar fresco outra vez. Os confins dourados do departamento de beleza não eram meu habitat preferido; como a galinha que

pusera os ovos para meu sanduíche, eu era mais uma criatura de vida ao ar livre.



Cheguei em casa depois do trabalho e abri o guarda-roupa. O que vestir para uma festa? Eu tinha duas calças pretas e cinco blusas brancas – bem, eram originariamente brancas –, que usava para trabalhar. Tinha uma calça confortável, duas camisetas e dois moletons, que usava nos fins de semana. Com isso restava meu traje especial. Eu o comprara para a festa de casamento de Loretta, há alguns anos, e o usara em várias ocasiões desde então, entre elas uma visita especial ao Museu Nacional da Escócia. A exibição de um tesouro romano recém-descoberto tinha sido tremenda; a viagem a Edimburgo, bem menos.

O interior do trem parecia mais um ônibus do que o Expresso do Oriente, repleto de tecidos resistentes em cores que escondiam manchas e estruturas em plástico cinza. A pior coisa, além dos outros viajantes – meu Deus, a gentinha viaja muito hoje em dia, e eles comem e bebem em público com pouquíssimas inibições –, era o barulho incessante dos alto-falantes. Parecia haver um anúncio a cada cinco minutos do condutor mítico, que compartilhava pérolas de sagacidade como *objetos grandes devem ser colocados nos compartimentos superiores de bagagem*, ou aquele *passageiros devem informar à tripulação do trem a existência de qualquer objeto perdido o mais rápido possível*. Eu me perguntei para quem essas pérolas de sabedoria eram dirigidas: algum extraterrestre de passagem, talvez, ou um pastor de iaques de Ulan Bator que tivesse atravessado as estepes a pé, navegado pelo Mar do Norte e chegado ao trem entre Glasgow e Edimburgo sem literalmente nenhuma experiência anterior em transportes mecanizados em que se basear?

O traje para ocasiões especiais estava, percebi, um tanto fora de moda. Verde-limão não era uma cor que caía especialmente bem em mim – bom para camisolas, usadas na privacidade de meu quarto, mas dificilmente apropriado para uma reunião sofisticada. Eu iria às lojas amanhã comprar alguma coisa nova; poderia vesti-la outra vez, quando fosse a um restaurante ou ao teatro com meu verdadeiro amor, de modo que o dinheiro não seria

desperdiçado. Sentindo-me satisfeita com essa decisão, fiz minha massa ao pesto habitual e ouvi *The Archers*. Havia uma trama enrolada envolvendo um leiteiro pouco convincente de Glasgow e eu não gostei especialmente do episódio. Eu me lavara e sentara com um livro sobre abacaxis. Surpreendente de tão interessante. Gosto de ler as coisas mais variadas possíveis por muitas razões, uma delas, ampliar meu vocabulário para me ajudar com a solução de palavras cruzadas. O silêncio foi interrompido de maneira bem rude.

– Alô? – atendi, de forma um tanto hesitante.

– Ah, então é “Alô”, não é? “Alô.” Isso é tudo o que tem a me dizer? E onde diabos a senhora estava ontem à noite? Hein? – Ela atuava para a plateia, outra vez.

– Mãe – disse eu. – Como você está? – Fiz o possível para me acalmar.

– Não importa como estou. Onde você estava?

– Desculpe, mãe – disse eu, tentando manter a voz inalterada. – Eu estava... Estava com um amigo, visitando outro amigo no hospital, na verdade.

– Ah, Eleanor – disse ela com uma voz fluida oleaginosa. – Você não *tem* amigos, querida, agora vamos, conte-me onde você realmente estava, e quero a verdade dessa vez. Você estava fazendo alguma coisa feia? Conte para a mamãe, como uma boa garota.

– É verdade, mãe. Eu saí com Raymond. – Houve um som de escárnio. – Fui visitar um senhor simpático no hospital. Ele caiu na rua, e nós o ajudamos e...

– CALE A DROGA DESSA SUA BOQUINHA MENTIROSA! – Eu me encolhi, deixei cair o livro e tornei a pegá-lo. – Você sabe o que acontece com mentirosos, não sabe, Eleanor? Você se lembra? – A voz dela voltara a ser enjoativamente doce. – Não me importa que a verdade seja dura, mas não vou tolerar mentiras, Eleanor. Você, entre todas as pessoas, devia saber disso, mesmo depois de todo esse tempo.

– Mãe, sinto muito se não acredita em mim, mas é verdade. Raymond e eu fomos ao hospital visitar um homem que ajudamos quando teve um acidente. É verdade, eu juro!

– É mesmo? – disse ela lentamente. – Bem, isso é simplesmente adorável,

não é? Você não pode se dar ao trabalho de conversar com sua própria mãe, e ainda assim passa suas noites de quarta-feira visitando um estranho ancião propenso a acidentes? Que encantador.

– Por favor, mãe, não vamos brigar. Como você está? Teve um bom dia?

– Não quero falar sobre *mim*, Eleanor. Já sei tudo sobre *mim*. Quero falar de *você*. Como vai seu projeto? Alguma notícia para a mamãe?

Eu devia saber que ela ia lembrar. Quanto devia contar a ela? Tudo, imagino.

– Fui até a casa dele, mamãe – disse eu. Ouvi o estalido de um isqueiro e em seguida, um exalar longo. Quase consegui sentir o cheiro da fumaça de seu cigarro Sobranie.

– Oooh – disse ela. – Interessante. – Ela tornou a inalar e a expelir a fumaça com um suspiro. – Quem é esse?

– Ele é músico, mamãe. – Eu não queria dizer a ela o nome dele, ainda não; há um poder ao se dar nome às coisas, e eu ainda não estava pronta para ceder isso a ela, para ouvir todas aquelas sílabas preciosas rolarem em sua boca, para que ela tornasse a cuspi-las. – Ele é bonito, inteligente e, bom, acho que é o homem perfeito para mim, na verdade. Eu soube disso no momento em que o vi.

– Tudo isso parece bem maravilhoso, querida. E você foi até a casa dele, não foi? Conte-me, o que encontrou lá?

Dei uma fungada.

– A questão é, mãe... Eu na verdade não... entrei. – Isso não ia ser fácil. Ela gostava de fazer coisas ruins, e eu não. Era simples assim. Falei depressa, na esperança de escapar das críticas inevitáveis. – Eu só queria dar uma olhada rápida, para me assegurar de que ele vivia em um lugar ap... apropriado – disse eu, tropeçando nas palavras em minha ânsia de botá-las para fora.

Ela deu um suspiro.

– E como pode saber se é bom se você não entrou? Você sempre foi demasiado cautelosa e covarde, querida – disse ela, parecendo entediada.

Eu olhei para minhas mãos. As unhas verdes lascadas pareciam maravilhosas sob aquela luz.

– O que você precisa fazer, Eleanor – disse ela –, é entrar em ação. Você

sabe o que quero dizer com isso?

– Acho que sim – sussurrei.

– Estou simplesmente lhe dizendo que você não pode continuar a andar hesitante e temerosa por aí, Eleanor. – Ela deu um suspiro. – A vida se resume a tomar atitudes decisivas, querida. O que quer que você queira fazer, faça; o que quer que deseje, pegue. O que quer que você resolva levar a cabo, LEVE. E viva com as consequências.

Ela começou a murmurar, falando com tamanha delicadeza que eu mal conseguia ouvi-la. Isso, eu sabia por experiência própria, não era um bom presságio.

– Esse homem... – sussurrou ela. – Esse homem parece ter algum potencial; mas, como a maioria das pessoas, ele vai ser fraco. Isso significa que você precisa ser forte, Eleanor. A força conquista a fraqueza, esse é um fato simples da vida, não é?

– Acho que sim – disse eu com tristeza, fazendo uma expressão contrariada. É infantil, eu sei, mas minha mãe costuma despertar o pior em mim. O músico era muito bonito e talentoso. Eu soube, assim que pus os olhos nele, que estávamos destinados a ficar juntos. O destino cuidaria disso. Eu não precisava tomar mais nenhuma... ação decisiva, além de assegurar que nossos caminhos voltassem a se cruzar. Depois que nos conhecêssemos de maneira apropriada, o resto já estava, sem dúvida, escrito nas estrelas. Desconfiava que minha mãe não fosse ficar satisfeita com essa abordagem, mas eu estava mais que acostumada a isso. Eu a ouvi inspirar, em seguida expirar, e senti a ameaça delicada através do éter.

– Não vá mudar de assunto agora, Eleanor, não ignore sua mãe, está bem? Ah, você acha que agora é muito esperta, não é, com seu *emprego* e seus *novos amigos*. Mas você não é esperta, Eleanor. Você é alguém que decepciona as outras pessoas. Alguém em quem não se pode confiar. Alguém que fracassou. Ah, sim, sei exatamente o que você é. E sei como vai acabar. Escute, o passado não terminou. O passado é uma coisa viva. Essas suas lindas cicatrizes, elas são do passado, não são? E ainda assim ainda vivem em seu rostinho sem graça. Elas ainda doem?

Sacudi a cabeça, mas não disse nada.

– Ah, doem, sim, sei que doem. Lembra-se de como você as conseguiu, Eleanor? Valeu a pena? Por *ela*? Ah, há espaço em sua outra face para mais estragos, não há? Vire a outra face para mamãe, Eleanor, que boa menina.

E então houve apenas silêncio.

N O ÔNIBUS PARA O TRABALHO na sexta-feira, eu me sentia estranhamente calma. Eu não bebera vodka depois da conversa com mamãe, mas só porque não tinha nenhuma, e não queria sair sozinha no escuro para comprar um pouco. Sempre sozinha, sempre escuro. Então, em vez disso, fiz uma xícara de chá e li meu livro, distraída de vez em quando pelo brilho de minhas unhas verdes enquanto virava as páginas. Eu tivera o suficiente de frutas tropicais, por enquanto, e precisava de algo mais propício às questões do coração. *Razão e sensibilidade*. É outra de meus favoritos: entre os cinco melhores, sem dúvida. Amo a história de Elinor e Marianne, como se desenrola de maneira tão cuidadosa. Tudo termina em alegria, o que é irrealista ao extremo, mas, tenho que admitir, é narrativamente satisfatório, e compreendo por que a srta. Austen aderiu à convenção. É interessante que, apesar da vasta gama de meus gostos literários, eu nunca tenha encontrado muitas heroínas chamadas Eleanor, em nenhuma das várias formas ortográficas. Talvez tenha sido por isso que o nome foi escolhido para mim.

Depois de alguns capítulos familiares, fui para a cama e não dormi nada. Uma noite sem repouso, entretanto, não pareceu ter nenhum efeito danoso, surpreendentemente, e eu me sentia animada e alerta enquanto o ônibus seguia seu caminho através do trânsito matinal. Talvez eu fosse uma daquelas pessoas, como a falecida baronesa Thatcher, que simplesmente não precisasse dormir. Peguei um exemplar do jornal gratuito sempre deixado no assento dos ônibus e comecei a folheá-lo. Uma mulher laranja de quem nunca tinha ouvido falar se casara pela oitava vez. Um panda em cativeiro tinha, aparentemente, “reabsorvido” o próprio feto, portanto, terminando com sua gravidez – olhei pela janela por um instante enquanto tentava sem sucesso entender o sistema reprodutivo do panda – e, na página dez, haviam sido

descobertas provas de abuso sistemático e frequente de meninos e meninas pequenos em uma série de lares adotivos. As notícias tinham sido publicadas nessa ordem.

Sacudi a cabeça e estava prestes a jogar fora o jornal quando um anúncio pequeno chamou minha atenção. The Cuttings, dizia, com o logotipo de um trem-bala correndo por um trilho. Eu o notei porque a resposta da linha 12 horizontal na palavra cruzada de ontem tinha sido *Shinkansen*. Essas pequenas coincidências temperam a vida com interesse. Olhei para o conteúdo, que parecia ser um anúncio de eventos vindouros na dita casa noturna. Espremido entre dois artistas dos quais eu nunca tinha ouvido falar havia uma lista para “NOITE DESTA SEXTA”.

Havia o nome de uma banda – obviamente eu nunca ouvira falar dela – e ali, em fonte menor, estava o músico! Larguei o jornal e tornei a pegá-lo. Ninguém percebeu. Rasguei o anúncio, dobrei-o com cuidado e o coloquei no bolso interno da minha sacola. Era isso, a oportunidade pela qual eu estava esperando. Escrita nas estrelas, enviada para mim pelo destino. Este ônibus, esta manhã e... esta noite.

Pesquisei sobre o clube noturno quando cheguei ao escritório. Parecia que ele ia tocar às 20h. Eu precisava comprar um vestido para uma festa – e agora para um show – depois do trabalho, o que não deixava muito tempo. A julgar pelo site, The Cuttings parecia ser o tipo de lugar em que você se sentiria mais confortável quando vestida na moda. Como, então, eu conseguiria estar lá às 20h, vestida e pronta? Pronta para conhecê-lo? Seria cedo demais? Será que eu devia esperar uma outra vez, devia me preparar adequadamente? Eu lera em algum lugar que as pessoas têm apenas uma chance para causar uma primeira impressão. Desdenhei da frase banal na época, mas talvez houvesse alguma verdade nela. Se o músico e eu fôssemos ser um casal, nosso primeiro encontro tinha que ser memorável.

Assenti para mim mesma depois de tomar minha decisão. Eu iria às lojas logo depois do trabalho, compraria uma roupa nova e a usaria para o show. Ah, Eleanor, não podia ser tão fácil, podia? Sabia por experiência própria que a vida nunca era assim tão simples, por isso tentei antecipar meus problemas em potencial e a melhor maneira de lidar com eles. O que eu faria com as

roupas que estava vestindo atualmente? A resposta veio a mim com facilidade: minha sacola era grande o bastante para guardá-las. E o jantar? Não sou uma mulher que funciona bem de estômago vazio, e seria embaraçoso desmaiar aos pés dele por alguma outra razão que não o excesso de emoção. Bom, será que eu podia comprar alguma comida em um café depois do trabalho, e ainda chegar ao The Cuttings antes de 19h45? Sim, eu podia. Isso me daria bastante tempo para selecionar um lugar perto da frente para ter a melhor vista possível. Minha visão dele, e sua visão de mim, é claro. Todos os problemas resolvidos.

Eu não resisti a dar uma olhada rápida na internet para saber se ele estava tão animado quanto eu em relação àquela noite. Ah, obrigada, Twitter:

@johnnieLocks

Passagem de som: ok. Cabelo cortado: ok. Apareçam esta noite no Cuttings, seus fdp.
#aproximaonda #carabonito

Um homem de poucas palavras. Tive que pesquisar no Google o que “fdp” significava e preciso confessar que fiquei um pouco alarmada com o resultado. Ainda assim, o que eu sabia dos modos loucos dos astros do rock? Eles usavam gírias desconhecidas que ele ia me ensinar com o tempo, sem dúvida. Será que as aulas poderiam começar esta noite? Era difícil acreditar que em questão de algumas horas eu estaria na presença dele. Ah, a emoção da antecipação.

Eu tinha uma missiva para ele em minha sacola, que ainda não tinha enviado. Outro sinal de que o destino, hoje, estava sorrindo para mim. No início da semana, eu havia copiado um verso para ele, um que eu sempre amara, usando uma caneta esferográfica. Que milagre de baixo custo da engenharia é este instrumento! Eu selecionara o cartão com cuidado: não tinha texto, e a frente exibia a gravura de um coelho lindo – orelhas compridas, pernas fortes e um rosto surpreendentemente vigoroso. Ele estava olhando para cima, para a lua e as estrelas, com expressão impossível de compreender.

Cartões de felicitações são absurdamente caros, considerando que são fabricados de um pedaço pequeno de cartolina impresso. Você leva com ele

um envelope, imagino, mas mesmo assim. Você teria que trabalhar por quase meia hora em um emprego de salário mínimo para ganhar o suficiente para comprar um belo cartão e um selo de segunda classe. Isso era uma revelação; eu na verdade nunca enviara um para ninguém antes. Agora que eu iria vê-lo esta noite, entretanto, não tinha necessidade de anexar um selo postal. Podia dar meu humilde presente em pessoa.

O belo poema de Emily Dickinson se chama “Loucas noites, loucas noites!”. E combina dois elementos dos quais gosto muito: pontuação e o tema de encontrar, depois de muito tempo, uma alma gêmea.

Li o poema outra vez, lambi a cola do envelope com cuidado – era deliciosamente amarga – e em seguida escrevi o nome dele na frente com minha melhor letra. Hesitei quando o botei de volta em minha sacola. Será que esta noite era mesmo a melhor para poesia? Minha relutância era estranha; o cartão tinha sido comprado e pago, afinal de contas. Eu me perguntei, entretanto, se seria melhor esperar para ver o que aconteceria no show antes de levar as coisas a um nível epistolar. Não havia necessidade de agir sem pensar.



Levou uma eternidade para dar 17h. Fui de metrô até o centro para ganhar tempo, e entrei na loja de departamentos mais próxima da estação, a mesma onde tinha comprado o computador. Eram 17h20, e a loja ia fechar em menos de uma hora. A seção de moda feminina ficava no primeiro andar (eu me perguntei quando moda para senhoras havia se transformado em moda feminina), e peguei uma escada rolante depois de não conseguir encontrar a escada. O andar da loja era vasto, e decidi pedir ajuda. A primeira mulher que vi tinha ar de matrona e não parecia em posição de dispensar conselhos de moda. A segunda devia ter entre dezoito e vinte e poucos anos e, portanto, muito inexperiente para me aconselhar. A terceira, tal como Cachinhos Dourados, era exatamente certa – em torno de minha idade, bem-arrumada e de aparência sensata. Eu me aproximei com cautela.

– Com licença, gostaria de saber se poderia pedir sua ajuda?

Ela parou de dobrar suéteres e virou-se para mim, com um sorriso falso.

– Vou a um show em um espaço elegante e gostaria de saber se você pode me auxiliar na seleção de uma vestimenta adequada.

Seu sorriso se abriu e pareceu mais autêntico.

– Bem, nós oferecemos um serviço personalizado de consultoria – disse ela. – Posso marcar uma hora para você se quiser.

– Ah, não – disse eu. – É para esta noite. Preciso de alguma coisa agora mesmo, infelizmente. – Ela me olhou de alto a baixo.

– Aonde você vai?

– Ao Cuttings – disse com orgulho. Ela projetou o lábio inferior e balançou uma vez a cabeça, devagar.

– Qual seu número, quarenta? – Assenti, impressionada por ela ter conseguido me avaliar com tamanha precisão apenas de me olhar. Ela verificou o relógio.

– Siga-me – disse ela. Parecia haver uma variedade de lojas dentro da loja, e ela me levou ao ponto de vendas menos atraente.

– Está bem, sem pensar muito – disse ela. – Isso... – Uma calça jeans preta ridiculamente justa. – Com isso... – Um top preto parecendo uma camiseta, mas de imitação de seda, com um pedaço de tecido faltando nas costas.

– É mesmo? – falei. – Eu estava pensando em algo mais na linha de um belo vestido, ou uma saia com blusa. – Ela tornou a me olhar de cima a baixo.

– Confie em mim – disse ela.

O provador era pequeno e cheirava a pés sujos e aromatizador de ar. O jeans parecia pequeno demais, mas milagrosamente se esticou ao meu redor e consegui abotoá-lo. A blusa era solta, com gola alta. Eu me senti ao menos apropriadamente coberta, embora não conseguisse ver a área recortada nas costas. Eu me parecia exatamente como todo mundo. Imagino que essa fosse a ideia. Não tirei a roupa, retirei as etiquetas e as botei no chão, depois dobrei minha roupa de trabalho e a coloquei na bolsa. Peguei as etiquetas para serem processadas pela mulher na caixa registradora.

Ela estava parada do lado de fora quando emergi.

– O que você acha? – disse ela. – Ficou bom, não ficou?

– Vou levar – respondi e entreguei a ela os códigos de barra.

Entretanto, eu tinha me esquecido dos dispositivos de segurança presos às

roupas, e tivemos bastante dificuldade para removê-los. Tive que ir atrás do balcão, no fim, e me ajoelhar de costas ao lado dela para que pudesse destacá-los usando a máquina magnética fixada ao balcão. Nós acabamos rindo disso; na verdade, não acho que tivesse rido antes em uma loja. Depois de pagar, tentando não pensar na quantidade de dinheiro que tinha gastado, ela saiu outra vez de trás do balcão.

– Você se importa se eu disser uma coisa? É só que... os sapatos.

Olhei para baixo. Estava usando meus sapatos de trabalho, o par preto, baixo e confortável, preso com velcro.

– Qual o seu nome? – perguntou ela. Eu fiquei perplexa. Por que meu nome era relevante para uma compra de sapatos? Ela estava esperando, aguardando uma resposta.

– É Eleanor – admiti com grande relutância depois de considerar dar um nome falso ou um pseudônimo. Eu sem dúvida não ia dizer a ela meu sobrenome.

– A questão é, Eleanor, que você na verdade precisa de uma bota de cano baixo com o jeans skinny – disse ela, tão séria como se estivesse em uma consulta hospitalar dando aconselhamento médico. – Você quer vir até os calçados e dar uma olhada? – Hesitei. – Eu não ganho comissão nem nada – disse ela em voz baixa. – É só que... Só acho que vai dar mesmo um bom acabamento à roupa se você tiver os sapatos certos.

– Os acessórios fazem a mulher, hein? – comentei. Ela não sorriu.

Ela me mostrou botas que me fizeram rir alto de tão ridículas que eram com sua forma estreita e os saltos altos. Por fim, concordamos com um par estiloso o suficiente, mas com o qual eu também podia caminhar sem risco de lesão na coluna, portanto atendendo às exigências de nós duas. Sessenta e cinco libras! Minha nossa, pensei enquanto tornava a entregar meu cartão. Algumas pessoas têm que viver com isso por uma semana.

Enfiei os sapatos pretos na minha sacola. Eu a vi olhar para isso, também, depois olhar para a seção de bolsas.

– Ah, infelizmente, não – disse eu. – Exauri meus fundos por enquanto.

– Ah, bom – disse ela. – Só a deixe no guarda-volumes e você vai ficar bem. – Eu não tinha ideia do que ela queria dizer, mas a carruagem alada do

tempo estava correndo.

– Muito obrigada mesmo por sua ajuda, Claire – agradei, inclinando-me para a frente para ler sua plaqueta de identificação. – Foi valiosíssima.

– De nada, Eleanor – disse ela. – Uma última coisa: a loja fecha em dez minutos, mas se você for rápida, pode descer e conseguir fazer uma maquiagem antes de sair. O departamento de beleza fica no térreo, ao lado da saída. Vá à Bobbi Brown. Diga a eles que Claire te mandou.

Com isso, ela se foi, a gaveta da caixa registradora já cuspiendo a soma das receitas do dia, aumentada em parte por minha própria contribuição considerável.

Pedi para falar com Bobbi e a mulher no balcão de maquiagem riu.

– Temos uma engraçadinha aqui – disse ela para ninguém em especial.

Havia tantos espelhos que eu me perguntei se isso podia estimular uma pessoa a falar consigo mesma.

– Sente-se aqui em cima, amor – disse ela, apontado para um banco ridiculamente alto. Consegui subir a bordo, mas não foi um procedimento digno, e fiquei um tanto atrapalhada com minhas botas novas. Sentei sobre as mãos, para escondê-las – a pele vermelha e rachada parecia queimar embaixo da luz dura no alto, que mostrava cada falha, cada centímetro danificado.

Ela afastou meu cabelo do rosto.

– Certo, então – disse ela, me examinando de perto demais. – Sabe, isso não vai ser nenhum problema. A Bobbi tem alguns corretivos maravilhosos que podem igualar todo o tom da pele. Não posso me livrar disso, mas sem dúvida posso minimizá-la.

Eu me perguntei se ela sempre falava de si mesma na terceira pessoa.

– Você está falando sobre meu rosto?

– Não, boba, sua cicatriz. Seu rosto é lindo. Você tem a pele bem clara, sabia? Agora olhe só isso. – Tinha um cinto de ferramentas em torno da cintura como se fosse uma marceneira ou encanadora, e sua língua saía pelo canto da boca enquanto trabalhava.

– Temos só dez minutos até a loja fechar – disse ela. – Por isso vou me concentrar na camuflagem e nos olhos. Você gosta do olho esfumado?

– Não gosto de nada que tenha a ver com fumaça – disse eu, e,

bizarramente, ela tornou a rir. Mulher estranha.

– Você vai ver – disse ela enquanto empurrava minha cabeça para trás e me pedia para olhar para cima, olhar para baixo, virar para o lado... Havia muitos toques, com muitos implementos diferentes, e ela estava tão perto que eu podia sentir o cheiro de seu chiclete de hortelã, que não mascarava por completo o café que ela bebera mais cedo. Um sinal tocou, e ela praguejou. O alto-falante anunciou que a loja agora estava fechada.

– Acabou o tempo, infelizmente – disse ela, afastando-se para admirar seu trabalho. Ela me passou um espelho de mão. Eu nem me reconheci. A cicatriz mal era visível, e meus olhos estavam pesados com rímel e delineados em preto, lembrando-me de um programa ao qual eu assistira recentemente sobre lêmures. Meus lábios estavam pintados de um vermelho forte.

– Bom – disse ela. – O que você achou?

– Eu pareço um pequeno primata de Madagascar, ou talvez um guaxinim norte-americano – disse eu. – Está encantador!

Ela riu tanto que teve de cruzar as pernas, e me enxotou da cadeira na direção da porta.

– Eu devia tentar lhe vender os produtos e pincéis – disse ela. – Se quiser alguma coisa, volte amanhã e procure por Irene!

Dei a ela um aceno de despedida. Quem quer que fosse Irene, havia literalmente mais chance de que eu comprasse plutônio de nível militar dela.

O MÚSICO DEVIA ESTAR EXPERIMENTANDO um turbilhão de emoções naquele momento. Um homem tímido, modesto e discreto, um homem forçado a se apresentar por causa de seu talento, dividi-lo com o mundo, não porque quisesse, mas porque simplesmente tinha que fazer isso. Ele cantava da mesma maneira que um pássaro; sua música era uma coisa doce e natural que saía como a chuva, como a luz do sol, algo que, perfeitamente, apenas é. Pensei nisso enquanto comia meu jantar improvisado. Eu estava em um restaurante de fast-food pela primeira vez em minha vida adulta, um lugar enorme e chamativo virando a esquina do clube noturno. Ele estava, de forma mistificante e inexplicável, cheio. Eu me perguntei por que os seres humanos faziam de bom grado fila em um balcão para obter comida processada, depois a levavam para uma mesa que nem estava posta, e em seguida a comiam do papel. Depois, apesar de terem pagado por isso, *os próprios clientes* eram responsáveis por limpar os detritos. Muito estranho.

Depois de alguma contemplação, eu optara por um quadrado de peixe indeterminado, que era coberto de farinha de rosca e frito, em seguida inserido em um pão doce demais, acompanhado, bizarramente, de uma fatia de queijo processado, uma folha murcha de alface e uma gosma salgada e de cheiro forte que beirava a obscenidade. Apesar dos melhores esforços de minha mãe, não sou nenhuma epicurista; entretanto, sem dúvida é uma verdade culinária universalmente reconhecida que peixe e queijo não combinam. Alguém devia mesmo dizer isso ao sr. McDonald. Não havia nada que me tentasse em sua seleção de sobremesas, portanto, em vez disso optei por café, que estava amargo e morno. Naturalmente, eu estava prestes a derrubá-lo em cima de mim mesma, mas, bem a tempo, eu lera o aviso impresso no copo de papel, alertando-me para o fato de que líquidos quentes

podem provocar queimaduras. Uma escapada de sorte, Eleanor!, disse a mim mesma, rindo em voz baixa. Comecei a desconfiar que o sr. McDonald era na verdade um homem muito tolo, embora, a julgar pela fila que não diminuía, muito rico.

Conferi meu relógio, em seguida peguei minha sacola e vesti meu colete. Deixei o resto de meu jantar onde estava – qual, afinal de contas, é o sentido de comer fora se você mesma tem que limpar depois? Era melhor ficar em casa.

Estava na hora.



A falha em meu plano, a *hamartía*, era essa: não havia ingressos disponíveis. O homem na bilheteria na verdade riu de mim.

– Estão esgotados há alguns dias – disse ele.

Eu expliquei, de forma paciente e lenta, que só queria assistir à primeira metade, à banda de abertura, e sugeri que eles sem dúvida poderiam admitir mais uma pessoa, mas, aparentemente, era impossível – regras dos bombeiros. Pela segunda vez em dias, senti lágrimas brotando. O homem tornou a rir.

– Não chore, amor – disse ele. – Honestamente, eles nem são tão bons assim. – Ele se inclinou para a frente de maneira confidencial. – Ajudei o cantor a trazer seu equipamento do carro esta tarde. Um cara meio babaca, para ser honesto. Você não deve deixar que um pouco de sucesso suba à cabeça, é tudo que eu digo. É legal ser legal, né?

Assenti, perguntando-me de que cantor ele estava falando, e segui até a área do bar para organizar os pensamentos. Eu não ia conseguir entrar sem ingresso, isso estava claro. E não havia ingressos disponíveis. Pedi uma Magners, me recordando da última vez em que me haviam pedido que eu mesma me servisse. O barman tinha bem mais de um metro e oitenta e havia criado buracos enormes e estranhos nos lóbulos das orelhas inserindo pequenos círculos de plástico preto para afastar a pele. Por alguma razão, aquilo me lembrou da minha cortina do banheiro.

Esse pensamento reconfortante sobre minha casa me deu coragem para examinar suas tatuagens, que serpenteavam pelo pescoço e desciam pelos dois

braços. As cores eram muito bonitas, e as imagens eram densas e complexas. Como era maravilhoso ler a pele de alguém, explorar a história de sua vida através do peito, dos braços, a maciez em sua nuca. O barman tinha rosas e uma clave de sol, uma cruz, um rosto de mulher... Tantos detalhes, tão pouca carne sem adornos. Ele me viu olhando e sorriu.

– Você tem alguma?

Sacudi a cabeça, retribuí o sorriso e fui correndo para uma mesa com meu drinque. Suas palavras ecoavam em minha cabeça. Por que eu não tinha nenhuma tatuagem? Eu nunca pensara nisso nem por um instante, e nunca decidira conscientemente ter ou não uma. Quanto mais pensava nisso, mais a ideia me atraía. Talvez eu pudesse fazer uma no rosto, algo complexo e intrincado que incorporasse a cicatriz, transformando-a em um traço. Ou, melhor ainda, podia fazer uma em algum lugar secreto. Gostei da ideia. O interior da coxa, a parte de trás do joelho, a sola do pé, talvez.

Terminei a bebida e o barman chegou para remover meu copo.

– Mais uma? – perguntou ele.

– Não, obrigada – respondi. – Posso lhe perguntar uma coisa? – Eu parei de arrancar os restos de esmalte das unhas. – Duas, na verdade. Uma: isso dói, e, dois, quanto custa uma tatuagem? – Ele assentiu, como se estivesse esperando minhas perguntas.

– Dói pra cacete, não vou mentir – disse ele. – Em termos de custo, depende do que você fizer, há uma grande diferença entre escrever *Mãe* no bíceps e desenhar um tigre enorme em suas costas, sabe?

Concordei com a cabeça; isso fazia todo sentido.

– Mas há muitos picaretas por aí – disse ele, se animando com o assunto. – Você deve ir ao Barry, na rua Thornton, se quiser uma. O Barry é firmeza.

– Muito obrigada – respondi. Eu não esperava esse resultado da noite, mas afinal, às vezes a vida tem maneiras de surpreendê-lo.

Do lado de fora, percebi que não fazia sentido esperar por ali. O músico sem dúvida iria para alguma festa glamorosa depois do show em algum lugar que brilhava e pulsava, para celebrar. Naquela noite, eu só estava familiarizada com dois lugares, o McDonald's e o bar desagradável que visitara com Raymond, e era bem improvável que ela acontecesse em qualquer um desses.

Vamos, Eleanor, disse a mim mesma. Aquela noite simplesmente não era para ser. O cartão permaneceria sem ser enviado em minha sacola, por enquanto. Eu mitiguei minha decepção com o pensamento consolador de que, quando finalmente acontecesse, seria perfeito, e não um encontro com esse propósito marcado sem aviso prévio em um clube noturno; além disso, então eu teria amaciado minhas botas novas e seria capaz de caminhar normalmente. Eu já estava cansada dos olhares que meu caminhar meio capenga estava atraindo.

@johnnieLocks

Me perguntando se meu material é um pouco desafiador demais para algumas pessoas, hein? Não vão a shows se vocês não aguentam sons novos.

#incompreendido #verdade

@johnnieLocks

Isso, porém, acontece com todos os grandes quando começam.

#Dylan #Springsteen #naestrada

N O FIM, PEGUEI UM TÁXI PARA CASA. Só depois que entrei lembrei que não tinha vodca. Simplesmente fui para cama. Acordei cedo no dia seguinte e resolvi caminhar até a loja local para comprar provisões, depois de atrapalhar minha rotina habitual por causa da tentativa fracassada de conhecer o cantor na noite passada. Peguei leite, um pacote de pãezinhos e uma lata de anéis de macarrão com molho. Queria comprar macarrão de letrinhas, mas, por impulso, escolhi em vez dele os anéis. É bom manter a mente aberta, embora eu saiba que os anéis e as letrinhas de macarrão têm o mesmo gosto. Não sou burra.

O dono era um homem charmoso de Bangladesh com uma marca de nascença interessante. Depois de todos esses anos, estávamos, é claro, em termos cordiais, o que era agradável. Botei os produtos em cima do balcão e examinei as prateleiras atrás dele enquanto ele registrava os produtos no caixa. Ele sorriu e anunciou o total.

– Obrigada – agradei e aponte para as prateleiras atrás dele. – Queria levar, também, duas garrafas de Glen's.

As sobrancelhas dele ergueram-se momentaneamente até o alto da cabeça, em seguida seu rosto ficou impassível.

– Infelizmente não posso lhe vender álcool, srta. Oliphant – disse ele parecendo bastante embaraçado. Eu sorri.

– Sr. Dewan, estou ao mesmo tempo lisonjeada e preocupada com o estado de sua visão – disse eu. – Acabei, na verdade, de entrar em meu trigésimo primeiro ano. – Senti uma pequena bolha de prazer tremular em meu interior. Bobbi Brown dissera que eu tinha uma pele boa (as partes vivas, ao menos), e agora o sr. Dewan me tomara por uma adolescente.

– São 9h10 da manhã – disse ele, bem diretamente. Uma pequena fila se

formara atrás de mim.

– Sei muito bem a hora – respondi. – Posso ter a ousadia de dizer que o que seus clientes escolhem como café da manhã não é em nada da sua conta?

Ele falou tão baixo que eu tive que me inclinar e me aproximar para ouvir.

– É ilegal vender álcool antes das dez da manhã, srta. Oliphant. Eu poderia perder minha licença.

– É mesmo? – indaguei, fascinada. – Eu não tinha a menor ideia disso! Infelizmente meu conhecimento da lei de licenças é falho, na melhor das hipóteses. – Ele me olhou fixamente.

– São 5,49 libras – repetiu ele, pegou minha nota de dez libras e me entregou o troco, sem tirar os olhos fixos dos sapatos durante todo o tempo. Senti uma mudança em nossa relação até então cordial, mas não consegui entender por quê. Ele nem se despediu.



Isso significava que eu teria que tornar a sair outra vez, mais tarde, para buscar minha vodca. Irritante. Por que você simplesmente não podia comprá-la da mesma maneira que comprava, digamos, leite? Digamos, em qualquer loja, a qualquer momento em que estivesse aberta? Ridículo. Imagino que seja para garantir que alcoólatras estejam protegidos de si mesmos por pelo menos algumas horas a cada dia; embora, racionalmente, isso não faça sentido. Se eu fosse química e psicologicamente viciada em álcool, me asseguraria de ter um suprimento à mão a qualquer momento, comprando em quantidade e fazendo estoque. Era uma lei ilógica; na verdade, qual a diferença entre comprar vodca às 9h10 ou às 10h10?

Vodca é, para mim, uma mera necessidade do lar, como um pão ou um pacote de chá. A melhor coisa nela é que me ajuda a dormir. Às vezes, quando chega a noite, eu deito ali no escuro e não consigo evitar lembrar; medo e pressão, mas principalmente medo. Em noites assim, a voz de minha mãe sibila no interior de minha cabeça, e outra voz, menor, mais tímida, aninha-se perto de meu ouvido, tão perto que consigo sentir seu hálito quente e em pânico se mover através dos pequenos pelos que transmitem o som, tão perto que ela mal tem de sussurrar. Essa voz pequena, ela desmorona,

suplicando: *Eleanor, por favor, ajude-me, Eleanor...* repetidas vezes. Nessas noites, preciso da vodca, ou eu desmoronaria, também.



Decido continuar a caminhar na direção do supermercado grande, que ficava a cerca de vinte minutos de distância. Seria um uso mais eficiente de meu tempo, permitindo-me comprar tudo de uma só vez, em vez de ir para casa e ter que sair novamente. Minha sacola estava bem pesada, por isso eu a pus no chão e desdobrei a estrutura desmontável que estava guardada em um dos compartimentos laterais internos. Eu o montei, encaixei a bolsa, *et voilà!*. Uma sacola sobre rodas. Ela fazia um som desarmônico de rolagem, mas isso era mais que compensado pela eficiência com que transportava objetos mais pesados.

O supermercado em questão tinha uma ampla variedade de produtos de qualidade – não apenas alimentos e bebidas, mas torradeiras, suéteres, frisbees e romances. Não era um Tesco Metro, era um Tesco Extra. Era, em resumo, um de meus lugares favoritos no mundo.

TESCO! LUZES FORTES, RÓTULOS CLAROS, 3 POR 2 e COMPRE UM E LEVE O OUTRO GRÁTIS e QUAISQUER 3 POR £5. Peguei um carrinho, porque gosto de empurrá-los. Enfiei a sacola no assento de crianças, e ficou bem difícil olhar ao redor dela, mas isso só deixava o exercício mais divertido. Não fui direto até a vodca; em vez disso, examinei um corredor por vez, começando no andar de cima na seção de produtos elétricos e, depois, no térreo, demorando-me diante de absorventes internos, depois molho de tomate e cuscuz Ainsley Harriot's Spice Sensation.

Gravitei na direção da padaria do mercado e parei de repente perto dos pãezinhos matinais bem assados, mal conseguindo acreditar nos meus olhos. O músico! Como sou abençoada por viver em uma cidade compacta, onde as vidas podem se cruzar tão de repente. Ah, mas quem vai dizer que isso foi accidental, pensei. Como observado antes, as maquinações do destino estão frequentemente além do conhecimento humano, e talvez houvesse forças maiores em ação aqui, jogando-nos no caminho um do outro nas circunstâncias mais improváveis. Servida pelo destino, me senti como uma heroína de Thomas Hardy nesta manhã (embora eu em silêncio e apaixonadamente tivesse solicitado ao Destino que não criasse nenhum encontro futuro para nós nas vizinhanças da explosão de ovelhas).

Com os olhos fixos no músico, me abaixei por trás de minha volumosa sacola no assento de crianças no carrinho e lentamente segui na direção dele. Parei o mais perto que ousei. Ele parecia cansado e pálido, mas ainda era bonito, embora de um modo bem amarrotado e muito relaxado. Ele jogou um pão branco fatiado na cesta e seguiu na direção do balcão de carnes. Mais uma vez, me vi em desvantagem. Não estava fisicamente pronta para me apresentar, estando menos que *soignée* àquela hora em um fim de semana, e

sem estar usando minhas roupas e botas novas. Tampouco eu tinha preparado uma frase para dar início à conversa. Eu não tinha sequer o cartão de felicitações em minha bolsa para entregar a ele. Lição: devo estar preparada o tempo todo.

Decidi que seria sábio parar de segui-lo, apesar de minha curiosidade avassaladora em relação ao que ele ia comprar em seguida, enquanto temia que meu metacarrinho fosse um tanto ostensivo. Em vez disso, fui direto para a seção de vinhos e bebidas e comprei três garrafas grandes de vodca de marca boa. Eu queria comprar apenas duas garrafas de Glen's, mas a promoção de Smirnoff estava incrível. Ah, sr. Tesco, eu simplesmente não posso resistir a suas barganhas maravilhosas.

Por sorte, o músico estava à espera no caixa quando cheguei. Havia uma pessoa atrás dele, por isso me refugiei na mesma fila com aquela proteção conveniente entre nós. Que seleção de compras bem escolhida! Ovos, bacon, suco de laranja (“com pedaços” – eu me perguntei pedaços de quê?) e comprimidos de Nurofen. Tive que me segurar para não me debruçar para a frente e explicar que ele estava desperdiçando dinheiro – a marca da droga anti-inflamatória não esteroide na verdade era apenas ibuprofeno 200mg, cuja versão genérica estava facilmente disponível por talvez um quarto do valor. Mas essa não podia ser minha frase de abertura. Eu precisaria de algo mais atraente, mais memorável, para nosso primeiro diálogo.

Ele pegou uma carteira de couro lindamente surrada e pagou com cartão de crédito, embora eu notasse que a soma total fosse menos de oito libras. Imagino que, como um membro da família real, ele seja simplesmente importante demais para carregar dinheiro. Durante sua conversa com a caixa – uma mulher de meia-idade que, de maneira um tanto bizarra, parecia completamente alheia aos charmes manifestos do homem bonito parado diante dela –, percebi outra oportunidade perdida. Dessa vez, não consegui resistir. Peguei meu telefone novo, acessei minha novíssima conta do Twitter e esperei até que ele tivesse pagado e deixado o lugar. Digitei rapidamente e apertei enviar.

Um cartão do Tesco é algo belo e alegria eterna. Você SEM DÚVIDA devia fazer um. Uma amiga preocupada, bj.

@johnnieLocks

Tesco: pare de empurrar o Grande Irmão espião-traço-cartão fidelidade aqui. Ei, isso é como viver em um estado policial. #ressaca #medeixemempaz #abaixoopoder

CLARO, EU JÁ SABIA que nós não vivíamos longe um do outro, mas não tinha me ocorrido que nossas vidas pudessem se cruzar de uma maneira não planejada. Às vezes esse lugar parece mais uma aldeia que uma cidade, mesmo. Então compartilhávamos um amor pelo Tesco. Não era surpresa. Eu me perguntei onde mais nossas existências se sobrepunham. Será que frequentávamos o mesmo correio, por exemplo, ou comprávamos remédios vendidos com receitas do mesmo farmacêutico? Refleti outra vez sobre a importância de estar pronta a qualquer momento para um encontro, para parecer o melhor possível e ter algo apropriado a dizer. Eu ia precisar de mais do que um par de roupas.

A festa de volta para casa de Sammy era esta noite às 19h, e Raymond se oferecera para me encontrar antes perto da casa de Laura. No início, achei que ele estava sendo surpreendente e atencioso de forma atípica, mas aí me dei conta de que ele simplesmente não queria chegar sozinho. Algumas pessoas, pessoas fracas, temem a solidão. O que elas não conseguiam entender é que há algo realmente libertador nela; quando você percebe que não precisa de ninguém, pode cuidar de si mesmo. A questão é essa: é *melhor* cuidar apenas de si mesmo. Você não pode proteger outras pessoas, por mais que se esforce. Você tenta e não consegue, e seu mundo desmorona ao seu redor, queima e vira cinzas.

Dito isso, eu às vezes me perguntava como seria ter alguém – um primo, digamos, ou um irmão – para ligar em momentos de necessidade, ou mesmo apenas para passar algum tempo conversando. Alguém que conhecesse, gostasse de você, desejasse o seu melhor. Uma planta em casa, por mais atraente e robusta que fosse, não era bem o bastante, infelizmente. Não fazia sentido, porém, sequer especular. Eu não tinha ninguém, e era fútil desejar

que fosse diferente. Afinal de contas, isso era o que eu merecia. E, na verdade, eu estava bem, bem. Eu não estava aqui, afinal de contas, no mundo, e indo para uma festa? Vestida em minhas melhores roupas e esperando um conhecido? Cuidado, noite de sábado, aí vem Eleanor Oliphant! Eu me permiti um sorrisinho.

No fim, meu humor azedou um pouco, pois tive que esperar vinte minutos por Raymond. Acho atrasos indelicados ao extremo; são tão desrespeitosos, implicando nitidamente que você considera a si mesmo e a seu próprio tempo muito mais valiosos que o da outra pessoa. Raymond por fim saiu de um minitáxi às 19h15, no momento em que eu estava prestes a ir embora.

– Oi, Eleanor! – disse ele, todo animado. Ele estava agarrado a uma sacola de compras que tilintava e um buquê de cravos baratos. Laura nos dissera especificamente que não levássemos nada. Por que ele ignorara seu pedido educado?

– Raymond, o convite era para as 19h – disse eu. – Nós combinamos de nos encontrar aqui às 18h50, e agora estamos indesculpavelmente atrasados. É muito desrespeitoso com nossa anfitriã! – Eu não conseguia olhar para ele. Inexplicavelmente, ele riu.

– Fica tranquila, Eleanor – disse ele.

Francamente. Tranquila!

– Ninguém nunca chega a uma festa na hora. É mais indelicado fazer isso do que se atrasar quinze minutos, acredite em mim. – Ele me olhou de alto a baixo. – Você está ótima – disse ele. – Diferente...

Não gostei daquela tentativa grosseira de mudar de assunto.

– Vamos? – disse eu bem sumariamente. Ele caminhou ao meu lado, fumando, como sempre.

– Eleanor – chamou ele. – Honestamente, não se estresse por causa disso. Quando as pessoas dizem 19h elas querem dizer, tipo, no mínimo 19h30. Provavelmente vamos ser as primeiras pessoas a chegar!

Fiquei desconcertada com isso.

– Mas por quê? – indaguei. – Por que você diria uma hora enquanto queria dizer algo completamente diferente, e como as pessoas podem saber?

Raymond apagou o cigarro e o deixou cair na sarjeta. Ele inclinou a cabeça

para o lado, pensativo.

– Não sei como você sabe, agora que penso nisso – disse ele. – Você simplesmente sabe. – Ele pensou mais um pouco. – É como, sabe, quando você convida pessoas para a sua casa e diz para elas irem às 20h, é sempre um pesadelo se algum... Se uma pessoa na verdade chegar às 20h, porque você não está pronto, não teve tempo de se arrumar, tirar o lixo ou fazer alguma outra coisa. É uma sensação, bem... quase passivo-agressiva, se alguém realmente chegar na hora ou, ah, minha nossa, antes?

– Eu não tenho a menor ideia do que você está falando – disse eu. – Se eu convidasse pessoas para chegar às 20h, então estaria pronta para elas às 20h. Do contrário, é uma péssima administração do tempo.

Raymond deu de ombros. Ele não havia feito qualquer esforço para se vestir bem para a festa, usando seu uniforme habitual de tênis (verdes) e camiseta. Essa dizia *Carcetti para Prefeito*. Insondável. Ele estava usando um paletó jeans mais claro que a calça. Eu não havia imaginado que fosse possível fazer um terno de brim, mas ali estava ele.

A casa de Laura ficava no fim de uma bela rua sem saída de pequenas casas modernas. Havia vários carros na entrada da garagem. Nós nos aproximamos da porta, e percebi que tinha gerânios em jardineiras nas janelas. Acho gerânios um tanto perturbadores; aquele cheiro forte e pegajoso quando você toca neles, um odor vegetal repulsivo, que é o contrário do floral.

Raymond tocou a campainha, que soou os acordes de abertura da terceira sinfonia de Beethoven. Um menino bem pequeno, com o rosto sujo de, como era de se esperar, chocolate, atendeu e olhou fixamente para nós. Eu olhei de volta para ele. Raymond deu um passo à frente.

– Tudo bem, cara? – cumprimentou. – Viemos aqui ver seu avô.

O menino continuou olhando fixo para nós, sem entusiasmo.

– Estou usando sapatos novos – disse ele, sem nenhum propósito. Nesse momento, Laura surgiu por trás dele no corredor. – Tia Laura – disse ele sem se virar, nitidamente sem parecer impressionado. – É mais gente para a festa.

– Estou vendo isso, Tyler – disse ela. – Por que não vai procurar seu irmão, ver se vocês podem encher mais balões para nós? – Ele assentiu e saiu correndo, com os pés pequeninos pisando forte na escada.

– Entrem – convidou ela com um sorriso para Raymond. – Papai vai ficar satisfeito em vê-los. – Ela não sorriu para mim, o que é o estado normal das coisas na maioria dos encontros que tenho com outras pessoas.

Entramos depois que Raymond limpou os pés de forma elaborada no capacho. Eu o copieei. Foi realmente algo que nunca esperava – precisar olhar para Raymond em busca de orientação para interação social.

Ele entregou as flores e a bolsa que tilintava, e Laura pareceu satisfeita. Percebi que, apesar de sua solicitação no hospital, eu devia ter trazido alguma coisa para dar a ela, também. Eu ia explicar que ela dissera que não fizéssemos isso, e eu tinha apenas feito a ela a cortesia de respeitar seus desejos, mas antes que pudesse falar, Raymond disparou:

– Isso é meu e de Eleanor.

Ela olhou no interior da sacola de compras – torci ardorosamente para que não fossem Haribo e Pringles outra vez – e agradeceu a nós dois. Balancei a cabeça em reconhecimento.

Ela nos conduziu à sala de estar, onde Sammy e sua família estavam sentados. Música pop banal tocava ao fundo, e uma mesa baixa estava coberta de tigelas de salgadinhos bege. Laura estava usando um vestido, envolvido ao seu redor como ataduras pretas, e balançava em saltos com uma plataforma de cinco centímetros. Seu cabelo loiro era – eu me esforcei para encontrar os termos corretos – ao mesmo tempo alto e volumoso, e caía bem além dos ombros em ondas reluzentes. Até Bobbi Brown podia achar *de trop* a quantidade de maquiagem que ela usava. A boca de Raymond estava levemente aberta, só o suficiente para enfiar uma carta através dela, e ele parecia um tanto atordoado. Laura parecia totalmente indiferente a sua reação.

– Raymond! Eleanor! – gritou Sammy, acenando bem do fundo de uma poltrona enorme de veludo. – Laura, você podia trazer uma bebida para eles dois? Estamos bebendo Prosecco – disse ele como uma confidência.

– Para você, chega, papai – disse seu filho mais velho. – Não com esses analgésicos.

– Ah, o que é isso, filho? Só se vive uma vez! – disse Sammy com animação. – Afinal de contas, há maneiras piores de morrer, hein, Eleanor?

Assenti. Ele estava, é claro, absolutamente certo. Eu sabia muito bem.

Laura apareceu com duas taças de um líquido efervescente que tinha cor de urina – para minha surpresa, bebi a minha inteira em três goles. Era seco, abiscoitado e extremamente delicioso. Eu me perguntei se era caro, e se poderia com o tempo substituir a vodca como minha bebida favorita. Laura percebeu e encheu meu copo.

– Você é como eu. Só bebo borbulhas – disse ela com aprovação.

Eu olhei ao redor.

– Você tem uma casa bonita – afirmei.

Ela assentiu.

– Levei alguns anos para deixar tudo como eu gosto, mas agora estou feliz com ela.

Fiquei surpresa com como tudo era coordenado, limpo e reluzente. Havia texturas por toda parte – plumas e estofados, veludo, seda – e cores vivas.

– É como um promontório onde uma bela ave faria seu ninho – disse eu. – Um quetzal ou uma águia imperial.

Estranhamente, ela pareceu ter dificuldade para encontrar a resposta apropriada. Sem dúvida um simples “obrigada” teria sido suficiente.

Depois de um silêncio não muito desconfortável por causa da bebida efervescente com borbulhas, ela me perguntou sobre o trabalho, e expliquei o que fazia, e como conhecera Raymond. Nós olhamos para ele, que estava empoleirado no braço da poltrona de Sammy, rindo de alguma coisa que um dos irmãos tinha dito.

– Até que ele não é mal, sabia? – disse ela com um sorriso malicioso. – Quer dizer, se você o arrumasse um pouco, fizesse um corte de cabelo decente... Sempre dá para achar alguém pior.

Levei um momento para compreender o que ela queria dizer.

– Ah, não – disse eu. – Você se equivocou por completo. Eu já tenho alguém. Ele é bonito, sofisticado e talentoso, um homem culto e educado. – Laura sorriu.

– Você tem muita sorte! Como vocês dois se conheceram, então?

– Bom, nós ainda não nos conhecemos – expliquei. – Mas é só questão de tempo.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, um som profundo e gutural que parecia errado vindo de uma mulher tão frágil e feminina.

– Você é hilária, Eleanor – disse ela. – Você vai ter que vir aqui para uns drinques algum dia. E se resolver cortar o cabelo, não se esqueça de mim, hein? Vou lhe cobrar um preço de amiga.

Pensei nisso. Eu estava relaxando um pouco com minha lista de tratamentos de beleza depois da experiência desconcertante com a depilação no salão e as mudanças triviais que tinham sido feitas em minhas unhas. Eu supus que devia insistir com isso. Normalmente, eu não estava nada interessada em meu cabelo e não o cortava desde os treze anos. Ele caía até minha cintura, reto e castanho-claro – só cabelo, nada mais, nada menos. Na verdade, eu mal dava atenção a ele. Entretanto, sabia que para o cantor se apaixonar por mim, teria que fazer um esforço muito maior.

– Esse, na verdade, é um momento feliz e inesperado, Laura – disse eu, bebendo mais das borbulhas deliciosas (meu copo parecia ter enchido a si mesmo milagrosamente). – Eu estava planejando uma espécie de reinvenção. A semana que vem estaria bom para você realizar uma mudança de penteado?

Ela pegou um telefone em uma mesinha presa à parede e digitou nele.

– O que acha de terça às 15h? – perguntou ela.

Todos tínhamos 25 dias úteis de férias anuais, e eu havia usado três – um dia para me recuperar depois de um tratamento doloroso de canal, um para uma das visitas semestrais do serviço social e um dia extra que eu acrescentara ao fim de semana de um feriado bancário para permitir que eu terminasse um volume grande, mas empolgante, da história da Roma Antiga, sem interrupção.

– Terça-feira seria esplêndido – respondi.

Ela saiu cintilante na direção da cozinha e reapareceu com uma bandeja de petiscos malcheirosos e quentes que ela passou ao redor da sala. O espaço tinha se enchido de gente, e o nível geral de volume estava muito alto. Fiquei parada por vários minutos examinando os *bibelots* e *objets* que ela colocara engenhosamente em torno da sala. Mais por tédio que necessidade, fui usar o banheiro, um pequeno armário de casacos embaixo da escada que também era reluzente e quente, branco, brilhante e aromatizado com figos de forma

improvável – o cheiro, percebi por fim, emanava de uma vela acesa em um vaso de vidro na prateleira abaixo do espelho. Velas em um banheiro! Desconfiei que Laura fosse uma espécie de sibarita.

Fui até o aposento no fim do corredor, que era, como tinha imaginado corretamente, a cozinha. O aposento também estava cheio de gente e barulho, mas consegui ver bancadas de mármore preto, armários creme lustrosos e muitos cromados. A casa dela era tão... reluzente. Ela era reluzente também, a pele, o cabelo, os sapatos, os dentes. Eu não havia sequer me dado conta antes; eu sou fosca, embotada e marcada.

Sentindo necessidade de escapar do barulho e do calor por um momento, abri a porta dos fundos e saí em um pátio. O jardim era pequeno e continha pouco em termos de vida botânica, sendo, em sua maioria, pavimentado com placas de concreto cobertas por um deque escorregadio. A noite caía, mas o céu, ali, parecia pequeno, e eu me senti encurralada por uma cerca alta que corria em todos os três lados. Inspirei profundamente, esperando ar fresco. Em vez disso, minhas passagens nasais foram assaltadas por alcatrão, nicotina e outros venenos.

– Noite agradável, hein? – disse Raymond, parado sem ser notado nas sombras e, só para variar, dando baforadas em um cigarro. Concordei com a cabeça.

– Saí à procura de um pouco de ar fresco – disse ele sem nenhum toque de ironia. – Eu não devia beber espumante, isso me deixa zozinho. – Percebi que eu mesma também estava um pouco alterada.

– Acho que estou pronta para ir para casa – disse eu, com os pés um pouco bambos. Era, entretanto, uma sensação adorável.

– Venha e sente-se por um minuto – disse Raymond, conduzindo-me na direção de um par de poltronas de madeira. Fiquei satisfeita ao fazer isso, pois minhas botas novas deixavam meu equilíbrio um pouco precário, na melhor das hipóteses. Raymond acendeu outro cigarro, ele parecia estar fumando um atrás do outro.

– Eles são uma família simpática, não são? – indagou.

– Laura vai cortar meu cabelo – respondi em um arroubo. Não tenho ideia por quê.

– Vai mesmo? – sorriu ele.

– Você gosta dela – afirmei, balançando a cabeça de modo sábio. Eu era uma mulher do mundo, afinal de contas.

Ele riu.

– Ela é maravilhosa, Eleanor, mas na verdade não faz meu tipo. – A ponta de seu cigarro brilhou vermelha na semiescuridão.

– Qual é seu tipo? – perguntei, descobrindo, para minha surpresa, que estava realmente interessada.

– Não sei. Alguém menos... Dispendiosa, eu acho. Alguém... Espere um minuto.

Fiquei mais que satisfeita de ficar sentada enquanto ele saiu andando e voltou, minutos depois, com uma garrafa de vinho e dois copos de papel decorados com extravagância, exibindo desenhos de roedores andando de skate.

– *Rasta Rato* – li em voz alta, lentamente. – Mas o que é isso?

– Me dê isso – disse Raymond, e serviu para nós dois um... copo. Nós brindamos com nossos recipientes. Não houve tim-tim.

– Achei que tinha encontrado a pessoa perfeita para mim – disse ele olhando fixamente para o fundo do jardim. – Mas não funcionou.

– Por que não? – questionei, embora pudesse, na verdade, pensar em muitas razões por que alguém não quisesse estar com Raymond.

– A questão é que ainda não tenho muita certeza. Eu gostaria de *saber*, isso tornaria as coisas mais fáceis...

Assenti. Parecia a coisa apropriada a fazer.

– Helen disse que não era eu, era ela. – Ele riu, mas não era uma risada divertida. – Eu não sei como Helen viera com esse papo velho. Depois de três anos... Era de se imaginar que ela soubesse antes disso que não estava funcionando para ela. Não sei o que mudou. *Eu* não mudei... Pelo menos, acho que não...

– As pessoas podem ser... inescrutáveis – disse eu, tropeçando de leve na palavra. – Costumo dizer que não entendo por que elas fazem e dizem as coisas.

Ele concordou com a cabeça.

– Nós tínhamos um belo apartamentinho, saíamos em grandes férias. Eu estava... Eu, na verdade, estava pensando em pedi-la em casamento. Nossa...
– Ele olhou fixamente para as pedras do piso e tentei sem sucesso visualizar Raymond em um fraque, com cartola e gravata, mas não um kilt.

– Mas tudo bem – disse ele depois de algum tempo. – É muito divertido estar com os amigos, e tenho esse emprego novo. As coisas estão bem. É só que... Não sei. Ela disse que eu era bonzinho demais. O que exatamente eu devia fazer a respeito disso? Quer dizer... ser mais um canalha? Será que eu devia ter batido nela, ou a traído?

Eu percebi que, na verdade, ele não estava conversando comigo; era como em uma peça quando o personagem apenas fala em voz alta sem razão aparente. Eu, entretanto, sabia a resposta para sua pergunta.

– Não, Raymond – disse eu. – Você nunca teria feito nenhuma dessas coisas. – Terminei meu copo de vinho e servi mais. – Vivi com um homem chamado Declan por alguns anos. Ele costumava me socar nos rins, me dar tapas. Ele me quebrou doze ossos no total. Passava algumas noites fora e depois voltava para casa e me contava sobre as mulheres com quem estivera. Era minha culpa, tudo minha culpa. Mas ainda assim, eu sabia que ele não devia ter feito isso. Sei disso agora, pelo menos.

Raymond olhava fixamente para mim.

– Nossa, Eleanor. Quando foi isso?

– Há vários anos – respondi. – Quando eu ainda estava na faculdade. Ele me viu no Jardim Botânico um dia, e simplesmente se aproximou e começou a conversar comigo. Sei que parece ridículo olhando para trás. No fim de semana, ele já tinha se mudado para minha casa.

– Ele também era estudante? – disse Raymond.

– Não, ele dizia que ler livros era perda de tempo, maçante. Ele também não trabalhava. Não conseguia encontrar um emprego certo, dizia. Imagino que não seja fácil encontrar o emprego certo, né?

Raymond olhava para mim com uma expressão estranha no rosto.

– Declan queria me ajudar a ser uma pessoa melhor – disse eu. Raymond acendeu mais um cigarro.

– Como isso acabou? – disse ele sem olhar para mim, soprando uma longa

torrente de fumaça no ar, como um dragão nada assustador.

– Bom – contei. – Ele quebrou meu braço outra vez, e quando fui para o hospital, eles de algum modo adivinharam que aquilo não tinha acontecido como eu dissera. Ele me disse para contar a eles que eu tinha caído, mas não acreditaram em mim. – Eu tomei outro gole grande. – Enfim, uma enfermeira simpática apareceu e conversou comigo, explicou que as pessoas que realmente amam você não te machucam, e que não era certo ficar com alguém que fizesse isso. Da maneira como explicou, tudo fez sentido. Eu devia ter compreendido por conta própria, na verdade. Pedi a ele que fosse embora quando cheguei, e, como ele não fez isso, chamei a polícia, como a enfermeira havia sugerido. E foi isso. Ah, e eu troquei as fechaduras.

Ele não disse nada e encarou seus sapatos com uma concentração intensa. Sem olhar para mim, estendeu a mão e tocou meu braço, deu tapinhas hesitantes, como uma pessoa faria com um cavalo ou um cachorro (se tivesse medo de cavalos ou cachorros). Ele sacudiu a cabeça de forma delicada por um bom tempo, mas parecia incapaz de articular uma resposta. Não importava: eu não precisava de uma. Aquilo tudo era passado remoto agora. Eu estava feliz sozinha. Eleanor Oliphant, a única sobrevivente. Essa sou eu.

– Vou para casa agora, Raymond – disse eu enquanto me levantava rapidamente. – Vou pegar um táxi.

– Boa ideia – disse ele, em seguida terminou a bebida. Ele pegou o celular. – Mas você não vai sair andando sozinha pelas ruas e tentar pedir um, não a essa hora da noite. Vou chamar um para você; olhe, tenho um aplicativo! – Ele me mostrou o telefone, exultante.

– O que eu deveria estar olhando? – disse eu, espiando a tela. Ele me ignorou e verificou a mensagem.

– Vai estar aqui em cinco minutos – informou ele.

Ele esperou comigo no corredor até a chegada do táxi, em seguida me conduziu até o veículo e segurou a porta para mim. Eu o vi observar a taxista, uma mulher de meia-idade que parecia cansada e entediada, enquanto eu subia no banco de trás.

– Você vem, também? – perguntei, indagando por que ele estava hesitante no meio-fio. Ele verificou o telefone, esfregou o cabelo e olhou da casa para o

táxi e de volta para a casa. – Não – disse ele. – Acho que vou ficar por aqui mais um pouco. Ver o que vai acontecer.

Eu me virei para observá-lo enquanto o táxi se afastava. Ele cambaleou um pouco ao caminhar pela calçada, e vi Laura emoldurada na porta com dois copos nas mãos, um deles oferecido a ele.

RAYMOND ME MANDOU UMA MENSAGEM por correio eletrônico no trabalho, na semana seguinte – foi muito estranho ver seu nome em minha caixa de entrada. Como eu esperava. Ele era semianalfabeto.

Olá. Espero que esteja tudo bem com vc. Tenho um favorzinho para pedir. O filho de Sammy Keith me convidou para seu aniversário de quarenta anos este sábado (acabei ficando até tarde na festa, por falar nisso, foi muito divertido). Quer me acompanhar? É no clube de golfe, tem um bufê? Sem problema se não. Me diga. R

Um bufê. Em um clube de golfe. O Senhor dá e o Senhor tira. E duas festas em um mês! Mais festas do que eu tinha ido em duas décadas. Respondi:

Caro Raymond,
Eu adoraria acompanhá-lo à celebração de aniversário.
Atenciosamente,
Eleanor Oliphant (srta.)

Momentos depois, recebi uma resposta: ☺

Comunicação do século XXI. Temo pelos níveis de alfabetização de nossa nação.

Eu havia me organizado para tirar a tarde de folga naquele dia para meu horário na cabeleireira, mas almocei antes na sala de funcionários, como sempre, com a palavra cruzada do *Telegraph*, um sanduíche de atum com milho verde, batatas fritas com vinagre e suco de laranja com pedaços. Devo agradecer ao músico, no devido tempo, por me apresentar aos prazeres dos pedaços. Depois desse repasto delicioso, e com um pequeno sorriso de triunfo ao pensar que meus colegas tinham de permanecer atrás de suas mesas pelo

resto da tarde, peguei um ônibus para a cidade.

O Heliotrope ficava em uma rua chique no centro, no térreo de um prédio vitoriano de arenito. Sem dúvida não era o tipo de lugar que eu visitaria com frequência – música alta, uma equipe agressivamente moderna e espelhos demais. Imaginei que ali pudesse ser onde o músico ia cortar o cabelo, e isso fez com que eu me sentisse melhor em relação àquilo. Talvez um dia ficassemos sentados lado a lado naquelas cadeiras de couro, de mãos dadas sob os secadores de cabelo.

Esperei que a recepcionista terminasse sua ligação e me afastei do grande vaso de lírios rosa e brancos no balcão. O cheiro grudou no fundo de minha garganta como pelo ou penas. Senti ânsia de vômito; aquilo não era algo feito para humanos.

Eu tinha me esquecido de como salões de cabeleireiros eram barulhentos, com o zumbido constante de secadores e conversas vazias, e me posicionei na cadeira perto da janela depois de botar um quimono de nylon preto que, fiquei alarmada ao ver, já estava salpicado de pequenos fragmentos de cabelo cortados de uma cliente anterior. Eu os limpei bem depressa.

Laura chegou parecendo tão glamorosa quanto antes, e me conduziu na direção de uma cadeira diante de uma fileira aterrorizante de espelhos.

– Você se divertiu no sábado? – perguntou, remexendo em um banco até estar sentada atrás de mim na mesma altura. Ela não olhava direto para mim, mas para o espelho, onde se dirigia a meu reflexo; eu me vi fazendo a mesma coisa. Era estranhamente relaxante.

– Eu me diverti – disse eu. – Foi uma noite esplêndida.

– Meu pai já está me deixando louca, ficando no quarto extra – disse ela com um sorriso. – E ainda tenho duas semanas disso. Não sei como vou aguentar. – Eu assenti.

– Digo por experiência que pais podem ser desafiadores – falei. Trocamos um olhar solitário.

– E agora, então, o que vamos fazer por você hoje? – disse ela, soltando o elástico na ponta de minha trança e jogando-o fora. Olhei fixamente para meu reflexo. Meu cabelo era de um castanho cor de rato, repartido no meio, escorrido e não especialmente denso. Cabelo humano, fazendo o que cabelo

humano faz: crescer em minha cabeça.

– Alguma coisa diferente. O que você sugeriria?

– O quanto você está preparada para ser corajosa, Eleanor? – perguntou Laura. Essa era a pergunta certa. Sou corajosa. Sou a corajosa e valente Eleanor Oliphant.

– Faça o que quiser – disse eu. Ela pareceu se animar.

– Tintura, também?

Pensei naquilo.

– Seria uma cor normal de cabelo humano? Não acho que gosto de rosa ou azul, nem nada assim.

– Vou fazer um corte em camadas, picotado e na altura do ombro, entremeado com mechas cor de mel e caramelo e uma franja longa jogada. O que acha?

– Parece um monte de tagarelice incompreensível – disse eu. Ela riu de minha reflexão e, em seguida, parou, talvez porque eu não estivesse rindo.

– Confie em mim, Eleanor – disse ela com seriedade. – Vai ficar lindo.

– Lindo não é uma palavra normalmente associada com minha aparência – disse eu, extremamente cética. Ela me deu tapinhas no braço.

– Espere só – disse ela com delicadeza. – MILEY! – gritou, quase me fazendo cair da cadeira. – Venha me ajudar a preparar umas tinturas.

Uma garota baixinha e gordinha com pele ruim e olhos bonitos chegou apressada. Laura deu uma receita envolvendo percentuais e códigos que podiam muito bem ser para fazer pólvora.

– Chá? Café? Uma revista? – ofereceu Laura. Eu mal pude acreditar quando me vi, cinco minutos depois, bebendo um cappuccino e folheando a última edição da revista *OK!*. Olhem para mim, pensei.

– Pronta? – perguntou Laura. A mão dela, quente e macia, roçou minha nuca quando pegou o novelo pesado de meu cabelo e o torceu em uma corda às minhas costas. O barulho baixo da tesoura cortando através dele era como o som de brasas se deslocando no fogo; tilintante, perigoso. Isso acabou em um momento. Laura ergueu o cabelo no ar. Uma Dalila triunfante. – Vou cortar direito depois de terminar de colorir – disse ela. – Nós só precisamos de uma base sobre a qual trabalhar nesse ponto.

Como eu estava sentada imóvel, não senti nenhuma sensação diferente. Ela largou o cabelo no chão onde ele ficou como um bicho morto. Um garoto magro, que parecia preferir estar fazendo praticamente qualquer outra coisa, varreu bem devagar e empurrou minha criatura de cabelo para a pá de lixo com uma vassoura de cabo longo. Observei seu progresso em torno do salão pelo espelho. O que acontecia com todo o cabelo, depois? A ideia do valor de um dia ou uma semana de trabalho jogado em uma lata de lixo, seu cheiro e o empilhamento macio como marshmallow no interior, fez com que eu me sentisse um pouco mal.

Laura se aproximou empurrando um carrinho, em seguida começou a passar várias pastas espessas em mechas selecionadas de meu cabelo, alternando entre potes. Depois que cada seção de gosma foi aplicada, ela enrolou o cabelo pintado em quadrados de papel-alumínio. Era um procedimento fascinante. Por trinta minutos, ela me deixou sentada com a cabeça envolta em alumínio e o rosto vermelho, em seguida voltou empurrando uma luz quente em um suporte, que ela pôs às minhas costas.

– Vinte minutos e você vai estar pronta – disse ela.

Ela me trouxe mais revistas, mas o prazer havia diminuído – eu tinha me cansado rapidamente de fofoca de celebridades, e parecia que o salão não comprava a *Which?*, nem a *BBC History*, para minha grande decepção. Um pensamento não parava de me incomodar, e eu o ignorei. Eu, escovando o cabelo de outra pessoa? Sim, alguém menor que eu, sentada em uma cadeira enquanto eu ficava parada atrás e penteava para desembaraçar os fios, fazendo o possível para ser delicada. Ela odiava os nós e puxões. Pensamentos desse tipo – vagos, misteriosos e preocupantes – eram exatamente o que a vodka era boa para apagar, porém infelizmente só haviam me oferecido as opções de chá ou café. Eu me perguntei por que salões de beleza não forneciam nada mais forte. Uma mudança de estilo pode ser estressante, afinal de contas, e é difícil relaxar em um ambiente tão barulhento e iluminado. Isso provavelmente também animaria os clientes a dar gorjetas maiores. Ficar embriagado significava gorjetas mais altas, pensei e ri baixinho.

Quando a campainha soou na lâmpada de calor, a garota que misturou as cores veio e me conduziu para a lavagem, que era, para todos os efeitos, uma

pia. Permiti que o papel-alumínio fosse retirado de meu cabelo. Ela passou água morna por ele e, em seguida, o lavou com xampu. Seus dedos eram quentes e habilidosos, e fiquei maravilhada com a generosidade daqueles seres humanos que desempenhavam serviços pessoais para outros. Ninguém lavava meu cabelo desde que eu podia me lembrar. Imagino que minha mãe deva tê-lo lavado para mim quando eu era pequena, mas era difícil imaginá-la desempenhando qualquer auxílio terno desse tipo.

Depois que o xampu foi enxaguado, a garota fez uma “massagem shiatsu de cabeça”. Eu jamais conhecera tamanho êxtase. Ela massageou meu couro cabeludo com delicadeza e precisão, e eu senti os pelos de meu antebraço se arrepiarem, em seguida um raio de eletricidade descer pela minha espinha. Ele terminou cerca de nove horas antes do que eu gostaria que tivesse acabado.

– Você estava com muita tensão no couro cabeludo – disse ela com sagacidade enquanto enxaguava o creme condicionador. Eu não tinha ideia de como responder e optei por um sorriso, o que me serve bem na maioria das ocasiões (não, porém, se é algo relacionado à morte ou doença... agora sei disso).

De volta à mesma cadeira, com o cabelo mais curto e pintado, Laura retornou com tesouras afiadas.

– Você não consegue ver a cor direito enquanto está molhado – disse ela. – Espere só!

No fim, o corte levou apenas dez minutos, mais ou menos. Admirei a perícia e a confiança com a qual realizou a tarefa. A secagem demorou muito mais, com considerável ação elaborada com a escova. Li minha revista decidida, por sugestão dela, a não olhar até que a escova estivesse pronta. O secador foi desligado, produtos químicos foram borrifados, cumprimentos e ângulos foram examinados e alguns picotes adicionais foram feitos aqui e ali. Eu ouvi o riso de prazer de Laura.

– Olhe, Eleanor! – exclamou ela.

Ergui a cabeça da reportagem profunda da *Marie Claire* sobre mutilação genital feminina. Meu reflexo mostrou uma mulher muito mais jovem, uma mulher confiante com cabelo reluzente que tocava seus ombros e uma franja

que caía sobre seu rosto e ficava bem em cima da face com cicatriz. Eu? Virei-me para a direita e depois para a esquerda, olhei no espelho de mão que Laura estava segurando atrás de minha cabeça para que eu pudesse ver a parte de trás, lisa e escorrida. Engoli em seco.

– Você me deixou resplandecente, Laura – disse eu. Tentei evitar, mas uma pequena lágrima escorreu pelo lado de meu nariz. Eu a esfreguei com as costas da mão antes que ela pudesse umedecer as pontas de meu cabelo novo.

– Obrigada por me deixar reluzente.

BOB ME CHAMARA PARA UMA REUNIÃO. Ele me olhou fixamente quando entrei em seu escritório. Eu me perguntei por quê.

– Seu cabelo! – exclamou ele, por fim, como se adivinhasse a resposta para uma pergunta. Eu não achara fácil penteá-lo de manhã, mas pensei que tivesse feito uma boa tentativa. Levei as mãos à cabeça.

– Qual o problema com ele? – perguntei.

– Não há nada errado. Ele está... Está bonito – disse ele sorrindo e balançando a cabeça afirmativamente. Houve um momento desconfortável. Nenhum de nós estava acostumado a que Bob fizesse comentários sobre minha aparência.

– Eu cortei – falei. – É óbvio.

Ele assentiu.

– Sente-se, Eleanor. – Eu olhei ao redor. Dizer que o escritório de Bob era desarrumado era subestimar o grau de caos em que sempre se encontrava. Ergui uma pilha de folhetos da cadeira diante da mesa dele e a pus no chão. Ele se inclinou para a frente. Bob envelhecera muito mal durante o tempo em que eu o conhecia; quase todo seu cabelo caíra e ele ganhara muito peso. Parecia muito com um bebê dissoluto.

– Você trabalha aqui há muito tempo, Eleanor – disse ele. Eu assenti; isso estava factualmente correto. – Você sabia que Loretta em breve vai sair de licença? – Sacudi a cabeça. Não me interessei pelo papo trivial da vida cotidiana do escritório. A menos que seja fofoca sobre certo cantor, é claro.

– Não posso dizer que esteja surpresa – disse eu. – Sempre duvidei de sua compreensão dos princípios básicos da cobrança de impostos. – Dei de ombros. – Por isso, talvez, seja melhor assim.

– O marido dela está com câncer nos testículos, Eleanor – disse ele. – Ela

quer cuidar dele.

– Isso deve ser muito difícil para os dois – disse eu. – Mas, se detectado cedo o bastante, as taxas de sobrevivência e recuperação dos testículos são boas. Se você é homem e tem o azar de desenvolver qualquer tipo de câncer, esse talvez seja o melhor tipo de se ter.

Ele remexeu em uma de suas canetas pretas elegantes.

– Então – prosseguiu. – Vou precisar de outra gerente administrativa, pelo menos por alguns meses. – Assenti. – Você estaria interessada, Eleanor? Isso significaria um pouco mais de dinheiro, um pouco mais de responsabilidade. Mas acho que você está pronta para isso.

Pensei a respeito.

– Quanto a mais de dinheiro? – perguntei. Ele escreveu uma soma em um Post-it, arrancou-o do bloco e passou para mim. Eu levei um susto. – Além de meu salário atual?

Tive visões de ir de táxi para o trabalho em vez de ir de ônibus, melhorar tudo para o Tesco Finest, e de beber o tipo de vodca que vem em garrafas pesadas opacas.

– Não, Eleanor. – disse ele. – Essa quantia seria seu novo salário.

– Ah – disse eu.

Se esse fosse o caso, eu teria que considerar a relação risco/recompensa com cuidado. Será que esse aumento de salário compensaria de maneira adequada a quantidade maior de trabalho administrativo entediante que eu teria que realizar, o aumento nos níveis de responsabilidade pelo funcionamento bem-sucedido do escritório e, pior ainda, o grau de interação significativamente maior que eu precisaria estabelecer com meus colegas?

– Posso ter alguns dias para pensar, Bob? – perguntei.

Ele assentiu.

– É claro, Eleanor. Eu esperava que dissesse isso. – Olhei para minhas mãos. – Você é uma boa funcionária, Eleanor. Quanto tempo tem, oito anos?

– Nove – disse eu.

– Nove anos, e você nunca faltou nenhum dia por doença, nunca usou todas as férias anuais. Isso é dedicação, sabe? Não é fácil encontrar hoje em dia.

– Não é dedicação – disse eu. – Simplesmente tenho uma constituição muito robusta, e ninguém com quem sair de férias.

Bob afastou os olhos, e eu me levantei, pronta para ir embora.

Ele limpou a garganta.

– Ah, mais uma coisa, Eleanor. Como Loretta está muito ocupada preparando o material que vai deixar para sua substituta... Eu poderia pedir a você que ajudasse com uma coisa?

– Pode pedir, Bob – disse eu.

– O almoço de Natal do escritório... Você acha que poderia organizá-lo este ano? – perguntou. – Ela não vai ter tempo antes de acabar, e eu já tenho gente no escritório reclamando que, se não reservarmos algum lugar...

– Eles vão acabar no Wetherspoons – disse eu, assentindo. – Sim, estou familiarizada com a questão, Bob. Se você quiser, eu certamente estarei disposta a organizar o almoço. Tenho *carte blanche* em relação a local, cardápio e tema?

Bob assentiu, já mais uma vez ocupado em seu computador.

– Claro – disse ele. – A empresa vai entrar com dez libras por cabeça. Depois disso, é com vocês escolher aonde ir e quanto dinheiro extra querem pagar.

– Obrigada, Bob – disse eu. – Não vou decepcioná-lo.

Ele não estava ouvindo, envolvido no que quer que estivesse na tela do computador. Minha cabeça estava zunindo. Duas decisões importantes a tomar. Outra festa para ir. E o talentoso e bonito Johnnie Lomond, *chanteur extraordinaire* e parceiro de vida em potencial no horizonte. A vida era muito intensa.

Quando tornei a me sentar ao meu computador, olhei fixamente para a tela por algum tempo, sem ler de fato as palavras. Eu me senti um pouco enjoada ao pensar em todos os dilemas que precisaria enfrentar, a um ponto que, embora fosse quase hora do almoço, eu não tinha desejo de comprar e comer meu almoço. Percebi que conversar com alguém sobre tudo aquilo talvez ajudasse. Eu me lembrei disso do passado. Aparentemente, conversar era bom; ajudava a manter as ansiedades em perspectiva. As pessoas sempre diziam isso. *Converse com alguém, você quer conversar sobre isso, como está se*

sentindo, quer dividir alguma coisa com o grupo, Eleanor? Você não precisa dizer nada, mas pode prejudicar sua defesa se não mencionar quando perguntada algo a que mais tarde vai recorrer no tribunal. Srta. Oliphant, pode nos contar com suas próprias palavras o que se recorda dos acontecimentos que ocorreram naquela noite?

Senti um filete de suor escorrer pelas costas e um adejar no peito, como um pássaro aprisionado. O computador fez aquele *ping* irritante que indica a chegada de uma mensagem. Cliquei sobre ela sem pensar. Como detesto essas reações pavlovianas em mim mesma!

Oi! Confirmado no sábado? Encontro vc na estação e podemos pegar o trem p/ a festa de Keith. Por volta das 20h? R

Ele havia anexado uma imagem: o rosto de um político famoso ao lado do close da cara de um cachorro que parecia exatamente como ele. Eu ri – a semelhança era inacreditável. Embaixo ele escrevera *Quarta-feira de manhã hahahaha*, o que quer que isso significasse.

Por impulso, digitei em resposta imediatamente:

Bom dia, Raymond. A imagem canina/ministerial foi muito divertida. Por acaso você estaria livre para almoçar às 12h30? Atenciosamente, Eleanor

Não houve nenhuma resposta por quinze minutos, e comecei a me arrepender de minha decisão impulsiva. Eu nunca havia convidado ninguém para almoçar antes. Empreendi minhas verificações on-line habituais à procura de alguma atualização do músico – não havia nada novo no Facebook, no Twitter ou Instagram, infelizmente. Eu ficava ansiosa quando ele estava em silêncio. Desconfiava que isso significasse que ele estivesse muito triste ou, talvez mais preocupante, muito feliz. Uma namorada nova?

Eu me senti apreensiva e estava pensando que, talvez, eu não comesse toda minha refeição, apenas um suco antioxidante e um saco pequeno de amendoins com wasabi, quando outra mensagem chegou.

Desculpe, precisei resolver uma ligação do atendimento ao cliente. Disse a ele para desligar e tornar a ligar o computador hahahaha. Sim, almoço seria legal. Vejo você na porta em 5 minutos? R

Eu respondi.

Está bem. Obrigada.

De maneira arrojada, não botei meu nome na mensagem, pois percebi que ele sabia que seria minha.



Raymond estava atrasado. Chegou em oito minutos, em vez de nos prometidos cinco, mas resolvi não falar nada sobre isso dessa única vez. Ele sugeriu que fôssemos a um café do qual ele gostava, depois da esquina.

Não era o tipo de lugar que eu normalmente frequentaria, com seu ar boêmio e decadente, com móveis que não combinavam e muitas almofadas e tecidos sobre eles. Qual seria a probabilidade de serem lavados com regularidade?, me perguntei. Mínima, na melhor das hipóteses. Estremeci ao pensar em todos aqueles micróbios; o calor do café e as fibras densas das almofadas seriam um criadouro perfeito para ácaros e, talvez, até piolhos. Eu me sentei a uma mesa com cadeiras de madeira comuns e nenhum móvel estofado.

Raymond parecia conhecer o garçom, que o cumprimentou pelo nome quando trouxe os cardápios. Os funcionários pareciam ser do mesmo tipo de pessoa que ele: desleixados, sujos, malvestidos, tanto os homens quanto as mulheres.

– O falafel normalmente é bom – disse ele. – Ou a sopa... – Apontou para os especiais no quadro-negro.

– Creme de couve-flor com cominho – disse eu, lendo em voz alta. – Ah, não. Não, eu acho que não.

Eu ainda estava em confusão gástrica depois de minha reunião com Bob, e por isso apenas pedi um café com creme e um scone de queijo. O que quer que Raymond estivesse comendo tinha um cheiro nojento, como vômito delicadamente requentado. Ele comeu de forma ruidosa com a boca meio aberta, por isso eu tive que virar o rosto. Isso tornou mais fácil abordar o assunto da oferta de Bob e da tarefa da qual ele me incumbira.

– Posso lhe fazer uma pergunta, Raymond? – indaguei. Ele bebeu

ruidosamente seu refrigerante de cola e assentiu. Tornei a afastar os olhos. O homem que nos servira estava no balcão, balançando a cabeça ao ritmo da música. Era um ruído cacofônico com guitarras demais e melodia de menos. Era, pensei, o som da loucura, o tipo de música que lunáticos escutam na mente antes de deceparem a cabeça de raposas e jogá-las no jardim dos fundos dos vizinhos.

– Me ofereceram uma promoção para o cargo de gerente administrativa – disse eu. – Você acha que eu deveria aceitar?

Ele parou de mastigar e deu outro gole em sua bebida.

– Isso é maravilhoso, Eleanor – disse ele. – O que a está impedindo?

Eu mordisquei meu scone – estava inesperadamente delicioso, muito melhor do que os que você compra no Tesco. Nunca pensei que ia achar isso do nada.

– Bem – comecei. – O lado bom é que eu ganharia mais dinheiro. Não uma grande quantia a mais, mas ainda assim... O suficiente para me permitir a melhoria de algumas coisas. Por outro lado, isso traria mais trabalho e responsabilidade. E grande parte dos funcionários do escritório são preguiçosos e idiotas, Raymond. Gerenciá-los e a seus trabalhos seria um desafio e tanto, posso lhe assegurar.

Ele deu uma gargalhada, em seguida tossiu – parecia que seu resfriado tinha piorado.

– Entendo o que você quer dizer – disse ele. – Na verdade a questão é uma só: será que o dinheiro extra compensa a inconveniência maior?

– De fato – disse eu. – Você resumiu meu dilema de maneira bem simples.

Ele fez uma pausa e mastigou mais.

– O que você pretende, Eleanor?

Eu não tinha ideia de o que ele queria dizer, o que deve ter ficado evidente por minha expressão facial.

– O que quero dizer é: você planeja ficar na área administrativa a longo prazo? Se sim, poderia ser bom, um novo cargo e um novo salário. Quando for a hora de dar o próximo passo, você estará em posição muito melhor.

– O que você quer dizer com o “próximo passo”? – perguntei. O homem era incapaz de falar de forma simples.

– Quando você se candidatar a outro emprego em outra empresa, quero dizer – explicou ele acenando o garfo no ar. Eu me encolhi, com medo que algum microponto de saliva pudesse me atingir. – Bom, você não quer trabalhar na By Design para sempre, quer? – disse ele. – Você tem quantos anos? Vinte e seis? Vinte e sete?

– Fiz trinta recentemente, Raymond – disse eu, surpreendentemente satisfeita.

– É mesmo? – disse ele. – Bom, você não está planejando passar o resto da vida cuidando das contas de Bob, está?

Eu dei de ombros; na verdade, não havia pensado sobre isso sequer por um instante.

– Imagino que sim – disse eu. – O que mais eu faria?

– Eleanor! – exclamou ele, chocado por algum motivo. – Você é inteligente, é conscienciosa, você é... muito bem organizada – disse ele. – Você poderia ter muitos outros empregos.

– É mesmo? – disse eu, desconfiada.

– Claro! – disse ele balançando a camisa vigorosamente. – Quer dizer, você sabe lidar com números, certo? Você fala bem. Sabe alguma outra língua?

Concordei com a cabeça.

– Eu sou bastante boa em latim, na verdade – respondi.

Ele franziu sua boca pequena e cercada de pelos.

– Uhm – disse ele, gesticulando para o garçom, que veio e limpou a mesa. Ele voltou com dois cafés e um prato não solicitado de trufas de chocolate.

– Aproveitem, gente! – disse o garçom botando o prato na mesa com floreios.

Eu sacudi a cabeça, sem acreditar que alguém pudesse dizer uma coisa dessas.

Raymond voltou ao tema.

– Há vários lugares que poderiam estar à procura de uma gerente administrativa, Eleanor. Não só de design gráfico, poderia ser uma clínica, uma empresa de tecnologia da informação ou, bom, muitos lugares! – Ele enfiou uma trufa na boca. – Você quer ficar em Glasgow? Você podia se

mudar para Edimburgo, ou Londres, ou... Bom, na verdade, o mundo é seu, não é?

– É? – disse eu. Mais uma vez, nunca passara pela minha cabeça me mudar de cidade, viver em outro lugar. Bath, com suas fabulosas ruínas romanas, York, Londres... Era tudo um pouco demais.

– Ocorreu-me que há muitas coisas na vida que eu nunca pensei em fazer, Raymond, imagino não ter percebido que tenha qualquer controle sobre elas. Isso parece ridículo, eu sei – afirmei.

Ele ficou muito sério e se inclinou para a frente.

– Eleanor, não deve ter sido fácil para você. Você não tem irmãos nem irmãs, seu pai nunca esteve presente, e você disse que tem... uma relação difícil com sua mãe?

Eu assenti.

– Você está atualmente saindo com alguém? – perguntou ele.

– Estou – disse eu.

Ele parecia estar na expectativa; parecia exigir uma resposta mais detalhada que isso. Eu dei um suspiro e sacudi a cabeça. Falei da forma mais devagar e nítida possível.

– Estou saindo com você agora, Raymond, você está sentado bem à minha frente.

Ele deu uma gargalhada.

– Você sabe muito bem o que quero dizer, Eleanor. – Ficou evidente que eu não sabia. – Você tem namorado? – disse ele com paciência.

Hesitei.

– Não. Bom... Tem uma pessoa. Mas, não, acho que a resposta factualmente correta nesse momento é não, por enquanto pelo menos.

– Então você tem muita coisa com que lidar sozinha – disse ele, não como pergunta, mas como uma afirmação. – Não devia se punir por não ter um plano de carreira para os próximos dez anos.

– *Você* tem um plano de carreira para os próximos dez anos? – perguntei. Parecia improvável.

– Não – disse ele com um sorriso. – Será que alguém tem? Quer dizer, alguém normal.

Eu dei de ombros.

– Não sei ao certo se conheço realmente alguma pessoa normal – disse eu.

– Não estou ofendido, Eleanor – ele riu.

Pensei naquilo, em seguida entendi o que ele quisera dizer.

– Não quis ofender, Raymond – disse eu. – Desculpe.

– Não seja boba – disse ele, e apontou para a conta. – Então, até quando você precisa decidir sobre o cargo? Não sei se minha opinião importa, mas acho que você deveria aceitar. Quem não arrisca, hein? Além disso, tenho certeza de que você daria uma ótima gerente administrativa.

Olhei para ele com atenção à espera de uma observação subsequente ou um comentário depreciativo, mas, para minha surpresa, não veio nada disso. Ele pegou a carteira e pagou a conta. Protestei com veemência, mas ele recusou terminantemente que eu contribuísse com minha parte.

– Você só tomou um café e comeu um scone – disse ele. – Pode me pagar o almoço quando receber seu primeiro pagamento como gerente administrativa! – Ele deu um sorriso.

Agradei a ele. Ninguém nunca me pagou o almoço antes. Era uma sensação muito agradável ter alguém para assumir despesas em meu nome, voluntariamente, sem esperar nada de volta.

A hora terminou bem quando chegamos ao prédio do escritório, e por isso nos despedimos rapidamente antes de voltar às nossas respectivas mesas. Esse foi o primeiro dia em nove anos que eu almocei com uma companhia, e que não fiz palavras cruzadas. Estranhamente, não senti nenhuma preocupação pela palavra cruzada. Talvez a fizesse, em vez disso, à noite. Talvez apenas reciclasse o jornal sem nem sequer tentar. Como observara Raymond, o mundo estava cheio de possibilidades infinitas. Eu abri meu e-mail e digitei uma mensagem para ele.

Caro R, muito obrigada pelo almoço. Atenciosamente, E

Achei que fizesse sentido, de certa forma, abreviar os nomes. Era óbvio quem estava se dirigindo a ele, afinal de contas. Ele respondeu rapidamente:

Não se preocupe, boa sorte com sua decisão. Até sábado! R

A vida, naquele momento, parecia estar se movendo muito rápido, um turbilhão de possibilidades. Eu nem sequer pensara no músico naquela tarde. Fiz login em meu computador e comecei a procurar locais para o almoço de Natal. Esse ia ser um evento e tanto, decidi. Seria diferente de todos os outros almoços de Natal. Seria importante evitar clichês e precedentes. Eu faria algo diferente, algo que iria surpreender e agradar a meus colegas de trabalho, subverter suas expectativas. Não seria fácil. Eu só sabia de uma coisa com certeza: o orçamento de dez libras de Bob seria a base para o evento, e ninguém precisaria contribuir ainda mais. Eu ainda me ressentia de todos os pagamentos monetários que fora forçada a fazer ao longo dos anos para ter uma tarde horrível em um lugar horrível com pessoas horríveis na última sexta-feira antes do dia 25 de dezembro.

Afinal de contas, isso não poderia ser muito difícil, poderia? Raymond tinha me estimulado muito durante o almoço. Se eu podia fazer uma análise crítica da *Eneida*, construir um macro numa planilha de Excel, ter passado os últimos nove aniversários e Natais e noites de Ano-Novo sozinha, então tinha certeza de que podia conseguir organizar um delicioso almoço festivo para trinta pessoas com um orçamento de dez libras per capita.

A MANHÃ DE SÁBADO PASSOU em um borrão de tarefas domésticas. Comecei usando luvas de borracha para proteger as mãos, e, embora feias, estavam ajudando. A feiura não importava – afinal de contas, não havia ninguém para me ver.

Enquanto reunia os detritos da noite anterior, percebi que não tinha consumido toda minha cota de vodca; restava a maior parte de uma meia garrafa de Smirnoff. Atenta à minha gafe na festa de Laura, eu a botei em uma bolsa do Tesco para dá-la de presente a Keith esta noite. Eu me perguntei o que mais devia levar para ele. Flores pareciam erradas; elas são um presente romântico, afinal de contas. Olhei na geladeira e joguei um pacote de queijo em fatias dentro da bolsa. Todos os homens gostam de queijo.

Cheguei cinco minutos antes na estação de trem mais perto do local da festa. *Mirabile dictu*, Raymond já estava lá! Ele acenou para mim, e eu acenei de volta. Saímos em direção ao clube de golfe. Raymond caminhava depressa e comecei a me preocupar que não conseguisse acompanhá-lo com minhas botas novas. Percebi ele me olhar e, em seguida, desacelerar o passo para se igualar ao meu. Percebi que gestos pequenos como esse – o modo como a mãe dele me fizera uma xícara de chá depois de nossa refeição sem perguntar, lembrando-se que eu não o bebia com açúcar, o modo como Laura pusera dois biscoitinhos no pires quando me trouxe café no salão – podiam significar muito. Eu me perguntei qual seria a sensação de fazer coisas simples como essas para outras pessoas. Não conseguia me lembrar. Eu *tinha* feito coisas assim no passado, tinha tentado ser boa, tentado me cuidar; eu sabia que sim, mas isso tinha sido *antes*. Eu tinha tentado, e falhado, e tudo se perdeu para mim depois. Eu não tinha ninguém a quem culpar além de mim mesma.

Era tranquilo ali nos subúrbios; as paisagens eram abertas, sem prédios

residenciais nem edifícios altos para obscurecer as montanhas distantes. A luz era suave e delicada – o verão estava seguindo adiante como sempre, e o entardecer parecia delicado, frágil. Caminhamos em silêncio, do tipo que você não sentia necessidade de preencher.

Fiquei quase triste quando chegamos à sede baixa e branca do clube. Estava próximo de ficar escuro a essa altura, com tanto a lua quanto o sol no alto do céu, que estava quase rosa bebê e pontilhado de ouro. Os pássaros estavam cantando valentes contra a noite que chegava, voando acima das árvores em mergulhos longos e ébrios. O ar cheirava a grama, com um toque de flores e terra, e o hálito quente e doce do dia suspirou com delicadeza em nosso cabelo e sobre nossa pele. Tive vontade de perguntar a Raymond se devíamos continuar andando, caminhar pelos campos verdes extensos, continuar a andar até que todos os pássaros ficassem em silêncio em seus abrigos de verão e pudéssemos ver apenas a luz das estrelas. Quase pareceu que ele mesmo poderia sugerir isso.

A porta da sede do clube se abriu, e três crianças saíram correndo, rindo em voz alta, uma brandindo uma espada de plástico.

– Aqui estamos, então – disse Raymond em voz baixa.



Era um lugar estranho para uma reunião social. Os corredores estavam cobertos de quadros de aviso, todos cheios de mensagens impenetráveis sobre Ladders e Tee Times. Um painel de madeira no fim do corredor de entrada trazia uma lista longa de nomes de homens em letras douradas, começando em 1924 e terminando, este ano, de forma improvável com um dr. Terry Berry. A decoração era uma mistura desconfortável de instituição pública (um visual com o qual sou bem familiarizada) e uma casa de família fora de moda – cortinas com padronagem feia, pisos resistentes, arranjos empoeirados de flores secas.

Quando entramos no salão de festas, fomos recebidos por uma parede de som; uma discoteca móvel tinha sido montada, e a pista já estava repleta de dançarinos, com idades que iam de cinco a oitenta anos, e iluminada aleatoriamente por algumas luzes coloridas inexpressivas. Os dançarinos

pareciam estar fingindo montar a cavalo no ritmo da música. Olhei para Raymond, basicamente sem entender nada.

– Jesus – disse ele. – Preciso de uma bebida.

Eu o segui agradecida até o bar. Os preços eram gratificantes de tão baixos, e tomei minha Magners bem rápido, confortável em saber que tinha trazido dinheiro para várias mais, embora Raymond, apesar de meus protestos, tivesse pagado por essa. Encontramos uma mesa o mais longe possível do barulho.

– Obrigações familiares – disse Raymond. – É bem ruim quando é sua própria família; quando é a de outra pessoa...

Olhei ao redor. Eu não tinha experiência prévia em eventos como aquele, e a coisa principal que me chamou atenção foi a disparidade; a variedade de idades, classes sociais e das escolhas de roupa feitas pelos convidados.

– Você pode escolher seus amigos... – disse Raymond, brindando comigo com o copo de cerveja.

– Mas não pode escolher sua família! – retruquei, satisfeita por estar em posição de completar a expressão bem conhecida. Era apenas uma pista rápida de palavra cruzada, não uma difícil, mas mesmo assim.

– Isto está igual à festa de cinquenta anos do meu pai, a de sessenta de mamãe e o casamento de minha irmã – disse Raymond. – Um DJ de merda, crianças animadas demais com açúcar, pessoas que não se veem em anos botando os assuntos em dia e fingindo gostar umas das outras. Aposto qualquer coisa que vai ter um bufê com *vol-au-vents* e uma briga no estacionamento no final.

Eu estava intrigada.

– Mas sem dúvida isso deve ser divertido – disse eu. – Rever a família? Todas essas pessoas felizes em ver você, interessadas em sua vida? – Ele olhou para mim com cautela.

– Sabe de uma coisa, Eleanor? É, sim. Estou só sendo um cretino resmungão, desculpe. – Ele terminou a cerveja. – Quer outra? – disse ele. Fiz que sim com a cabeça, então me lembrei.

– Não, não, é minha vez – disse eu. – Você vai querer a mesma coisa de novo?

Ele sorriu.

– Seria ótimo. Obrigado, Eleanor.

Peguei minha sacola e fui até o bar. Captei o olhar de Sammy no caminho – estava sentado em uma poltrona cercado de amigos e membros da família, como sempre. Fui até lá.

– Eleanor, amor! – chamou ele. – Como vai você? Ótima festa, hein?

Eu assenti.

– Não posso acreditar que meu filho mais novo está fazendo quarenta. Parece que foi ontem que ele foi para a escola pela primeira vez. Você devia ver a foto. Ele estava sem o dente da frente, o malandrinho! E olhe só para ele agora.

Ele apontou para o outro lado do salão, onde Keith estava parado com a esposa, com os braços em torno da cintura um do outro, rindo de algo que um homem mais velho estava dizendo.

– Isso é tudo o que você vai sempre querer para seus filhos: que sejam felizes. Só queria que minha Jean estivesse aqui para ver isso...

Eu pensei naquilo. Era isso o que as pessoas queriam para os filhos, que fossem felizes? Sem dúvida parecia plausível. Perguntei a Sammy se podia comprar uma bebida para ele, embora ele, para meus olhos inexperientes, já parecesse um pouco bêbado.

– Não se preocupe, querida – disse ele. – Eu já tenho esses à minha espera!

A mesa estava coberta de copinhos de líquido âmbar. Eu disse que tornaria a vê-lo mais tarde e fui até o bar.

Havia uma boa fila, mas eu estava saboreando a atmosfera. Alívio abençoado: o DJ fizera uma pausa, e eu podia vê-lo no canto, bebendo de uma lata e conversando com irritação ao celular. Havia um ruído constante ao fundo, vozes de homens e mulheres, e muitos risos. As crianças pareciam ter se multiplicado e haviam gravitado na direção umas das outras para formar um bando alegre de moleques travessos. Estava claro que os adultos estavam todos ocupados com a festa, por isso elas podiam correr, pular e perseguir umas às outras sem supervisão. Sorri para elas e as invejei um pouco.

Todas as pessoas no salão pareciam considerar aquilo natural: ser convidadas para eventos sociais, ter amigos e família com quem conversar,

que se apaixonariam e seriam amados também, talvez podendo criar sua própria família. Eu me perguntei como celebraria meu próprio aniversário de quarenta anos. Esperava ter pessoas em minha vida com quem marcar a ocasião comigo quando chegasse a hora. Talvez o músico, a luz de minha nova vida? Uma coisa, entretanto, era certa: eu não iria, sob nenhuma circunstância, comemorar em um clube de golfe.

Quando voltei à mesa, estava vazia. Coloquei o copo de Raymond sobre ela e bebi minha Magners. Imaginei que ele tivesse encontrado alguém mais interessante com quem conversar. Fiquei sentada e observei a dança – o DJ tinha voltado para trás do som e havia escolhido uma confusão cacofônica de uma caixa prateada de discos, algo sobre um homem depois da meia-noite. Permiti que minha mente divagasse. Achava isso uma maneira bem eficaz de passar o tempo; você pega uma situação ou uma pessoa e começa a imaginar coisas boas que podiam acontecer. Você pode fazer qualquer coisa acontecer, qualquer coisa mesmo, dentro de um devaneio.

Senti mãos em meu ombro e levei um susto.

– Desculpe – disse Raymond. – Fui até o banheiro e comecei a conversar com uma pessoa na volta.

Senti o calor onde sua mão estivera; tinha sido apenas um momento, mas deixara uma marca quente, quase como se pudesse ser visível. Eu me dei conta de que a mão humana tinha exatamente o peso certo, exatamente a temperatura certa, para tocar outra pessoa. Eu apertara muitas mãos ao longo dos anos – ainda mais recentemente –, mas fazia séculos que alguém me tocara.

Claro, Declan e eu tínhamos relações sexuais regulares, sempre que ele tinha vontade, mas ele na verdade nunca me *tocava*. E me fazia tocá-lo, dizia como, quando e onde, e eu fazia isso. Eu não tinha escolha no assunto, mas me lembrei de me sentir como outra pessoa nesses momentos, como se não fosse minha mão, como se não fosse meu corpo. Era simplesmente um caso de esperar para que terminasse. Eu tinha trinta anos, me dei conta, e nunca andara de mãos dadas com ninguém. Ninguém jamais massageara meus ombros cansados, ou acariciara meu rosto. Imaginei um homem botando os braços ao meu redor e me abraçando apertado quando eu estivesse cansada ou

aborrecida; o calor daquilo, o peso daquilo.

– Eleanor? – disse Raymond.

– Desculpe, eu estava muito longe – respondi enquanto bebia meu drinque.

– Parece estar indo bem – disse ele, gesticulando na direção do salão. Aquiesci. – Estava conversando com o outro filho de Sammy, Gary, e sua namorada. Eles são engraçados.

Tornei a olhar ao redor. Como seria, no futuro, ir a eventos como esse nos braços do músico? Ele se asseguraria de que eu estivesse confortável, dançaria comigo se eu quisesse (improvável), faria amizade com os outros convidados? E então, no fim da noite, iríamos embora juntos para casa, para nos aconchegarmos como pombinhos.

– Parecemos ser as únicas pessoas aqui que não são um casal – comentei, depois de observar os outros convidados.

Sua expressão se contorceu.

– Ei, escute, obrigado por vir comigo. É uma merda ir a lugares como esse sozinho, não é?

– É mesmo? – disse eu, interessada. – Não tenho outra situação com a qual compará-la.

Ele olhou para mim.

– Você então sempre foi sozinha? – disse ele. – Você mencionou um cara na semana passada, aquele que... – Eu o vi procurar as palavras. – Aquele com quem você estava na época da faculdade.

– Como você sabe, passei alguns anos com Declan – disse eu. – E também sabe como isso acabou. – Mais Magners. – Você se acostuma a ficar sozinha. Na verdade, é muito melhor do que ser socada na cara ou estuprada.

Raymond engasgou com seu copo de cerveja e levou um momento para se recuperar. Ele falou com muita delicadeza.

– Você percebe, Eleanor, que essas não são suas únicas opções, não é? Nem todos os homens são como Declan, sabia?

– Eu *sei*! – disse eu, animada. – Eu conheci um!

Em minha mente, vi o músico me trazendo junquinhos e beijando minha nuca. Raymond pareceu desconfortável, por alguma razão.

– Vou dar um pulo rápido no bar – disse ele. – Você ainda vai de Magners? – Eu me sentia estranha, animada. – Quero uma vodca com coca, por favor – disse eu, sabendo por experiência que vodca seria bom para o que quer que me afligisse. Observei Raymond se afastar. Se ele ficasse em pé reto e se barbeasse! Ele precisava comprar umas camisas boas e sapatos de verdade, e ler um ou dois livros em vez de se distrair com jogos de computador. Como podia esperar encontrar uma garota legal fazendo isso?

Keith chegou à mesa e me agradeceu por ter vindo. Dei a ele seu presente de aniversário, que ele pareceu achar realmente surpreendente. Ele olhou para cada item com uma expressão que achei difícil de interpretar, mas rapidamente eliminei “tédio” e “indiferença”. Eu me senti satisfeita; era uma sensação boa dar a uma pessoa um presente, o tipo de presente único e pensado que ela não teria recebido de nenhuma outra. Ele pôs a sacola de compras em uma mesa próxima.

– Você, ah, você gostaria de dançar, Eleanor?

Meu coração começou a pulsar mais rápido. Dançar! Será que poderia?

– Não tenho certeza se sei dançar – respondi.

Keith riu e me puxou de pé.

– Vamos lá – disse ele. – Você vai ficar bem.

Tínhamos acabado de chegar à área de dança de piso de madeira quando a música mudou, e ele gemeu.

– Desculpe – disse ele. – Mas isso não dá. Não vou dançar essa. Privilégio de aniversariante!

Observei algumas pessoas deixarem a pista de dança, e outras chegarem para tomar seus lugares. A música tinha muitos instrumentos de metal e uma batida rápida. Michelle, a namorada de Gary, chamou e me puxou para um pequeno grupo de mulheres, em torno da mesma idade, que sorriram para mim e pareciam muito contentes. Eu me juntei ali ao que parecia ser uma dança. Algumas pessoas moviam os braços como se estivessem correndo, outras apontavam para o nada; parecia que você devia mexer o corpo do jeito que tivesse vontade, desde que estivesse no ritmo da música, que eram oito compassos regulares, com a ajuda da marcação de uma bateria. Aí o ritmo mudou abruptamente e todo mundo começou a fazer a mesma coisa: formas

estranhas com os braços acima da cabeça. Levei um ou dois instantes para aprender as formas, e depois fui capaz de copiá-las. Dança estilo livre, formas em conjunto no ar; dança estilo livre, formas em conjunto no ar. Dançar era fácil!

Eu me vi sem pensar em nada, meio como a vodca funcionava, mas diferente, porque eu estava com pessoas e cantando. YMCA! YMCA! Braços no ar, imitando as letras – que ideia maravilhosa! Quem poderia imaginar que a dança fosse tão lógica?

Durante a seção seguinte de dança estilo livre, comecei a me perguntar por que a banda estava cantando sobre, supostamente, a Associação Cristã de Moços (Young Men's Christian Association), mas afinal, segundo minha pequena exposição muito limitada à música popular, as pessoas pareciam cantar sobre guarda-chuvas, incêndios e romances de Emily Brontë, por isso, imaginei, por que não uma organização de gênero – e com base na fé?

A música terminou e outra começou; essa não era nem de perto tão divertida, sendo completamente dança estilo livre sem ser entremeada por padrões conjuntos dos braços, mas ainda assim permaneci na pista de dança com o mesmo grupo de mulheres sorridentes, sentindo que estava pegando o jeito da coisa. Eu estava começando a entender por que as pessoas achavam dançar agradável, embora não tivesse certeza se eu conseguiria passar a noite inteira fazendo isso. Senti um tapinha rápido no ombro e me virei, esperando que Raymond estivesse ali, com um sorriso pronto, enquanto eu pensava em como ele ia gostar de ouvir sobre a dança com as formas dos braços, mas não era ele.

Era um homem com trinta, trinta e tantos anos, que eu nunca tinha visto antes. Ele sorriu e ergueu as sobrancelhas, como uma pergunta, e então simplesmente começou a dançar em estilo livre à minha frente. Eu voltei para o grupo de mulheres sorridentes, mas o círculo tinha tornado a se fechar sem mim. O homem, baixo e de rosto vermelho, com a expressão pálida de quem jamais comera uma maçã, continuava a dançar com entusiasmo, mesmo que um pouco sem ritmo. Sem saber como reagir, recomecei a dançar. Ele se inclinou para a frente e disse alguma coisa, que, naturalmente, ficou inaudível devido ao volume da música.

– Desculpe? – gritei.

– Eu disse – gritou ele, muito mais alto que antes. – Como você conhece Keith?

Que pergunta bizarra para se fazer a uma estranha.

– Ajudei o pai dele quando sofreu um acidente – respondi. Tive que repetir isso duas vezes até o homem entender. Talvez ele tivesse algum tipo de deficiência auditiva. Quando aquilo finalmente penetrou, ele pareceu intrigado. Ele se projetou para a frente em minha direção com o que eu podia descrever apenas como um olhar desejoso.

– Você é enfermeira?

– Não – respondi. – Sou assistente de administração financeira. – Ele pareceu ficar um pouco sem palavras depois disso, e eu olhei para o teto enquanto dançávamos para desencorajar mais conversas; era bem desafiador dançar e falar ao mesmo tempo.

Quando a música terminou, eu estava cansada daquilo e senti uma necessidade bem urgente de beber algo.

– Posso pegar uma bebida para você? – gritou o homem, mais alto que a canção seguinte. Eu me perguntei se o DJ já havia considerado introduzir um intervalo de cinco minutos entre os discos para permitir que as pessoas fossem ao bar ou banheiro em paz. Talvez eu devesse sugerir isso a ele mais tarde.

– Não, obrigada – disse eu. – Não quero aceitar bebida de você porque então eu seria obrigada a comprar uma para você em retribuição, e infelizmente não estou interessada em passar o tempo de dois drinques com você.

– Hein? – disse ele com as mãos em concha em torno do ouvido. Ele nitidamente tinha tinido ou alguma outra deficiência auditiva. Eu me comuniquei por mímica, simplesmente sacudindo a cabeça e agitando o indicador enquanto articulava NÃO com a boca. Eu lhei as costas e saí em busca do banheiro antes que ele tentasse estender a conversa.

Foi difícil encontrá-lo, localizado no fundo de um corredor, e eu só podia ver placas de toalete. Isso, revelou-se por fim, eram os banheiros. Por que as pessoas simplesmente não chamam as coisas como o que elas são? É confuso. Havia uma fila, na qual entrei, parada atrás de uma mulher muito inebriada

vestida de maneira inapropriada para sua idade. Sinto que os tops tomara que caia são mais adequados para quem tem menos de 25, se, na verdade, são apropriados para alguém.

Uma jaqueta fina e brilhante estava fazendo um trabalho insuficiente de cobrir seus seios enormes e enrugados. Sua maquiagem, que seria sutil se fosse para uma apresentação no palco do Royal Albert Hall, tinha começado a escorrer. Por alguma razão, eu podia imaginar essa mulher chorando na escada no fim da noite. Eu me surpreendi com o insight, mas algo um tanto febril em seu comportamento fazia com que se chegasse a essa conclusão.

– Quanto de sua vida você acha que perdeu em filas de banheiro? – perguntou ela para puxar conversa. – Eles nunca têm o suficiente, não é?

Eu não falei, pois estava tentando calcular o tempo aproximado de fila, mas ela não pareceu se importar que eu não tivesse respondido.

– Não tem problema para os homens, não é? – prosseguiu ela com um tom raivoso. – Nunca tem fila no banheiro deles. Às vezes tenho vontade de entrar lá e me agachar em cima do mictório. Rá! – disse ela. – Imagine a cara deles! – Ela deu uma risada longa e rouca que se transformou em uma tosse prolongada.

– Ah, mas acho que o banheiro dos homens deve ser terrivelmente anti-higiênico – comentei. – Eles não parecem se importar tanto com limpeza e esse tipo de coisa.

– Não – disse ela com a voz cheia de amargura. – Eles simplesmente entram, mijam em toda parte e em seguida saem tranquilos e deixam que outra pessoa limpe depois. – Ela olhou ao longe cambaleante, sem dúvida com um indivíduo específico em mente.

– Eu, na verdade, sinto muita pena deles – falei. Ela olhou para mim, e eu me apressei a esclarecer a afirmação. – Quer dizer, imagine ter que urinar em uma fileira, ao lado de outros homens, estranhos, conhecidos, amigos, até? Deve ser horrível. Pense em como seria estranho se tivéssemos que mostrar a genitália umas para as outras quando finalmente chegássemos ao fim desta fila.

Ela deu um arroteo muito de leve, e olhou fixamente, com uma franqueza sem inibições, para minhas cicatrizes. Eu virei o rosto.

– Você é um pouco doida, não é? – disse ela, sem agressividade, mas com as palavras um tanto indistintas. Estava longe de ser a primeira vez que ouvia isso.

– Sim – respondi. – Sim. Eu acho que sou. – Ela assentiu como se eu tivesse confirmado uma antiga suspeita. Nós não falamos depois disso.

Quando voltei ao salão, o clima tinha mudado – o ritmo da música era mais lento. Fui até o bar e comprei para mim uma Magners e uma vodca com cola, e, depois de pensar um instante, uma cerveja para Raymond. Foi bem difícil levar aquilo tudo de volta para nossa mesinha. Fiquei satisfeita ao sentar, depois de toda a dança e da fila, e terminei minha vodca em dois goles – dançar dava sede. O blazer jeans de Raymond estava pendurado nas costas de sua cadeira, mas não havia sinal dele. Pensei que talvez tivesse saído para fumar. Eu tinha muita coisa para contar a ele, sobre a dança, sobre a mulher da fila, e estava ansiosa para fazer isso.

A música mudou outra vez, e agora estava ainda mais lenta. Muita gente deixou a pista, e os que restaram se juntaram. Era uma imagem estranha, como algo do mundo natural; macacos, talvez, ou aves. Todas as mulheres passaram os braços em torno dos pescoços dos homens, e os homens, em torno das cinturas das mulheres. Eles balançavam de um lado para outro, arrastando os pés de um jeito estranho, ou olhando no rosto um do outro, ou repousando a cabeça no ombro um do outro.

Era uma espécie de ritual de acasalamento, nitidamente. Mas, na verdade, será que não podia ser bastante agradável balançar ao ritmo de música lenta, apertada junto de alguém bem maravilhoso? Olhei para todos eles outra vez, seus tamanhos, formas e permutações variados. E ali, no meio, estava Raymond, dançando com Laura. Ele estava falando em seu ouvido, perto o suficiente para conseguir sentir o cheiro de seu perfume. Ela estava rindo.

A bebida que eu comprara para ele seria desperdiçada. Eu a peguei e a bebi, todo o copo grande, de gosto ácido e amargo. Eu me levantei e vesti meu colete. Ia visitar o toalete mais uma vez, e depois, pegar o trem de volta para a cidade. A festa, aparentemente, tinha acabado.

SEGUNDA-FEIRA, SEGUNDA-FEIRA. As coisas não pareciam certas; eu não tinha conseguido relaxar ontem, não conseguira me concentrar em nada. Eu apenas me sentia, de algum modo, nervosa. Se meu humor fosse uma dica de palavra cruzada, a resposta seria “desconfortável”. Tentei pensar no motivo, mas não consegui chegar a uma conclusão plausível. Acabei pegando o ônibus para a cidade à tarde (sem pagar; obrigada, passe de viagem) e voltei para ver Bobbi Brown. Mais uma vez, a própria srta. Brown não tinha aparecido para o trabalho – temi que não tivesse muita ética profissional –, e uma senhora diferente me maquiou, quase da mesma maneira como da última vez. Nesta ocasião, comprei os vários produtos e ferramentas necessários para recriar o mesmo efeito em casa.

O custo total superou o imposto mensal da prefeitura por grande margem, mas eu estava em um estado de ânimo tão estranho que isso não me deteve. Mantive o rosto pintado o dia inteiro, e o replicara nesta manhã, em um fac-símile quase exato. A mulher tinha me mostrado o que fazer, incluindo a mistura cuidadosa de corretivo sobre as cicatrizes. O olho esfumado estava um pouco torto hoje, mas isso, disse ela, era a beleza do olho esfumado: ele não precisava ser exato.

Eu tinha me esquecido de que havia feito aquilo até chegar ao escritório e Billy assobiar, um assobio de lobo, na verdade, o que fez com que os outros se virassem para olhar.

– Cabelo novo, um pouco de batom – disse ele enquanto me cutucava com o cotovelo. Eu me encolhi. – Alguém está esperando conseguir um pouco de ação, se não estou enganado.

As mulheres se reuniram ao redor. Eu estava usando minha roupa nova, também.

- Você está ótima, Eleanor.
- O preto cai muito bem em você.
- Amei essas botas, onde as comprou?

Examinei seus rostos à procura de olhares maliciosos, à espera de uma piada. Nada disso aconteceu.

– Por falar nisso, onde cortou o cabelo? – perguntou Janey. – O corte ficou muito bom.

– No Heliotrope, na cidade – disse eu. – Foi Laura quem cortou. Ela é minha amiga – disse eu com orgulho. Janey pareceu impressionada.

– Eu devia experimentá-la – disse ela. – Minha cabeleireira está se mudando para o norte, por isso estou à procura de alguém novo. Sua amiga faz cabelos para casamentos, você sabe?

Remexi em minha sacola.

– Aqui está o cartão dela – disse eu. – Por que não dá uma ligada?

Janey sorriu para mim. Será que isso podia estar certo? Retribuí rapidamente o sorriso – quando em dúvida, sorria, lembre-se –, e fui para minha mesa.

Era assim que funcionava, então, uma interação social bem-sucedida? Será que era mesmo assim tão simples? Era mesmo simples, assim? Usar batom, ir ao cabeleireiro e alternar as roupas que veste? Alguém devia escrever um livro, ou pelo menos um panfleto explicativo, e passar essa informação adiante. Eu tivera mais atenção deles hoje (estou falando de atenção não malevolente) do que nos últimos anos. Sorri comigo mesma, satisfeita por ter solucionado parte do quebra-cabeça. Uma mensagem eletrônica chegou.

Você fugiu no sábado sem se despedir – está td bem? R

Eu respondi.

Bem, obrigada. Simplesmente cansei de dançar e das outras pessoas. E

Ele respondeu instantaneamente.

Almoço? Lugar de sempre, 12h30? R

Para minha grande surpresa, percebi que, na verdade, gostava da ideia de almoçar com Raymond, e estava verdadeiramente satisfeita por ter sido convidada. Tínhamos um Lugar de Sempre! Eu me preparei da melhor maneira possível, e, com os dentes cerrados e usando apenas um dedo, digitei:

Vejo vc lá. E

Eu me sentei, sentindo-me um pouco constrangida. A comunicação analfabeta era mais rápida, verdade, mas não muito. Eu me poupava o trabalho de digitar dois caracteres inteiros. Ainda assim, era parte de meu novo credo experimentar coisas novas. Eu havia experimentado, e não tinha gostado. O hahaha podia desaparecer. Eu não era feita para o analfabetismo; isso simplesmente não saía com naturalidade. Embora seja bom experimentar coisas novas e manter a mente aberta, também é extremamente importante ser fiel a quem você realmente é. Li isso em uma revista no cabeleireiro.

Raymond já estava lá quando cheguei, conversando com um jovem com barba diferente, mas ainda assim quase idêntico ao que nos servira da última vez. Pedi um café com creme e um scone de queijo outra vez, o que fez Raymond sorrir.

– Você é uma criatura de hábitos, Eleanor, não é?

Eu dei de ombros.

– Você está muito bem, por falar nisso – disse ele. – Gosto de seu... – Ele gesticulou de modo indistinto para meu rosto. Concordei com a cabeça.

– As pessoas parecem gostar mais de mim com maquiagem, por alguma razão – disse eu. Ele ergueu as sobrancelhas e deu de ombros, aparentemente tão desconcertado quanto eu estava.

Então o homem barbado trouxe nossa comida, e Raymond começou a enfiá-la na boca.

– Você se divertiu no sábado, então? – perguntou ele. Desejei que tivesse sido entre garfadas, mas foi, na verdade, horrivelmente *durante* a mastigada.

– Sim, obrigada – disse eu. – Foi a primeira vez que tentei dançar, e gostei bastante. – Ele continuou a jogar a comida na boca com o garfo. O processo e o barulho pareciam quase industriais em sua dureza.

– *Você* se divertiu? – perguntei.

– Uhm – disse ele. – Foi divertido, não foi? – Ele não estava usando a faca, segurava o garfo na mão direita como uma criança ou um norte-americano. Ele sorriu.

Pensei em perguntar se ele e Laura tinham dançado outra vez naquela noite, se a havia levado para casa, mas resolvi não fazer isso. Não era da minha conta, afinal, e perguntas invasivas são péssimas maneiras.

– Eh, então... Decidiu sobre a promoção? Vai aceitar?

Eu estava, é claro, refletindo sobre aquilo nos momentos vagos durante os dias anteriores. Procurava por sinais, pistas – entretanto, não surgiu nada, exceto que, na sexta-feira passada, a doze vertical dizia: *a favor do movimento (para cima)*. Eu tomara isso como um presságio encorajador.

– Vou aceitar – disse eu.

Ele sorriu, baixou o garfo e ergueu a mão. Percebi que devia pôr a minha contra a dele no que eu então reconheci como um “toca aqui”.

– Essa foi boa – disse ele, voltando ao almoço. – Parabéns.

Senti um lampejo de felicidade, como um fósforo acendendo. Eu não conseguia me lembrar de ter sido parabenizada por nada antes. Era mesmo muito agradável.

– Como está sua mãe, Raymond? – perguntei a ele depois de saborear o momento e o final do scone. Ele falou sobre ela por algum tempo, contou-me que andara perguntando por mim. Senti-me um pouco preocupada com isso, uma ansiedade padrão pertencente à curiosidade materna, mas ele me tranquilizou.

– Ela gostou mesmo de você, disse para lhe falar para aparecer a qualquer hora – disse ele. – Ela é solitária.

Assenti. Eu tinha reconhecido isso. Ele pediu licença e foi até o banheiro, e olhei ao redor do café enquanto esperava por sua volta. Havia duas mulheres aproximadamente da minha idade sentadas à mesa ao meu lado, cada uma com um bebê vestido vivamente. Os dois nenéns estavam sentados no carrinho; um estava dormindo; o outro olhava fixamente e de maneira sonhadora para um raio de sol enquanto ele dançava sobre a parede. A máquina de café emitiu um chiado às nossas costas, e olhei ondas de alarme

atravessarem seu rosto. Em câmera lenta, sua boca rosa e adorável se franziu como para dar um beijo e, em seguida, se abriu muito para emitir um lamento em um volume bastante grandioso. A mãe dele olhou para baixo e, depois de se assegurar de que ele estava bem apesar do barulho, continuou a conversar. O choro ficou mais alto. Fazia sentido evolucionário, imaginei, que o choro de sofrimento de um bebê fosse afinado precisamente no tom e no volume certos para torná-lo impossível de ser ignorado por um adulto.

Ele estava ficando com raiva, com os punhos cerrados furiosamente, o rosto ficava mais vermelho a cada minuto. Fechei os olhos, tentei sem sucesso ignorar o barulho. *Por favor, pare de chorar, por favor, pare de chorar. Não sei por que você está chorando. O que preciso fazer para que pare? Não sei o que fazer. Você está machucada? Está doente? Com fome? Não sei o que fazer. Por favor, não chore. Não há nada para comer. Mamãe já volta. Onde está mamãe?* Minha mão estava tremendo quando peguei meu café e respirei o mais devagar possível, olhando fixamente para o tampo da mesa.

O choro cessou. Ergui os olhos e vi o bebê deitado em silêncio nos braços da mãe, enquanto ela cobria seu rosto de beijos. Dei um suspiro. Meu coração se alegrou por ele.



Quando Raymond voltou, paguei o almoço, já que ele tinha pagado da última vez; eu estava mesmo começando a aprender o conceito do esquema de pagamento. Ele, entretanto, insistiu em deixar a gorjeta. Cinco libras! Tudo o que o homem tinha feito foi levar nossa comida da cozinha até a mesa, um emprego pelo qual ele já estava sendo recompensado pelo dono do café. Raymond era impulsivo e gastador – não era surpresa que não pudesse comprar sapatos apropriados nem um ferro de passar.

Caminhamos devagar de volta para o escritório, e Raymond me contou com detalhes sobre um problema com o servidor dos computadores que não entendi (e na verdade não me importava muito em entender), com o qual ele teria de lidar naquela tarde. No saguão, ele se virou na direção da escada, onde ficava sua sala.

– A gente se vê, hein? – disse ele. – Se cuide.

Ele na verdade parecia estar afirmando as duas coisas; que iria mesmo me ver outra vez e que desejava que eu cuidasse de mim. Senti um calor por dentro, uma sensação aconchegante e radiante como chá quente em uma manhã fria.

– Cuide-se, Raymond – disse eu, e estava falando sério.



Naquela noite, eu tinha planejado relaxar com uma xícara de sopa de carne Bovril e ouvir um programa de rádio muito interessante sobre política sul-americana, depois de terminar minhas verificações habituais sobre o que Johnnie Lomond estava fazendo. Ele enviara um tuíte sem propósito sobre o personagem de um programa de TV e postara uma foto no Facebook de um novo par de botas que queria. Um dia de poucas notícias, então. Ter notícias de mamãe na segunda-feira foi uma surpresa inesperada e indesejada.

– Eleanor, querida. Não é a hora habitual em que conversamos, eu sei, mas estava pensando em você. Só queria dizer alô, ver como você está, coisas assim.

Fiquei em silêncio, chocada pela invasão não prevista em minha noite.

– Bem? – disse ela. – Estou esperando, querida...

Limpei a garganta.

– Eu, err, estou bem, mãe. Você estava... *pensando* em mim? – Era a primeira vez.

– A-hã. Duas coisas, na verdade: primeiro de tudo, você quer que eu veja se posso lhe dar uma ajuda com seu projeto? Não posso fazer muito de onde estou, é óbvio, mas talvez eu pudesse, não sei, mexer alguns pauzinhos? Será que haveria um jeito de eu arranjar uma pequena visita para ajudá-la? Quer dizer, sei que parece impossível, mas nunca se sabe... Montanhas sempre podem ser movidas, essas coisas...

– Não, mãe, ah, não, não, não... – balbuciei. Eu a ouvi inspirar, e ordenei minhas palavras à força. – O que quero dizer, mãe... – Ouvi o sibilar quando ela liberou o ar preso em seus pulmões – é que é muito simpático de sua parte se oferecer, mas acho que vou recusar.

– Posso saber por quê? – disse ela, parecendo um tanto ofendida.

– É só que... Eu realmente acho que as coisas por aqui estão sob controle... Também acho que seria melhor se você... basicamente ficasse onde está. Não tenho certeza se há mais alguma coisa que possa fazer a essa altura.

– Bom, querida... Se tem certeza. Mas sou muito eficiente, sabia? E, para ser franca, você às vezes é uma idiota um tanto enrolada.

Dei um suspiro, o mais baixo que consegui.

– E, além do mais – prosseguiu ela –, estou ficando um tanto impaciente agora. As coisas precisam andar com esse homem, sabia? Um pouco mais de ação, Eleanor, é isso o que é preciso. – Ela, agora, parecia mais calma.

– Sim, mamãe. Sim, você está absolutamente certa, é claro. – Era verdade que, desde quando eu tinha visto o músico pela primeira vez, meu interesse e, portanto, meu progresso, tinham sido englobados por questões mais urgentes ao longo das últimas semanas. Havia tantas outras coisas com as quais lidar (Raymond, o emprego novo, Sammy e sua família etc.). Mas mamãe tinha razão.

– Vou tentar fazer com que as coisas andem um pouco mais rápido – disse eu. Isso, constatei, a apaziguou, e ela começou a se despedir. – Ah, espere, mãe, aguarde um segundo. Você disse que havia duas coisas: qual a segunda coisa em que estava pensando?

– Ah, sim – disse ela, e ouvi seu sibilar desdenhoso de fumaça de cigarro expelida de lado. – Só queria lhe dizer que você é um desperdício de tecido humano. Era só isso. Tchau, então, querida! – disse ela,afiada como uma faca.

Silêncio.



@johnnieLocks

Notícia urgente! Estou deixando os Pilgrim Pioneers. Sem ressentimentos. Respeito TOTALMENTE esses caras. #artistasolo #nasceumastro (1/2)

@johnnieLocks

Minha carreira solo vai em uma direção musical diferente e mais forte. Mais em breve. Até logo. #iconoclasta (2/2)

MINHA MÃE TORNOU A ENTRAR em contato na quarta-feira, como sempre, com um intervalo breve demais entre nossas conversas.

– Olá! – disse ela. – Sou eu outra vez! Alguma novidade para contar à mamãe?

Na falta de qualquer outra notícia importante desde segunda-feira, contei sobre a festa de aniversário de Keith.

– Você anda com uma vida social intensa esses dias, né, Eleanor? – disse ela com a voz desagradavelmente doce.

Eu não falei nada. Em geral é a atitude mais segura.

– O que você usou? Aposto que estava ridícula. Pelo amor de Deus, por favor, diga-me que você não tentou dançar, minha filha. – Ela de algum modo intuiu a resposta de meu silêncio tenso. – Ah, querida. Dançar é para gente bonita, Eleanor. A ideia de você se movendo desajeitadamente como uma morsa... – Ela deu um riso longo e duro. – Ah, obrigada, muito obrigada, querida. Isso me fez ganhar a noite, fez mesmo. – Ela tornou a rir. – Eleanor dançando!

– Como você está, mãe? – perguntei em voz baixa.

– Bem, querida, bem. Hoje está uma noite fria, sempre um prazer. Vamos ver um filme mais tarde. A maravilha das quartas-feiras! – O tom de voz dela estava jovial, alegre, com uma qualidade beirando a loucura, que eu reconheci.

– Fui promovida, mãe – anunciei, sem conseguir evitar um reflexo de orgulho na voz. Ela emitiu uma expressão de escárnio.

– Promovida! Que coisa *incrivelmente* impressionante, querida. O que isso significa, cinco libras a mais por mês?

Eu não disse nada.

– Ainda assim – disse ela, com a voz escorrendo doçura condescendente. –

É bom para você, querida. Estou falando sério, mesmo. Muito bem. – Olhei para o chão e senti lágrimas brotarem.

Ela falou com outra pessoa, um meio resmungo.

– Não, eu não disse isso, porra. Eu disse *Sex and the City* 2! Disse, sim! Achei que íamos votar. Hein? Outra vez? Ah, merda... – Ela falou diretamente comigo: – Meus colegas residentes escolheram assistir a *Um sonho de liberdade* mais uma vez, acredita nisso? São apenas, ah, vinte quartas-feiras consecutivas...

“Escute, não se afaste de seu projeto com toda essa bobagem de *emprego novo* e *festa de aniversário*. Você tem uma tarefa a fazer, e precisa se manter concentrada nela. Um coração fraco nunca consegue um rapaz bonito, você sabe. Imagine se você conseguisse me arranjar um genro bonito e apropriado, Eleanor. Isso seria *normal*, querida, não seria? Nós, aí, seríamos uma família *normal*.”

Ela riu, e eu, também – o conceito era bizarro demais para ser contemplado.

– Fui amaldiçoada com filhas – disse ela com tristeza. – E, ainda assim, sempre quis um menino. Um genro vai ter que servir, desde que seja adequado. Você sabe: educado, atencioso, bem-comportado. Ele é todas essas coisas, não é, esse seu *projeto*, Eleanor? Um homem bem-vestido? Que sabe falar? Você sabe que sempre tentei inculcar em você como é oportuno falar corretamente e ter uma aparência talhada.

– Ele parece muito simpático, mãe. Muito satisfatório. Bonito, talentoso e bem-sucedido, glamoroso! – disse eu, animando-me com o assunto. Obviamente, eu não sabia praticamente nada sobre ele, por isso enfeitava a pouca informação que obtivera sobre Johnnie Lomond com minha pesquisa. Era bem divertido.

O tom dela era de desdém, com uma sensação de ameaça. O tom habitual.

– Ah, meu Deus, agora estou entediada. Estou entediada com esta conversa, e estou entediada de esperar que você complete esse projeto. Apresse-se, Eleanor. Pelo amor de Deus, por favor, não se dê ao trabalho de ser proativa e tocar isso adiante. Ah, não, que os céus a protejam. Por favor, continue sem fazer nada. Vá e fique sentada em seu apartamento pequeno e

vazio e assista à TV sozinha, como você faz. Toda. Noite.

Eu a ouvi gritar:

– Estou indo! Não comecem sem mim! – O clique de um isqueiro e uma inspiração. – Preciso correr, Eleanor. Tchau!

Silêncio.

Eu sentei e assisti à TV sozinha, como faço. Toda. Noite.



Imagino que uma das razões por que todos conseguimos existir por nosso período designado neste vale de lágrimas verde e azul é que sempre há, por mais remota que pareça, a possibilidade da mudança. Nunca pensei, em minhas fantasias mais estranhas, que ia ver meu emprego como nada além de oito horas de trabalho duro. Era uma fonte de assombro para mim que, em muitos dias da semana, agora, eu verificasse meu relógio e visse que as horas tinham se passado sem que percebesse. O papel de gerente administrativa envolve inúmeras tarefas novas que precisei aprender e aperfeiçoar. Nenhuma delas estava além da capacidade do homem, obviamente, mas algumas eram razoavelmente complexas, e fiquei surpresa ao ver como meu cérebro respondia com entusiasmo aos novos desafios que se apresentavam. Meus colegas pareceram um pouco decepcionados ao saber da notícia de que eu seria sua gerente. Até agora, pelo menos, não houve sinal de motim nem de insubordinação. Eu me mantive reservada, como sempre, e permiti que prosseguissem com seu trabalho (ou o que passava por fazer seu trabalho, pois na verdade eles nunca agiam muito, e costumavam fazer um estrago com as tarefas que realmente tentavam). Por enquanto, pelo menos, prevalecia o *status quo*, e eles não estavam, até agora, menos eficientes do que eram antes de minha investidura.

O novo papel significava interagir com Bob mais frequentemente, e descobri que ele era, na verdade, um interlocutor bem divertido. Ele compartilhava muitos detalhes sobre a administração diária da empresa, e era deliciosamente indiscreto sobre clientes. Clientes, aprendi em pouco tempo, podiam ser muitos exigentes; eu ainda tinha contato direto limitado com eles, o que estava muito bem para mim.

Pelo que entendi, a rotina era que eles eram completamente incapazes de articular suas exigências, ao ponto que, em desespero, os designers criavam uma arte para eles com base nas poucas pistas vagas que tivessem conseguido obter. Depois de muitas horas de trabalho envolvendo uma equipe inteira de profissionais, o resultado era submetido ao cliente para aprovação. Nesse momento, o cliente dizia: “Não. Isso é exatamente o que eu *não* quero.”

Haveria muitas variações tortuosas desse processo antes que o cliente declarasse estar satisfeito com o resultado final. Inevitavelmente, disse Bob, a arte aprovada no fim do processo era virtualmente idêntica ao primeiro trabalho apresentado, que o cliente descartara imediatamente como inadequado. Não era surpresa, pensei que ele mantivesse a sala dos funcionários bem provida de cerveja, vinho e chocolate, e que a equipe de arte se beneficiasse disso com frequência.

Eu tinha começado a planejar o almoço de Natal, também. Tinha apenas ideias vagas no momento, mas como nossos clientes, sabia muito bem o que eu *não* queria. Nenhum restaurante de rede, nem hotéis, nada de peru nem Papai Noel; nenhum lugar que anunciasse “diversão para empresas” ou “festa de firmas” em seu site. Levaria tempo para encontrar o local ideal e planejar o evento perfeito, mas eu ainda tinha meses.

Raymond e eu continuamos a nos encontrar para almoçar geralmente uma vez por semana. Era sempre em um dia diferente, o que me incomodava, mas ele era um homem extremamente resistente à rotina (algo que não devia ter me surpreendido). Um dia, ele me mandou um e-mail menos de vinte e quatro horas depois de nos encontrarmos para me convidar para almoçar outra vez no dia seguinte. Eu quase acreditava que alguém pudesse gostar de minha companhia, ou ao menos tolerá-la, pela duração de um breve almoço, mas aumentava a credibilidade pensar que isso podia acontecer duas vezes em uma semana.

Caro R., adoraria encontrá-lo para almoçar outra vez, mas estou um pouco perplexa devido à proximidade da última vez. Está tudo bem? Atenciosamente, E

Ele respondeu assim:

Tem uma coisa que preciso contar a você. Vejo você às 12h30. R

Estávamos tão habituados a nossas saídas para almoçar que ele nem precisou especificar o lugar.

Quando cheguei, ele não estava lá, por isso folheei um jornal que estava em uma cadeira ao meu lado. Estranhamente, eu começara a gostar daquele lugar decadente; os funcionários, ao mesmo tempo que tinham uma aparência incômoda, eram uniformemente agradáveis e amistosos, e agora mais de um deles era capaz de dizer: “O de sempre?”, e depois me trazer meu café com scone de queijo sem que eu precisasse pedir. Era muito vaidoso e superficial de minha parte, eu sei, mas isso fazia com que eu me sentisse como alguém em uma situação norte-americana, como uma *habituée*, uma “de sempre”. O passo seguinte seria proferir gracejos espirituosos sem esforço, mas infelizmente ainda estávamos um pouco longe disso. Um dos funcionários – Mikey – se aproximou com um copo de água.

– Quer o seu agora, ou está esperando por Raymond? – perguntou.

Disse a ele que estava esperando por Raymond a qualquer momento, e Mikey começou a limpar a mesa ao lado.

– E como estão as coisas? – perguntou ele.

– Estou bem – respondi. – Parece que estamos chegando aos últimos dias de verão. – Isso era algo em que eu estava pensando enquanto caminhava até o café, sentindo raios de sol delicados em meu rosto, vendo algumas folhas vermelhas e douradas em meio ao verde. Mikey assentiu.

– Vou embora daqui no fim do mês – disse ele.

– Ah! É uma pena. – Mikey era atencioso e delicado, e sempre trazia trufas com os cafés sem que lhe pedissem, nem solicitava pagamento adicional.

– Você encontrou algum emprego em outro lugar? – indaguei.

– Não – disse ele, apoiando-se em uma cadeira ao meu lado. – Hazel está muito mal, outra vez. – Hazel, eu sabia, era sua namorada, e eles viviam perto com seu bichon frisé e a bebê, Lois.

– Sinto muito por isso, Mikey – disse eu. Ele balançou a cabeça.

– Acharam que tinham se livrado dele da última vez, mas voltou e se

espalhou para os nódulos linfáticos e o fígado. Eu só queria, você sabe...

– Você queria passar o tempo que resta com ela e Lois, em vez de servindo scones de queijo para mulheres desconhecidas – disse eu, e, o que foi gratificante, ele riu.

– É mais ou menos isso – falou. Eu me preparei, em seguida pus a mão em seu braço. Ia dizer alguma coisa, mas então não consegui pensar no que seria o certo a dizer, por isso apenas fiquei em silêncio e olhei para ele, na esperança de que intuísse o que eu queria dizer, que eu sentia muito, desesperadamente, que o admirava por gostar tanto de Hazel e de Lois e por cuidar delas, que eu entendia, talvez, mais que a maioria, sobre perdas, sobre como as coisas são difíceis e vão continuar a ser. Por mais que você amasse alguém, nunca era suficiente. Só o amor não podia mantê-los em segurança...

– Obrigado, Eleanor – falou com delicadeza. Ele me agradeceu!

Raymond chegou e se jogou em sua cadeira.

– Tudo bem, parceiro? – perguntou a Mikey. – Como está Hazel?

– Nada mal, Raymond, nada mal. Vou lhe buscar o cardápio. – Depois que saiu, me inclinei para a frente.

– Você já sabia sobre Hazel? – perguntei, ele fez que sim com a cabeça.

– Que coisa, hein? Não tem nem trinta anos, e a pequena Lois ainda não tem dois.

Ele sacudiu a cabeça. Nenhum de nós falou – não havia, na verdade, nada a dizer. Depois que pedimos, Raymond limpou a garganta.

– Tenho uma coisa para contar a você, Eleanor. São mais más notícias.

Eu me encostei na cadeira e olhei para o teto, me preparando.

– Vá em frente – falei. Há muito pouca coisa nessa vida que eu não pudesse imaginar nem para o que me preparar. Nada podia ser pior do que eu já tinha experimentado. Isso parece uma hipérbole, mas é uma afirmação literal. Imagino que, na verdade, seja uma fonte de força, de um jeito estranho.

– É Sammy – disse ele.

Eu não estava esperando por isso.

– Ele morreu no fim de semana, Eleanor. Uma trombose enorme. Pelo menos foi rápido. – Eu assenti. Ao mesmo tempo era e não era uma surpresa.

– O que aconteceu? – perguntei. Raymond começou a comer e me contou os detalhes nos intervalos entre as garfadas, e durante elas. Não tenho certeza do que seria necessário para afastar esse homem de sua comida. Talvez o Ebola.

– Ele estava na casa de Laura – disse ele. – Só assistindo à TV. Nenhum aviso, nada.

– Ela estava lá na hora? – perguntei. Por favor, Deus, que ela tenha sido poupada disso. Tentar seguir a vida depois, administrar a culpa, a dor e o horror daquilo tudo... Eu não desejava isso para nenhum ser humano. Assumiria alegremente seu fardo se pudesse. Eu mal iria percebê-lo, tenho certeza, em cima de meu próprio.

– Ela estava no andar de cima, se aprontando para sair – disse ele. – Foi um choque e tanto quando desceu e o achou daquele jeito no sofá.

Então não era culpa dela. Não podia tê-lo salvado, mesmo que tivesse tentado. Estava tudo bem – até onde podia estar depois de uma morte. Refleti mais sobre os fatos.

– Ele estava sozinho quando foi levado pela morte – disse eu, intrigada. – A polícia suspeita de crime?

Ele engasgou com seu hambúrguer com queijo halloumi, e tive de lhe passar um copo de água.

– Pelo amor de Deus, Eleanor, que saco!

– Desculpe – disse eu. – Foi só algo que surgiu em minha mente.

– Ah, bem, às vezes é melhor não dizer as coisas que surgem em sua mente em voz alta, hein? – retrucou em voz baixa, sem olhar para mim.

Eu me senti horrível. Eu me senti horrível por Sammy e sua família, me senti horrível por irritar Raymond sem intenção, me senti horrível pelo garçom e sua namorada e sua pobre filhinha. Toda essa morte, todo esse sofrimento acontecendo com pessoas legais, pessoas boas que não tinham feito nada para merecer aquilo, e ninguém capaz de impedir... Lágrimas brotaram, e quanto mais eu tentava combatê-las, mais brotavam. O nó em minha garganta estava ardendo, ardendo como fogo, não, por favor, fogo não...

Raymond deslizara para a cadeira ao meu lado e passou o braço em torno

de meus ombros. Ele falou com uma voz baixa e delicada.

– Ah, por favor, Eleanor, não chore. Desculpe... Não queria estourar com você, não queria mesmo... Por favor, Eleanor...

O estranho – algo que eu nunca tinha esperado – era que alguém passar o braço ao seu redor, abraçá-la forte, realmente fazia com que se sentisse melhor. Por quê? Era alguma coisa de mamíferos, essa necessidade de contato? Ele era quente e sólido. Eu podia sentir o cheiro de seu desodorante, e o sabão que usara para lavar as roupas – acima dos dois odores, havia uma pátina fina de cigarros. Um cheiro de Raymond. Eu me inclinei para mais perto.

Depois de algum tempo, consegui recuperar o controle de minhas emoções, e as lágrimas embaraçosas diminuíram. Enquanto eu fungava, ele voltou para seu lado da mesa, remexeu no bolso da jaqueta e me passou um pacote de lenços de papel. Sorri para ele, peguei um e assoei meu nariz. Eu tinha consciência de que estava fazendo um som impróprio para uma dama, mas o que mais podia fazer?

– Desculpe – pedi.

Ele me deu um sorriso fraco.

– Eu sei – disse ele. – É muito difícil, não é?

Levei um momento para processar tudo o que ele tinha me dito.

– Como Laura está? E Keith e Gary?

– Eles estão sem chão, como era de se esperar.

– Vou ao funeral – afirmei, decidida.

– Eu também – falou, e bebeu sua coca. – Ele era um coroa engraçado, não era?

Sorri e engoli o nó em minha garganta.

– Ele era simpático – disse eu. – Você via isso de cara, mesmo quando ele estava inconsciente na calçada.

Raymond fez que sim com a cabeça. Estendeu o braço sobre a mesa e apertou minha mão.

– Pelo menos ele teve algumas semanas com a família depois do incidente, né? Boas semanas: sua festinha, o aniversário de quarenta anos de Keith. Ele teve a chance de passar tempo com todas as pessoas que amava.

Assenti.

– Posso lhe fazer uma pergunta, Raymond?

Ele olhou para mim.

– Qual a etiqueta para funerais? Os presentes ainda têm de vestir preto, e chapéus são *de rigueur*?

Ele deu de ombros.

– Não faço ideia... Vista o que quiser, eu acho. Sammy não era o tipo de cara que se importaria com esse tipo de coisa, era?

Refleti sobre isso.

– Eu vou de preto – falei. – Só por garantia. Mas sem chapéu.

– Não, eu também não vou de chapéu – disse Raymond, e nós na verdade rimos. Rimos muito mais do que merecia seu gracejo sem muita graça, só porque era uma sensação boa.

Não falamos no caminho de volta para o escritório. O sol fraco estava em nossos rostos, e ergui o meu por um momento, como um gato. Raymond estava arrastando os pés pelo carpete delicado de folhas caídas, seus tênis vermelhos em destaque em meio a todo aquele bronze. Um esquilo cinza corria em semicírculos fluidos em torno de nosso caminho, e havia aquele cheiro quase outonal no ar, maçãs e lã. Não falamos nem quando entramos. Raymond pegou minhas duas mãos nas suas e as apertou, só por um segundo, depois as largou dos lados de meu corpo. Ele subiu, e eu fiz a curva no corredor até minha sala.

Eu me sentia como um ovo recém-posto, toda gosmenta e grudenta por dentro, e tão frágil que a menor pressão podia me quebrar. Já havia um e-mail à minha espera quando me sentei à mesa.

Até sexta, bj R

Será que uma resposta era necessária?

bj

EU ESTAVA APRENDENDO O NEGÓCIO de fazer compras. Tinha voltado à mesma loja de departamentos e, depois de buscar conselhos com uma vendedora diferente, comprado um vestido, meia-calça e sapatos pretos. Era meu primeiro vestido desde a infância, e parecia estranho estar com as pernas em exposição. Ela tentara me conduzir na direção de saltos vertiginosos outra vez – por que essas pessoas são tão incrivelmente entusiasmadas por aleijar suas clientes? Comecei a me perguntar se sapateiros e quiropráticos tinham estabelecido algum cartel maligno. Pensando bem, ela estava correta ao afirmar que o vestido preto justo não “combinava” nem com minhas botas novas (aparentemente, informais demais) nem com meus sapatos de trabalho (parecia que nada combinava, para minha grande surpresa; eu pensava que eles eram a própria versão da versatilidade).

Concordamos com um de salto baixo com o nome improvável de “carretel”, que, ao contrário do que se poderia pensar, nada tinha a ver com carretéis. Eram saltos fáceis de andar, mas que eram, ainda assim, “muito femininos”. Em que base isso havia sido decidido, e por quem? Isso importava? Fiz uma anotação mental para pesquisar políticas e identidade de gênero em algum momento. Devia haver algum livro sobre isso – há livros sobre tudo.

Nessa ida à loja, comprei até uma bolsa, considerando que minha sacola provavelmente não seria apropriada para um funeral. O tecido tinha impresso um padrão muito vistoso, achei que podia chamar atenção à beira de um túmulo. Os saltos também podiam ranger um pouco.

A bolsa pela qual finalmente me decidi não era prática, pois era pequena demais para carregar, por exemplo, um livro de capa dura ou uma garrafa de Glen’s. Eu a examinei quando cheguei em casa, acariciando seu exterior de

couro brilhante e o tecido sedoso do interior. Tinha uma corrente dourada comprida que você simplesmente colocava em cima do ombro, deixando as mãos livres.

Com uma despesa terrível ainda maior, também comprei um casaco de lã preto e justo com uma fileira de botões na altura do joelho. Era quente e simples, características que achei atraentes. Ao olhar para todas as minhas compras, espalhadas sobre a cama para um exame mais minucioso, tranquilizei minhas preocupações com o custo assegurando a mim mesma que todo o traje podia ser usado várias e várias vezes, junto ou separado. Eu agora possuía o que acreditava ser um “guarda-roupa intercambiável”, roupas apropriadas para a maior parte dos eventos sociais aos quais eu e o músico poderíamos ir juntos. Eu ficaria bem com eles em seu braço. Uma noite no balé, talvez? A noite de estreia de uma peça nova? Eu sabia que ele abriria mundos desconhecidos para mim. Pelo menos agora eu tinha os sapatos adequados para eles.

Eu gastara mais nas últimas semanas do que costumava gastar em um ano. A interação social, aparentemente, era surpreendentemente cara – as viagens, as roupas, as bebidas, os almoços, os presentes. Às vezes, tudo fechava no fim – como com bebidas –, mas eu estava descobrindo com maior frequência como as pessoas se afundavam em perdas financeiras. Eu tinha um pouco de dinheiro guardado, mas somava apenas o salário de um mês, mais ou menos, e o que Bob pagava estava longe de ser generoso. Agora via que isso só tinha sido possível porque eu não tinha muita necessidade de gastar dinheiro nos aspectos sociais da vida até então.

Mamãe gostava de viver de forma extravagante, porém... tudo mudou... Eu tinha aprendido que dinheiro era algo com que se preocupar, que precisava ser racionado. Era preciso pedi-lo, e depois contá-lo em minhas mãos vermelhas esfoladas. Nunca me esquecera – nunca me permitiram esquecer – de que outra pessoa estava pagando por minhas roupas, pela comida que eu comia, até pelo aquecimento do quarto em que dormia. Meus cuidadores adotivos recebiam uma mesada para cuidar de mim, e sempre me preocupei em não fazê-los excedê-la *precisando* de coisas. E especialmente *querendo* coisas.

“Mesada” não é uma palavra generosa e pródiga. Agora ganho meu próprio dinheiro, é claro, mas preciso ser cuidadosa com ele. Viver dentro de um orçamento é uma habilidade, e muito útil – afinal de contas, se eu ficar sem fundos, se estiver endividada, não há ninguém, nem uma única alma, a quem possa recorrer para me ajudar. Eu ficaria pobre. Não tenho um benfeitor anônimo para pagar meu aluguel, nenhum membro da família nem amigo que poderia gentilmente me emprestar o dinheiro para substituir um aspirador de pó quebrado nem pagar a conta de gás até que eu pudesse devolver a eles a soma emprestada no dia do pagamento. Foi importante eu não ter me permitido esquecer isso.

Ainda assim, eu não podia ir ao funeral de Sammy com roupas inapropriadas. O vestido preto, assegurou-me a vendedora, era elegante, mas também simples. O casaco podia ser usado por todo o inverno. Meu colete já havia mais do que se pagado ao longo dos anos, mas eu ia guardá-lo, é claro, caso fosse necessário outra vez no futuro. Pendurei tudo com cuidado. Eu estava pronta. Tragam seus mortos.



A sexta-feira estava ensolarada, embora fosse impossível dizer se continuaria assim. Tomei um banho de chuveiro e vesti as roupas novas. Fazia muitos anos que eu não usava meia-calça, preferindo um prático par de meias soquete transparentes por baixo da calça, mas eu ainda me lembrava de como vesti-la. Tomei muito cuidado, pois era fina e delicada, e podia ser rasgada em um instante por uma unha descuidada. Eu me senti, de algum modo, enclausurada nela, como se estivesse usando a pele de outra pessoa.

Tornei minhas pernas pretas, e meu cabelo, loiro. Aumentei e escureci os cílios, passei um rubor rosado nas faces e pintei os lábios com um tom de vermelho-escuro que era raramente encontrado na natureza. Eu devia, na verdade, me parecer menos com uma mulher humana do que nunca, e ainda assim me assemelhava a aparição mais aceitável e adequada que já fizera diante do mundo. Era intrigante. Achei que poderia ter ido mais longe, ter feito minha pele brilhar com um agente bronzeador, me perfumado com um spray feito com produtos sintetizados em laboratório, destilados de plantas e

partes de animais. Eu não queria fazer isso. Peguei a bolsa nova e tranquei a porta às minhas costas.

Por razões de segurança, eu havia especificado que devia ser apanhada em uma localização em uma rua principal perto de meu apartamento em vez de revelar o endereço de minha casa, e um veículo pouco atraente se aproximou do prédio na hora correta. O motorista olhou rapidamente pelo espelho retrovisor quando entrei no assento atrás dele, ao lado de Raymond. Levei algum tempo, pois estava consciente de meu vestido e tentei me assegurar de que não revelasse mais de minhas pernas do que fora desenhado para fazer.

Tudo demorou muito. Antes, eu apenas tomava banho, passava um pente no cabelo e vestia a calça. Ser feminina aparentemente significava levar uma eternidade para fazer qualquer coisa, e envolvia bastante planejamento antecipado. Eu não conseguia imaginar como seria possível caminhar até a nascente do Nilo, ou subir uma escada para investigar um problema no interior de um acelerador de partículas, usando saltos e meias Deniers de fio 10.

Era difícil avaliar o efeito geral do traje de Raymond, mas estava claro, mesmo daquela posição, que ele estava usando uma camisa branca passada, gravata e calça pretas. Eu não conseguia ver seus pés, e rezei em silêncio para que não estivesse calçando tênis, nem mesmo pretos.

– Você está ótima – disse ele.

Assenti, um pouco envergonhada em meu vestido novo, e tornei a olhar para ele. Ele não tinha raspado sua barbicha estranha, mas ela fora aparada, e seu cabelo estava bem penteado. O táxi partiu, e nos juntamos ao lento tráfego matinal. O rádio dizia bobagens sem sentido, e não olhamos um para o outro nem falamos. Não havia mesmo nada a dizer.



O crematório ficava nos subúrbios, uma monstruosidade dos anos 1970 de concreto branco e ângulos brutais. Os jardins eram perfeitos de um jeito estéril e municipal, mas, surpreendentemente, estavam cheios de rosas desabrochadas. Havia muitas árvores maduras em volta do perímetro, o que me agradou. Eu gostava de pensar em suas raízes fluindo com vida,

serpenteando sob aquele lugar. Paramos em um estacionamento enorme que já estava quase cheio, embora fossem apenas 10h30. O lugar era fora de mão, e era impossível chegar lá de transporte público, o que era completamente ilógico. Devia haver um trem ou ônibus, pensei. Era um lugar que todos tínhamos a garantia de visitar em algum momento.

Raymond pagou ao motorista e ficamos um momento parados, assimilando aquilo.

– Pronta? – perguntou.

Fiz que sim com a cabeça. Havia várias outras pessoas presentes, movendo-se pelo local como besouros escuros e lentos. Caminhamos pela trilha em um acordo tácito de que não estávamos com pressa para deixar as árvores, as rosas e o sol para entrar. Um grande carro fúnebre estava parado na porta, e olhamos para o caixão, que estava coberto de coroas de flores. Um caixão era uma caixa de madeira onde o cadáver de Sammy devia estar. Eu me perguntei o que ele estaria vestindo ali dentro. Torci para que fosse um belo moletom; confortável, com o cheiro dele.

Nós nos sentamos no lado esquerdo do salão, em um banco não muito longe da frente. O lugar já estava meio cheio, e havia um zunido baixo de conversação abafada, um zumbido baixo como de insetos que eu nunca ouvira em nenhum outro lugar ou circunstância.

Peguei um dos papéis que tinham sido postos sobre os bancos: *Samuel McMurray Thom*, dizia, 1940-2017. No interior ele nos informava o que ia acontecer, listava leituras e hinos, e, de repente, fui tomada por um grande desejo de que aquilo acabasse, de não ter de estar ali e passar por tudo aquilo.

Raymond e eu estávamos em silêncio. O lugar era muito mais bonito por dentro do que o exterior sugeria, com vigas de madeira e um teto alto abobadado. Toda a parede lateral à esquerda de onde estávamos sentados era de vidro e podíamos ver os gramados extensos e mais daquelas enormes árvores primordiais ao fundo. Eu estava contente. A natureza devia fazer sua presença ser sentida no salão de algum jeito, pensei; natureza viva, não flores cortadas. O sol estava bem forte agora, e as árvores projetavam sombras curtas, embora o outono estivesse surgindo discretamente através de um tremular de vento nas folhas. Eu me virei e vi que o local estava cheio, talvez

umas cem pessoas, talvez mais. O zunido dos murmúrios ameaçava abafar a música maçante de órgão gravada.

Algo se moveu no ar, e fez-se silêncio. Os dois filhos dele e quatro outros homens, cujos rostos reconheci da festa, carregaram o caixão de Sammy pelo centro e o puseram com delicadeza em uma espécie de plataforma elevada com uma esteira rolante, no fim da qual havia um conjunto de cortinas de veludo vermelho. Tentei me lembrar do que a plataforma me lembrava, e então a imagem veio a mim: o caixa do supermercado no Tesco, onde você coloca seus itens e eles se movem na direção da caixa. Eu me inclinei para contar a Raymond, mas ele tinha pegado um saco de balas de menta no bolso do paletó e me ofereceu uma antes que eu pudesse falar. Eu a joguei na boca.

Outras pessoas tinham se juntado a nós no banco, e tivemos que chegar para o lado como caranguejos para abrir espaço para elas. Eu estava bem próxima do sr. Raymond Gibbons. Percebi que ele estava com um cheiro bem agradável hoje; a menta, claro, mas também um cheiro limpo de sabonete e algo quase amadeirado, como cedro. Eu ainda não o vira fumar um cigarro. Imagino que até Raymond acharia inapropriado fumar na porta de um crematório.

O restante da família entrou e se sentou ao lado dos filhos de Sammy no banco da frente; Laura estava sozinha, parecendo impossivelmente glamorosa. Óculos escuros! Em local fechado! Impressionante. Eles foram seguidos por um sacerdote de aparência alegre. Um homem em um teclado em um canto flexionou os dedos e começou a tocar, e ficamos de pé. A letra do hino estava impressa no folheto, mas descobri que me lembrava dela da infância. O canto em conjunto era de qualidade extremamente ruim, mais como um murmúrio atonal, e a voz desagradável do sacerdote estava alta demais, talvez porque estivesse usando um microfone de lapela. Ele na verdade devia desligá-lo para os hinos religiosos, pensei – não havia necessidade de amplificar seus miados. Raymond, para minha imensa surpresa, tinha uma voz agradável de tenor ligeiro, e estava cantando corretamente, diferente da maior parte dos outros. Quando as pessoas ficaram envergonhadas de cantar em público? Seria devido ao declínio das visitas à igreja? E, ainda assim, a programação da TV estava cheia de concursos de canto no qual as pessoas, por menos talentosas que

fossem, passavam longe da timidez ao participar. Talvez as pessoas só estejam interessadas em fazer performances solo.

Sem dúvida aquele era o maior dos desrespeitos – ir ao funeral de um homem e balbuciar durante os cânticos que, por pior que fossem, tinham sido escolhidos especificamente para celebrar sua vida. Comecei a cantar mais alto. Raymond e eu estávamos fazendo mais barulho do que os quatro bancos próximos juntos, e fiquei satisfeita com isso. As palavras eram incrivelmente tristes e, para uma atea como eu, totalmente sem esperança ou conforto; mas, ainda assim, era nosso dever cantá-las com o máximo de nossa habilidade, e cantar com orgulho em honra de Sammy. Eu me sentei quando terminou, feliz porque tínhamos prestado a ele o respeito que merecia. Várias pessoas se viraram para olhar para nós, supostamente porque gostaram de nosso tributo vocal.

O sacerdote falou sobre a vida de Sammy; foi interessante ouvir que ele crescera em uma pequena aldeia no Nordeste, em uma fazenda de criação de carneiros. Ele entrara para a marinha mercante quando saiu da escola, mas logo se cansou da vida no mar e chegou a Glasgow com dez libras, um terno novo e nenhum desejo de voltar à vida na fazenda. Conhecera Jean na Woolworths, enquanto procurava por agulha e linha. O sacerdote, parecendo satisfeito consigo mesmo, disse que tinham costurado uma vida feliz depois daquilo. Houve um breve trecho religioso – a lenga-lenga de sempre – e depois, como o caixa do Tesco, ele fez com que a esteira rolante do caixão se movesse, e Sammy se foi.

Muito alegre, com um sorriso estampado no rosto como se fosse a melhor parte de todo aquele acontecimento terrível, o sacerdote anunciou que cantaríamos o último hino. Raymond e eu fizemos um esforço resolutivo, mas é impossível cantar quando você está chorando – há um nó, como um caroço de ameixa, preso em sua garganta, e a música não passa por ele. Raymond assoou o nariz e me passou um pacote de lenços de papel, que aceitei agradecida.

A família, disse-nos o sacerdote, ficaria satisfeita se nos juntássemos a ela depois no Hawthorn House Hotel para um lanche. A congregação saiu, apertando as mãos e murmurando platitudes inexpressivas. Fiz a mesma coisa. Havia uma caixa de coleta da Fundação Britânica do Coração, “no lugar de

flores”, e vi Raymond botar ali uma nota de vinte libras. Botei três moedas de uma libra. De todo modo, senti que isso era extremamente generoso. A pesquisa de novas drogas e tratamentos eficazes para doenças cardíacas custa centenas de milhões de libras. Três libras ou trezentas libras – isso dificilmente ia fazer a diferença entre encontrar ou não uma cura, afinal de contas.

Eu me sentei em um muro baixo atrás do crematório e virei meu rosto para o sol. Eu me sentia completamente exausta. Depois de um instante, Raymond se sentou ao meu lado, e ouvi o clique de seu isqueiro. Eu nem tive energia para me afastar. Ele soltou uma longa torrente de fumaça.

– Tudo bem? – perguntou.

Fiz que sim com a cabeça.

– E você?

Ele deu de ombros.

– Para ser honesto, não sou um grande fã de funerais – afirmou. Ele afastou os olhos. – Me lembram de meu pai. Foi há anos, mas ainda é difícil, sabia?

Concordei, fazia sentido. O tempo apenas atenua a dor da perda. Não a apaga.

– Não quero mesmo ir para o Hawthorn House Hotel para um lanche, Raymond – disse eu. – Quero parar de pensar na morte. Só quero ir para casa, vestir roupas normais e ver TV.

Raymond apagou o cigarro, em seguida enterrou-o no canteiro de flores atrás de nós.

– Ninguém *quer* ir a essas coisas, Eleanor – disse ele com delicadeza. – Mas você precisa fazer isso. Pela família. – Eu devo ter parecido triste.

– Você não precisa ficar muito tempo – continuou. Sua voz estava delicada e paciente. – Só mostrar a cara; tomar uma xícara de chá, comer um enroladinho de salsicha, sabe? Seguir o protocolo.

– Bom, espero pelo menos que eles tenham um alto conteúdo de carne e massa tenra – falei, mais com esperança que com expectativa, pendurando a bolsa no ombro.



O Hawthorn House Hotel ficava a pequena distância do crematório. A mulher na recepção sorriu, e foi impossível não notar que tinha apenas um dente na frente; os molares restantes eram da exata mesma cor que a mostarda inglesa Colmans. Quem sou eu para fazer julgamentos sobre a aparência pessoal de outras pessoas; mas, sério, entre todos os funcionários disponíveis aquela mulher era a melhor escolha para a recepção? Ela nos indicou a Bramble Suite e nos deu um sorriso simpático e vazado.

Estávamos entre os últimos a chegar, pois a maioria das pessoas tinha feito de carro o pequeno percurso do crematório até o hotel. O crematório era um lugar movimentado, e as vagas de estacionamento eram necessárias, imaginei. Não tenho certeza se eu gostaria de ser cremada. Acho que talvez gostasse de ser dada como alimento aos animais do zoológico. Seria ao mesmo tempo ambientalmente amigável e um petisco adorável para os maiores carnívoros. Eu me perguntei se você podia pedir isso. Fiz uma anotação mental para escrever à WWF para descobrir.

Fui até Keith e disse a ele como eu sentia muito, em seguida procurei por Gary para dizer o mesmo. Os dois pareciam atordoados, o que era compreensível. Leva muito tempo para se aprender a viver com a perda, supondo que você um dia consiga. Depois de todos esses anos, ainda sou uma espécie de obra em construção em relação a isso. Os netos estavam sentados quietos no canto, amedrontados, talvez pela atmosfera sombria. A outra pessoa a quem eu teria que dar minhas condolências era Laura, mas não consegui vê-la. Ela era normalmente fácil de achar. Hoje, além dos óculos escuros enormes, estava usando saltos vertiginosos, um vestido preto curto e decotado, e o cabelo estava preso no alto da cabeça em uma criação armada artística que acrescentava vários centímetros a sua altura.

Como não havia sinal dela nem sinais do lanche prometido, saí à procura dos banheiros. Eu podia apostar que teriam um pote de vidro empoeirado com plantas secas com aroma de damasco ao lado das pias, e estava certa. No caminho de volta, vi um salto plataforma revelador projetando-se de trás de uma cortina que balançava. Havia um assento no recuo da janela, no qual Laura estava sentada no colo de um homem que, logo ficou claro, era Raymond, embora estivessem se abraçando tão próximos que levou um

momento até que eu conseguisse ver seu rosto e ter certeza. Ele estava usando sapatos de couro preto, percebi. Então ele tinha pelo menos um par.

Voltei para a Bramble Suite sem incomodá-los; eles não tinham me visto, pois estavam muito envolvidos em outra coisa. Essa era uma situação social muito familiar para mim: ficar sozinha, olhando fixamente a meia distância. Estava absolutamente bem. Era absolutamente normal. Depois do incêndio, em cada escola nova que eu ia, me esforçava muito, mas havia algo em mim que simplesmente não se encaixava. Parecia não haver nenhum nicho social em forma de Eleanor onde eu pudesse me encaixar.

Eu não era boa em fingir, a questão era essa. Depois do que ocorrera naquela casa em chamas, considerando o que havia acontecido lá, eu não via sentido em ser outra coisa além de sincera com o mundo. Eu não tinha, literalmente, mais nada a perder. Mas, depois de observações cuidadosas feitas de fora, eu percebera que o sucesso social costuma ser erguido sobre um pouco de fingimento. Pessoas populares às vezes precisam rir de coisas que não acham muito engraçadas, fazer coisas que não desejam em especial fazer, com pessoas de cuja companhia particularmente não gostam. Eu, não. Eu tinha decidido, anos antes, que se houvesse uma escolha entre isso ou um voo solo, voaria sozinha. Era mais seguro assim. A tristeza é o preço que se paga pelo amor, é o que dizem. O preço é alto demais.

O bufê tinha sido servido – sim, havia enrolados de salsicha, mas também sanduíches. Os funcionários estavam servindo chá e café indistinguíveis de urnas de cheiro amargo em louça branca industrial. Isso não ia servir, de jeito nenhum. Decidi que não estava no clima para líquidos quentes e marrons; ah, não. Eu estava no clima para vodca fresca e transparente.



Todos os hotéis tinham bares, não é? Eu não era uma grande frequentadora de hotéis, mas sabia que quartos e bares eram sua *raison d'être*. Falei com a senhora com problemas dentários na recepção outra vez, e ela me indicou outro corredor comprido, no fim do qual ficava o criativamente batizado Hawthorn Lounge. Parei na entrada e olhei ao redor. O lugar estava deserto, as máquinas caça-níqueis brilhavam exclusivamente para sua própria diversão.

Eu entrei, apenas eu. Eleanor, sozinha.

Um barman estava vendo TV e limpava copos, distraído.

– Está passando o programa *Homes under the Hammer* – disse ele enquanto se virava em minha direção.

Eu me lembro de pensar, surpresa, que ele era passável de atraente, e depois me repreender pelo pensamento. Eu tinha o preconceito de que pessoas bonitas e glamorosas não estariam trabalhando no Hawthorn House Hotel na hora do almoço em uma sexta-feira. Na verdade, a recepcionista confirmara meus pensamentos iniciais, mas na verdade era uma vergonha eu ter tais ideias preconcebidas – de onde será que vinham? (Uma vozinha sussurrou a resposta em minha cabeça: *mamãe*.)

O barman sorriu e revelou um belo conjunto de dentes e olhos azul-claros.

– É muita merda velha – disse ele em uma voz que podia arrancar tinta das paredes, depois de dar uma boa lixada nelas. *Viu, eu disse a você!*, sussurrou minha mãe.

– É mesmo? – disse eu. – Infelizmente, em geral não estou em casa durante o dia para ver.

– Assista aqui, se quiser – disse o homem, dando de ombros.

– Posso?

– Por que não? Não tem muita coisa acontecendo, tem? – Ele gesticulou ao redor do bar vazio.

Eu me sentei em um banco do bar, algo que sempre quisera experimentar, e pedi uma vodca com coca. Ele a preparou devagar, botou gelo e limão sem perguntar e a empurrou em minha direção.

– Funeral, certo? – disse ele.

Eu me perguntei como ele sabia, então percebi que estava totalmente vestida de preto, que minha maquiagem de olho esfumado tinha escorrido um pouco, e que não havia outra razão para estar naquele lugar em especial, àquela hora do dia. Fiz que sim com a cabeça. Não era necessário mais conversa, e nós dois nos voltamos para ver como Iain e Dorothy iam se sair com a casa geminada dos anos 1970 que tinham comprado em um leilão por 95 mil libras, com a intenção de reformar o banheiro, instalar uma cozinha nova e “derrubar tudo” da sala de estar até a de jantar.

– O toque final – disse o apresentador. – Era pintar a porta da frente... com esse tom encantador de verde.

– “Green Door” – disse o bartender sem perder o momento e, segundos depois, surpresa, essa mesma música começou a tocar. Nós dois rimos, e ele empurrou outra vodca em minha direção sem que eu tivesse de pedir.

Nós tínhamos passado para *Loose Women*, outro programa com o qual eu não estava familiarizada. A essa altura, eu estava em minha quarta vodca, e a cerimônia fúnebre ainda estava em minha mente, porém não doía mais. Como perceber que você tem uma pedra no sapato, mas enquanto está sentada em vez de caminhando sobre ela.

Achei que, em algum momento, eu devia experimentar o enrolado de salsicha, ou pelo menos botar alguns na sacola para depois, mas aí lembrei que tinha trazido minha bolsa nova pequenina, na qual eu podia botar, no máximo, dois doces saborosos. Lamentei e sacudi a cabeça.

– O que foi? – disse o barman. Não tínhamos perguntado o nome um do outro; de algum modo, não parecia necessário. Eu me inclinei para a frente em meu banco e olhei fixamente, de um jeito clichê, para meu copo.

– Ah, não é nada – disse eu despreocupadamente. – Eu, na verdade, acho que devia comer alguma coisa.

O barman, que tinha ficado menos bonito com a passagem do tempo, pegou meu copo, tornou a enchê-lo de vodca com um pouco de coca e o devolveu para mim.

– Sem pressa, hein? – disse ele. – Por que não fica aqui e me faz companhia mais um pouco?

Olhei ao redor – o bar ainda estava deserto.

– Você talvez precise deitar um pouco depois dessa, hein? – disse ele batendo em meu copo e se inclinando para perto de mim, eu podia ver seus poros dilatados nos lados do seu nariz, alguns deles cheios com pontos negros microscópicos.

– Talvez – disse eu. – Às vezes eu preciso me deitar depois de vodca com coca.

Ele deu um sorriso como um lobo.

– Deixa você no clima, hein?

Tentei levantar as sobrancelhas em uma pergunta, mas, estranhamente, só consegui fazer uma delas se erguer. Eu bebera demais porque estava com dor demais, e não havia nenhum outro lugar para onde ela pudesse ir além de para baixo, afogada pela vodca. Na verdade, simples.

– O que quer dizer com isso? – perguntei, me ouvindo pronunciar as consoantes de modo um tanto indistinto.

– Funerais – disse ele, aproximando-se de mim, de modo que seu rosto quase se apertou contra o meu. Ele cheirava a cebola. – Não é nenhuma razão para se sentir mal – disse ele. – Toda essa morte... depois, não acha que isso na verdade deixa você com vontade de...

– Eleanor! – Senti a mão de alguém em meu ombro e me virei no banco, excepcionalmente devagar.

– Ah, oi, Raymond! – disse eu. – Este é... Na verdade, não sei. Com licença, qual é o seu nome, sr...?

O barman se moveu no que devia ter sido a velocidade da luz para a outra ponta do bar, onde voltara a limpar copos e a ver TV. Raymond lançou a ele um olhar que podia ser mais bem descrito como hostil, e pôs uma nota de vinte libras no balcão.

– Espere, Raymond – disse eu tentando pegar minha bolsa. – Tenho dinheiro aqui...

– Vamos – disse ele, puxando-me de meu banco de um modo nada gracioso. – Podemos resolver isso depois.

Trotei atrás dele em meus saltos baixos.

– Raymond – disse eu enquanto puxava sua manga. Ele olhou para mim. – Não vou fazer uma tatuagem, eu resolvi.

Ele pareceu não entender nada, e percebi que tinha me esquecido de contar a ele que estava pensando, desde que conversara com o barman no Cuttings, em fazer. Ele me pôs em um assento junto à janela no corredor – não o mesmo em que ele estivera antes – e me deixou ali. Olhei ao redor e me perguntei que horas eram, e se teriam cremado Sammy a essa altura, ou se guardavam todos os corpos até o fim do dia para fazer um belo fogo. Raymond voltou com uma xícara de chá em uma das mãos e um prato de doces na outra.

– Coma isso – disse ele. – E não se mexa até eu voltar.

Descobri que eu estava faminta. As pessoas que estavam no funeral continuavam a passar, mas ninguém me notou em um esconderijo. Gostei muito disso. O assento era confortável, e o corredor, quente, e me senti como um pequeno rato do campo em um ninho aconchegante. Quando percebi, Raymond estava ali, outra vez, me sacudindo com delicadeza, mas mais veemente.

– Acorde, Eleanor – disse ele. – São 16h30. Hora de ir.

Pegamos o ônibus para o apartamento de Raymond, ele ficava no lado sul da cidade, uma área que eu não conhecia muito bem e não tinha motivos para visitar, em geral. Seus colegas de apartamento não estavam. Fiquei aliviada ao saber disso enquanto entrava cambaleando um pouco no corredor e tentava não rir. Ele me conduziu de um jeito bem pouco galante até a sala, que era dominada por uma TV enorme. Havia muitos do que eu imaginei serem consoles de videogames espalhados diante dela. Além dos detritos de computador, era limpo de forma impressionante.

– Não parece um lugar habitado por garotos – disse eu, surpresa.

Ele riu.

– Não somos animais, Eleanor. Na verdade, tenho habilidades com eletrodomésticos, e Desi tem um pouco de mania de limpeza.

Balancei a cabeça, aliviada por saber enquanto eu me sentava que nada desagradável grudaria em meu vestido e minhas meias novas.

– Chá? – perguntou.

– Por acaso você não tem vodca ou Magners? – disse eu. Ele arqueou a sobrancelha. – Estou absolutamente bem agora, depois dos enrolados de salsicha e do cochilo – falei, e estava. Eu me sentia leve e limpa, não intoxicada, apenas muito entorpecida de forma agradável em relação a sentimentos fortes.

Ele riu.

– Bom, acho que eu tomaria um copo de tinto, com certeza.

– Tinto o quê? – perguntei.

– Vinho, Eleanor. Merlot, eu acho, o que quer que esteja em oferta no Tesco esta semana.

– Ah, o Tesco – disse eu. – Nesse caso... acho que vou acompanhá-lo. Mas só um. – Eu não queria que Raymond achasse que eu era uma dipsomaníaca.

Ele voltou com dois copos e uma garrafa com uma tampa de rosca.

– Vinhos não têm rolha? – disse eu.

Ele me ignorou.

– Ao Sammy – disse ele, e brindamos como as pessoas fazem na TV. Ele tinha um sabor quente e aveludado, e parecia um pouco geleia queimada.

– Vai com calma! – disse ele, agitando o dedo de um jeito que percebi ter a intenção de ser engraçado. – Não quero que caia do sofá.

Eu sorri.

– Como foi sua tarde? – perguntei depois de outro gole delicioso. Ele deu um gole muito grande.

– Quer dizer além de resgatar você das garras de um perverso?

Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

– Ah, a tarde foi boa – disse ele quando ficou claro que eu não sabia como responder. – Tudo correu tão bem quanto essas coisas podem correr. Amanhã é que isso vai realmente atingi-los. O funeral é uma grande distração; você fica ocupado com todos os preparativos, decisões idiotas sobre scones, biscoitos, hinos religiosos...

– Eram hinos ruins! – exclamei.

– E aí no próprio dia, assegurar-se de agradecer às pessoas, o cortejo e todas essas coisas... Por falar nisso, a família disse para agradecer a você pela presença. – Ele terminou e se calou. Era ele quem estava bebendo todo o vinho, percebi. Já tinha tornado a encher seu copo enquanto eu tomara apenas dois goles. – Mas nos dias e semanas depois disso... É aí que começa mesmo a ficar difícil – disse ele.

– Foi assim com você? – perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça. Havia acendido a lareira, uma dessas de gás feitas para parecer reais, e nós dois olhamos fixamente para ela. Devia restar algum fragmento de conexão em nossos cérebros com nossos ancestrais, algo que significa que não podemos evitar olhar fixamente para o fogo, observá-lo se mover e bailar, protegendo de espíritos do mal e animais perigosos... É isso o que o fogo deve fazer, não é? Embora também possa fazer outras coisas.

– Quer assistir a um filme, Eleanor? Para nos animar um pouco?

Pensei nisso.

– Um filme seria perfeito – afirmei.

Ele saiu da sala e voltou com outra garrafa de vinho e um grande pacote de batatas fritas. “Tamanho família”, dizia ele. Eu nunca havia experimentado um exatamente por essa razão. Ele o rasgou ao meio e o dispôs na mesa diante do sofá onde estávamos sentados, em seguida encheu nossos copos. Ele tornou a sair e voltou com um edredom, que achei que tinha retirado da cama, e um cobertor de lã de aparência aconchegante, vermelho como o suéter de Sammy, que ele passara para mim. Tirei meus saltos baixos e me aninhei sob o cobertor enquanto ele mexia com o que pareciam ser dez aparelhos de controle remoto. A TV enorme ganhou vida, e ele passou por vários canais.

– O que acha deste? – perguntou, acenando com a cabeça na direção da tela enquanto se enrolava em seu edredom. A seleção em destaque dizia *Filhos do deserto*. Eu não tinha ideia do que era, mas percebi que ficaria feliz ali sentada no calor com ele assistindo a um programa de golfe, se fosse a única coisa que houvesse.

– Está bem – concordei. Ele estava prestes a apertar o play quando o detive. – Raymond... Você não devia estar com Laura?

Ele pareceu bastante surpreso.

– Eu vi você hoje – comentei. – E na festa de Keith, no clube de golfe.

O rosto dele ficou impassível.

– Ela está com a família agora. É assim que deve ser – respondeu, dando de ombros. Senti que ele não queria mais falar a respeito, por isso simplesmente assenti com a cabeça. – Pronta? – perguntou ele.

O filme era em preto e branco, sobre um homem gordo e esperto e outro, magro e burro, que tinham se alistado na Legião Estrangeira. Eles eram visivelmente inadequados para isso. Em determinado momento, Raymond riu tanto que derramou vinho por todo seu edredom. Engasguei com uma batata família pouco depois, e ele teve que pausar o filme e me dar tapas nas costas para soltá-la. Fiquei muito desapontada quando ele terminou, e também por ver que tínhamos comido toda a batata e bebido a maior parte do vinho,

embora Raymond tivesse bebido bem mais que eu – aparentemente, eu não conseguia beber vinho tão depressa quanto vodka ou Magners.

Ele caminhou cambaleante até a cozinha e voltou com um pacote grande de amendoins.

– Merda – disse ele. – Tigela. – Ele voltou com um refratário, para o qual tentou transferir os amendoins. Sua mira era ruim, e ele começou a derramá-los em cima da mesa de centro. Comecei a rir, era igual ao Gordo e o Magro, e então os dois estavam rindo. Ele desligou a TV e botou música, através de outro aparelho misterioso de controle remoto. Não a reconheci, mas era agradável: suave, e não exigente. Ele colocou um punhado de amendoins na boca.

– Eleanor – disse ele com pedaços de amendoim caindo da boca. – Posso lhe fazer uma pergunta?

– Pode perguntar, sem dúvida. – Torci para que ele tornasse a engolir antes de falar.

Ele me olhou com atenção.

– O que aconteceu com seu rosto? Você não... – Ele se inclinou para a frente e tocou meu braço por cima do cobertor. – Você certamente não precisa me dizer se não quiser. Só estou sendo um sacana enxerido.

Sorri para ele e dei um grande gole de vinho.

– Não me importo de contar a você, Raymond – disse eu descobrindo, para minha surpresa, que era verdade. Eu na realidade queria contar a ele, agora que havia perguntado. Ele não estava perguntando por lascívia nem curiosidade entediada. Estava realmente interessado, eu conseguia ver isso. Você em geral consegue. – Estive em um incêndio quando tinha dez anos. O incêndio de uma casa.

– Meu Deus! – exclamou ele. – Isso deve ter sido terrível. – Houve uma pausa longa, e eu quase podia ver as perguntas se cristalizando, como se as letras emanassem de seu cérebro e formassem palavras no ar. – Problema elétrico? Uma fritadeira?

– Ele foi iniciado deliberadamente – disse eu, evitando mais explicações.

– Mas que merda, Eleanor – lamentou ele. – Incêndio criminoso?

Tomei mais um gole do vinho aveludado e não disse nada.

– E aí, o que aconteceu depois disso? – quis saber ele.

– Bem... Mencionei antes que nunca conheci meu pai. Fui levada para adoção depois do incêndio. Lares adotivos, orfanatos, lares adotivos outra vez. Eu me mudava a cada ano e meio, mais ou menos, acho. Consegui uma vaga na universidade (eu tinha 17 anos) e a prefeitura me alojou em um apartamento. O apartamento onde ainda moro.

Ele parecia tão triste que isso estava *me* deixando triste, também.

– Raymond – disse eu. – Na verdade, não é uma história tão incomum. Muita gente vive em circunstâncias muito, muito mais desafiadoras. É simplesmente um fato da vida.

– Mas isso não torna as coisas ideais.

– Sempre tive uma cama onde dormir, comida para comer, roupas e sapatos para vestir. Sempre fui supervisionada por um adulto. Há milhões de crianças no mundo que não podem dizer o mesmo, infelizmente. Se pensar bem, sou uma pessoa de muita sorte.

Ele parecia que ia chorar – devia ser todo aquele vinho. Isso deixa as pessoas extremamente emotivas, é o que dizem. Eu podia ouvir a pergunta não feita pairando entre nós como um fantasma. Não pergunte, não pergunte, pensei, desejando com toda a força que podia, com os dedos cruzados embaixo do cobertor.

– E sua mãe, Eleanor? O que aconteceu com ela? – Engoli o resto do meu vinho o mais rápido possível.

– Eu preferia não falar sobre minha mãe, se não for problema, Raymond.

Ele pareceu surpreso e – essa era uma reação familiar – um pouco desapontado. Ele merece crédito por não ter insistido no assunto.

– Como quiser, Eleanor. Você pode conversar comigo quando desejar, sabe disso, não sabe?

Assenti. Descobri, para minha surpresa, que sabia.

– Estou falando sério, Eleanor – afirmou ele. O vinho o estava deixando mais cuidadoso que o habitual. – Agora somos amigos, certo?

– Certo – falei com um sorriso.

Meu primeiro amigo!

Na verdade, ele era um técnico de computadores mal resolvido com uma

série de hábitos sociais deploráveis, mas, ainda assim... Amigos! Eu sem dúvida levava muito tempo para conseguir um; sabia bem que pessoas da minha idade normalmente tinham pelo menos um ou dois amigos. Eu não tentara evitá-los e tampouco os buscara; simplesmente tinha sido difícil demais conhecer pessoas com ideias afins. Depois do incêndio, nunca consegui encontrar ninguém que pudesse se encaixar nos espaços que haviam sido criados dentro de mim. Não posso reclamar; foi inteiramente minha culpa, afinal de contas. E, de qualquer modo, eu tinha rodado tanto durante a infância que era difícil manter contato com as pessoas, mesmo que quisesse. Tantos lares adotivos, todas aquelas escolas novas. Na universidade, me apaixonei pelos clássicos e dediquei-me com alegria ao meu trabalho. Deixar de ir algumas noites ao Union para ter as melhores notas e elogios generosos de meus tutores pareceu uma troca justa. E, é claro, por alguns anos houve Declan. Ele não gostava que eu socializasse sem ele. Nem, na verdade, com ele.

Depois da formatura, fui direto trabalhar no escritório, e Deus sabe que ali não havia pessoas com ideias afins. Depois que você se acostuma a ficar sozinha, isso se torna normal. Sem dúvida tinha se tornado para mim.

Por que, agora, Raymond queria ser meu amigo? Talvez ele fosse solitário, também. Talvez sentisse pena de mim. Talvez – isso é incrível, mas, suponho, possível – ele de fato me achasse agradável. Quem sabe? Eu me virei em sua direção querendo perguntar o motivo, querendo dizer a ele como estava contente por, finalmente, ter encontrado um amigo, mas sua cabeça caiu sobre o peito e sua boca estava levemente aberta. Ele, porém, voltou rapidamente à vida.

– Não estava dormindo – disse ele. – Só... descansando os olhos por um minuto. Foi um dia infernal.

– Foi – concordei, e estava falando sério. Calcei meus saltos baixos e perguntei se ele podia me chamar um táxi. Fiquei horrorizada ao ver que eram quase 21h. Espiei ansiosamente através das cortinas. Estava escuro. Mas seria seguro no táxi. Todos os motoristas eram checados pela polícia, não eram?

Raymond me levou até a entrada do prédio e abriu a porta do táxi.

– Fique bem, Eleanor – disse ele. – Tenha um bom fim de semana. Até

segunda, viu?

– Até segunda, Raymond – me despedi e acenei até que o táxi virou a esquina e não pude mais vê-lo da janela.

@johnnieLrocks

Alerta de show de despedida dos Pilgrim Pioneers! Vamos terminar com um estrondo, não choro. Detalhes depois.

#nãoperca #showdoséculo #selivrandodeumfardo

DESSA VEZ, IA SER PERFEITO. Eu tinha visto seu tuíte e depois, apenas algumas horas depois, meus olhos se cravaram no pequeno cartaz na vitrine da loja de discos independente perto do escritório. Seu rosto bonito me fez parar imediatamente. Em duas semanas. Uma noite de terça-feira. Perfeito. A mão do destino, mais uma vez, movendo-nos como peças de xadrez. Eu estava com o rei à vista.

Lembrando-me de meu erro no Cuttings, memorizei o nome do lugar e, assim que cheguei em casa, reservei dois ingressos pelo site, o segundo de garantia caso eu perdesse o primeiro. Talvez Raymond pudesse usá-lo, vir comigo; embora, pensando bem, talvez não. Eu não ia querer que ele atrapalhasse meu estilo. Entretanto, comprar dois ingressos se revelou desnecessário, pois só quando a transação estava completa percebi que os ingressos deviam ser coletados pessoalmente na noite. Não fazia diferença.

Depois do jantar e de ouvir *The Archers*, sentei com um lápis e um bloco e fiz uma lista de todas as coisas que precisava fazer para me preparar. A coisa mais importante, depois de garantir os ingressos, era fazer uma visita de reconhecimento ao local, para me assegurar de que tudo correria bem na noite e evitar qualquer surpresa desagradável. Aqui, pelo menos, senti que Raymond podia ser de algum auxílio. Podíamos ir juntos a um show diferente, talvez amanhã ou no dia seguinte, e isso me proporcionaria a oportunidade de examinar o cenário de meu encontro próximo com o destino.

Depois de verificar que ainda havia ingressos disponíveis para um show

marcado para a noite de amanhã, enviei uma mensagem.

Caro Raymond, você gostaria de ir ao Hank Dan's comigo amanhã à noite? E

Ele respondeu de imediato.

Quem vai tocar?

Mas que importância tinha? Sem dúvida Raymond podia ter pesquisado isso no Google se era tão importante para ele. Eu respondi:

Agents of Insanity

Vários minutos se passaram.

Mas que M, Eleanor – não sabia que vc gostava dessas coisas. P ser honesto, nao é muito minha onda, mas vou c/ vc. Faz séculos que não vou a um show. Vc tem ingressos?

Por que, ah, por que ele não podia escrever frases completas e corretas?

Sim. Encontro você lá às 19h. E

Depois de se passarem cinco minutos, recebi o seguinte:

Legal. Vejo vc lá

Eu estava quase me tornando habituada a essa maneira semianalfabeta de comunicação ao final dessa troca de mensagens. É, ao mesmo tempo, bom e ruim como os seres humanos podem aprender a tolerar praticamente qualquer coisa se tiverem que fazer isso.

Na noite seguinte, Raymond chegou tarde, como sempre. Ele parecia ridículo – um moletom preto com capuz e uma jaqueta jeans por cima. O moletom tinha uma caveira na frente.

– Achei que devia tentar me vestir a caráter – disse ele com um sorriso ao parar do meu lado na porta.

Eu não tinha nenhuma ideia do que ele estava falando. Entramos e eu

peguei os ingressos que tinha comprado on-line. O bar era mal iluminado e, como o nome sugeria, totalmente imundo. Pessoas ridículas e descabeladas dos dois gêneros estavam sentadas ali em uma escuridão infernal, e a música que tocava no som era ao mesmo tempo alta de forma inviável e indizivelmente terrível.

Descemos para o local do show. Já estava quase cheio. Enquanto esperava por Raymond na porta, percebi uma procissão de jovens de aparência ridícula entrar nas dependências – era para ali, revelou-se, que estavam indo. Estávamos cercados de preto – roupas pretas, cabelos pretos, espetados, raspados e esculpidos. Maquiagem preta tanto em homens quanto em mulheres, aplicada de um jeito que Bobbi Brown não teria aprovado. Havia muitos pregos por toda parte, também – em cabelos, acessórios, até em mochilas. Quase ninguém usava sapatos com solas normais – todos estavam cambaleando sobre plataformas grossas. Um Halloween, pensei. Raymond voltou do bar com um copo plástico de cerveja e, sem ter perguntado, algo mais claro para mim.

– Sidra? – gritei acima do barulho. – Mas Raymond, não bebo sidra!

– O que você acha que Magners é, sua pateta? – disse ele me cutucando delicadamente com o cotovelo. Estava alto demais para conversar, por isso examinei o ambiente. O palco era pequeno e erguido a apenas um metro mais ou menos do chão. Quando eu voltasse ali, supondo que Johnnie Lomond estivesse parado na frente e no centro, ele poderia me ver com facilidade, mesmo que eu fosse forçada a me posicionar no meio do público. Imagino que o Cupido precise de um empurrãozinho às vezes.

O público começou a fazer um ruído animal coletivo e chegou para a frente. Ficamos onde estávamos – os músicos subiram no palco e tinham começado a tocar. Levei as mãos aos ouvidos, sem conseguir acreditar no que estava escutando. Sem exagero, aquilo só podia ser descrito como o barulho cacofônico do inferno. Mas o que havia de errado com *essas* pessoas? O “cantor” alternava entre gritar e grunhir.

Não consegui aguentar nem mais um minuto, subi correndo a escada e saí para a rua, arfando e sacudindo a cabeça como um cachorro em uma tentativa de livrar meus ouvidos do som. Raymond veio atrás logo depois.

– Qual o problema, Eleanor? – disse ele, parecendo preocupado. – Você está bem?

Limpei as lágrimas do rosto.

– Isso não era música, era... Ah, eu não sei. O horror, Raymond! O horror!

Raymond começou a rir, gargalhadas de segurar a barriga (para o que ele estava muito bem equipado), até que ele estava realmente dobrado ao meio e sem fôlego.

– Ah, Eleanor – disse ele com um chiado no peito. – Eu *sabia* que você não era fã de *grindcore*! Mas que merda você estava pensando? – Ele começou a rir outra vez.

– Eu só queria ver o lugar, ouvir uma banda – disse eu. – Saber que sons como esses podem existir... Isso está além da imaginação humana.

Raymond tinha se recuperado.

– Está certo... Como é que eles dizem mesmo? Experimente tudo uma vez, menos incesto e dança folclórica morris. Talvez devêssemos acrescentar o *death metal* à lista, hein?

Sacudi a cabeça.

– Eu, literalmente, não tenho a menor ideia do que você está falando, nenhuma dessas palavras faz o menor sentido. – Respirei fundo várias vezes até me sentir quase calma outra vez. – Vamos nos recolher a um bar ou pub, Raymond. E, por favor, permita-me lhe pagar umas cervejas como recompensa por esta noite perdida.

– Ah, não foi perdida, Eleanor – disse ele sacudindo a cabeça. – O que é isso?! Esta é uma das melhores noites que tenho em séculos!

Ele começou a rir outra vez, e para minha grande surpresa, me juntei a ele. *Foi* divertido eu ter me equivocado tão completamente com o gênero de música que estava sendo tocado. Percebi que tinha muito a aprender sobre música, e seria importante fazer isso para interagir de maneira apropriada com o músico.

– Você já ouviu falar de Johnnie Lomond e Pilgrim Pioneers? – perguntei. Fez que não com a cabeça.

– Por quê? – quis saber ele. Peguei meu telefone e naveguei até a página

do cantor na internet. Raymond rolou a tela por alguns instantes, lendo o texto, em seguida botou os fones e escutou por um ou dois minutos.

– Parece uma merda – disse ele sem interesse enquanto me devolia o celular. Isso vindo de um homem com um moletom de caveira!

– É mesmo?

– Ele tem uma barba padrão, uma guitarra cara que não sabe tocar e um sotaque norte-americano falso. Tentando fingir que é do sul... Está bem, do sul de Lanarkshire – disse Raymond enquanto soprava fumaça pelo canto da boca com um sorriso malicioso. Eu não era bem informada o suficiente para conseguir concordar nem discordar, por isso fiquei quieta. De qualquer modo, eu precisava conhecer ao menos alguns fatos relevantes sobre música popular, e, tirando opiniões aberrantes recentes, desconfiava que Raymond fosse minha melhor fonte.

– Você, então, conhece muito sobre música? – perguntei enquanto caminhávamos na direção de um pub que Raymond me garantiu ser tranquilo. “Um verdadeiro pub de homens velhos”, tinha dito, o que quer que fosse isso.

– Er, acho que sim.

– Maravilha – disse eu. – Agora, por favor, me conte tudo.

CHEGOU O DIA DO SHOW. Tudo estava pronto. Eu estava vestida para o papel. Eu me sentia como o papel. Aceleraria o tempo, se pudesse, para que a noite chegasse mais rápido. Eu finalmente encontrara um meio de avançar. Um meio de substituir a perda por um ganho.

O músico. Foi sorte ele ter aparecido exatamente na hora certa. Era o destino que, depois desta noite, meus pedaços de Eleanor fossem finalmente começar a se encaixar.

Como a ansiedade era cortante – uma dor, uma dor lancinante dentro de mim. Eu não sabia como aliviar isso –, eu sentia, instintivamente, que vodka não ia funcionar. Simplesmente ia ter que aguentar até que nos conhecêssemos, e essa era a natureza desse fardo delicioso e peculiar. Só faltava esperar mais um pouco; agora, questão de horas. Esta noite eu ia conhecer o homem cujo amor mudaria minha vida.

Eu estava pronta para me erguer das cinzas e renascer.

**DIAS
RUIN'S**



ESTOU NUA, DEITADA NO CHÃO, olhando para a parte de baixo da mesa. A madeira clara não é envernizada, e há uma etiqueta desbotada onde está escrito “Made in Taiwan”. Alguns itens importantes estão enfileirados sobre a mesa – não consigo vê-los, mas consigo senti-los acima de mim. A mesa horrível, o tampo de plástico azul, pernas bambas, o verniz lascado em alguns lugares após décadas de uso descuidado. Em quantas cozinhas estivera aquela mesa antes de encontrar seu caminho até mim?

Imagino uma hierarquia de felicidade; comprada originalmente nos anos 1970, nela se sentava um casal, que fazia refeições preparadas de livros novinhos de receitas, comendo e bebendo em sua porcelana de casamento como adultos corretos. Eles se mudariam para os subúrbios depois de alguns anos; a mesa, pequena demais para acomodar a família que crescia, passa para um primo recém-formado mobiliando seu primeiro apartamento com um orçamento curto. Depois de alguns anos, ele vai morar com alguém e aluga o imóvel. Por décadas, inquilinos comem aqui, toda uma procissão deles, principalmente pessoas jovens, tristes e felizes, às vezes sozinhas, às vezes com amigos, amantes. Eles serviriam fast-food aqui para preencher um vazio, ou cinco pratos com estilo para seduzir, carboidratos antes de uma corrida e pudim de chocolate para corações partidos. Depois de algum tempo, o primo vende, e as pessoas responsáveis por esvaziar a casa levam a mesa embora. Ela permanece em um depósito com aranhas fiando sua seda no interior de seus cantos arredondados insondáveis, moscas-varejeiras botando ovos nas lascas ásperas. Ela é doada para outra obra de caridade. Eles a deram para mim, sem amor, sem ser desejada, danificada de forma irreparável. A mesa também.

Todas as coisas estão arrumadas. Analgésicos (doze embalagens de 24 comprimidos receitados e cuidadosamente guardados); faca de pão (pouco

usada, dentes de tubarão prontos para morder); desentupidor de ralos (“atravessa todos os entupimentos, até cabelo e gordura” – e também carne e órgãos internos). Esta mesa, esta mesa onde eu nunca me sentei com outra pessoa e dividi uma garrafa de vinho. Essa cozinha, onde nunca cozinhei para ninguém além de mim mesma. Deitada aqui no chão, como um cadáver, posso sentir as pontas de farelos presas às costas nuas de meus braços, minha bunda, minhas coxas, meus calcanhares. Está frio. Eu queria *ser* um cadáver. Não falta muito, agora não falta muito.

Todas as garrafas vazias de vodca estão à minha vista, jogadas no chão quando terminaram. Eu devia sentir vergonha de alguém encontrar o lugar nesse estado, mas não sinto nada. No fim, meu corpo será removido e vão enviar uma equipe de limpeza industrial, imagino. O apartamento será alugado para outro. Espero que os novos inquilinos sejam felizes aqui, deixem algum traço de amor nas paredes, no chão e nas frestas em torno das janelas para os próximos habitantes. Eu não deixei nada. Nunca estive aqui.

Não sei por quanto tempo estive deitada assim. Não me lembro de como fui parar no chão da cozinha, nem por que estou nua. Pego a garrafa ao meu lado, ansiosa para saber o quanto resta, instantaneamente aliviada com seu peso. Entretanto, esta é a última. Quando esta garrafa terminar, tenho duas opções: levantar deste chão, me vestir e sair para comprar mais; ou me matar. Na verdade, dos dois jeitos vou me matar. É simplesmente um caso de quanta vodca vou beber antes de fazer isto. Tomo outro gole grande e espero que a dor alivie.



Quando torno a acordar, estou no mesmo lugar. Dez minutos se passaram, ou dez horas – não tenho ideia. Eu me movo para a posição fetal. Se não posso ser um cadáver, então desejo ser um bebê, encolhido no útero de outra mulher, pura e desejada. Eu me movimento um pouco, viro o rosto para o chão e vomito. Ele está, percebo, transparente e com traços verde-amarelados: álcool e bile. Eu não comia havia um bom tempo.

Há muitos líquidos e substâncias dentro de mim, tento listá-los enquanto estou ali deitada. Há cera de ouvido. O pus amarelo que supura no interior de

pústulas. Sangue, catarro, urina, fezes, quimo, bile, saliva, lágrimas. Sou uma vitrine de açougue de órgãos, grandes e pequenos, rosa, cinza, vermelhos. Tudo isso misturado no interior de ossos, envolto em pele, em seguida coberto por pelos finos. A bolsa de pele é imperfeita, marcada por verrugas, sardas, pequenas veias rompidas. E cicatrizes, é claro; penso no legista examinando esta carcaça, observando cada detalhe, pesando cada órgão. Inspeção da carne. Reprovada.

É incompreensível para mim que eu já tenha imaginado que alguém amaria este saco de ossos e sangue ambulante. Está além do entendimento. Penso naquela noite – quando foi isso, há três dias, quatro? – e pego a garrafa de vodca. Torno a vomitar ao me lembrar.



O dia não tinha começado com bons presságios. Polly, a planta, morreria naquela manhã. Estou plenamente consciente de como isso parece ridículo. Aquela planta, porém, era o único elo vivo com minha infância, a única constante entre a vida antes e depois do incêndio, a única coisa, além de mim, que tinha sobrevivido. Achei que ela fosse indestrutível, imaginei que simplesmente continuaria a viver, folhas caíam, outras cresceriam para substituí-las. Eu havia negligenciado meus deveres nessas últimas semanas, ocupada demais com hospitais, funerais e Facebook para regá-la com regularidade. Mais um ser vivo do qual eu não conseguira cuidar. Eu não era capaz de cuidar de ninguém, de nada. Entorpecida demais para chorar, joguei a planta no lixo, vaso, terra e tudo, e vi que durante todos aqueles anos ela estivera se agarrando à vida apenas pela mais fina e frágil das raízes.

A vida é precária demais. Eu já sabia disso, é claro. Ninguém sabia disso melhor que eu. Eu sei, sei como isso é ridículo, como é patético, mas em certos dias, nos mais sombrios, saber que a planta ia morrer se eu não a regasse era a única coisa que me fazia levantar da cama.

Ainda assim, mais tarde naquele dia, cheguei do trabalho, levei o lixo para fora, me vesti e me forcei a ir ao show. Fui sozinha. Quando conhecesse o músico, precisava que fosse apenas eu e ele, sem distrações, sem complicações. Precisava fazer com que algo acontecesse, qualquer coisa. Eu não podia

continuar a simplesmente passar pela vida, por cima dela, por baixo dela, em torno dela. Não podia continuar a assombrar o mundo como um espectro. E as coisas realmente aconteceram naquela noite. A primeira delas foi a percepção de que o músico simplesmente não sabia que eu estava lá. Mas por que pensei que ele saberia? Estupidez, ilusão, uma conexão débil com a realidade? Pode escolher.

A vergonha. Fiquei parada bem na frente, ridiculamente enrolada em roupas novas, maquiagem de palhaça, cambaleando em cima de saltos. Quando ele entrou no palco, eu estava perto o suficiente para ver o laço duplo com que amarrara seus cadarços, o fio de cabelo que caía sobre os olhos. Suas mãos sobre a guitarra, com unhas bem-feitas. As luzes estavam fortes sobre ele, e eu estava no escuro. Mas ele ia me ver, mesmo assim. Se era para ser, e sem dúvida era, então ele ia me ver, do mesmo modo que eu o havia visto, todas aquelas semanas atrás. Fiquei parada e olhei para ele. A banda começou a tocar e ele abriu a boca para cantar. Pude ver seus dentes, o rosa macio do céu da boca. A música terminou, e outra começou. Ele falou com o público, mas não comigo. Fiquei parada e esperei, esperei por mais uma música. E mais outra. Mas ele ainda não tinha me visto. E, aos poucos, enquanto eu estava ali parada sob as luzes, a música se refletindo em meu corpo sem penetrá-lo, e o público incapaz de invadir a camada de solidão que me envolvia, que me envolve, comecei a perceber a verdade. Pisquei várias vezes, como se meus olhos estivessem tentando limpar a visão a minha frente, e ela se cristalizou.

Eu era uma mulher de trinta anos com uma paixão juvenil por um homem que não conhecia, e nunca ia conhecer. Eu me convencera de que ele era o homem, que me ajudaria a ser normal, consertar as coisas que estavam erradas com a minha vida. Alguém para me ajudar a lidar com mamãe, bloquear a voz dela quando sussurrasse em meu ouvido, dizendo-me que eu era má, que estava errada, que não era boa o bastante. Por que eu tinha achado isso?

Ele não seria atraído por uma mulher como eu. Ele era, objetivamente, um homem muito sedutor e, portanto, podia escolher entre uma grande variedade de parceiras em potencial. Ele escolheria uma mulher igualmente atraente e alguns anos mais jovem que ele. Claro que iria. Eu estava parada em um

porão em uma noite de terça-feira, sozinha, cercada de estranhos, ouvindo uma música de que não gostava, porque estava apaixonada por um homem que não sabia, e nunca saberia, que eu existia. Eu percebi que tinha parado de escutar a música.

Ali estava ele no palco, pisando em pedais de guitarra e dizendo algo banal sobre turnês enquanto a afinava. Quem era aquele estranho e por que eu o escolhera, entre todos os homens dessa cidade, desse país, do mundo, para ser meu salvador? Pensei sobre uma reportagem que tinha lido na véspera, sobre alguns fãs em uma vigília triste diante da casa de um cantor porque ele havia cortado o cabelo. Na hora, ri, mas eu não estava me comportando como eles, agindo como uma adolescente apaixonada que escreve cartas de fã em tinta roxa e escreve o nome na mochila da escola?

Eu não conhecia o homem no palco à minha frente, não sabia nada sobre ele. Tudo era apenas fantasia. Será que podia haver algo mais patético – eu, uma mulher adulta? Eu contara a mim mesma um pequeno conto de fadas triste, achando que eu podia consertar tudo, desfazer o passado, que ele e eu iríamos viver felizes para sempre e que minha mãe não ficaria mais com raiva. Eu era Eleanor, a pequena e triste Eleanor Oliphant, com meu emprego patético, minha vodca e meus jantares para um, e sempre seria. Nada nem ninguém – e sem dúvida não esse cantor, que agora estava checando o cabelo no celular durante o solo de guitarra de um colega de banda – poderia mudar isso. Não *havia* esperança, as coisas não podiam ser reparadas. *Eu* não podia ser reparada. Era impossível escapar do passado ou desfazê-lo. Depois de todas essas semanas de ilusão, reconheci, sem fôlego, a verdade pura e brutal daquilo. Senti desespero e náusea misturados em meu interior, e em seguida aquele estado de ânimo muito, muito sombrio baixou rapidamente sobre mim.



Tornei a dormir. Quando acordei, minha cabeça estava vazia, finalmente, de todos os pensamentos, exceto os físicos: *Estou com frio, estou tremendo*. Hora da decisão. Eu me decidi por mais vodca.

Quando fiquei de pé, devagar como a evolução, vi a bagunça no chão e

balancei a cabeça comigo mesma – esse era um bom sinal. Talvez eu pudesse realmente morrer antes de precisar escolher um dos métodos dispostos na mesa. Peguei um pano de prato no gancho – *Lembrança das Muralhas de Adriano*, dizia. Ele tinha um centurião e um selo oficial SPQR. Meu favorito, eu o usei para limpar o rosto e depois o larguei no chão da cozinha.

Não me dei ao trabalho de vestir calcinha e sutiã, simplesmente peguei as roupas mais próximas no chão do quarto – traje que eu estava usando na noite de terça-feira. Enfiei os pés descalços nos sapatos de trabalho de velcro e encontrei meu colete velho pendurado no armário do corredor. Eu não sabia onde estava o casaco novo, percebi. Minha bolsa, entretanto, precisava ser localizada. Eu lembrei que tinha levado a bolsinha preta comigo naquela noite. Ela só tinha espaço para minha carteira e as chaves. As chaves estavam na estante do corredor onde eu sempre as coloco. Por fim, encontrei a bolsa no corredor, jogada em um canto ao lado de minha sacola. Minha carteira estava vazia de dinheiro – não conseguia me lembrar de como tinha chegado em casa nem quando comprara a vodca que estava bebendo, mas supus que devia ter sido a caminho daqui desde o centro da cidade. Por sorte, a carteira ainda continha meus dois cartões de banco. O ingresso do show também estava ali. Eu o joguei no chão.

Fui até a loja da esquina. Era dia, estava frio; e o céu, cinzento. Quando entrei, a campainha eletrônica tocou, e o sr. Dewan me olhou de trás do balcão. Vi seus olhos se arregalarem, e a boca ficar levemente aberta.

– Srta. Oliphant? – disse ele. Sua voz estava cautelosa, baixa.

– Três litros de Glen’s, por favor – disse eu. Minha voz soava estranha – rouca e fraca. Eu não a usava havia algum tempo, imaginei, e houve todo aquele vômito. Ele pôs um a minha frente, então pareceu hesitar.

– Três, srta. Oliphant? – disse ele. Assenti. Lentamente, ele pôs mais duas garrafas no balcão, todas elas agora enfileiradas como pinos que eu precisava derrubar, entornar.

– Mais alguma coisa? – perguntou ele. Considerei rapidamente levar um pão ou uma lata de espaguete, mas não estava com nenhuma fome. Sacudi a cabeça e ofereci a ele meu cartão de débito. Minha mão estava tremendo, e eu tentei controlá-la, mas não consegui. Digitei os números e esperei

interminavelmente a impressão do recibo.

Havia uma pilha de jornais vespertinos no balcão ao lado da caixa registradora, e vi que era sexta-feira. O sr. Dewan prendera um espelho na parede para ver todos os cantos da loja, e captei nele um vislumbre de mim mesma. Eu estava pálida, acinzentada, da cor de larvas, e meu cabelo, em pé. Meus olhos eram buracos escuros, vazios, mortos. Percebi tudo isso com indiferença completa. Nada podia ser menos importante que minha aparência, absolutamente nada. O sr. Dewan me entregou as garrafas em uma sacola plástica azul. O cheiro dela, o fedor químico de polímeros, fez meu estômago se revirar ainda mais.

– Cuide-se, srta. Oliphant – disse ele com a cabeça inclinada para o lado, sem sorrir.

– Até logo, sr. Dewan – eu me despedi.

Era uma caminhada de apenas dez minutos para casa, mas levei meia hora – as garrafas na bolsa, o peso em minhas pernas. Não vi nenhuma outra criatura viva nas ruas, nem mesmo um gato ou uma pega. A luz estava opaca, deixando o mundo cinza e preto, uma ausência de tons lúgubre que fazia pressão pesada sobre mim. Chutei e fechei a porta da frente depois de entrar e tirei as roupas, deixando-as no corredor onde caíram. Percebi ao passar que fedia muito – suor, vômito e um cheiro adocicado que devia ser álcool metabolizado. Levei a sacola de compras azul para o quarto e peguei minha camisola limão. Rastejei para baixo das cobertas e tateei às cegas por uma garrafa.

Eu a bebi com a obsessão mental de um assassino, mas meus pensamentos não podiam, não conseguiam ser afogados – como cadáveres feios e inchados, continuavam a flutuar até a superfície em toda a sua feiura pálida e cheia de gás. Havia o horror de minha ilusão, é claro: ele, eu... *O que eu estava pensando?* Pior, muito pior que isso, era a vergonha. Eu me enrolei em uma bola, tentei ocupar o menor espaço possível na cama. Lamentável. Eu tinha feito papel de trouxa. Eu era motivo de vergonha, como minha mãe sempre me dissera. Um som escapou para o interior do travesseiro, um lamento animal, eu não conseguia abrir os olhos. Não queria ver nem um centímetro de minha própria pele.

Achei que poderia resolver meu problema com facilidade, como se as coisas que foram feitas todos esses anos pudessem ser realmente consertadas. Eu sabia que as pessoas não deviam existir como eu existia, trabalho, vodka e sono em um ciclo constante e estático no qual eu girava em torno de mim mesma, dentro de mim mesma, em silêncio e sozinha. Sem ir a lugar nenhum. Em certo nível, percebi que isso era errado. Eu erguera a cabeça alto o bastante apenas para ver isso e, desesperada para mudar, me agarrei a um fiapo qualquer e me deixei ser levada, imaginando algum tipo de... futuro.

Eu me encolhi. Não, isso está errado. Encolher denota embaraço, vergonha passageira. Aquilo era minha alma se fechando em brancura, um vazio existencial onde uma pessoa estivera antes. Por que me permiti pensar que podia ter uma vida normal, uma vida feliz, do tipo que outras pessoas tinham? Por que achei que o cantor pudesse ser parte disso, ajudar a fazer com que acontecesse? A resposta me apunhalou: minha mãe. Eu queria que minha mãe me amasse. Eu estava sozinha havia tempo demais. Precisava de alguém do meu lado para me ajudar a administrar mamãe. Por que não havia alguém, qualquer pessoa, para me ajudar a lidar com mamãe?

Repassei a cena em minha cabeça, várias vezes, e me lembrei da segunda conclusão a que chegara naquela noite. Foi mais tarde, e eu estava parada mais para trás, bem no meio do público. Tinha ido pegar mais uma bebida, e o caminho até a frente do palco se fechara enquanto eu estivera no bar. Virei a vodka – a sexta? Sétima? Eu não me lembro. Ele não podia ver meu rosto onde eu estava parada, eu sabia disso. A banda tinha parado de tocar – alguém arrebentara uma corda e a estava trocando.

Ele se inclinou para perto do microfone e ergueu uma sobrancelha. Vi seu sorriso belo e preguiçoso. Ele olhou, sem ver, o interior da escuridão.

– O que vamos fazer agora, afinal? Já que Davie está demorando pra caralho pra trocar essa corda. – Ele se virou na direção de um homem carrancudo que lhe mostrou o dedo médio sem tirar os olhos da guitarra. – Isso mesmo, uma coisa para divertir as moças! – disse ele, em seguida virou de costas, abriu o cinto, baixou o jeans e balançou a bunda branca para nós.

Algumas pessoas na plateia riram. Outras gritaram insultos. O cantor retrucou com um gesto obsceno. Percebi com clareza absoluta que o homem

no palco a minha frente era, sem a menor dúvida, um babaca. A banda começou a canção seguinte, e todo mundo começou a pular para cima e para baixo, e aí eu estava no bar, pedindo uma dose dupla.



Mais tarde. Acordei outra vez. Mantive os olhos fechados. Estava curiosa em relação a uma coisa. Qual, eu me perguntei, era o *sentido* em mim? Eu não contribuía em nada com o mundo, absolutamente nada, e não tirava nada dele. Quando eu deixasse de existir, não faria nenhuma diferença material para ninguém.

A ausência da maioria das pessoas do mundo seria sentida a nível pessoal por pelo menos algumas pessoas. Eu, entretanto, não tinha ninguém.

Eu não iluminava um ambiente ao entrar. Ninguém ansiava por me ver ou ouvir minha voz. Eu não sentia pena de mim mesma, nem um pouco. Essas eram apenas constatações a partir de fatos.

Passei toda a vida esperando pela morte. Não queria dizer que tinha um desejo ativo de morrer, só que na verdade não queria estar viva. Algo mudou, e percebi que eu não precisava esperar pela morte. Eu não queria fazer isso. Abri a garrafa e bebi profundamente.

Ah, mas as coisas vêm em grupos de três, não é o que dizem? O melhor estava guardado para o fim, e veio perto do final do show. Meu foco a essa altura estava levemente embaçado – a vodka – e eu não confiava em meus olhos. Ferrei com eles esforçando-me para confirmar o que achava estar vendo. Fumaça; fumaça cinza, nebulosa e mortal, emanando do lado do palco e pela frente. O salão começou a se encher com ela. O homem ao meu lado tossiu; uma ação psicossomática, já que gelo-seco, fumaça cênica, não provoca esse reflexo. Eu a senti fluir em minha direção, vi como as luzes e os lasers cortavam através dela. Fechei os olhos. Nesse momento, eu estava de volta ali, na casa, no andar de cima. Fogo. Ouvi gritos, e não sabia dizer se eram meus. O bumbo batia rápido como meu coração, a caixa se agitava como meu pulso. O lugar estava cheio de fumaça, e eu não conseguia ver. Gritos, meus próprios e os dela. O bumbo, a caixa. O jorro de adrenalina acelerando o tempo, nauseantemente forte, forte demais para um corpo pequeno, para qualquer

corpo pequeno. Os gritos. Comecei a abrir caminho aos empurrões para sair, passei por todos os obstáculos, cambaleante, arfante, até chegar do lado de fora, fora na noite escura. Voltei até a parede e desabei, esparramada no chão, com gritos em meus ouvidos, o corpo ainda pulsante. Vomitei. Eu estava viva. Estava sozinha. Não havia nenhum ser vivo no universo que fosse mais solitário que eu. Ou mais terrível.



Acordei outra vez. Eu não tinha fechado as cortinas, e a luz estava entrando, o luar. A palavra tem uma conotação de romance. Tomei uma de minhas mãos na outra, tentei imaginar qual seria a sensação se houvesse a mão de outra pessoa segurando a minha. Houve vezes em que senti que podia morrer de solidão. As pessoas às vezes dizem que podiam morrer de tédio, que estão morrendo por uma xícara de chá, mas, para mim, morrer de solidão não é uma hipérbole. Quando me sinto assim, abaixo a cabeça, curvo os ombros e anseio, com uma dor física, por contato humano – realmente sinto que posso cair no chão e morrer se alguém não me segurar. Não estou falando de um amante – tirando essa loucura recente, eu havia muito tempo desistira de qualquer noção de que outra pessoa pudesse me amar desse jeito –, mas simplesmente como ser humano. A massagem no couro cabeludo no cabeleireiro, a vacina de gripe tomada no inverno passado – as únicas vezes em que experimento toques é de pessoas a quem estou pagando, e elas estão quase sempre usando luvas descartáveis na hora. Estou apenas expondo os fatos.

As pessoas não gostam desses fatos, mas não posso evitá-los. Se alguém pergunta como você está, deve dizer BEM. Não deve dizer que chorou até dormir na noite passada porque não falava com uma pessoa por dois dias consecutivos. BEM é o que você responde.

Quando comecei a trabalhar para Bob, havia uma mulher mais velha no escritório, a apenas algumas semanas da aposentadoria. Ela costumava faltar para cuidar da irmã, que tinha câncer no ovário. A colega mais velha nunca mencionava o câncer, não dizia nem a palavra, e se referia à doença apenas de maneira indireta. Entendo que essa abordagem era considerada bem comum

na época. Hoje em dia, a solidão é o novo câncer – uma coisa vergonhosa e embaraçosa, que se abate sobre você de um jeito obscuro. Uma coisa temível e incurável, tão horrenda que você não ousa mencionar; as outras pessoas não querem ouvir a palavra dita em voz alta por medo de também serem atingidas, ou que ela possa tentar o destino a impor um horror parecido sobre elas.

Fiquei de quatro, rastejei para a frente como um cachorro velho, puxei e fechei as cortinas para me proteger da lua. Caí de volta nas cobertas e peguei a garrafa outra vez.



Ouvi batidas – bam, bam, bam – e um homem gritando meu nome. Eu estava sonhando com uma cena de incêndio de um mausoléu, sangue e violência, e levei uma eternidade para fazer a transição daí para o agora, para perceber que as batidas eram reais e vinham de minha porta da frente. Puxei as cobertas por cima da cabeça, mas aquilo não cessava. Queria desesperadamente que parasse, mas, desesperadamente, não conseguia pensar em nenhum jeito de fazer com que isso acontecesse além de atender à porta. Minhas pernas estavam trêmulas, e tive que me apoiar na parede para andar. Enquanto tentava abrir as trancas, olhei para meus pés – pequenos e brancos como mármore. Um grande hematoma, roxo e verde, florescia em cima de um deles, até os dedos. Fiquei surpresa – eu não sentia nada, nenhuma dor, e não tinha nenhuma lembrança de como tinha conseguido aquilo, ele podia muito bem ter sido pintado.

Finalmente abri a porta, mas não conseguia levantar a cabeça, não tinha força para olhar para cima. Pelo menos as batidas tinham parado. Esse era meu único objetivo.

– Jesus Cristo! – disse uma voz de homem.

– Eleanor Oliphant – respondi.

QUANDO TORNEI A ACORDAR, estava deitada no sofá. A textura sob minhas mãos era áspera, estranha, e levei alguns instantes para perceber que eu estava coberta por toalhas em vez de cobertores. Fiquei deitada imóvel e avaliei lentamente minha situação. Eu estava aquecida. Minha cabeça latejava. Minhas entranhas estavam cheias de uma dor lancinante que pulsava com regularidade, como sangue. Abri a boca e ouvi a carne das gengivas descolar, como gomos de laranja sendo separados. Eu estava usando minha camisola amarela.

Ouvi batidas e barulhos externos ao meu corpo, e por fim os localizei como vindos da lavadora-secadora. Abri devagar um olho – estava grudado – e vi que a sala não tinha mudado, o pufe de sapo me olhava fixamente. Eu estava viva? Esperava que sim, mas só porque se aquela fosse a localização da vida após a morte, eu entraria com um apelo imediatamente. Ao meu lado na mesa baixa diante do sofá havia um copo grande de vodca. Estendi a mão, tremendo violentamente, e consegui pegá-lo e levá-lo à boca sem derramar muito. Tinha bebido quase a metade antes de perceber que era, na verdade, água. Engasguei, senti ânsia de vômito e a senti se revirar em meu estômago. Outro mau sinal – alguém ou alguma coisa havia transformado vodca em água. Esse não era meu tipo de milagre favorito.

Deitada outra vez, ouvi outros sons, passos. Havia alguém cantarolando, um homem. Quem estava em minha cozinha? Eu estava maravilhada com a facilidade com que o som viajava. Sempre estava sozinha aqui, desacostumada a ouvir outra pessoa se movimentando pela minha casa. Bebi mais água e comecei a engasgar, o que se transformou em um acesso de tosse e terminou com uma ânsia de vômito improdutivo. Depois de um ou dois minutos, alguém bateu hesitante na porta da sala, e um rosto apareceu: Raymond.

Eu queria morrer – dessa vez, além de realmente querer morrer, eu estava falando no sentido metafórico, também. Ah, vamos lá, pensei comigo mesma, quase achando graça; o quão desesperadamente, em quantos níveis, uma pessoa tem que desejar morrer antes que isso finalmente possa acontecer? Por favor? Raymond me deu um sorriso triste e falou muito baixo.

– Como você está se sentindo, Eleanor? – indagou.

– O que aconteceu? – perguntei. – Por que você está na minha casa?

Ele entrou na sala e parou aos meus pés.

– Não se preocupe. Você vai ficar bem.

Fechei os olhos. Nenhuma frase respondeu minhas perguntas; nem eram o que eu queria ouvir.

– Você está com fome? – disse ele com delicadeza. Pensei naquilo. Minhas entranhas se sentiam mal, muito mal. Será que parte disso estava relacionada à fome? Eu não sabia, por isso apenas dei de ombros. Ele pareceu satisfeito.

– Então vou fazer sopa para você – disse ele. Recostei com os olhos fechados.

– Nada de lentilhas – disse eu.



Ele voltou depois de alguns minutos, e devagar, bem devagar, me ergui e me sentei, mantendo as toalhas envoltas em torno de mim. Ele esquentara sopa de tomate em uma caneca e a pôs sobre a mesa à minha frente.

– Colher? – disse eu.

Ele não respondeu, mas foi até a cozinha e voltou com uma. Eu a segurei na mão direita, tremendo de forma violenta, e tentei tomar um pouco. Eu tremia tanto que a derramei nas toalhas – percebi que eu não ia conseguir levar o líquido da caneca até minha boca de jeito nenhum.

– Ei, acho que seria melhor você tentar tomar direto – disse ele com delicadeza, e concordei.

Ele se sentou na poltrona e me observou enquanto eu bebia, os dois sem falar nada. Baixei a caneca quando terminei, sentindo seu calor dentro de mim, o açúcar e o sal em minhas veias. O tiquetaquear do relógio de Power Rangers acima da lareira estava excepcionalmente alto. Terminei o copo

d'água e, sem dizer nada, ele foi enchê-lo outra vez.

– Obrigada – disse eu quando ele voltou e o entregou a mim.

Ele não disse nada, levantou-se e saiu da sala. Os sons da máquina de lavar e secar roupa tinham parado, e ouvi o estalido da porta se abrir, mais passos. Ele chegou de volta, caminhou na minha direção e estendeu a mão.

– Vamos – disse ele.

Tentei ficar de pé sem ajuda, mas não consegui. Eu me apoiei nele, e em seguida precisei que passasse o braço em torno da minha cintura para me ajudar a percorrer o corredor. A porta do quarto estava aberta, a cama feita com lençóis recém-lavados. Ele me botou sentada, em seguida ergueu minhas pernas e me ajudou a entrar em baixo das cobertas. A cama estava com um cheiro muito fresco – quente, limpa e aconchegante como um ninho de passarinho.

– Descanse um pouco – disse ele com delicadeza enquanto fechava as cortinas e apagava a luz. O sono chegou como uma marreta.



Eu devo ter dormido por pelo menos meio dia. Quando finalmente acordei, peguei o copo que tinha sido posto em minha cabeceira e bebi toda a água. Precisava que água entrasse e saísse, por isso, com passos cuidadosos e hesitantes, fui até o banheiro e entrei embaixo do chuveiro. O cheiro de sabonete era como um jardim. Lavei toda a sujeira, todas as manchas externas, e emergi rosada, limpa e aquecida. Eu me sequei com delicadeza, muita delicadeza, temendo que minha pele se rasgasse, em seguida me vesti com roupas limpas, as mais delicadas e limpas que já tinha usado.

O chão da cozinha brilhava, e todas as garrafas tinham sido removidas; as bancadas, limpas. Havia uma pilha de roupa limpa dobrada em uma das cadeiras. A mesa estava vazia, exceto por um vaso, o único que eu tinha, cheio de tulipas amarelas. Havia um bilhete apoiado contra ele.

Tem comida na geladeira. Tente beber o máximo de água possível. Me ligue quando acordar. Bj R

Ele rabiscara seu telefone embaixo. Eu me sentei e olhei para ele, e em seguida para a beleza ensolarada das flores. Ninguém nunca havia me comprado flores antes. Eu não gostava muito de tulipas, mas não tinha como ele saber disso. Comecei a chorar, soluços enormes e trêmulos, uivando feito um animal. Parecia que eu não ia parar nunca, que não podia parar. Depois de algum tempo, devido à pura exaustão física, fiquei em silêncio. Apoiei a testa na mesa.

Percebi que minha vida tinha dado errado. Muito, muito errado. Eu não devia viver desse jeito, ninguém devia viver assim. O problema era que eu simplesmente não sabia como consertá-la. O jeito de minha mãe era errado, eu sabia. Porém ninguém jamais me ensinara o jeito certo de viver a vida, e embora eu tivesse feito o possível ao longo dos anos, simplesmente não sabia como fazer com que as coisas melhorassem. Eu não conseguia solucionar meu próprio quebra-cabeça.

Fiz um pouco de chá e esquentei a refeição pronta que Raymond havia deixado na geladeira. Estava, descobri, com muita fome, mesmo. Depois, lavei a xícara e o garfo, e os empilhei ao lado do resto da louça lavada que ele deixara para escorrer. Fui até a sala e peguei o telefone. Ele atendeu no segundo toque.

– Eleanor... Graças a Deus – falou. Pausa. – Como está se sentindo?

– Olá, Raymond – disse eu.

– Como você está? – tornou a perguntar, parecendo tenso.

– Bem, obrigada – respondi. Essa era, eu sabia, a resposta correta.

– Pelo amor de Deus, Eleanor. Bem. Jesus! – exclamou ele. – Passo aí em uma hora, certo?

– Sério, Raymond, não há necessidade – disse eu calmamente. – Comi um pouco. – Eu não sabia que horas eram e não queria arriscar adivinhar se tinha sido almoço ou jantar. – E tomei banho. Agora vou ler um pouco e dormir cedo.

– Estou aí em cerca de uma hora – disse ele com firmeza, em seguida desligou.



Quando atendi à porta, ele estava com uma garrafa de Irn-Bru e um pacote de balas de goma em formato de boneco. Consegui sorrir.

– Entre – convidei.

Eu me perguntei como ele havia entrado antes, não tinha lembrança de abrir a porta para ele. O que eu tinha dito, em que tipo de estado estava? Senti meu coração começar a bater forte, nervoso e ansioso. Será que o havia xingado? Será que estava nua? Será que algo terrível havia acontecido entre nós? Senti o Irn-Bru começar a escorregar de minha mão, e ele caiu no chão e rolou. Ele o pegou, segurou meu cotovelo com a outra mão e me conduziu até a cozinha. Ele se sentou à mesa e acendeu a chaleira. Eu devia ter me ofendido por ele estar se apropriando de meu espaço vital, mas em vez disso senti alívio, um enorme alívio por receber cuidados.

Sentamos em lados opostos da mesa com uma xícara de chá e ficamos algum tempo sem dizer nada. Ele falou primeiro.

– Mas que merda, Eleanor – disse ele.

Fiquei chocada ao ouvir tremor em sua voz, como se houvesse lágrimas escondidas ali. Simplesmente dei de ombros. Ele começou a parecer com raiva.

– Eleanor, você sumiu do trabalho por três dias. Bob estava mesmo muito preocupado com você, todos estávamos. Consegui seu endereço com ele, vim aqui ver se estava OK e encontrei você... Encontrei você...

– Me preparando para me matar? – perguntei.

Ele esfregou a mão no rosto e vi que estava prestes a chorar.

– Olha, sei que é uma pessoa muito reservada, e tudo bem, mas somos amigos, você sabe, né? Pode falar comigo sobre tudo. Não esconda as coisas.

– Por que não? – perguntei. – Como contar a alguém o quanto você está se sentindo mal pode ajudar? Eles, na verdade, não podem consertar as coisas, podem?

– Eles provavelmente não podem consertar tudo, Eleanor, não – disse ele.

– Mas falar pode ajudar. Outras pessoas também têm problemas, sabia? Elas entendem qual é a sensação de estar infeliz. É mais fácil lidar com as coisas quando você fala sobre elas, sabia?

– Não acho que ninguém no mundo vai entender qual a sensação de ser

eu. Isso é apenas um fato. Não acho que mais ninguém tenha passado exatamente pelo mesmo conjunto de circunstâncias que vivi. Mais exatamente, que sobrevivi – afirmei. Era um esclarecimento importante.

– Experimente comigo – falou. Ele olhou para mim, e eu, para ele. – Está bem, se não comigo, então tente outra pessoa. Um conselheiro, um terapeuta...

Eu fiz uma expressão de escárnio, um som muito deselegante.

– Um terapeuta! – disse eu. – “Vamos sentar e conversar sobre nossos sentimentos, e isso vai, por mágica, fazer com que tudo fique melhor.” Acho que não, Raymond.

Ele deu um sorriso.

– Mas como vai saber sem tentar? O que você tem a perder? Não há vergonha, você sabe, não há vergonha em estar... Deprimida, ou ter uma doença mental nem o que quer que seja... – Quase engasguei com meu chá.

– Doença mental? Do que você está *falando*, Raymond? – Sacudi a cabeça.

Ele ergueu as duas mãos em um movimento apaziguante.

– Olhe, não sou médico. É só que... Bom... Não acho que uma pessoa que quase se mata de beber enquanto planeja se suicidar esteja, você sabe, muito bem.

Esse era um resumo tão ridículo de minha situação que eu quase ri. Raymond, normalmente, não era dado a exageros, mas isso era demais, e eu não podia permitir que isso permanecesse como uma descrição factualmente precisa do que tinha acontecido naquela noite.

– Raymond, apenas bebi vodca demais depois de uma noite estressante, foi só. Isso está longe de ser sintoma de uma *doença*.

– Aonde você tinha ido naquela noite? O que aconteceu depois?

Dei de ombros.

– Fui a um show – respondi. – Não foi muito bom.

Nenhum de nós falou por algum tempo.

– Eleanor – disse ele por fim. – Isto é sério. Se eu não tivesse vindo aqui naquele momento, você talvez estivesse morta, devido ao álcool ou por engasgar com o próprio vômito. Isso se você já não tivesse tomado uma overdose de comprimidos ou alguma outra coisa.

Inclinei a cabeça para o lado e pensei nisso.

– Está bem – disse eu. – Admito que estava me sentindo muito infeliz. Mas todo mundo não se sente triste de vez em quando?

– Sim, claro que sim, Eleanor – disse ele com calma. – Mas quando as pessoas estão se sentindo tristes, choram um pouco, talvez comam sorvete demais, ficam a tarde inteira na cama. O que elas *não fazem* é pensar em beber desentupidor de pia nem abrir as veias com uma faca de pão.

Contra minha vontade, estremeci ao pensar naqueles dentes muito afiados. Dei de ombros, concordando.

– Você ganhou, Raymond. Não consigo rebater seu raciocínio.

Ele estendeu o braço, pôs as mãos em meus antebraços e os apertou. Ele era forte.

– Você vai, pelo menos, pensar sobre ir ao médico? Não faria mal nenhum.

Fiz que sim com a cabeça. Ele, mais uma vez, estava sendo lógico, e não se pode discutir com a lógica.

– Você gostaria que eu entrasse em contato com alguém? – perguntou. – Um amigo, um parente. E sua mãe? Ela vai querer saber que você tem se sentido assim, não vai? – Ele parou de falar porque eu ri.

– Não minha mãe – disse enquanto sacudia a cabeça. – Ela, provavelmente, ficaria extremamente alegre.

Raymond pareceu horrorizado.

– Pare com isso, Eleanor, é algo terrível de se dizer – falou visivelmente chocado. – A mãe de ninguém ia gostar de saber que seu filho está sofrendo.

Dei de ombros e mantive os olhos focalizados no chão.

– Você não conhece mamãe.

OS DIAS SEGUINTEs FORAM um tanto desafiadores. Em várias ocasiões, Raymond chegou sem avisar, ostensivamente para trazer comestíveis ou enviar mensagens de Bob, mas na verdade para verificar se eu não tinha cometido um ato de automutilação. Se eu fosse criar uma pista de palavra cruzada concisa para descrever o comportamento de Raymond, ela seria *O contrário de inescrutável*. Eu só podia torcer para que o homem não jogasse pôquer, a menos em bases muito informais, pois eu temia que ele deixasse a mesa com a carteira vazia.

Era surpreendente que ele se preocupasse comigo, especialmente levando em conta as circunstâncias desagradáveis em que me encontrara depois do show. Sempre que eu ficava triste ou aborrecida antes, as pessoas relevantes em minha vida apenas chamavam minha assistente social, e eu era transferida para outro lugar. Raymond não ligou para ninguém nem pediu nenhuma intervenção externa. Decidiu cuidar pessoalmente de mim. Eu estava pensando nisso e cheguei à conclusão de que devia haver algumas pessoas para quem um comportamento complicado não fosse razão para terminar o relacionamento com alguém. Se gostassem de você – e eu me lembrava de Raymond concordar que, agora, éramos amigos –, aí, aparentemente, estavam prontas para manter contato, mesmo que você estivesse triste ou aborrecida, ou se comportando de maneiras desafiadoras ao extremo. Isso foi uma verdadeira revelação.

Eu me perguntei se essa era a sensação de estar em uma família – se você tivesse, digamos pais ou uma irmã, que estivessem presentes, não importa o quê. Não que você pudesse considerá-los como algo garantido – Deus sabe que nada pode ser considerado garantido nesta vida. Você simplesmente saberia quase sem pensar que eles estariam ali se precisasse deles, sem

importar o quanto as coisas ficassem ruins. Em geral, não sou dada a inveja, mas devo confessar que senti uma pontada quando pensei nisso. A inveja, porém, era uma emoção menor em comparação com a tristeza que sentia por nunca ter uma chance de experimentar isso... – O que era isso? Eu desconfiava que fosse amor incondicional.

Mas não adiantava chorar pelo leite derramado. Raymond tinha me mostrado um pouco de como aquilo devia ser, e me considerei sortuda por ter tido essa oportunidade. Hoje ele chegara com uma caixa de chocolates de menta After Eight e, algo improvável, um balão cheio de hélio.

– Sei que é bobeira – disse ele com um sorriso. – Mas estava passando pelo mercado na praça e vi um cara vendendo isso quando eu ia pegar o ônibus. Achei que podia animar você.

Vi o que ele estava segurando e ri, uma onda inesperada de sentimento, desconhecida. Ele me passou a fita, e o balão flutuou na direção de meu teto baixo, em seguida balançou contra ele como se estivesse tentando escapar.

– O que devia ser isso? – disse eu. – É um... É um queijo? – Eu nunca ganhara um balão de hélio antes, e sem dúvida não um de aspecto tão esquisito.

– É o Bob Esponja, Eleanor – disse ele, falando bem devagar e com clareza, como se eu fosse alguma espécie de idiota. – Bob Esponja, Calça Quadrada.

Uma esponja de banho semi-humana com os dentes projetados para a frente! À venda como se fosse algo absolutamente comum! Por toda minha vida, as pessoas disseram que sou estranha, mas na verdade, quando vejo coisas assim, percebo que na verdade sou relativamente normal.

Fiz chá para nós. Raymond pusera os pés em cima da mesa de centro. Eu estava pensando em pedir a ele que os tirasse dali, mas aí passou por minha cabeça a ideia de que ele devia se sentir à vontade em minha casa, confortável o suficiente para relaxar, e utilizar plenamente a mobília. A ideia, na verdade, era bem agradável. Ele bebeu de forma ruidosa o chá – uma invasão bem menos agradável – e fez uma pergunta sobre o médico. No início da semana, depois de Raymond fazer uma argumentação convincente da importância de conseguir uma visão objetiva de um especialista de meu estado emocional, e

da eficácia dos tratamentos modernos caso questões de saúde mental fossem diagnosticadas, finalmente concordei em marcar hora no consultório.

– Vou amanhã – disse eu. – 11h30.

Ele concordou com a cabeça.

– Isso é bom, Eleanor – disse ele. – Agora me prometa que você vai ser completamente honesta com o médico, vai contar a ele exatamente o que tem sentido, o que tem passado.

Pensei nisso. Contaria a ele quase tudo, eu decidira, mas não ia mencionar o pequeno estoque de remédios (que, de qualquer modo, não existia mais – Raymond tinha, com escassa preocupação com o ambiente, jogado todos na privada. Eu demonstrei irritação, mas estava grata, em segredo, por me livrar deles), e eu também decidira nada dizer sobre as conversas com minha mãe nem sobre nosso projeto inútil. Mamãe sempre disse que só a informação necessária devia ser divulgada a enxeridos profissionais, e esses tópicos não eram relevantes. Tudo que a médica precisava entender era que eu estava muito infeliz, de modo que pudesse me dizer a melhor maneira de mudar aquilo. Nós não precisávamos revolver o passado, pensar em coisas que não podiam ser mudadas.

– Prometo – disse eu, mas com os dedos cruzados.

QUANDO O MÉDICO ME BOTOU DE LICENÇA, me perguntei o que acharia de uma vida de indulgências. Sempre tivera um emprego de tempo integral, tendo começado a trabalhar com Bob na semana seguinte a obter meu diploma, e em todos os anos desde então não tive nenhuma doença que me fizera faltar o trabalho. Felizmente, fui abençoada com uma constituição extremamente robusta.

Naquela primeira semana, imediatamente após o incidente com a vodca e a visita de Raymond, eu dormi muito. Devo ter feito outras coisas, coisas normais, também, como sair para comprar leite ou tomar banho, mas não consigo me lembrar delas agora.

O médico de algum modo conseguira deduzir que eu estava sofrendo de depressão, mesmo com apenas detalhes escassos em que se basear. Consegui guardar comigo todos os meus segredos mais importantes. Ele sugeriu que a combinação de remédios com terapia era a forma de tratamento mais eficaz, mas insisti que não queria tomar nenhum comprimido, ao menos a princípio. Estava preocupada que comesse a confiar neles da mesma maneira em que tinha confiado na vodca. Eu, entretanto, concordei com relutância em ver um terapeuta como primeiro passo, e a sessão inicial fora marcada para hoje. Tinham me enviado para Maria Temple – sem fornecer nenhum título. Eu não dava a mínima para seu estado nupcial, mas teria ajudado saber se ela estava ou não na posse de alguma qualificação médica formal.

O consultório dela ficava no terceiro andar de um prédio alto moderno no centro da cidade. O elevador me transportara de volta no tempo para a *époque* menos *belle* de todas, os anos 1980. Cinza, cinza, cinza, tom pastel enlameado, plástico sujo, carpetes imundos. O lugar também fedia como se não fosse limpo desde os anos 1980. Devido a esse princípio, eu relutara em ir à sessão

de terapia, e fazer isso naquele ambiente tornava isso ainda menos sedutor, se fosse possível. Infelizmente, o ambiente era familiar demais, e isso era, de maneira peculiar, um conforto. Há inúmeros corredores de instituições médicas com frisos florais e tetos de gesso pelos quais caminhei em minha vida.

Bati na porta – feita de compensado, cinza, sem placa de identificação –, muito rápido, como se estivesse parada bem atrás dela, Maria Temple a abriu e me convidou para entrar. A sala era pequena, com uma cadeira simples e duas poltronas de escritório (do tipo desconfortável, fácil de limpar) alinhadas diante de uma mesa baixa na qual estava colocada uma caixa “tamanho masculino” de lenços de papel sem marca. Fiquei momentaneamente surpresa. Os narizes deles são, com algumas exceções, mais ou menos do mesmo tamanho que os nossos, não? Será que precisavam de uma superfície tão amplamente maior de lenço de papel, simplesmente porque possuíam um cromossomo XY? Por quê? Desconfiei que eu não queria saber a resposta para essa pergunta.

Não havia janela, e um quadro emoldurado na parede (um vaso de rosas feitas com um computador por alguém morto por dentro) era mais ofensivo aos olhos que uma parede nua.

– Você deve ser Eleanor – disse ela com um sorriso.

– Na verdade, sou a srta. Oliphant – disse eu, tirando meu colete e me perguntando o que fazer com ele. Ela apontou para uma fileira de ganchos atrás da porta onde o coloquei o mais longe possível da capa de chuva muito prática que já estava ali pendurada. Eu me sentei em frente a ela, a almofada soltou um bafejo cansado de ar bolorento de suas almofadas. Ela sorriu para mim. Seus dentes! Ah, srta. Temple. Ela fizera o possível, mas imagino que nada pudesse alterar seu tamanho. Eles pertenciam a uma boca muito maior, talvez nem sequer uma boca humana. Isso me lembrou de uma fotografia publicada há algum tempo pelo *Telegraph* de um macaco que pegou uma câmera e fez uma foto sorridente de si mesmo (uma “selfie”). Pobre mulher; um adjetivo que ninguém jamais gostaria de ter aplicado aos seus dentes era *simiesco*.

– Eu sou Maria Temple, Eleanor... Hã, srta. Oliphant. É um prazer

conhecê-la. – Ela olhou instantaneamente para mim, o que fez com que eu chegasse para a frente na poltrona, sem querer demonstrar o quanto estava me sentindo desconfortável. – Você já fez terapia antes, srta. Oliphant?

Ela pegou um caderno na bolsa. Percebi que tinha um macaco rosa felpudo, uma letra M metálica gigante e, o mais horrendo de tudo, um diminuto sapato de salto agulha vermelho de lantejoulas. Eu já havia visto o tipo antes. A srta. Temple era “engraçada”.

– Sim e não – disse eu. Ela ergueu uma sobrancelha inquisidora, mas eu me recusei a elaborar mais. Houve silêncio, durante o qual ouvi o barulho do elevador, outra vez, embora depois ele não tenha sido seguido por nenhum outro som nem evidência de ocupação humana. Eu me senti isolada.

– Então está bem – disse ela animada, animada demais. – Acho que devemos começar. Primeiro de tudo, quero garantir que tudo o que discutirmos aqui, juntas, é absolutamente confidencial. Sou integrante de todas as organizações profissionais relevantes, e nós respeitamos um código de conduta rígido. Você pode sempre se sentir confortável e segura neste lugar e, por favor, pergunte-me qualquer coisa, a qualquer hora, especialmente se não estiver entendendo bem o que estamos fazendo, ou por quê. – Ela pareceu ficar à espera de alguma resposta, mas eu não tinha nenhuma para lhe dar. Dei de ombros.

Ela se instalou na cadeira e começou a ler de seu caderno.

– Você foi mandada para cá por seu clínico, vejo aqui, e tem sofrido de depressão.

Fiz que sim com a cabeça.

– Pode me contar um pouco sobre como tem se sentido? – disse ela. Seu sorriso assumira uma qualidade levemente fixa.

– Acho que tenho me sentido um pouco triste – disse eu. Olhei para os sapatos dela. Pareciam sapatos de golfe, só que sem a sola de pregos. Eles eram dourados. Inacreditável.

– Há quanto tempo você tem se sentido triste, Ele... srta. Oliphant? – ela bateu com a caneta nos dentes enormes. – Na verdade, você se importaria se eu a chamasse de Eleanor? Ia, simplesmente, ajudar a discussão a fluir um pouco mais livremente se estivéssemos todas nos tratando pelo primeiro

nome, eu acho. Está bem? – sorriu ela.

– Prefiro srta. Oliphant, mas, sim, acho que sim – respondi graciosamente. Títulos, porém, eram melhores. Não tenho a menor ideia de quem ela é, afinal de contas. Ela não era minha amiga, era alguém que estava sendo paga para interagir comigo. Um pouco de distanciamento profissional é altamente apropriado, sinto, quando, por exemplo, um estranho está observando o fundo de seus globos oculares à procura de tumores, ou examinando sua dentina com um instrumento em forma de gancho, ou, na verdade, vasculhando seu cérebro, extraíndo seus sentimentos e deixando que repousem naquela sala, todos em seu horror vergonhoso.

– Ótimo – disse ela animada, e eu notei que tinha percebido que eu, sem dúvida, *não era* “engraçada”. Jamais faríamos bungee-jump nem iríamos juntas a uma festa elegante. O que mais deveria ser divertido? Cantar juntas? Corridas de rua? Mágicos? Não tenho ideia; pessoalmente, gosto de bichos e de palavras cruzadas e (até bem recentemente) de vodca. O que podia ser mais divertido que isso? Não aulas de dança do ventre no centro comunitário. Não jogos de investigação policial nos fins de semana. Não.

– Houve algo em especial que a fez procurar a ajuda de seu clínico? – disse ela. – Um incidente, uma interação? Contar a alguém como está se sentindo pode ser algo muito difícil de fazer, mas é ótimo que você tenha dado esse primeiro passo tão importante.

– Um amigo sugeriu que eu procurasse meu médico – disse eu, experimentando um pequeno frisson de prazer ao usar a palavra amigo. – Raymond – esclareci. Eu gostava muito de dizer o nome dele, o som do R no começo. Era um belo nome, um bom nome, e isso ao menos parecia justo. Ele merecia alguma sorte; afinal de contas, devido a seus poucos atributos físicos, ele já tinha muito com o que lidar, sem ser sobrecarregado com, digamos, Eustace ou Tyson como primeiro nome.

– Você gostaria de me contar os acontecimentos que levaram a sua decisão de visitar o clínico? O que levou seu amigo a fazer a sugestão? – perguntou. – Como você estava se sentindo?

– Eu estava me sentindo um pouco triste e as coisas saíram um pouco do controle, só isso. Então meu amigo sugeriu que procurasse meu clínico, e o

clínico disse que eu devia vir aqui se não quisesse tomar comprimidos.

Ela me olhou com atenção.

– Você pode me dizer por que estava se sentindo triste? – disse ela.

Soltei um suspiro mais longo e, sem intenção, mais histriônico do que estava esperando. Senti a garganta se fechar quando terminou meu fôlego, se apertando com lágrimas. Não chore, Eleanor, NÃO CHORE NA FRENTE DE UMA ESTRANHA.

– É muito chato – disse eu, fazendo o possível para parecer indiferente. – Foi só... uma espécie de caso de amor que deu errado. Só isso. Uma situação perfeitamente padrão. – Houve um silêncio prolongado. Depois de algum tempo, apenas tentando acabar logo com aquilo, tornei a falar. – Houve um mal-entendido. Eu pensei... Interpretei errado alguns sinais. Na verdade, fiquei com uma impressão muito errada dessa tal pessoa.

– Isso já aconteceu antes com você? – perguntou em voz baixa.

– Não – disse eu.

Houve outro silêncio prolongado.

– Quem era essa pessoa, Eleanor? Você pode falar um pouco mais sobre o que aconteceu para fazer com que você... Como você disse? Interpretasse errado os sinais? Quais *foram* os sinais?

– Bom, havia um homem do qual eu comecei a gostar, tive uma pequena paixão, pode-se dizer. Eu me deixei levar um pouco por ela, e aí percebi que, na verdade, estava sendo um pouco tola. Nós não íamos ficar juntos. E ele, bem, na verdade ele nem era mesmo certo para mim. Ele não era o homem que pensei que fosse. Eu me senti triste por isso, e extremamente burra por entender tudo de maneira tão errada. Foi só isso – eu ouvi minha voz silenciar.

– Ah, está bem... Há algumas coisa que eu gostaria de destrinchar em tudo isso. Como conheceu esse homem? Qual era a natureza de seu relacionamento com ele?

– Ah, na verdade nunca o conheci – disse eu.

Ela parou de escrever em seu caderno e houve uma pausa um pouco desconfortável. Acho que em termos teatrais isso se chama pausa dramática.

– Certo... – disse ela. – Então como seus... seus caminhos se cruzaram?

– Ele é músico. Eu o vi se apresentar e... Bom, comecei a gostar dele, acho que você chamaria assim.

Maria Temple falou com cautela.

– Ele é... Ele é famoso?

Sacudi a cabeça em uma negativa.

– Ele é daqui. Mora aqui. Na verdade, perto de mim. Ele não é, assim, famoso. Ainda.

Maria Temple não disse nada e esperou que eu continuasse. Não ergueu nem uma sobrancelha. Nada. Percebi que eu podia tê-la deixado com uma impressão levemente equivocada de meu comportamento.

– Para deixar claro – disse eu. – Não sou nenhum tipo de stalker. Apenas descobri onde ele vivia, e copiei um poema para ele, que nem sequer enviei. E eu mandei um tuíte para ele uma vez, mas só. Isso não é crime. Toda a informação de que eu precisava estava em domínio público. Não quebrei nenhuma lei nem nada assim.

– E você nunca tinha se visto nesse tipo de situação antes, Eleanor, com mais ninguém? – Então ela achava que eu podia ser algum tipo de obsessiva, com uma fixação séria por estranhos. Que charmoso.

– Não, nunca – disse eu, com firmeza e sinceridade. – Ele só... Ele chamou minha atenção, despertou meu interesse, só isso. Ele era, sabe, bonito...

Houve outra pausa longa.

Por fim, Maria Temple se encostou na cadeira e começou a falar, o que foi um alívio. Era exaustivo responder todas aquelas perguntas, falar de mim mesma e me preocupar se eu parecia tão burra, tão embarçosamente ingênua, como eu achava que parecia.

– Aqui tem uma situação. Vou descrevê-la, e você pode ver o que acha. Digamos, apenas para provocar uma discussão, Eleanor, que você *tivesse* desenvolvido uma paixão por esse homem. Esse tipo de sentimento em geral é uma espécie de “teste” para um relacionamento de verdade. Eles são muito intensos. Isso parece razoável, plausível até agora? – Olhei fixamente para ela.

– Então – prosseguiu ela. – Ali estava você, saboreando sua paixão, *sentindo os sentimentos*. Diga-me o que aconteceu para acabar com isso de

repente. O que acabou com a paixão, digamos assim?

Encostei em minha cadeira. Ela me pegara de surpresa com seu resumo extremamente preciso de como as coisas tinham sido, e em seguida fez uma pergunta muito inteligente e apropriada. Apesar dos sapatos dourados e dos chaveiros enfeitados, eu já podia ver que Maria Temple não era nenhuma tola. Eu levaria algum tempo para processar tudo aquilo, mas, enquanto isso, tentei organizar os pensamentos em algum tipo de resposta coerente.

– Imagino que, em algum nível, eu na verdade tenha sentido que a coisa toda *era* real, que quando finalmente nos conhecêssemos, nos apaixonaríamos e nos casaríamos e essas coisas. Eu me sentia, não sei, de algum modo pronta para um relacionamento como esse. Pessoas, homens, como ele não cruzam meu caminho com muita frequência... Só me pareceu certo não deixar a oportunidade passar. E eu tive certeza que... algumas pessoas... iam ficar felizes por eu tê-lo encontrado. Quando ele e eu ficamos finalmente no mesmo aposento juntos, porém, algo em que trabalhei muito para fazer com que acontecesse, tudo meio que se... dissolveu. Isso faz algum sentido?

Ela balançou a cabeça de modo encorajador.

– Imagino que eu tenha percebido bem ali naquele salão que tinha sido burra, agido como uma adolescente em vez de como uma mulher de trinta anos. Ele não era nem especial. Eu estava focada nele, mas na verdade, podia ter sido qualquer um. Eu estava tentando agradar minha m...

Enquanto balançava a cabeça, ela me interrompeu, felizmente me impedindo de ir longe demais.

– Há, na verdade, um bom número de questões que eu gostaria de sugerir que explorássemos ao longo das próximas sessões – disse ela. – Hoje falamos aqui de eventos recentes, mas em algum momento eu gostaria de ouvir um pouco sobre sua infância...

– Absolutamente não – disse eu, cruzando os braços e olhando fixamente para o carpete. *A senhora não precisa saber o que acontece nesta casa.*

– Entendo que pode ser muito difícil falar sobre isso – disse ela.

– Não quero falar sobre nada disso, Maria. Por favor, *não* me peça para falar sobre minha mãe.

Droga, droga, droga. Ela pulou em cima disso, é claro. Minha mãe é

sempre a estrela, o grande atrativo.

– Que tipo de relacionamento você tem com sua mãe, Eleanor? Vocês são próximas?

– Mamãe entra em contato com bastante regularidade. Com regularidade demais! – disse eu. Agora não havia mais como voltar atrás.

– Vocês duas, então, não se dão bem? – disse ela.

– É... complicado. – Percebi que eu estava física e também metaforicamente me retorcendo na poltrona.

– Você pode me dizer por quê? – perguntou Maria com muita ousadia, enxerida, intrometida. Um descaramento.

– Não – disse eu.

Houve uma pausa muito longa.

– Sei que é difícil, muito difícil, falar sobre coisas dolorosas. Mas, como eu disse, esse é o melhor caminho para nos ajudar a seguir adiante. Vamos começar bem devagar. Você pode me dizer *por que* não se sente confortável falando sobre sua mãe?

– Eu... Ela não gostaria que eu fizesse isso – respondi.

Isso era verdade, eu me lembro da última vez – e única – que eu fizera isso, com uma professora. Esse não era um erro que você cometia duas vezes. Minha perna direita começara a tremer, só um leve tremor, mas depois que começou, não consegui fazer com que parasse. Joguei a cabeça para trás e emití um ruído, uma espécie de suspiro misturado com tosse, para tentar distraí-la daquilo.

– Está bem – disse ela com paciência. – Se não tem problema com você, para encerrar, gostaria de sugerir que tentássemos algo um pouco diferente. Chama-se o exercício da cadeira vazia – disse ela. Cruzei os braços e olhei fixamente para ela.

– Basicamente, gostaria que imaginasse que esta cadeira aqui... – Ela indicou a cadeira solitária e de espaldar reto. – É sua mãe.

Ela antecipou minha resposta.

– Agora, sei que isso pode parecer bobo, ou embaraçoso, mas, por favor, apenas tente, e siga em frente. Ninguém aqui vai julgar você. Este é um espaço seguro. – Retorci as mãos juntas no colo com ansiedade, espelhando a

sensação em meu estômago.

– Você está disposta a tentar?

Olhei para a porta, desejando sair por ela, desejando que os ponteiros do relógio completassem a hora.

– Eleanor – disse ela com delicadeza. – Estou aqui para ajudá-la, e você está aqui para ajudar a si mesma, não está? Acho que você quer ser feliz. Na verdade, sei que quer. Quem não quer? Podemos trabalhar juntas nesta sala e ajudar você a conquistar isso. Não vai ser fácil, nem rápido, mas na verdade acho mesmo que pode valer a pena. Afinal de contas, o que você tem a perder? Você vai passar uma hora aqui, de qualquer jeito. Por que não tentar?

Achei que ela havia apresentado um bom argumento. Ergui os olhos e, lentamente, descruzei os braços.

– Ótimo! – disse ela. – Obrigada, Eleanor. Então... Vamos imaginar que esta cadeira aqui é sua mãe. O que você quer dizer para ela, agora? Se pudesse dizer alguma coisa, bem aqui, sem ser interrompida? Sem medo de julgamentos? Vamos, não se preocupe. Qualquer coisa que você quiser...

Eu me virei e encarei a cadeira vazia. Minha perna ainda estava tremendo. Limpei a garganta. Eu estava segura. Ela na verdade não estava ali, não estava escutando. Tornei a pensar naquela casa, no cheiro frio e úmido, no papel de parede com centáureas e no carpete marrom. Ouvi carros passando do lado de fora, todos indo para lugares bonitos, lugares seguros, enquanto estávamos ali, deixadas inteiramente sozinhas, ou – pior – deixadas com ela.

– Mamãe... Por favor – falei. Eu podia ouvir minha voz fora de minha própria cabeça, desligada do corpo naquela sala, flutuando. Ela estava alta, e muito, muito delicada. Inspirei. – Por favor, não nos machuque.

COMO REGRA, NÃO APELO PARA linguagem chula, mas aquela sessão com a terapeuta, ontem, foi absurdamente ridícula. Comecei a chorar em frente à dra. Temple no fim de seu estúpido exercício da cadeira vazia, e então ela realmente disse, com falsa gentileza, que nossa sessão tinha que acabar, e que tornaria a me ver na semana seguinte, na mesma hora. Ela basicamente me enxotou para a rua, e me vi parada na calçada com pessoas que faziam compras passando por mim, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Como podia fazer isso? Como um ser humano podia ver outro sofrendo tão nitidamente, um sofrimento que ela havia deliberadamente provocado e estimulado, e em seguida empurrá-lo para a rua e deixá-lo lidar com aquilo sozinho?

Eram 11h. Eu não devia estar bebendo, mas limpei as lágrimas no pub mais próximo e pedi uma vodca grande. Ergui um brinde, em silêncio, para amigos ausentes, e bebi tudo rapidamente. Saí antes que algum dos bebedores matinais pudessem começar uma interação comigo. Aí fui para casa e entrei na cama.



Raymond e eu continuamos a nos encontrar para almoçar em nosso café de sempre enquanto eu estava de licença. Ele me enviava mensagens de texto sugerindo a hora e o dia (as únicas que eu havia recebido em meu celular novo até então). Na verdade, se você visse a mesma pessoa com algum grau de regularidade, aí a conversa era imediatamente agradável e confortável – você podia recomençar de onde havia parado, na verdade, em vez de ter de partir do princípio toda vez.

Durante o transcorrer dessas conversas, Raymond perguntou outra vez sobre minha mãe – por que eu não tinha contado a ela que não estava bem,

por que nunca me visitava, ou eu a ela, até que eu finalmente cedi e lhe forneci uma biografia resumida. Ele já sabia sobre o incêndio, é claro, e que eu depois disso fora criada em lares adotivos. Conteí que isso aconteceu porque não foi possível que eu vivesse com mamãe depois, não onde ela estava. Isso era, eu esperava, o suficiente para mantê-lo quieto, mas não foi.

– Onde ela está, então? Hospital? Casa de repouso? – arriscou ele. Sacudi a cabeça.

– É um lugar ruim, para pessoas ruins – disse eu. Ele pensou por um momento.

– Não a prisão? – Ele pareceu chocado. Olhei-o fixamente nos olhos, mas não disse nada. Depois de outra pausa breve, ele perguntou, não sem razão, que crime ela havia cometido.

– Não consigo me lembrar – disse eu.

Ele me olhou fixamente, em seguida emitiu uma expressão de impaciência.

– Mentira – disse ele. – Vamos, Eleanor, você pode me contar. Isso não vai mudar nada entre nós, prometo. Não é como se *você* tivesse feito isso, o que quer que tenha sido.

Senti uma enxurrada quente atravessar a parte da frente de meu corpo e, em seguida, descer pelas costas, uma sensação que só posso comparar a receber um sedativo antes de uma anestesia geral. Meu pulso estava forte.

– É verdade – disse eu. – Honestamente, não sei. Acho que devem ter me dito, na época, mas não consigo me lembrar. Eu só tinha dez anos. Todo mundo tomou muito cuidado de nunca mencionar isso perto de mim...

– Ah, vamos – disse ele. – Ela deve ter feito alguma coisa muito terrível para... Quer dizer, e na escola? Crianças podem ser muito más com coisas como esta. E quando as pessoas sabem seu nome? Embora, pensando bem, não me lembro de ler nada sobre um crime envolvendo uma Oliphant...

– É, acho que você teria se lembrado de uma *Oliphante* na sala – disse eu.

Ele não riu. Não era uma piada muito boa, pensando bem. Limpei a garganta.

– Oliphant, na verdade, não é meu nome verdadeiro – expliquei. Eu gostava dele, sempre gostara, e era extremamente grata a quem quer que o

tivesse escolhido para mim. Você não conhecia muitos Oliphants no seu dia a dia, isso era certo. Especial.

Ele olhou fixamente para mim, como se estivesse assistindo a um filme.

– Eles me deram uma identidade nova, e me mudaram para cá... Isso foi feito para evitar que as pessoas me reconhecessem, para me proteger. O que é irônico.

– Por quê? – perguntou ele. Eu dei um suspiro.

– Ficar em lares adotivos nem sempre era muito divertido; quer dizer, fiquei perfeitamente bem, eu tinha tudo, mas não era um grande piquenique e brigas de travesseiro.

Ele ergueu as sobrancelhas e fez que sim com a cabeça. Eu mexi meu café.

– A terminologia agora é diferente, acho – disse eu. – Eles chamam as crianças em lares adotivos de “sob cuidados”... Mas toda criança deveria ser “cuidada”... Isso deveria ser a praxe.

Eu me ouvi ficando com raiva e triste. Ninguém gosta de se ouvir soar assim. Se alguém perguntasse: “Por favor, poderia se descrever em duas palavras?”, e você respondesse: “Hã... deixe-me ver... Raivosa e triste?”, isso, na verdade, não seria bom.

Raymond estendera a mão e, com delicadeza, apertava meu ombro. Era superficial e ineficaz, mas, na verdade, dava uma sensação surpreendentemente agradável.

– Você quer que eu descubra o que ela fez? – disse ele. – Aposto que podia fazer isso com facilidade. A magia da internet, hein?

– Não, obrigada – disse eu sumariamente. – Sou perfeitamente capaz de descobrir por conta própria se um dia tiver vontade. Você não é a única pessoa que sabe usar um computador, sabia? – disse eu. O rosto dele ficou muito rosa. – E, de qualquer maneira, como você tão ponderadamente observou, deve ter sido algo bem horrendo. Não se esqueça de que eu ainda tenho que falar com ela uma vez por semana, já é bem difícil assim. Vai ser completamente impossível se eu souber o que ela fez... O que quer que tenha feito.

Raymond assentiu. A seu favor, ele pareceu um pouco envergonhado, e só um pouquinho decepcionado.

Ele na verdade não era ávido, como a maior parte das outras pessoas. Depois dessa conversa, ele ainda fez perguntas, mas eram perguntas normais que qualquer pessoa faria sobre a mãe de um amigo (amigo! Eu tenho um amigo!) – como estava, se tínhamos conversado recentemente. Respondi a ele com as mesmas perguntas. Era normal. Não lhe contei a maior parte do que minha mãe dizia durante nossas conversas, é claro – era doloroso demais para repetir, embaraçoso e humilhante. Eu tinha certeza de que Raymond já estava plenamente consciente de meus muitos defeitos físicos e de personalidade, e por isso não havia a necessidade de lembrá-los deles contando os *bons mots* de mamãe.

Às vezes ele me fazia parar e pensar. Estávamos falando sobre férias, sobre como ele planejava viajar quando se aposentasse, como teria dinheiro para fazer isso com estilo.

– Minha mãe conhece muito do mundo, viveu em muitos lugares diferentes – disse eu. Citei alguns. Raymond, surpreendentemente, pareceu não se impressionar nada.

– Quantos anos sua mãe tem? – disse ele. Fui pega de surpresa. Quantos anos tinha? Comecei a calcular.

– Então... Eu tenho trinta, e acho que ela deve ter me dado à luz muito nova... Dezenove, vinte? Por isso deve ter... Acho que deve ter uns cinquenta e poucos anos, algo assim.

Raymond assentiu.

– Certo – disse ele. – Então... estou me perguntando... Quer dizer, não tenho filhos, então não posso saber, mas imagino que não seja fácil pernoitar em um antro de ópio em Tanger se você está com um bebê. Ou... O que foi aquela outra coisa? Trabalhar como crupiê de 21 em Macau? – Ele falou com muita delicadeza, como se estivesse com medo de me irritar. – Quer dizer. Se você somasse todas as coisas que ela diz que fez, não cobririam um período maior que trinta anos? A menos que ela tivesse feito isso antes que você tivesse nascido e ela fosse ainda adolescente. E se ela fez isso... Bom, estou me perguntando onde conseguiu o dinheiro para viajar tanto. E ela não era um pouco nova para ir a lugares como esses sozinha com aquela idade? E seu pai? Onde ela o conheceu?

Afastei os olhos. Essas eram perguntas importantes que eu não sabia responder. Perguntas que não sabia ao certo se queria responder. Mas, na verdade, por que eu nunca pensara nelas, antes?



Lembrei-me dessa conversa com Raymond na vez seguinte em que falei com ela.

– Olá, querida – falou. Pensei ouvir um chiado de estática, ou talvez o zumbido maligno de lâmpadas fluorescentes tubulares e outro barulho, algo que pareceu o clangor de ferrolhos sendo fechados.

– Olá, mãe – sussurrei. Eu podia ouvir um mastigar. – Você está comendo? – Ela exalou e, em seguida, houve um terrível som rouco, como um gato tentando expelir uma bola de pelo, seguido por uma cuspidinha úmida.

– Mascando tabaco – disse ela indiferente. – Uma coisa horrível. Eu não aconselharia, querida.

– Mamãe, dificilmente vou experimentar tabaco, né?

– Acho que não – disse ela. – Você nunca foi muito aventureira. Mas não diga que não, até você experimentar. Às vezes eu me permitia mascar um pouco de erva *paan* quando vivia em Lahore.

Como eu tinha dito a Raymond, mamãe vivera em Mumbai, Tashkent, São Paulo e Taipé. Ela percorrera a floresta de Sarawak e escalara o monte Toubkal. Tivera uma audiência com o Dalai Lama em Kathmandu, e tomara um chá da tarde com um marajá em Jaipur. E isso só para começar.

Houve mais pigarros – mascar tabaco tinha nitidamente cobrado seu preço. Eu tirei vantagem dessa abertura.

– Mamãe, queria lhe perguntar uma coisa. Quantos... Quantos anos você tinha quando me teve?

Ela riu, sem achar graça.

– Eu tinha 13 anos... não, espere... Tinha 49. Tanto faz. O que isso importa? Que diferença faz para você, filha?

– Eu estava só curiosa...

Ela deu um suspiro.

– Eu, na verdade, já lhe contei tudo isso antes, Eleanor – disse ela

rapidamente. – Eu gostaria que você escutasse. – Houve uma pausa. – Eu tinha vinte anos – falou com calma. – De um ponto de vista evolucionário, esse na verdade é o melhor momento para uma mulher dar à luz, sabia? Tudo simplesmente se encaixa. Porque, ainda hoje, tenho os seios firmes e empinados de uma supermodelo em início de carreira...

– Mãe, por favor! – disse eu. Ela riu.

– Qual o problema, Eleanor? Eu a estou envergonhando? Que criança estranha você é! Sempre foi. Difícil de amar, é isso o que você é. Muito difícil de amar.

Sua risada se transformou em uma tosse longa e aparentemente dolorosa.

– Cristo – disse ela. – Estou começando a me desfazer.

Pela primeira vez que eu podia me lembrar, ouvi um tom de tristeza em sua voz.

– Você não está bem, mãe? – perguntei.

Ela deu um suspiro.

– Ah, estou bem, Eleanor – disse ela. – Falar com você sempre me revitaliza.

Olhei para a parede, esperando pelo ataque, eu quase podia senti-la se preparar, pronta para dar o bote.

– Você está completamente sozinha, não está? Não tem ninguém com quem falar, ninguém com quem brincar. E é tudo sua culpa. A triste e estranha Eleanor. Inteligente demais para seu próprio bem, não é? Você sempre foi, e mesmo assim... Você é incrível e espetacularmente burra de muitas maneiras. Você não consegue ver o que está bem diante de seu nariz. Ou eu devia dizer *quem*...

Ela tornou a tossir. Não ousei respirar, esperando o que viria em seguida.

– Ah, eu estou... tão *cansada* de falar. É sua vez, Eleanor, se você tivesse um mínimo de *savoir-faire*, saberia que uma conversa deve ser um jogo de vai e vem, um jogo de tênis verbal. Você não lembra que ensinei isso a você? Então, vamos, conte-me: o que andou fazendo esta semana?

Eu não disse nada. Não sabia ao certo se conseguiria falar.

– Devo dizer – prosseguiu ela – que fiquei surpresa quando me contou que tinha sido promovida no trabalho. Você sempre foi mais uma seguidora que

uma líder, não é, querida?

Será que devia dizer a ela que estava em licença médica? Eu conseguira evitar qualquer conversa sobre o trabalho, recentemente, mas ela agora levantara o assunto. Será que já sabia de minha ausência, e aquilo era, portanto, uma armadilha? Tentei pensar rápido, mas isso era algo em que nunca fui boa. Lenta demais, Eleanor, atrasada demais...

– Mãe, eu... Eu não andei bem. Não estou trabalhando atualmente. Estou de licença médica por algum tempo. – Eu a ouvi respirar fundo. Será que estava chocada? Preocupada? A mesma respiração saiu dela, percorreu o telefone e penetrou em meu ouvido, pesada e rápida.

– Assim é melhor – disse ela com um suspiro contente. – Por que você mascaria tabaco quando pode fumar um maravilhoso Sobranie delicioso?

Ela deu outra tragada profunda no cigarro e tornou a falar, soando, na verdade, ainda mais entediada que antes.

– Olhe, não tenho muito tempo – disse ela. – Vamos ser breves. Qual o problema com você para estar matando trabalho? É sério? Há risco de morte? É terminal?

– Tenho depressão clínica, mãe – respondi apressadamente.

Ela resfolegou com escárnio.

– Que bobagem! Essas coisas não existem.

Pensei no que a clínica e Raymond tinham dito e em como Bob fora bondoso e compreensivo. A irmã dele teve depressão por anos, ele me contou. Eu não tinha ideia.

– Mãe – disse eu, com o máximo de desafio que ousava. – Tenho depressão clínica. Estou vendo uma terapeuta e explorando o que aconteceu na minha infância e...

– NÃO! – gritou ela tão alto e repentinamente que dei um passo para trás. Quando ela tornou a falar, falou baixo, baixo.

– Agora me escute, Eleanor. Sob nenhuma circunstância você deve discutir sua infância com ninguém, especialmente com uma dita “terapeuta”. Você me ouviu? Não ouse. Estou avisando, Eleanor. Se começar por esse caminho, sabe o que vai acontecer? Você sabe o que eu vou fazer? Eu vou...



Silêncio de rádio.



Como sempre, mamãe foi assustadora. Mas a questão era que, daquela vez – pela primeira vez na vida – ela, na verdade, parecia assustada também.

ALGUMAS SEMANAS SE PASSARAM, e as sessões com Maria Temple tinham se tornado parte natural de minha rotina. Era bom sair, apesar do vento, e decidi caminhar em vez de pegar o ônibus, saboreando o que restava do sol. Havia várias outras pessoas com a mesma ideia. Era uma sensação boa ser parte da multidão, e tive um prazer delicado em me misturar. Joguei vinte centavos no copo de papel de um homem sentado na calçada com um cachorro muito atraente. Comprei um donut com creme no Gregg's e o comi enquanto caminhava. Sorri para um bebê espetacularmente feio que estava brandindo o punho para mim de um carrinho vistoso. Perceber detalhes, isso era bom. Pedacinhos de vida – todos se somavam e ajudavam você a sentir que também podia ser um fragmento, um pequeno pedaço de humanidade que preenchia proveitosamente um espaço, por menor que fosse. Estava refletindo sobre isso enquanto aguardava que o sinal luminoso mudasse. Alguém me pegou pelo braço, e levei um susto.

– Eleanor? – Era Laura, parecendo caricatamente glamorosa como sempre. Eu não a via desde a cremação de Sammy.

– Ah, oi – disse eu. – Tudo bem com você? Desculpe, não consegui falar com você no funeral de seu pai.

Ela riu.

– Não se preocupe com isso, Eleanor. Ray explicou que você estava um pouco alta naquele dia – disse ela.

Senti meu rosto enrubescer e baixei os olhos para a calçada. Imagino que tenha bebido muita vodca naquela tarde. Ela deu um soquinho no meu braço.

– Não seja boba, é para isso que são os funerais, não é? Uma bebidinha e pôr a conversa em dia? – disse ela com um sorriso.

Eu dei de ombros, ainda desviando o olhar.

– Seu cabelo está bonito – disse ela animada.

Concordei com a cabeça e olhei em seus olhos, delineados com kohl.

– Várias pessoas, na verdade, falaram isso – mencionei, sentindo-me um pouco mais confiante. – O que me leva a crer que você deve ter feito um trabalho muito bom.

– Ah, é bom saber disso – disse ela. – Você pode aparecer no salão quando quiser, você sabe. Sempre vou conseguir um encaixe para você, Eleanor. Você foi ótima com meu pai, foi mesmo.

– *Ele* foi ótimo *comigo*. Você teve sorte de ter um pai tão maravilhoso.

Os olhos dela começaram a marejar, mas ela piscou para afastar as lágrimas, ajudada, sem dúvida, pelos enormes cílios postiços que colara nas pálpebras superiores. O sinal luminoso no cruzamento de pedestres começou a piscar.

– Raymond mencionou como vocês dois gostavam dele – disse ela em voz baixa. Ela checou o relógio. – Meu Deus, desculpe, mas preciso correr, Eleanor. O carro está no parquímetro, e você sabe como os guardas são se você passa um minuto.

Eu não tinha absolutamente a menor ideia do que ela estava falando, mas deixei passar.

– Eu, na verdade, vou ver Raymond neste fim de semana – disse ela, tocando meu braço. Ela sorriu. – Ele é realmente muito simpático, não é? No início, ele não chamou minha atenção, mas depois, quando você o conhece... – Ela tornou a sorrir. – Enfim, no sábado eu digo que você perguntou por ele, Eleanor.

– Não precisa – disse eu, ficando levemente com raiva. – Eu, por acaso, almocei com ele recentemente. Que falta de sorte, eu podia ter dito que *você* tinha perguntado por ele.

Ela me olhou fixamente.

– Eu não queria... Ou melhor, não sabia que vocês dois eram próximos – disse ela.

– Nós almoçamos juntos toda semana – contei.

– Está bem, almoço – disse ela, parecendo mais feliz, por alguma razão. – Bom, como eu falei, preciso correr. Bom ver você, Eleanor!

Ergui a mão e acenei em despedida para ela. Era incrível como ela conseguia correr com tanta agilidade naqueles saltos. Eu temi por seus tornozelos. Felizmente, eles eram um tanto quanto roliços.



Maria Temple, hoje, estava usando calça legging preta, junto com botas roxas de cano curto. Legging preta não valorizava, percebi, uma panturrilha elegante.

– Eu gostaria de saber se poderíamos revisitar o tema de sua mãe, Eleanor. Talvez fosse uma coisa que pudéssemos...

– Não – neguei. Mais silêncio.

– Está bem, sem problema. Você podia me contar um pouco sobre seu pai, então? Você, na verdade, ainda não falou sobre ele.

– Eu não tenho pai – disse eu. Mais daquele silêncio horrível. Era irritante demais, mas, no fim, a recusa em falar na verdade funcionou. O silêncio durou uma eternidade, e no fim eu simplesmente não podia mais aguentá-lo.

– Minha mãe me disse que ela foi... Eu imaginei que ela foi... Bom, ela não me disse diretamente quando eu era criança, mas depois de adulta, vim a entender que ela foi vítima de uma... agressão sexual – disse eu, de modo um tanto deselegante. Nenhuma resposta. – Não sei o nome dele, e nunca o conheci.

Ela estava escrevendo em seu caderno e ergueu os olhos.

– Você alguma vez desejou ter um pai, ou uma figura paterna, em sua vida, Eleanor? Isso foi algo de que você sentiu falta?

Olhei fixamente para as mãos. Era difícil falar abertamente sobre essas coisas, arrastá-las à força para inspeção quando estavam perfeitamente bem onde estavam.

– Você não sente falta do que nunca teve – disse eu por fim. – Eu lera isso em algum lugar, e parecia que devia ser verdade. – Desde que me lembro, sempre houve apenas a mim e... ela. Mais ninguém com quem brincar, com quem conversar, nenhuma memória compartilhada da infância. Mas não acho que isso seja particularmente incomum. E isso, afinal de contas, não me causou nenhum mal.

Pude sentir no estômago o impacto dessas palavras, ácidas e amargas, em turbilhão interno.

Ela estava escrevendo em seu caderno outra vez e não ergueu os olhos.

– Sua mãe alguma vez falou sobre a agressão? Conhecia o agressor?

– Eu disse com muita clareza no primeiro dia em que vim aqui que não queria falar sobre ela – disse eu.

Ela falou com delicadeza.

– É claro. Não se preocupe, nós não vamos falar sobre ela, Eleanor, não se você não quiser. Só estou perguntando no contexto de seu pai, tentando descobrir mais sobre ele, seus sentimentos em relação a ele, só isso.

Pensei naquilo.

– Eu na verdade *não tenho* nenhum sentimento por ele, Maria.

– Você alguma vez já pensou em encontrá-lo?

– Um estuprador? Eu não pensaria nisso – disse eu.

– O relacionamento de uma filha com o pai pode às vezes influenciar suas relações subsequentes com os homens. Você já pensou alguma vez sobre isso, Eleanor?

Eu refleti.

– Bom, minha mãe não gostava muito de homens. Mas na verdade, ela não gostava de ninguém, independentemente do gênero.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Maria.

Ali estávamos nós, falando sobre minha mãe, depois que eu havia proibido expressamente que ela fizesse isso. Entretanto, descobri, para minha surpresa, que eu na verdade estava começando a gostar de ser o centro das atenções; assim, de ter a atenção completa da dra. Temple. Talvez fosse a falta de contato visual. Eu me sentia relaxada, quase como se estivesse conversando comigo mesma.

– A questão é – disse eu – que ela só queria que socializássemos com pessoas que fossem *boas*, pessoas que fossem *adequadas*, isso era algo sobre o que ela falava muito. Sempre insistia que falássemos com educação, nos comportássemos com decoro... Ela fez com que praticássemos a arte da pronúncia por pelo menos uma hora por dia. Mamãe tinha... Digamos apenas que tinha métodos muito *diretos* de nos corrigir quando dizíamos a coisa

errada, fazíamos a coisa errada. Que era basicamente o tempo todo.

Maria assentiu, indicando que eu devia continuar.

– Ela dizia que nós merecíamos o melhor de tudo e que, mesmo em circunstâncias difíceis, sempre devíamos nos comportar de maneira apropriada. Era quase como se ela achasse que nós éramos algum tipo de realeza destronada, sabe? A família deposta do czar ou um monarca derrubado, algo assim. Eu fazia muito esforço, mas nunca conseguia me comportar de maneira apropriada. Isso a deixava muito infeliz e com muita raiva. Veja bem, não era só comigo, ninguém nunca era bom o bastante. Ela sempre estava nos dizendo que tínhamos que ficar atentas a alguém que não fosse bom o bastante. – Eu sacudi a cabeça. – Imagino que tenha sido por isso que acabei aqui. Tentando encontrar alguém assim, em seguida ficando confusa e estragando tudo.

Percebi que meu corpo inteiro estava tremendo, como um cachorro molhado em uma manhã fria. Maria ergueu os olhos.

– Vamos em frente, por enquanto – disse ela com delicadeza. – Você quer me contar alguma coisa sobre o que aconteceu depois que você e sua mãe se afastaram, sobre sua experiência com o sistema tutelar? Como era?

Eu dei de ombros.

– Foi tudo bem ficar com famílias adotivas e em orfanatos. Ninguém abusou de mim, eu tinha comida e bebida, roupas limpas e um teto sobre minha cabeça. Ia para a escola todo dia até fazer 17 anos, aí fui para a faculdade. Na verdade, não posso reclamar de nada disso.

Maria falou com grande delicadeza.

– E suas outras necessidades, Eleanor?

– Não tenho bem certeza de estar entendendo você, Maria – disse eu, intrigada.

– Seres humanos têm uma variedade de necessidades que tentamos preencher, Eleanor, para sermos indivíduos felizes e saudáveis. Você descreveu como suas necessidades físicas básicas (calor, abrigo e comida) foram atendidas mas e suas necessidades emocionais?

Eu fui pega completamente de surpresa.

– Mas eu *não tenho* nenhuma necessidade emocional – afirmei.

Nenhuma de nós falou por algum tempo. Por fim, ela limpou a garganta.

– Todo mundo tem, Eleanor. Todos nós, e especialmente quando crianças pequenas, precisamos saber que somos amados, valorizados, aceitos e compreendidos...

Eu não disse nada. Isso era novidade para mim. Deixei que aquilo assentasse. Parecia plausível, mas era um conceito sobre o qual eu teria que pensar mais profundamente na privacidade de minha própria casa.

– Houve alguém que preencheu esse papel em sua vida, Eleanor? Alguém que você sentisse que compreendia você? Alguém que a amasse, do jeito que você era, incondicionalmente?

Minha primeira resposta foi dizer não, é claro. Minha mãe, sem dúvida, não se encaixava nessa categoria, algo, alguém, estava chamando minha atenção, puxando minha manga. Tentei ignorá-la, mas ela não ia embora, a vizinha, aquelas mãozinhas.

– Eu... Sim.

– Sem pressa, Eleanor. Pode demorar o quanto quiser. Do que você se lembra?

Respirei fundo. De volta àquela casa, em um dia bom, faixas de sol sobre o carpete, um jogo de tabuleiro disposto no chão, um par de dados, duas peças de cores vivas. Um dia com mais jogo de escadas que cobras.

– Olhos castanho-claros. Alguma coisa sobre um cachorro... mas eu nunca tive um animal de estimação...

Eu me senti ficar aflita, confusa, com um embrulho no estômago, uma dor maçante na garganta. Havia uma memória, aí, em algum lugar profundo, em algum lugar doloroso demais para tocar.

– Está bem – disse ela com delicadeza, passando-me a muito necessária caixa de lenços de papel tamanho masculino. – O tempo está quase acabando. – Ela pegou sua agenda. – Vamos marcar de nos encontrar no mesmo horário na semana que vem e voltar a isso?

Eu não conseguia acreditar naquilo. Todo aquele trabalho, eu estava tão perto agora, e ela estava me jogando na rua outra vez? Depois de tudo que tinha revelado, todas as coisas que havia trazido à tona, que eu estava prestes a trazer à tona? Joguei o lenço de papel no chão.

– Vá para o inferno – disse eu em voz baixa.

A RAIVA ERA BOA, DISSERA ELA, enquanto eu vestia meu casaco. Se eu estava finalmente entrando em contato com minha raiva, então começava a fazer um trabalho importante, destrinchando e lidando com coisas que tinha enterrado fundo demais. Eu não pensara nisso antes, mas imagino que nunca, na verdade, me sentira com raiva até agora. Irritada, entediada, sim, porém não na verdade com raiva. Achei que aquilo era um bom argumento; talvez tivessem acontecido coisas das quais eu devesse sentir raiva. Não era uma emoção que eu gostava de sentir, e sem dúvida não era justo dirigi-la para a dra. Maria Temple, que estava, afinal de contas, apenas fazendo seu trabalho. Pedi muitas desculpas logo depois de minha explosão, e ela foi muito compreensiva, pareceu até satisfeita. Ainda assim, eu não ia criar o hábito de mandar as pessoas para o inferno. A obscenidade é uma marca característica de um vocabulário limitado de forma lamentável.

Além disso tudo, eu estava tentando encontrar uma rotina nova, mas não era fácil. Por mais de nove anos, eu acordara, tinha ido para o trabalho e voltado para casa. Nos fins de semana, tinha minha vodca. Nada disso iria funcionar agora. Resolvi limpar o apartamento de cabo a rabo. Eu vi como estava imundo, como parecia exaurido. Ele parecia como eu me sentia – sem amor, sem cuidado. Imaginei convidar alguém – Raymond, pensei – para almoçar. Tentei vê-lo através de seus olhos. Havia coisas que eu podia fazer para deixar o lugar mais agradável, percebi, coisas que não custavam muito, mas fariam uma grande diferença. Outra planta, algumas almofadas de cores vivas. Pensei na casa de Laura, em como era elegante. Ela vivia sozinha, tinha até o próprio negócio. Ela sem dúvida parecia ter uma vida, não apenas uma existência. Ela parecia feliz. Então, devia ser possível.

A campanha fez com que eu levasse um susto no meio da faxina. Não era

um som que ouvia com frequência. Eu me senti, como normalmente me sentia, um pouco apreensiva. Enquanto destrancava a porta e abria as fechaduras, percebi um leve aumento em meu ritmo cardíaco, o tremor delicado nas mãos. Olhei ao redor da corrente. Um rapaz, de roupa esportiva, estava parado sobre meu capacho, com os pés calçados de tênis tamborilando. Mais que isso, todo seu corpo vibrava de energia. Seu boné estava virado para trás. Por quê? Instintivamente, dei um passo para trás.

– Oliphant? – disse ele.

Apreensiva, fiz que sim com a cabeça. Ele chegou para o lado da porta, fora de vista, em seguida reapareceu com uma cesta enorme cheia de flores, embalada em celofane e fitas. Ele gesticulou como se as entregasse para mim, e eu soltei a corrente e a peguei dele, cuidadosamente, temendo algum tipo de truque. Ele remexeu o bolso da jaqueta e tirou um aparelho eletrônico preto.

– Assine aqui, por favor – disse ele enquanto me entregava uma caneta plástica que estava, de modo horrendo, escondida atrás de sua orelha. Eu produzi meu autógrafo especial, para o qual ele nem sequer olhou.

– Até logo! – despediu-se ele, já começando a descer a escada. Eu nunca tinha visto tanta energia nervosa contida em um corpo humano.

Um envelope minúsculo, como um cartão de aniversário de hamster, estava preso ao celofane. No interior, um cartão de visita – branco e simples – trazia a seguinte mensagem:

Melhoras, Eleanor. Todos estamos pensando em você. Com carinho e os melhores desejos de Bob e todo mundo na By Design bjs

Levei a cesta até a cozinha e a pus na mesa. Pensando em mim. O cheiro de um jardim de verão, doce e intoxicante, foi liberado quando removi o celofane. Eles estavam pensando. Em mim! Eu me sentei e acariciei as pétalas da gérbera vermelha, e sorri.



Com as flores cuidadosamente dispostas sobre a mesa de centro, continuei meu progresso moroso pelo apartamento, e enquanto eu limpava, pensei no

que significava criar um lar. Eu não tinha muita experiência em que me basear. Abri todas as janelas, sintonizei o rádio até encontrar uma música inofensiva e limpei um aposento de cada vez. Algumas manchas do carpete não saíam, mas consegui tirar a maioria. Enchi quatro sacos pretos de lixo – palavras cruzadas velhas, canetas secas, quinquilharias feias que eu colecionara ao longo dos anos. Selecionei minha estante de livros e fiz uma pilha para levar (e em alguns casos devolver) para o brechó de caridade.

Recentemente, eu tinha terminado de ler um livro sobre administração que parecia destinado a psicopatas sem bom senso (uma combinação muito perigosa). Sempre gostei de ler, mas nunca soube ao certo como escolher um material adequado. Há tantos livros no mundo... como diferenciá-los? Como você sabe qual vai casar com seus gostos e interesses? É por isso que simplesmente pego o primeiro que vejo. Não faz sentido tentar escolher. As capas pouco ajudam, porque sempre dizem apenas coisas boas, e descobri, à própria custa, que elas raramente são precisas. “Empolgante”, “Fascinante”, “Hilariante”. Não.

O único critério que tenho é que os livros precisam parecer limpos, o que significa que tenho de descartar muito material de leitura em potencial no brechó de caridade. Não uso a biblioteca pela mesma razão, embora, obviamente, a princípio e na realidade, as bibliotecas sejam palácios de maravilhas que aprimoram a vida. Não são vocês, bibliotecas, sou eu, como diz o dito popular. A ideia de livros passando por tantas mãos sujas, pessoas lendo-os no banheiro, deixando que seus cachorros se sentem sobre eles, enfiando o dedo no nariz e limpando o resultado nas páginas. Pessoas comendo salgadinhos de queijo e depois lendo alguns capítulos sem lavar as mãos, simplesmente não aguento. Não, eu procuro por livros com um dono cuidadoso. Os livros no Tesco são bonitos e limpos. E às vezes me dou ao luxo de comprar alguns tomos ali no dia do pagamento.



No fim do processo, o apartamento estava limpo e quase vazio. Fiz uma xícara de chá e olhei ao redor da sala de estar. Ela precisava apenas de quadros na parede e um ou dois tapetes, algumas plantas novas. Desculpe, Polly, as flores

teriam de servir, por enquanto. Respirei fundo, peguei o pufe e o enfiei em uma lata de lixo. Foi uma luta e tanto para botá-lo ali dentro. Enquanto cuidava disso, pensei em como eu devia estar, com os braços em torno de um sapo gigante, lutando com ele no chão. Soltei um riso de deboche, em seguida gargalhei, gargalhei até ficar com dor no peito. Quando me levantei, e finalmente preendi as alças, estava tocando uma música pop alegre, e percebi que estava me sentindo... feliz. Era uma sensação muito estranha e incomum – leve, calma, como se tivesse engolido luz do sol. Só que nessa manhã eu estava furiosa, e agora estava calma e feliz. Eu estava aos poucos me acostumando a sentir a variedade de emoções humanas à disposição, sua intensidade, a rapidez com a qual podiam mudar. Até então, sempre que emoções, sentimentos, ameaçaram me abalar, eu as afogava rapidamente com a bebida. Isso me permitira existir, mas eu estava começando a entender que agora eu precisava, queria, algo mais do que isso.

Levei o lixo para baixo e, quando voltei para o apartamento, percebi que ele estava com aroma de limão. Foi um prazer entrar. Percebi que normalmente não prestava atenção ao meu ambiente. Foi como entrar no consultório de Maria Temple naquela manhã, quando você levava um momento para ver o que havia ao seu redor, percebia todas as coisinhas, isso fazia com que você se sentisse... mais leve.

Talvez se você tivesse amigos ou família eles pudessem ajudá-lo a perceber as coisas com mais frequência. Talvez as apontassem para você. Desliguei o rádio e me sentei em silêncio no sofá, bebendo uma xícara de chá. Tudo o que eu podia ouvir eram a brisa assobiando delicadamente através da janela aberta e dois homens rindo na rua abaixo. Era uma tarde de dia de semana. Normalmente, eu estaria trabalhando, vendo os ponteiros caminhando lentamente até as 17h, esperando pela hora da pizza com vodca, e depois a noite de sexta-feira e três sonos compridos até segunda-feira. Com a exceção da dose de vodca que tinha tomado no pub, eu não bebia havia semanas. Sempre achei que ela me ajudasse a dormir, mas, na verdade, eu estava dormindo mais profundamente do que nunca. Sem ser incomodada por sonhos perturbadores.

Um ruído eletrônico me assustou, e quase derramei meu chá. Alguém me

enviara uma mensagem. Fui depressa até o corredor em busca de meu telefone. O envelopinho piscava:

Q tal nos vemos no fim da tarde? Posso passar aí? Tenho uma surpresa p vc. Bj R

Uma surpresa! Respondi imediatamente.

Sim. Eleanor O.

Ninguém jamais pedira para me visitar antes. A assistente social marcava hora, e o leitor do medidor apenas aparecia. Eu estava consciente que as visitas anteriores de Raymond não tinham sido muito agradáveis para ele – nem para mim –, e resolvi corrigir isso. Vesti meu colete e fui até a loja da esquina. O sr. Dewan ergueu os olhos do jornal que estava lendo ao som do alerta eletrônico. Aquilo devia distraí-lo, toda aquela campainha o dia inteiro. Ele sorriu com cautela para mim. Apanhei uma cesta e peguei leite, saquinhos de chá Earl Grey e um limão para fatiar, caso Raymond preferisse seu chá assim. Passei uma quantidade considerável de tempo nos corredores, de algum modo impressionada com as opções. No fim, escolhi biscoitos Garibaldi e joguei um pacote rosa de wafers também – aparentemente, é simpático oferecer uma opção a seus convidados. Eu me perguntei se Raymond poderia preferir algo mais forte, por isso comprei uns cream crackers e um pacote de queijo fatiado. Todas as pontas amarradas.

Fiquei na fila com a cesta, sem querer, mas ainda assim ouvindo a conversa do casal à minha frente enquanto esperávamos por nossa vez. No fim, me senti impulsionada a intervir e fornecer auxílio.

– É “tagine” – disse eu.

Nenhuma resposta. Dei um suspiro e me inclinei à frente outra vez.

– Tagine – repeti, falando devagar e com clareza e, achava, com um sotaque francês passável.

– Desculpe? – disse a mulher, sem parecer querer se desculpar nem um pouco. O homem apenas me olhava fixamente, de uma maneira que poderia ser descrita como levemente hostil.

– Nenhum de vocês consegue se lembrar da palavra para, como

descreveram, “uma panela de cerâmica com a tampa pontuda” que “Judith”, quem quer que seja ela, pusera na lista de casamento, levando você... – aqui indiquei a mulher com um aceno delicado da cabeça – a descrevê-la como “uma vaca pretensiosa”. – Eu estava gostando bastante do uso convencional do gesto de agitar o dedo agora que me acostumara a ele.

Nenhum deles falou, por isso me senti estimulada a seguir em frente.

– Uma tagine é um recipiente para cozinhar de origem norte-africana – disse eu, querendo ajudar. – Geralmente feita de barro cozido e decorada com vitrificação de cores vivas. Também é o nome do ensopado feito dentro dela.

A boca do homem estava entreaberta, e a da mulher mudara lentamente para formar uma linha muito fina e comprimida. Ela se virou outra vez para ele, e os dois começaram a sussurrar juntos, olhando ao redor mais uma vez antes de dar uma olhadela rápida para mim, discretamente.

Nada mais foi dito, embora eles tenham olhado para mim ao sair, depois de pagar por seus produtos. Nem uma palavra de agradecimento. Dei um leve aceno para eles.



O sr. Dewan me deu um sorriso cálido quando cheguei ao caixa.

– Os níveis de indelicadeza e a falta completamente de senso do *comme il faut* entre a população geral nunca deixam de me decepcionar, sr. Dewan – disse eu enquanto sacudia a cabeça.

– Srta. Oliphant – disse ele, sorrindo de modo compreensivo –, como é bom vê-la outra vez! Você parece ótima.

Isso fez com que eu me sentisse radiante.

– Muito obrigada, sr. Dewan. É bom vê-lo, também. Um dia agradável hoje, não é?

Ele assentiu, ainda com um sorriso, e registrou meus produtos. Quando terminou de fazer isso, seu sorriso hesitou de leve.

– Vai querer mais alguma coisa hoje, srta. Oliphant?

As garrafas atrás dele reluziam sob o brilho das luzes do teto, vermelhas e douradas e transparentes.

– Quero – disse eu –, quase tinha me esquecido. – Eu me debrucei sobre o

suporte de jornais e peguei um *Telegraph*. Estava louca para voltar às palavras cruzadas.



De volta em casa, acendi a lareira a gás e arrumei as xícaras de chá. Desejei que elas combinassem, mas tinha certeza de que Raymond não ia se importar. Cortei o limão e arrumei os biscoitos como raios alternados de uma roda em meu prato mais bonito, o que tinha flores. Decidi guardar os itens mais condimentados de reserva. Não era preciso enlouquecer.

Um tanto sem prática, eu estava a apenas meio caminho da palavra cruzada quando a campainha tocou, um pouco mais tarde do que eu estava esperando. Devido a pontadas de fome, eu tinha sido forçada a comer alguns biscoitos, por isso alguns raios da roda estavam faltando. Que pena.

Raymond estava segurando uma caixa de papelão com alças em uma das mãos, e uma bolsa plástica grande e cheia na outra. Ele parecia muito sem fôlego, pôs as coisas delicadamente no carpete de meu corredor sem perguntar, e começou a tirar o blazer, ainda arfando e sem fôlego, como um boto na areia. Fumar mata.

Ele me passou o blazer, e eu olhei para ele por um momento antes de perceber que devia pendurá-lo. Eu não tinha nenhum lugar adequado para isso, por isso o dobrei em um quadrado o melhor que pude, e em seguida o botei no chão no canto no corredor. Ele não pareceu muito satisfeito, embora eu não tivesse ideia de por quê. Não era um blazer de aparência cara.

Eu o conduzi à sala e lhe ofereci chá. Ele pareceu bastante irritadiço.

– Mais tarde, talvez. Preciso lhe contar sobre a surpresa primeiro, Eleanor – disse ele.

Eu me sentei.

– Vá em frente – disse eu, me preparando. Minha experiência de surpresas é limitada e não positiva em particular. Ele pegou a caixa de papelão no corredor e a botou no chão.

– Agora, você não precisa fazer isso. Minha mãe vai ficar mais que satisfeita em ficar. Só pensei... Bom...

Ele abriu a tampa com muita delicadeza, e instintivamente dei um passo

para trás.

– *Vamos, querida* – disse ele com uma voz delicada e sussurrante que eu nunca o vira usar antes. – *Não fique assustada...*

Ele levou a mão a seu interior e tirou de lá o gato mais gordo que eu já tinha visto. Ele era, em teoria, completamente preto, a escuridão se estendendo até seu focinho e bigodes, mas seu pelo espesso estava coberto de manchas peladas que pareciam ainda mais pálidas em comparação. Ele o levou até perto do peito e continuou a sussurrar palavras carinhosas em sua orelha. A criatura parecia nitidamente apática.

– O que acha dela? – perguntou.

Olhei fixamente seus olhos verdes, e ela me olhou de volta. Dei um passo para trás, e ele a ofereceu a mim. Houve um momento desconfortável quando ele a passou para mim, tentando transferir o peso dela de seus braços para os meus, e depois, de repente, estava acabado. Eu a segurava como um bebê, perto contra o peito, e sentia, mais que ouvia, seu ronronar profundo e sonoro. Ah, o peso quente que tinha! Enfiei o rosto no que restava de seu pelo e a senti virar a cabeça em minha direção enquanto farejava delicadamente a linha de meu cabelo.

Depois de algum tempo, ergui os olhos. Raymond estava esvaziando a outra bolsa, que continha uma caixa descartável de areia, uma cama acolchoada mole e uma embalagem pequena de ração. A gata se remexeu em meus braços e aterrissou no carpete com um baque surdo e pesado. Ela caminhou até a caixa de areia, se agachou e urinou alto, mantendo um contato visual extremamente assertivo comigo durante todo o tempo. Depois do dilúvio, ela encobriu preguiçosamente os traços com as patas traseiras, espalhando areia por todo meu chão recém-limpo.

Uma mulher que sabia o que queria e desprezava as convenções da sociedade educada. Íamos nos dar muito bem.



Raymond recusou todos os biscoitos oferecidos e também o chá. Ele pediu cerveja ou café, mas eu não tinha nenhum dos dois. Cuidar dos convidados era mais desafiador do que eu havia imaginado. Depois de algum tempo, ele

aceitou um copo d'água, que nem bebeu. Desi, um de seus colegas de apartamento, encontrara a gata no quintal dos fundos de seu prédio na noite anterior, ele me disse. Alguém a pusera em um latão de lixo de metal e acendera o fogo – Desi ouvira os gritos quando estava voltando para casa do trabalho. Eu me levantei e corri até o banheiro, onde vomitei os wafers. Raymond bateu com delicadeza na porta, mas eu gritei para que ele me deixasse em paz. Quando voltei, ele e o gato estavam sentados separadamente no sofá. Eu me sentei na cadeira em frente, e os dois me observaram cautelosamente.

– Quem faria uma coisa dessas, Raymond? – disse eu quando finalmente consegui falar. Tanto ele quanto o gato pareciam tristes.

– Filhos da puta doentes – xingou, sacudindo a cabeça. – Desi a trouxe para casa e nos asseguramos de que ela ficasse bem. Mas ele é alérgico, por isso não podemos ficar com ela. Eu ia levá-la para o serviço de proteção aos gatos, ou ver se minha mãe queria outra, mas aí... Não sei, achei que ela poderia ser boa companhia para você, Eleanor. Pode dizer que não. Ter um bicho de estimação não é só diversão, é muita responsabilidade...

Aquilo era complicado. Por um lado, eu não conseguia negar que estava atraída. Tinha um charme extravagante com base na alopecia inegável e uma atitude relaxada que derreteria o mais duro dos corações. Eu podia dizer que ela era uma gata que não tolerava bobagens. Ela era, ao mesmo tempo, uma criatura vulnerável, que precisava ser cuidada. Ali estava o problema. Será que eu estava à altura da tarefa?

Eu me lembrei das sessões de terapia, de como tínhamos conversado sobre pensar a respeito das coisas de forma profunda e racional, reconhecer padrões de comportamento inúteis e ser corajosa o suficiente para tentar fazer as coisas de modo diferente. Vamos lá, Eleanor, disse a mim mesma. Coragem. Isso não é a mesma situação que antes, não está nem perto. Ela é uma gata, e você é uma mulher adulta. Você é mais que capaz de fazer isso.

– Vou assumir o manto do cuidado, Raymond – disse eu com firmeza. – Essa criatura será cuidada com assiduidade.

Ele sorriu.

– Tenho certeza que vai. Ela, sem dúvida, já parece em casa – disse ele. A

gata agora estava esparramada sobre as almofadas do sofá, para todos os propósitos, adormecida, embora uma orelha se remexesse intermitentemente enquanto ela monitorava a conversa.

– Como vai chamá-la? – disse ele.

Inclinei a cabeça para o lado enquanto pensava sobre isso. Depois de algum tempo, Raymond se levantou.

– Vou dar uma descida para fumar. Vou encostar a porta – disse ele.

– Não sopre fumaça na direção de minha janela! – gritei enquanto ele se afastava.

Quando ele voltou, dez minutos depois, falei que o nome dela era Glen. Ele riu.

– Glen? Isso, com certeza, é um nome de menino.

Pensei em todos aqueles rótulos vermelhos, todas as garrafas vazias.

– Ela ganhou esse nome em homenagem a um velho amigo – disse eu.



No dia seguinte, acordei assustada e vi Glen deitada ao meu lado, com a cabeça no travesseiro e o corpo embaixo das cobertas, igual a um ser humano. Seus olhos verdes enormes estavam olhando atentamente para mim, como se ela tivesse me feito acordar por sua força de vontade. Ela me seguiu até a cozinha, e lhe dei um pouco de água, que ela ignorou, e um pouco de ração, que devorou e, rapidamente, vomitou no chão da cozinha. Eu me virei para buscar material de limpeza embaixo da pia, mas quando olhei ao redor, ela estava comendo o vômito outra vez.

– Boa menina, Glen – disse eu. Pouca manutenção.

Raymond trouxera apenas o mínimo necessário para passar a noite, por isso, enquanto ela estava cochilando em cima do edredom, deixei o apartamento e fui até um shopping onde eu sabia haver uma grande loja de produtos para animais de estimação. Comprei para ela uma cama maior e mais fofa, uma caixa de areia com um teto para lhe dar privacidade, quatro tipos diferentes de comida seca e pastosa e um saco de areia de gato orgânica. Peguei um vidro de óleo que, supostamente, era bom para o pelo – era para misturar uma colher de chá a sua comida todos os dias. Eu não ligava se seu

pelo tornasse a crescer ou não, porque ela era bonita como era, mas senti que ela podia ficar mais confortável sem as áreas expostas de pele. Ela não me parecia o tipo que gostaria de brincar com brinquedos, mas por garantia comprei uma bola brilhante e um grande rato macio, do tamanho de um chinelo de velho, que era recheado com erva de gato. Quando levei o carrinho até o caixa, percebi que precisaria chamar um táxi para levar aquilo para casa. Eu me senti muito orgulhosa de mim mesma.

O motorista não me ajudou a subir com aquilo, por isso levei algumas viagens, e estava suando quando terminei de colocar tudo para dentro. A expedição levava mais de duas horas do início ao fim. Glen ainda estava dormindo no edredom.

Passei o dia inteiro me ocupando pelo apartamento. Glen era boa companhia: quieta, reservada, dormindo na maior parte do tempo. Naquela noite, quando sentei com uma xícara de chá para ouvir uma peça no rádio, ela pulou no meu colo e começou a massagear minhas coxas com as patas, as garras parcialmente projetadas. Era um pouco desconfortável, mas percebi que tinha boa intenção. Depois de fazer isso por cerca de um minuto, ela se acomodou com cuidado em meu colo e dormiu. Precisei ir ao banheiro vinte minutos depois, uma necessidade exacerbada pelo fato de que ela estava longe de ser magra, e eu estava relaxada com todo o seu peso diretamente em cima de minha bexiga. Tentei mudá-la delicadamente para um lado; ela resistiu. Tentei outra vez. Na terceira tentativa, ficou de pé lentamente, arqueou as costas e, em seguida, emitiu um suspiro trêmulo, longo e crítico, antes de pular no chão e ir andando na direção de sua cama nova. Depois de se instalar ali, ela olhou para mim quando deixei a sala, e mantinha a mesma expressão quando voltei – e continuou a olhar para mim por toda a noite. Eu não estava preocupada. Tinha lidado com coisas muito piores que um felino irritado.



Raymond tornou a me visitar alguns dias depois para ver como Glen estava se adaptando. Eu o convidara e à sua mãe, pois ele tinha mencionado que ela estava entusiasmada e, como uma obcecada por gatos, imaginei que gostaria de conhecer Glen. De qualquer modo, ainda restavam muitos biscoitos da

visita anterior, por isso não seria nenhum problema.

Eles chegaram em um táxi preto, coisa que agradou muito a sra. Gibbons.

– O motorista era adorável, Eleanor, não era, Raymond? – disse ela. Raymond fez que sim com a cabeça, e achei detectar um toque, um bem pequeno, de cansaço, como se não fosse a primeira vez que ela falava sobre o assunto durante sua viagem curta do sul ao oeste da cidade. – Ah, ele não podia ter sido mais simpático, me ajudou a entrar e a sair do táxi, segurou a porta aberta enquanto eu pegava meu andador...

– Isso mesmo, mãe – concordou ele enquanto guardava o andador no canto da sala. Ela se sentou no sofá. Glen, iconoclasta como sempre, tinha ido imediatamente para a cama, minha cama, assim que eles chegaram, e não havia nada a se ver dela além de um volume que roncava embaixo do edredom. A sra. Gibbons ficou desapontada, mas deixei que ela visse algumas fotos em meu celular enquanto fui fazer chá. Raymond se juntou a mim na cozinha e se apoiou na bancada enquanto me observava servir-lhe. Ele pôs uma sacola de compras ao meu lado.

– Não é nada de mais – disse ele. Eu olhei em seu interior. Havia uma caixa de papelão branca, de uma confeitaria, amarrada com fita. Também havia uma lata perfeita de comida “gourmet” para gatos.

– Que simpático! – disse eu, contente.

– Não sabia ao certo do que você gostava, não quis vir de mãos vazias... – disse Raymond, corando. – Eu pensei, bom... Você parece o tipo de pessoa que gosta de coisas boas – disse ele olhando para mim. – Você *merece* ter coisas boas – disse com firmeza.

Isso era estranho. Preciso confessar que fiquei sem palavras por um ou dois instantes. Será que eu merecia coisas boas?

– É engraçado, sabe, Raymond – comecei –, crescer com minha mãe foi muito confuso. Às vezes, ela nos dava coisas boas, outras... não. Quer dizer, em uma semana comíamos ovos de codorna com sal de aipo e ostras, na seguinte passávamos fome. Estou falando, sabe, literalmente, sem comida e sem água. – Os olhos dele se arregalaram. – Tudo era sempre extremo, extremo demais, com ela – continuei, enquanto assentia comigo mesma. – Eu costumava desejar a *normalidade*. Sabe, três refeições por dia, coisas comuns:

sopa de tomate, purê de batatas, flocos de milho...

Desamarrei as fitas e olhei no interior da caixa. O pão de ló no interior era um trabalho artístico, com cobertura de chocolate salpicada de joias de framboesa. Era um luxo comum, que Raymond escolhera especialmente para mim.

– Obrigada – disse eu, sentindo as lágrimas começarem a brotar. Não havia mais nada que eu precisasse dizer.

– Obrigado por nos convidar, Eleanor – disse ele. – Minha mãe adora sair, mas não costuma ter oportunidade.

– Vocês são bem-vindos a qualquer hora – respondi, e estava falando sério.

Coloquei o bolo em uma bandeja com as coisas do chá, mas, antes que pudesse pegá-la, Raymond fez as honras. Eu segui atrás dele. Percebi que tinha cortado o cabelo.

– Como está se sentindo, Eleanor? – perguntou a sra. Gibbons quando estávamos todos sentados. – Raymond mencionou que você recentemente andou um pouco adoentada...

Ela estava com uma expressão de preocupação leve e educada, mais nada, e percebi, corando de gratidão, que ele não tinha fornecido nenhum detalhe.

– Estou me sentindo muito bem, obrigada – disse eu. – Raymond ficou de olho em mim. Tenho muita sorte. – Ele pareceu surpreso. A mãe, não.

– Ele tem um coração de ouro, meu menino – disse ela assentindo. O rosto de Raymond ficou igual ao de Glen quando percebeu que eu a vira tentar sem sucesso saltar do sofá para o batente da janela. Eu ri.

– Estamos te envergonhando! – exclamei.

– Não, *vocês* estão se envergonhando – disse ele. – Falando sobre o nada como uma dupla de fofoqueiras velhas. Alguém quer mais chá? – Ele estendeu a mão até o bule, e eu percebi que estava sorrindo.

Os Gibbon eram companhia sociável e agradável. Ficamos todos surpresos com a velocidade com que o tempo passou quando o táxi reservado antecipadamente buzinou irritado uma hora depois, acho, e sua partida foi, por necessidade, um pouco apressada.

– É sua vez de me visitar agora, Eleanor – disse ela enquanto saíam com dificuldade pela porta por causa de seu andador, com Raymond vestindo o

blazer ao mesmo tempo. Fiz que sim com a cabeça. Ela me deu um beijo rápido no rosto, na face com cicatriz, e eu nem pisquei.

– Volte com Raymond em um domingo, tomem um chá e fiquem um pouco – sussurrou ela. Tornei a balançar a cabeça.

Raymond passou pesadamente por mim e, em seguida, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, inclinou-se e me deu um beijo no rosto, como a mãe.

– Vejo você no trabalho – disse ele, e foi embora, ajudando a mãe a descer a escada com o andador de um jeito muito precário.

Eu levei a mão ao rosto. Eles eram uma família muito beijoqueira, os Gibbon, algumas famílias eram assim.

Lavei as xícaras e os pratos, e nesse ponto Glen resolveu fazer uma aparição.

– Isso não foi muito sociável, Glen – disse eu. Ela olhou fixamente para mim e emitiu um som curto, na verdade não um miado, mais um chilreio estranho. A informação, basicamente para que ela não dava a mínima, estava abundantemente clara. Coloquei com uma colher a comida especial que Raymond trouxera em sua tigela. Isso foi recebido com entusiasmo considerável, embora, de forma triste, suas maneiras à mesa lembrassem as de seu benfeitor.

Raymond deixara seu tabloide para trás na cadeira na sala – infelizmente, ele sempre levava um enrolado no bolso traseiro. Eu o folheei, caso ele tivesse palavras cruzadas meio decentes, e parei na página nove, com os olhos atraídos pela manchete:

Glasgow Evening Times

Notícias de entretenimento

Os Pilgrim Pioneers descobrem a América: banda de Glasgow tem tudo para ser “maior que o Biffy”

A banda escocesa Pilgrim Pioneers está comemorando esta semana, depois de chegar ao quinto lugar no Top 100 da *Billboard* Americana.

O quarteto de Glasgow parece pronto para adentrar o lucrativo mercado norte-americano depois de anos se apresentando em pubs e boates locais.

Seu single “Don’t Miss You”, escrito depois da partida ressentida de seu vocalista anterior, foi descoberto no mês passado por uma pessoa bem informada da indústria pelo YouTube. Desde então, ele tem sido tocado todas as noites por todos os EUA como trilha sonora de um anúncio de grande orçamento de uma empresa de telecomunicações.

A banda deve ir para os Estados Unidos no mês que vem em uma turnê de costa a costa.

Ao ler isso, fui levada imediatamente de volta a outro lugar, a outra pessoa: a pessoa que eu estava tentando ser e as mudanças que estava sem sucesso tentando fazer em mim e minha vida. O cantor, na verdade, não era nem importante; Maria Temple tinha me ajudado a ver isso.

Em minha ansiedade para mudar, para me conectar com alguém, eu me concentrara na coisa errada, na pessoa errada. Acusada de ser um desastre catastrófico, um ser humano fracassado, eu estava começando a me achar, com a ajuda de Maria, inocente.

A história não mencionava o que Johnnie Lomond estava fazendo agora. Na verdade, isso não importava. Dobrei o jornal – eu podia forrar a caixa de areia de Glen mais tarde com ele.



@johnnieRocks 7h

Grande parabéns para os caras – ótima notícia e muito, muito merecido. Estou muito orgulhoso deles #eua #sucesso
[nenhum like]

@johnnyRocks 44 minutos

Merda. Merda merda merda merda merda
[posteriormente apagado]

MARIA PARECIA DE BOM HUMOR quando cheguei ao consultório, e eu também. Foi um esforço para deixar meu cérebro em modo de alerta quando ela começou a falar do passado outra vez.

– Nós não temos falado muito sobre o incêndio. Eu queria saber se você estaria disposta a falar um pouco sobre ele.

Balancei a cabeça de maneira cansada.

– Bom. Agora você pode tentar fechar os olhos para mim, por favor, Eleanor? Às vezes é mais fácil acessar memórias assim. Inspire fundo, em seguida solte o ar. Ótimo. Mais uma vez... Bom. Agora quero que lembre. Você está em casa, e é o dia anterior ao incêndio. Do que você se lembra? Alguma coisa? Não precisa ter pressa...

Eu estava me sentindo muito leve e livre mais cedo, tão concentrada em mim mesma, que não tivera a chance de me preparar de forma adequada para isso. Quando fechei os olhos e soltei o ar, sob as ordens de Maria, tive a sensação preocupante de que, antes que eu estivesse plenamente consciente disso, meu cérebro havia começado a acessar memórias em lugares a que eu não queria que fosse, entrando correndo em quartos antes que eu tivesse a chance de impedi-lo. Meu corpo pareceu pesado, em contraste com minha mente, que flutuava como um balão, logo além de meu alcance. Agora que estava acontecendo, porém, aceitei com tranquilidade. Havia certo prazer em abrir mão do controle.

– Minha mãe. Ela está com raiva. Mamãe estava dormindo, mas nós a acordamos outra vez. A mamãe já não nos aguenta mais. – Sinto lágrimas em meu rosto enquanto relato isso, mas não me sinto particularmente triste, como se estivesse descrevendo um filme.

– Isso é ótimo, Eleanor. Você está indo muito bem – disse Maria. – Pode

me contar mais sobre sua mãe?

Minha voz está muito tímida.

– Não quero.

– Você está indo muito bem, Eleanor. Vamos tentar seguir em frente.

Então, sobre sua mãe...

Eu não disse nada por um grande período de tempo, permitindo que minha mente fosse aonde precisava ir naquela casa, deixando que as memórias escapassem como pássaros aprisionados. Por fim, sussurrei. Três palavras.

– Onde está Marianne?

DOMINGO. TINHA QUE SAIR DE CASA ao meio-dia para me encontrar com Raymond para almoçar. Glen estava cochilando na cama nova, e usei a função de câmera de meu celular para fazer algumas fotos dela. Na fotografia final, ela estava com uma pata cobrindo os olhos, como que para bloquear a luz. Eu me ajoelhei no chão ao lado dela e enfiei o rosto na maior área de pelo. Ela se remexeu um pouco, em seguida aumentou o volume de seu ronronar. Beije a maciez no topo de sua cabeça.

– Até logo, Glen – disse eu. – Não vou demorar. – Ela pareceu alegre e despreocupada com minha partida iminente.

Quando eu estava pronta para sair, abri a porta o mais silenciosamente possível e entrei na ponta dos pés na sala de estar para verificar se ainda estava dormindo. Eu a encontrei em cima do rato gigante recheado de erva de gato. Ela e o roedor olhavam para mim, os olhos fixos de botão dele miravam bem em frente. Ela estava com a pata dianteira jogada por cima de seus ombros de rato e os massageava preguiçosamente enquanto montava sobre ele por trás com energia. Eu os deixei em paz.

Desde a sessão, tudo em que eu podia pensar era Marianne. Marianne, Marianne, Marianne; revirei o nome várias vezes na mente como uma moeda entre meus dedos. A dra. Temple pedira que eu me preparasse para falar sobre ela outra vez em nossa sessão seguinte. Eu não sabia ao certo o que achava disso. Saber era melhor que não saber? A discutir.

Raymond, sem se incomodar com questões filosóficas, já estava lá quando cheguei ao Black Dog, lendo o *Sunday Mail* e bebendo um copo grande de cerveja.

– Desculpe pelo atraso – disse eu.

O rosto dele estava mais pálido do que o habitual e, quando ele se levantou

para me abraçar, pude sentir o cheiro de cerveja velha assim como nova, além do fedor habitual de cigarros.

– Como estão as coisas? – perguntou ele com a voz soando rouca.

– Como está *você*? – devolvi a pergunta. Ele não parecia bem.

Ele gemeu.

– Quase lhe enviei uma mensagem para cancelar, para ser honesto – disse ele. – Fiquei acordado até tarde ontem à noite.

– Você e Laura saíram em um encontro?

Ele me olhou confuso.

– Como sabia disso? – perguntou ele, parecendo incrédulo.

Eu me lembrei de algo que vira Billy fazer no escritório, e toquei o lado de meu nariz com o indicador, mostrando que eu compreendia.

Ele riu.

– Acho que talvez você tenha um pouco de bruxa, Eleanor – disse ele.

Dei de ombros. Eu tinha até um gato-preto, para provar isso.

– Esbarrei com Laura há algum tempo, na verdade – expliquei. – Ela me disse que vocês estavam se vendo.

Ele deu um gole grande de sua cerveja.

– Certo. É, ela entrou em contato algumas vezes, perguntando se eu queria me encontrar com ela. Fomos ver um filme ontem à noite e tomamos uns drinques depois.

– Isso parece bom – disse eu. – Ela é sua namorada, então?

Ele sinalizou para que o garçom lhe trouxesse outra cerveja.

– Laura é um garota ótima – disse ele. – Mas não acho que vou tornar a vê-la.

Um funcionário trouxe a cerveja de Raymond e alguns cardápios, e pedi um Dandelion and Burdock. Era estranho, considerando que eles eram um bar elegante no centro da cidade, não terem, por isso tive de me contentar com um refrigerante.

– Por que não? Laura é muito glamorosa.

Raymond deu um suspiro.

– É um pouco mais complicado que isso, Eleanor, não é? – disse ele. – Eu acho que ela, provavelmente, é... uma mulher um pouco dispendiosa demais

para mim, se entende o que quero dizer.

– Não, na verdade, não – confessei.

– Para ser honesto, ela não faz meu tipo. – Ele tomou um gole ruidoso de cerveja. – Quer dizer, a aparência é importante, claro, mas você precisa conseguir dar risada, saborear a companhia do outro, sabe? Não tenho certeza se Laura e eu temos muito em comum.

Dei de ombros, sem saber a melhor maneira de responder. Aquilo estava longe de ser minha área de especialidade.

Ficamos em silêncio por um momento. Ele parecia terrivelmente pálido e desconfortável. Clássicos sintomas de ressaca. Felizmente, nunca sofri deles, abençoada que sou com uma constituição de ferro.

Pedi uma omelete feita pelo chef, Arnold Bennett, e Raymond pediu o café da manhã completo, com pão frito extra.

– Bebi muito Jack Daniel's com Desi depois que cheguei em casa, ontem à noite – explicou. – Isso deve ajudar.

– Não transforme a bebida em um hábito, Raymond – falei com tristeza. – Você não quer acabar como eu, quer?

Raymond levou a mão ao meu braço e o segurou por um momento.

– Você está indo muito bem, Eleanor.

A comida chegou, e tentei não olhar para Raymond enquanto ele comia. Aquilo nunca era uma visão bonita. Eu me perguntei como estaria Glen, será que seria possível levá-la para sair a algum lugar como esse se ela pudesse sentar em algum tipo de cadeira alta na mesa conosco? Eu não conseguia ver motivo contra isso, além do contingente de mente curta e que não gostava de felinos que poderia reclamar.

– Olhe, Raymond! – disse eu, enfiando o telefone em sua cara. Ele olhou para as primeiras quatro fotos.

– Ah, isso é bom, Eleanor. Ela parece bem confortável em sua casa.

– Continue descendo a página – disse eu. Ele viu mais algumas de um jeito preguiçoso. Eu podia ver que ele estava perdendo interesse. Pérolas a um porco.

Conversamos sobre assuntos sem importância enquanto esperávamos pelo café. Quando chegou, houve uma grande pausa na conversa, e Raymond

derrubou um sachê de açúcar na mesa. Ele começou a desenhar nos grãos com o indicador enquanto cantarolava nenhuma música em especial, como costumava fazer quando estava ansioso. Suas cutículas estavam roídas, e as unhas não pareciam muito limpas – ele, às vezes, podia ser um homem muito irritante.

– Eleanor – disse ele. – Olhe, tenho uma coisa para lhe dizer, e você precisa prometer que não vai ficar com raiva de mim.

Eu me encostei na cadeira e esperei que continuasse.

– Eu pesquisei sobre sua mãe na internet, sobre o que aconteceu na época.

Olhei fixamente para os grãos de açúcar. Como cada um deles podia ser tão pequenino, e ainda assim ter ângulos tão perfeitos?

– Eleanor? – chamou ele. – Não tenho certeza se o que encontrei está correto, mas eu procurei por “incêndio criminoso” no Google, e o ano em que aconteceu, em Londres, e há algumas reportagens de jornal nas quais poderia gostar de dar uma olhada. Não precisamos fazer isso se não quiser. Eu só queria que você soubesse, para o caso... Bom, para o caso de mudar de ideia sobre descobrir as coisas.

Fui até o local seguro em minha mente por um momento, o local rosa e branco fofo com passarinhos azuis e córregos de murmúrios delicados e, agora, com uma gata meio careca ronronando ruidosamente.

– Onde você disse que sua mãe está hoje em dia? – perguntou ele com muita delicadeza.

– Não sei – murmurei. – É ela quem entra em contato comigo. Nunca o contrário. – Tentei compreender sua expressão. Eu, às vezes, acho difícil entender a expressão de outras pessoas. Uma palavra cruzada complexa é muito, muito mais fácil. Se eu tivesse que adivinhar o que seu rosto estava mostrando, diria: tristeza, pena, medo. Nada bom. Mas o sentimento subjacente era de bondade, delicadeza. Ele estava triste e com medo por mim, mas não me machucaria, e não tinha o menor desejo de fazer isso. Eu me confortei um pouco com isso.

– Olhe, não vamos mais falar nisso, está bem? Eu só queria dizer que... Caso se lembre de alguma coisa... na terapia ou não. Eu talvez possa lhe dar algumas respostas, sabe? Mas só se você quiser – acrescentou ele rapidamente.

Eu pensei nisso e comecei a sentir indícios vagos de irritação.

– Raymond – disse eu –, na verdade, não acho apropriado que me conduza nessa direção, não antes que eu esteja pronta. Estou fazendo um bom progresso por conta própria, sabe? – contei a ele. Seja paciente, Marianne, estou a caminho. Olhei para o rosto dele, que estava ainda mais pálido agora do que quando nos sentamos. Sua boca pendia muito levemente aberta, e seus olhos estavam vidrados e cansados. Não era uma expressão atraente.

– Você não é a única pessoa que sabe usar uma ferramenta de busca. É minha vida, e quando eu estiver boa e pronta, sou mais do que capaz – falei e dei para ele um de meus olhares mais diretos – de descobrir por conta própria exatamente o que aconteceu.

Ele assentiu e começou a falar. Ergui a mão espalmada para a frente para detê-lo. Foi um gesto muito indelicado, e devo confessar um frisson ilícito ao fazer isso. Em seguida, dei um gole longo e determinado em meu refrigerante. Infelizmente, ele estava quase acabado, e o canudo fez um som de sugar muito desagradável, mas acho que consegui me fazer entender muito bem, mesmo assim.

Depois de terminar minha bebida, captei o olhar do garçom e indiquei que gostaria que ele trouxesse a conta. Raymond estava com a cabeça entre as mãos, sem dizer nada. Senti o peito ser tomado por uma onda de dor. Eu havia magoado Raymond. Cobri a boca com a mão e senti as lágrimas se formarem. Ele olhou para mim, em seguida tomou minhas duas mãos de forma bem afirmativa nas dele. Exalou um pouco de ar malcheiroso do interior de sua barbicha peluda.

– Me desculpe. – Nós dois dissemos as palavras exatamente ao mesmo tempo. Tentamos outra vez, e aconteceu a mesma coisa. De repente, eu ri; e ele, também. No início, risadas curtas, depois, mais longas. Era um riso pertinente, verdadeiro, do tipo que faz todo seu corpo tremer. Minha boca estava escancarada, minha respiração, um pouco chiada, meus olhos, bem fechados. Eu me senti vulnerável, e ainda assim relaxada e confortável. Imaginei que vomitar ou ir ao banheiro em frente a ele teria a mesma sensação.

– Olhe, é totalmente minha culpa – disse ele quando finalmente nos

acalmamos. – Desculpe se aborreci você, Eleanor. Eu não devia nem ter levantado isso, especialmente hoje, quando estou de ressaca. Meu cérebro parece ter virado purê – disse ele. – Você está absolutamente certa. É problema seu, e a decisão é sua. Totalmente.

Ele ainda estava segurando minhas mãos. Era extremamente agradável.

– Está tudo bem, Raymond – afirmei, e estava falando sério. – Desculpe se tive uma reação exagerada. Sei que você é um homem bom, com boas intenções, e que só estava tentando ajudar. – Arrisquei um pequeno sorriso ao ver seu rosto, que estava cheio de alívio.

Ele soltou minhas mãos com muita delicadeza. Eu na verdade não havia percebido seus olhos antes. Eles eram verdes, salpicados de castanho. Muito diferentes.

Ele tornou a sorrir, em seguida pôs as mãos espalmadas no rosto e o esfregou, com um gemido baixo.

– Nossa! – disse ele. – Não posso acreditar que preciso visitar minha mãe, e cuidar dos gatos. Só quero rastejar de volta para cama e dormir até terça-feira.

Tentei não sorrir e paguei a conta – ele protestou, mas eu me aproveitei de seu estado debilitado.

– Você quer vir comigo? – disse ele. – Ela ia adorar vê-la.

Eu nem considerei isso.

– Não, obrigada, hoje não, Raymond – neguei. – Glen deve ter feito suas necessidades a essa altura, e não gosto de deixar suas fezes na caixa por mais de uma ou duas horas, caso ela precise urinar outra vez.

Raymond se levantou rapidamente.

– Só vou dar um pulo no banheiro – disse ele.



Comprei comida de gato para Glen a caminho de casa. O lance sobre Glen é que, apesar de seus modos, ela me ama. Sei que é apenas uma gata. Mas ainda assim é amor, seja de animais, seja de pessoas. É incondicional, e é ao mesmo tempo a coisa mais fácil e mais difícil do mundo.

Às vezes, depois de sessões de terapia, eu desejava desesperadamente

comprar vodca, muita, levar para casa e beber, mas no fim nunca fazia isso. Eu não podia, por muitas razões, uma das quais era que, se eu não estivesse em condições, quem ia alimentar Glen? Ela não é capaz de cuidar de si mesma. Ela precisa de mim.

Não é irritante sua necessidade – não é um fardo, é um privilégio. Eu sou responsável. Eu escolho me colocar em uma situação em que sou responsável. Querer cuidar dela, uma criatura pequena, dependente e vulnerável, é algo inato, e nem tenho de pensar nisso, é como respirar.

Para algumas pessoas.

NÓS TÍNHAMOS AUMENTADO nossas sessões de terapia para duas vezes por semana, o que parecera excessivo quando Maria sugeriu pela primeira vez, mas eu estava achando, para minha surpresa, que aquilo mal era o suficiente. Eu esperava, porém, não estar me transformando em uma dessas pessoas carentes, do tipo que está sempre falando sobre si mesma e seus problemas. Chato.

Eu estava me acostumando lentamente a falar sobre minha infância, depois de passar a maior parte de trinta anos deliberadamente evitando o assunto; dito isso, toda vez que surgia o tema de Marianne, eu o evitava. Antes de cada sessão, dizia a mim mesma que *aquela* seria o momento certo de falar sobre ela, mas quando chegava a hora, simplesmente não conseguia. Hoje, a dra. Temple me perguntara sobre Marianne outra vez, é claro, e quando sacudi a cabeça, ela sugeriu que talvez ajudasse pensar em minha infância como dois períodos diferentes, *antes* e *depois* do incêndio, como um meio de chegar ao tema de Marianne. Sim, disse eu, talvez isso ajudasse. Mas poderia ser muito, muito doloroso.

– Então, qual a memória mais feliz de *antes* do incêndio? – disse ela. Eu pensei bem. Vários minutos se passaram.

– Eu me lembro de momentos isolados, fragmentos, mas não consigo pensar em um incidente completo – respondi. – Não, espere. Um piquenique na escola. Devia ser fim de semestre, ou algo assim. Nós todos estávamos do lado de fora, de qualquer jeito, no sol. – Não era muito em que se basear para seguir adiante, e sem dúvida não uma memória detalhada.

– O que havia nesse dia que fez com que você se sentisse tão feliz, o que você acha? – falou ela com delicadeza.

– Eu me senti... segura. E sabia que Marianne estava segura, também.

Pronto, era isso. Marianne – *não pense demais* –, isso mesmo, seu jardim de infância estava ali naquele dia, também. Todas ganhamos um lanche embalado, sanduíches de queijo e uma maçã. A luz do sol, o piquenique. Marianne e eu caminhamos juntas para casa depois da escola, como sempre fazíamos, indo o mais devagar possível e contando uma à outra sobre nossos dias. O caminho até em casa não era longo. Nunca era longo o suficiente. Ela era engraçada, uma mímica talentosa. Dói lembrar o quanto ela me fazia rir.

A escola era um lugar de refúgio. Professores perguntavam como você recebia os cortes e hematomas, mandavam-na para a enfermeira para cuidar deles. A enfermeira que cuidava de piolhos penteava seu cabelo com delicadeza, com muita delicadeza, e dizia que você podia ficar com os elásticos porque tinha sido uma boa menina. Jantares na escola. Eu podia relaxar na escola sabendo que Marianne estava na enfermaria aquecida e em segurança. Os pequenos tinham seus próprios ganchos especiais onde pendurar o casaco. Ela amava aquilo lá.

Pouco tempo depois do piquenique, mamãe descobriu que a sra. Rose estava perguntando sobre meus machucados. Depois disso, passamos a ter aulas em casa, todo dia, o dia inteiro – não havia mais uma fuga das 9h às 16h, de segunda a sexta. Cada vez pior, cada vez mais rápido, cada vez mais quente, fogo. Eu o desencadeara sobre mim mesma, minha própria culpa idiota, Eleanor idiota, e, pior de tudo, eu arrastara Marianne para aquilo, também. Ela não tinha feito nada errado, ela nunca fez nada errado.



A dra. Temple empurrou os lenços de papel em minha direção, e sequei as lágrimas do rosto.

– Você mencionou Marianne várias vezes, aí – disse ela com delicadeza. – Quando estava falando de sua vida cotidiana.

Eu estava pronta para dizê-lo em voz alta.

– Ela era minha irmã.

Ficamos sentadas por um momento, e deixei que as palavras se cristalizassem. Ali estava ela: Marianne. Minha irmãzinha. Minha peça que faltava, minha amiga ausente. As lágrimas, agora, corriam pelo meu rosto, e

Maria me deixou chorar até que estivesse pronta para falar.

– Não quero falar sobre o que aconteceu com ela – disse eu. – Não estou pronta para fazer isso!

Maria Temple estava muito calma.

– Não se preocupe, Eleanor. Vamos dar um passo de cada vez. Reconhecer que Marianne é sua irmã é algo grande. Vamos chegar ao resto, com o tempo.

– Eu gostaria de falar sobre isso agora – disse eu, furiosa comigo mesma. – Mas não posso.

– É claro, Eleanor – falou com calma. Ela fez uma pausa. – Você acha que é porque você *não consegue* se lembrar do que aconteceu com Marianne? Ou é porque não quer? – A voz dela estava muito delicada.

– Eu não quero – respondi devagar e baixo. Apoiei os cotovelos nos joelhos e pus a cabeça entre as mãos.

– Seja gentil consigo mesma, Eleanor – disse Maria. – Você está indo incrivelmente bem.

Eu quase ri. Sem dúvida eu não sentia que estava indo bem.

Antes e depois do incêndio. Algo fundamental desaparecera nas chamas: Marianne.

– O que eu faço? – perguntei, desesperada, de repente, para seguir adiante, para melhorar, para *viver*. – Como conserto isso? Como *me* conserto?

A dra. Temple baixou a caneta e falou com firmeza, mas delicada.

– Você já está fazendo isso, Eleanor. Você é mais corajosa e mais forte do que acredita ser. Continue assim.

Quando, então, ela sorriu para mim, todo o seu rosto se franziu em rugas cálidas. Baixei a cabeça outra vez, desesperada para esconder a emoção que flamejava ali. O nó em minha garganta. A ardência de mais lágrimas, a onda de calor. Eu estava segura ali. Eu logo falaria mais sobre minha irmã, por mais difícil que fosse.

– Vejo você na semana que vem, então? – disse eu. Quando ergui os olhos, ela ainda estava sorrindo.



Mais tarde naquele dia, Glen e eu estávamos vendo um programa de jogo na

TV no qual pessoas com uma compreensão fatalmente problemática de estatística (especificamente, da teoria das probabilidades) selecionavam um número de caixas, cada uma delas com um cheque, para serem abertas uma de cada vez na esperança de desvendar uma soma de seis dígitos. Eles baseavam sua seleção em fatores loucamente inúteis como sua data de nascimento ou a de uma pessoa de que gostavam, o número de sua casa ou, pior de tudo, “*uma sensação boa*” sobre um número inteiro em especial.

– Pessoas são idiotas, Glen – disse eu e beijei o topo da cabeça dela, em seguida afundei o rosto em seu pelo, que tinha tornado a crescer com tamanha fartura que ela agora podia se dar ao luxo de soltá-lo por cima de minhas roupas e móveis com um abandono alegre. Ela ronronou em concordância.

A campanha tocou. Glen deu um bocejo extravagante, em seguida saltou do meu colo. Eu não estava esperando ninguém. Parei diante da porta, pensando que devia comprar e mandar instalar um daqueles olhos mágicos, para poder saber quem estava ali antes de destrancá-la. Eu achava a teatralidade banal daquilo um pouco estúpida. Quem está atrás da porta? Um tédio. Não gosto de pantomimas nem mistérios – gosto de ter toda a informação relevante a minha disposição na primeira oportunidade possível, para que possa começar a formular minha resposta. Abri a porta e encontrei Keith, o filho de Sammy, parado ali, parecendo nervoso. Um pouco surpresa, eu o convidei para entrar.



Quando Keith estava sentado em meu sofá com uma xícara de chá, Glen havia desaparecido. Ela só gostava mesmo da própria companhia. Ela tolerava a minha, mas era, de forma fundamental e essencial, uma reclusa, como J. Salinger ou o Unabomber.

– Obrigado pelo chá, Eleanor. Mas não posso ficar muito – disse Keith depois que terminamos de trocar as amabilidades de praxe. – Minha mulher tem zumba esta noite, por isso preciso voltar para ficar com as crianças. – Eu assenti, perguntando-me quem era Zumba. Ele levou a mão à mochila que trouxera com ele, empurrou um laptop para o lado e pegou um embrulho,

algo embalado em uma sacola de compras (uma do Tesco, percebi com aprovação).

– Estávamos limpando as coisas de papai – disse ele, olhando diretamente para mim e mantendo a voz calma, como se estivesse dizendo a si mesmo para ser corajoso. – Isso não é muito, mas nos perguntamos se você não gostaria de ficar com ele, como uma lembrança. Eu me lembro de Raymond dizer o quanto você o admirara, depois da vez em que ajudou papai... – As palavras se prenderam em sua garganta, e ele se calou.

Abri o embrulho com cuidado. Era o belo suéter vermelho, o que Sammy estava usando no dia em que Raymond e eu o encontramos na rua. Eu podia sentir seu cheiro, ainda levemente perfumado por seu dono com maçãs, uísque e amor, e o apertei com força sentindo a maciez e o calor contra as palmas das mãos, a sammynez delicada e exuberante dele.

Keith fora até a janela e estava olhando fixamente para a rua, uma atitude que eu entendia completamente. Quando você está se esforçando muito para administrar as próprias emoções, é insuportável ter que testemunhar as de outra pessoa, ter que tentar administrar as *delas*, também. Ele não conseguia lidar com minhas lágrimas. Eu me lembro, eu me lembro.

– Obrigada – agradei. Ele balançou a cabeça afirmativamente ainda de costas. Tudo estava ali, óbvio para nós dois, mas permanecia não dito. Às vezes, isso era melhor.

Depois que ele foi embora, vesti o suéter. Era grande demais, é claro, mas isso fez com que ficasse ainda melhor, com mais dele para me envolver, a qualquer momento em que eu precisasse. O presente de despedida de Sammy.

CHEGAR AO CONSULTÓRIO DA DRA. TEMPLE envolvia uma viagem de ônibus até a cidade e, depois, uma caminhada curta. Meu passe de viagem expirara, e era sintomático de minha *Weltschmerz*, de anomia, que eu nem tivesse me dado ao trabalho de renová-lo na semana passada. Marianne. Todo o resto era bobagem. Joguei duas libras na janelinha do guichê do motorista sem me preocupar nem um pouco que ela tivesse um adesivo feio dizendo *não damos troco*, e que eu tinha, portanto, desnecessariamente sacrificado vinte centavos. Pensando bem, quem ligava para vinte centavos?

Todos os bancos já tinham um ocupante, o que significava que eu teria que me posicionar ao lado de um estranho. Em um estado de espírito melhor, gostava desse jogo: havia apenas dez segundos para examinar os ocupantes e escolher a pessoa mais magra, mais sã e de aparência mais limpa para sentar ao lado. Uma escolha errada, e a viagem de quinze minutos até a cidade seria uma experiência muito menos agradável – ou esmagada ao lado de um gordo espalhado, ou respirando pela boca para minimizar a penetração do fedor emanando de um corpo não lavado. Assim era a animação de viajar em transporte público.

Eu, entretanto, não tive prazer no jogo hoje, e apenas me sentei o mais perto da frente possível, sem me interessar nem um pouco nos méritos ou deméritos de minha companhia. Por sorte, era uma senhora de idade, um pouco gordinha, mas não de maneira inconveniente, que cheirava a laquê e era reservada. Bom.

Ela desceu no ponto seguinte, e então fiquei com o banco para mim. Mais pessoas embarcaram, e observei um jovem bonito – alto, magro, com olhos desproporcionalmente grandes – jogar o jogo do exame para escolher um lugar. Desejei me sentar ao lado dele, certa de que não era louco nem

malcheiroso.

Entretanto, ele passou direto por mim e se sentou do outro lado do ônibus, ao lado de um homem baixo de aparência rude e de blazer. Eu não conseguia acreditar! Duas pessoas embarcaram no ponto seguinte: uma subiu para o segundo andar, a outra, mais uma vez, dispensou o lugar ao meu lado e caminhou até a parte de trás do ônibus, onde, percebi quando me virei para olhar, ela se sentou ao lado de um homem sem meias. Seus tornozelos nus pareciam angustiantemente brancos acima de seus sapatos brogue de couro vermelho-escuro, que ele combinava com uma calça de moletom esportivo verde. Um louco.

Olhei fixamente para o chão com a mente acelerada. Será que... Será que eu parecia o tipo de pessoa que devia ser evitada em um jogo de escolha de lugar no ônibus? Só podia concluir, diante das evidências, que sim. Mas por quê?

Eu teria que pensar para chegar à resposta. Eu não estava acima do peso. Não fedia – eu tomava banho diariamente, e lavava minhas roupas com regularidade. Isso, então, deixava a loucura. Eu era louca? Não. Não, não era. Eu estava sofrendo de depressão, mas isso era uma doença. Não era loucura. Será, então, que eu parecia louca? Agia como louca? Eu achava que não. Mas na verdade, como poderia saber? Será que era minha cicatriz? Meu eczema? Meu colete? Será que só pensar em ser louco seria um sinal de loucura? Descansei os cotovelos nos joelhos e apoiei a cabeça nas mãos. Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus.

– Você está bem, querida? – perguntou uma voz, e senti mãos em meu ombro, o que me deu um susto e fez com que eu me sentasse ereta outra vez. Era o homem sem meias, que estava a caminho da frente do ônibus.

– Sim, obrigada – respondi, evitando contato visual. Ele se sentou ao meu lado enquanto o ônibus se aproximava do ponto seguinte.

– Tem certeza? – disse ele com simpatia.

– Sim, obrigada – repeti. Eu arrisquei uma olhada para seu rosto. Ele tinha olhos muito gentis, do mesmo tom delicado de verde que brotos recém-nascidos nas árvores.

– Só tirando um momentinho, né? – Ele me deu um tapinha no braço. –

Todo mundo precisa de um momentinho consigo mesmo de vez em quando, né? – Ele deu um sorriso cheio de calor e se levantou para ir embora. O ônibus estava desacelerando. Ele não olhou para trás, mas ergueu uma das mãos em uma saudação, e as calças subiram acima dos tornozelos nus quando ele saiu.

Não era louco. Só estava sem meias.

Eleanor, eu disse a mim mesma, às vezes você julga as pessoas rápido demais. Há todo tipo de razão porque elas podem não parecer o tipo de pessoa ao lado de quem você gostaria de sentar em um ônibus, mas você não pode avaliar uma pessoa com uma olhada de dez segundos. Simplesmente não é tempo o bastante. O modo como você tenta não se sentar ao lado de gente gorda, por exemplo. Não há nada errado em estar acima do peso, há? Elas podem comer por estarem tristes, do mesmo jeito que eu costumava beber vodca. Poderiam ter pais que nunca as ensinaram a cozinhar ou a ter uma alimentação saudável. Poderiam ser deficientes, incapazes de se exercitar, ou talvez tivessem uma doença que contribuísse para o ganho de peso, apesar de todo o seu esforço. Você simplesmente não sabe, Eleanor, disse a mim mesma.

Comecei a perceber que a voz em minha própria cabeça – minha própria voz – na verdade era bem sensata e racional. Era a voz de minha mãe que fazia todo o julgamento e me encorajava a fazer o mesmo. Eu estava começando a gostar muito de minha voz, de meus próprios pensamentos. Eu queria mais deles. Eles faziam com que eu me sentisse bem, até mesmo calma. Eles faziam com que eu me sentisse como *eu mesma*.

VELHAS ROTINAS, NOVAS ROTINAS. Talvez até, de vez em quando, nenhuma rotina? Mas duas vezes por semana, pelo tempo que fosse levar, eu fazia a viagem até a cidade, evitava aquele elevador velho e subia as escadas até o consultório da dra. Temple. Eu não o achava mais repulsivo, estava começando a entender a eficácia do ambiente neutro e sem atrativos, dos lenços de papel, das cadeiras e de uma gravura feia emoldurada. Não havia mais nada para olhar além de si mesma, nenhum lugar onde se esconder. Ela era mais esperta do que parecera no início, a dra. Temple. Tirando esse fato, seus brincos de filtro dos sonhos de hoje eram, francamente, abomináveis.

Eu estava prestes a subir ao palco e dizer minhas falas. Eu, porém, não estava atuando. Sou uma péssima atriz, não sendo, por natureza, dissimulada nem fingida. É seguro dizer que o nome de Eleanor Oliphant nunca vai aparecer sob as luzes, nem eu gostaria que isso acontecesse. Sou mais feliz no fundo, deixada com minhas próprias decisões. Já passei tempo demais recebendo instruções de mamãe.

O assunto de Marianne me causara muita aflição, eu tentava furiosamente reunir coragem e dirigir minha memória para lugares aonde ela não queria ir. Concordamos em não forçá-la. Em deixar que ela reaparecesse naturalmente – esperávamos – enquanto falássemos de minha infância. Eu aceitei isso. Ontem à noite, enquanto Glen e eu ouvíamos rádio, a memória, a verdade, baixou sobre mim, de maneira bastante espontânea. Tinha sido uma noite perfeitamente comum, e não houve nenhuma fanfarra nem drama. Apenas a verdade. Hoje seria o dia em que eu diria aquilo em voz alta, ali naquela sala, para Maria. Mas era preciso haver algum preâmbulo. Eu não podia simplesmente despejar aquilo. Deixaria que Maria me ajudasse e me

conduzisse até lá.

Também não havia como escapar de minha mãe hoje no consultório da terapia. Era difícil acreditar que eu estivesse realmente fazendo aquilo, mas ali estava. O céu não desabou, minha mãe não foi invocada como um demônio com a mera menção a seu nome. A dra. Temple e eu estávamos tendo, o que era bem chocante, uma conversa calma e moderada sobre a minha mãe.

– Mamãe é uma pessoa má – disse eu. – Muito má. Eu sei disso, sempre soube disso. E me perguntei... Você acha que posso ser má, também? As pessoas herdam todo tipo de coisa de seus pais, não é? Veias varicosas, doenças cardíacas. Você pode herdar *maldade*?

Maria se encostou e mexeu em sua echarpe.

– Essa é uma pergunta muito interessante, Eleanor. Os exemplos que você me deu são condições físicas. Você, porém, está falando de uma coisa totalmente diferente, uma personalidade, um conjunto de comportamentos. Você acha que traços de comportamento podem ser herdados?

– Não sei. – Pensei a respeito. – Espero, espero muito, que não.

Fiz uma pausa por um minuto.

– As pessoas falam sobre natureza e criação. Eu *sei* que herdei sua natureza. Quer dizer, eu sou... Uma pessoa difícil, às vezes, acho... Mas não sou... Eu *não* sou igual a ela.

Maria Temple ergueu as sobrancelhas.

– Essas são palavras muito fortes, Eleanor. Por que você diz isso?

– Não conseguiria suportar se achasse que podia algum dia *querer* realmente causar dor a alguém. Tirar vantagem das pessoas menores e mais fracas. Deixá-las por sua própria conta, para... para...

Eu parei de falar. Tinha sido muito, muito difícil dizer isso. Doía, uma dor real, física, assim como uma dor mais fundamental, existencial. Pelo amor de Deus, dor existencial, Eleanor!, disse para mim mesma. Controle-se.

Maria falou com delicadeza.

– Mas você *não* é sua mãe. Né, Eleanor? Você é uma pessoa completamente diferente, uma pessoa independente, que faz as próprias escolhas. – Ela deu um sorriso de encorajamento. – Você ainda é uma mulher jovem. Se quisesse, podia um dia ter sua própria família e ser uma mãe

completamente diferente. O que acha disso?

Essa era fácil.

– Ah, nunca vou ter filhos – disse eu, calma, realista. Ela indicou que eu devia continuar a falar. – É óbvio, não é? Quer dizer, e se eu passasse isso de minha mãe adiante? Mesmo que eu não tenha, podia pular uma geração, não podia? Ou... E se for o ato de dar à luz que desperta isso em uma pessoa? Isso pode estar à espera, adormecido por todo esse tempo, à espera...

Ela pareceu muito séria.

– Eleanor, trabalhei com vários pacientes ao longo dos anos que tinham preocupações parecidas com as suas. É normal se sentir assim. Mas lembre-se: estamos discutindo como você é diferente de sua mãe, as escolhas diferentes que fez...

– Mas mamãe ainda está em minha vida, mesmo depois de todo esse tempo. Isso me preocupa. Ela é uma má influência, uma influência muito ruim.

Maria ergueu os olhos do caderno onde estava tomando notas.

– Você, então, ainda está falando com ela? – perguntou, com a caneta pronta para escrever mais.

– Sim – respondi. Entrelacei as mãos e respirei fundo. – Mas tenho andado pensando que isso tem de acabar. Eu vou parar. Isso precisa parar.

Ela pareceu séria como eu nunca a tinha visto.

– Não é meu papel lhe dizer o que fazer, Eleanor. Vou, porém, falar uma coisa: acho uma ideia muito boa. Mas, no fim, a decisão é sua. Sempre foi decisão sua – disse ela, excessivamente calma e um pouco distante como sempre. Era como se ela estivesse se esforçando um pouco demais para ser neutra, pensei. Eu me perguntei por quê.

– A questão é que, mesmo depois de tudo o que ela fez, depois de tudo, ainda é minha mãe. Ela é a única pessoa que tenho. E boas meninas amam suas mães. Depois do incêndio, eu estava sempre muito solitária. Qualquer mãe era melhor que nenhuma...

Quando fiz uma pausa, às lágrimas, vi que a dra. Temple estava completamente solidária, que entendia o que eu estava dizendo e ouvia sem julgar.

– Ultimamente – disse eu, começando a me sentir um pouco mais forte, um pouco mais corajosa, sustentada por seus olhos simpáticos e silêncio aprobativo –, porém, vim a perceber que ela é... Ela é apenas *má*. *Ela* é a má. Eu não sou má, e não é minha culpa. Eu não a fiz má, não sou má por não querer ter nada a ver com ela, por me sentir triste e com raiva, não furiosa, em relação ao que ela fez.

A parte seguinte era difícil, e olhei para minhas mãos entrelaçadas enquanto falava, com medo de ver qualquer mudança no comportamento da dra. Temple em reação às palavras que saíam de minha boca.

– Eu *sabia* que havia algo muito, muito errado com ela. Sempre soube, desde que posso me lembrar. Mas eu não disse a ninguém. E as pessoas morreram...

Ousei erguer os olhos, e senti meu corpo relaxar de alívio ao ver a expressão no rosto de Maria, inalterada.

– Quem morreu, Eleanor? – disse ela em voz baixa. Respirei fundo.

– Marianne – disse eu. – Marianne morreu. – Olhei para minhas mãos, em seguida de volta para Maria. – Mamãe ateou o incêndio. Ela queria matar nós duas, só que, de algum modo, Marianne morreu, e eu não.

Maria balançou a cabeça afirmativamente. Ela não pareceu surpresa. Será que já havia chegado a essa conclusão? Ela parecia estar à espera que eu dissesse alguma coisa, mas eu não disse. Ficamos sentadas em silêncio por um momento.

– Mas tem a culpa – prossegui, em um sussurro. Era muito difícil falar, fisicamente difícil, tentar forçar o som a sair. – Eu era sua irmã mais velha, devia estar cuidando dela. Ela era muito pequena. Eu tentei, tentei mesmo, só que... Não foi suficiente. Falhei com ela, Maria. Eu ainda estou aqui, e está tudo errado. Ela que devia ter sobrevivido. Eu não mereço ser feliz, não mereço ter uma vida boa quando Marianne...

– Eleanor – disse ela com delicadeza quando me acalmei. – Sentir culpa por sobreviver quando Marianne não sobreviveu é uma reação perfeitamente normal. Não esqueça que você era só uma criança quando sua mãe cometeu o crime. É muito importante que entenda que não é sua culpa, que nada disso é sua culpa.

Eu estava chorando outra vez.

– Você era a criança, e ela, a adulta. Era responsabilidade dela cuidar de você e de sua irmã. Em vez disso, havia negligência, violência e abuso emocional, e houve consequências terríveis, terríveis, para todo mundo envolvido. E nada disso é sua culpa, Eleanor, absolutamente nada disso. Não sei se precisa perdoar sua mãe, Eleanor – disse ela. – Mas tenho certeza de uma coisa: você precisa perdoar a si mesma.

Balancei a cabeça em meio às lágrimas. Fazia sentido. Eu não tinha certeza – ainda – se acreditava bem naquilo, mas sem dúvida fazia sentido e tinha lógica. E você não pode pedir muito mais que isso.

Enquanto assoava o nariz, sem vergonha do barulho, que não era nada em comparação com os horrores que eu já apresentara diante da dra. Temple nessa sala, tomei minha decisão. Era hora de dar adeus para minha mãe.

RAYMOND INSISTIRA QUE NOS ENCONTRÁSSEMOS diante do prédio da terapia naquele dia para me levar para um café. Eu o observei caminhar em minha direção. Seu passo largo peculiar era quase terno – eu não o reconheceria se ele comesse a andar como faziam os homens normais. Ele estava com as mãos nos bolsos da calça jeans de cintura baixa, e usando um gorro de lã estranho e grande demais que eu não havia visto antes. Parecia o tipo de gorro que um duende alemão usaria em uma ilustração de contos de fadas do século XIX, possivelmente uma sobre um padeiro que era mau com as crianças e teve seu castigo por meio de uma horda de elfos. Eu gostei disso.

– Tudo bem? – disse ele. – Quase congelei vindo pra cá. – Ele soprou no interior das mãos em concha.

– Hoje o tempo está bem inclemente – concordei. – Embora seja maravilhoso ver o sol.

Ele sorriu para mim.

– É, Eleanor.

Agradei a ele por tirar um tempo para vir e me encontrar. Era simpático da parte dele, e eu lhe disse isso.

– Continue assim, Eleanor – disse ele enquanto apagava o cigarro. – Qualquer desculpa para tirar meio dia de folga. De qualquer modo, é bom conversar com alguém sobre algo que não sejam licenças de software e Windows 10.

– Mas você *ama* falar de softwares, Raymond – disse eu, fungando, e em seguida o cutuquei nas costelas com muita delicadeza, com muita coragem. Ele riu e me cutucou também.

– Sou culpado dessa acusação, srta. O.

Fomos para um café, eu já tinha visto várias filiais dele pela cidade.

Entramos na fila e pedi um mochaccino grande com creme extra e calda de avelã. O rapaz perguntou meu nome.

– Por que precisa saber meu nome? – questionei, intrigada.

– Nós o escrevemos em seu copo – explicou. – Para não misturar as bebidas.

Ridículo.

– Não ouvi mais ninguém pedir o mesmo que eu até agora – disse eu com firmeza. – Tenho certeza de que sou mais que capaz de identificar a bebida de minha escolha quando chegar a hora.

Ele olhou fixamente para mim, a caneta ainda equilibrada na mão.

– Preciso escrever seu nome no copo – repetiu ele, com tom firme, mas entediado, como costumam fazer as pessoas de uniforme.

– E preciso manter um pouco de privacidade e não revelar meu nome para todo mundo no meio de uma cafeteria – retruquei com igual firmeza.

Alguém mais para o fim da fila soltou uma expressão contrariada, e ouvi outra pessoa murmurar algo que soou como *ai, meu cacete*. Parecia que tínhamos chegado a um certo impasse.

– Então está bem – disse eu. – Meu nome é srta. Eleanor Oliphant.

Ele me olhou confuso.

– Eu vou só botar, ah, Ellie – disse ele, escrevendo. Raymond estava em silêncio, mas eu podia sentir seus ombros largos e seu corpo desfigurado tremendo de rir. Em seguida, foi a vez dele.

– Raoul – disse ele, em seguida o soletrou.

Quando pegamos nossas bebidas, sem nenhum problema, sentamos a uma mesa na janela e olhamos as pessoas passarem. Raymond jogou três sachês de açúcar em seu Americano, e resisti à vontade de sugerir que fizesse escolhas mais saudáveis.

– Então – começou ele depois do que reconheci como um silêncio confortável –, como foram as coisas hoje?

Balancei a cabeça.

– Foi bom, na verdade – disse eu. Ele me olhou mais atentamente.

– Você parece que andou chorando – disse ele.

– Eu chorei – contei a ele. – Mas está tudo bem. É normal chorar quando

você está falando sobre sua irmã morta.

O rosto de Raymond se contorceu com o choque.

– Ela morreu no incêndio em minha casa. Mamãe o iniciou de propósito. Não era para termos sobrevivido, mas de algum modo, eu sobrevivi. Minha irmãzinha, porém, não. – Eu soava estranhamente calma ao dizer essas palavras. Afastei os olhos quando terminei, sabendo que o rosto de Raymond estaria expressando emoções que eu não estava bem pronta para reviver ainda, enquanto processava essa informação. Ele começou a falar, mas teve dificuldade. – Eu sei – disse eu com calma, dando a ele um minuto para se recompor. Era muita coisa para qualquer pessoa assimilar. Eu levava décadas, afinal de contas. Contei a ele um pouco mais do que havia acontecido com Marianne, sobre o que minha mãe tinha feito.

– Agora que finalmente consegui falar sobre o que ela fez comigo e com Marianne, não tenho como continuar a ter minha mãe em minha vida. Preciso me libertar dela.

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Isso significa que você vai...

– Sim – disse ela. – Na próxima quarta-feira, quando eu falar com ela, vou dizer a ela que não temos mais o que falar. É hora de cortar o contato, para sempre.

Raymond balançou a cabeça, quase com aprovação. Eu me sentia calma, segura do caminho a seguir. Era uma sensação nova.

– Tem mais uma coisa que preciso fazer, também. Preciso descobrir tudo o que aconteceu comigo, conosco, na época. Eu me lembro de alguns detalhes, mas agora preciso saber tudo. – Limpei a garganta. – Então, Raymond, você vai me ajudar a descobrir o que aconteceu no incêndio? – perguntei sem olhar para ele, minhas palavras praticamente inaudíveis. – Por favor?

Pedir ajuda, para mim, era uma maldição. Eu disse isso a Maria. “E como tem funcionado com você até agora?”, dissera ela. Não gostei de seu tom um tanto incisivo, mas Maria tinha razão. Isso, entretanto, não significava que era fácil.

– É claro, Eleanor – respondeu ele. – Qualquer coisa, assim que estiver

pronta. O que quer que você queira. – Ele tomou minhas mãos nas suas e as apertou com delicadeza.

– Obrigada – agradei em voz baixa, aliviada.

– Eu acho maravilhoso o que está fazendo, Eleanor – disse ele olhando para mim.

Senti o seguinte: o peso quente de suas mãos sobre mim; a autenticidade de seu sorriso; o calor delicado de algo se abrindo, do jeito que algumas flores desabrocham ao amanhecer ao avistar o sol. Eu sabia o que estava acontecendo. Era o pedaço intocado do meu coração. Ele era grande apenas o suficiente para deixar entrar um pouco de afeto. Ainda havia um pouquinho de espaço.

– Raymond, você não pode imaginar o quanto significa para mim ter um amigo, um amigo de verdade, que se preocupa. Você salvou minha vida – sussurrei, com medo que as lágrimas pudessem brotar ali no café e constranger a nós dois. Agora que eu tinha começado a chorar em público com mais frequência, parecia que ia passar a fazer isso sem parar para pensar.

Raymond apertou minhas mãos com mais força, e eu lutei contra, e venci, o desejo de tirá-las dali e levá-las às costas.

– Eleanor, não agradeça a mim. Você faria a mesma coisa por mim, sabe que faria.

Fiz que sim com a cabeça. Para minha surpresa, percebi que ele estava certo.

– Eu me lembro de quando a conheci – disse ele, sacudindo a cabeça e sorrindo. – Achei você esquisita.

– Eu *sou* esquisita – confirmei, surpresa que ele pudesse pensar o contrário. Por toda a minha vida as pessoas me disseram isso.

– Não, você não é, não – disse ele com um sorriso. – Está bem, você é um pouco estranha, mas de um jeito bom. Você me faz rir, Eleanor. Você não dá a mínima para nenhuma dessas coisas idiotas (não sei, ser descolada, política do escritório, nem nenhuma das merdas bobas com as quais as pessoas devem se preocupar). Você apenas faz o que quer, não é?

Eu agora estava chorando, não havia como evitar.

– Raymond, seu maldito – disse eu. – Você fez meus olhos esfumados

derreterem. – Eu estava bem irritada quando disse isso, mas aí comecei a rir, e ele riu também. Ele me passou um dos guardanapos inferiores de papel do café, e limpei os resquícios escuros.

– Você fica melhor sem – disse ele.

Depois, caminhamos na direção do local onde íamos nos separar em busca de nossos respectivos pontos de ônibus.

– Até logo, então – disse ele.

– Ah, você vai me ver antes do que imagina! – disse eu com um sorriso para ele.

– O que quer dizer com isso? – Ele pareceu intrigado e alegre.

– É surpresa! – disse eu gesticulando com as mãos e dando de ombros de forma extravagante. Eu nunca tinha visto um mágico se apresentar em um palco, mas era esse o visual que eu estava procurando. Raymond caiu na gargalhada.

– Vou esperar ansioso por isso – disse ele ainda com um sorriso enquanto tateava os bolsos à procura de cigarros.

Eu me afastei dele com um estado mental um tanto distraído; meus pensamentos voltavam para Marianne e minha mãe. Eu, agora, tinha trabalho a fazer. O passado estava se escondendo de mim, ou eu estava me escondendo dele, e ainda assim, ali estava ele, ainda, à espreita na escuridão. Era hora de deixar entrar um pouco de luz.

DE VOLTA AO TRABALHO! Um canto de galo ao amanhecer me acordara do sono. Esse glorioso som matinal era alimentado por uma pilha tamanho AA, emitido por uma caixa de som pequena e disparado por minha programação do despertador na noite anterior, em vez de, como no caso de nossos amigos pássaros, elevados níveis de testosterona e luz do sol. É justo dizer que meu quarto é uma zona livre de testosterona e luz do sol atualmente. Mas o inverno passa – disse eu a mim mesma –, lembre-se disso, Eleanor. Glen estava jogada sobre meus pés por cima do edredom, mantendo-os quentes enquanto ela fazia o possível para ignorar o despertador.

Animada com a perspectiva do dia à frente, vesti uma blusa branca nova, uma saia preta nova, meias pretas e as botas que havia comprado algum tempo atrás para um show ao qual eu nunca deveria ter ido. Eu parecia elegante, prática, *normal*. Sim, ia voltar para o trabalho.

Anos atrás, uma das famílias adotivas com as quais vivi me levou junto com seus filhos para um “dia de compras de volta às aulas”. Nós três pudemos escolher sapatos novos e uma nova bolsa escolar, e fomos equipados com um uniforme novo (embora minha saia e meu blazer do ano anterior ainda coubessem perfeitamente bem). Melhor de tudo: o dia terminou com uma visita à loja WHSmith, onde a seção de papelaria estava à disposição de nossa pilhagem. Até os itens mais recônditos (esquadros, grampos, bailarinas – para que serviam?) foram permitidos, e esse butim, então, foi botado em um grande e bonito estojo de lápis que era meu, meu, meu. Eu, em geral, não uso perfume, preferindo o cheiro apenas de sabonete e meu almíscar natural, mas, se fosse possível comprar um vidro no qual o cheiro de raspas de lápis apontados e o odor forte de petróleo de uma borracha recém-esfregada

fossem combinados, eu com prazer me encharcaria dele diariamente.

Tomei o café da manhã (mingau e uma ameixa, como sempre) e saí com tempo para pegar o ônibus. Glen ainda estava dormindo, depois de se mover para baixo do edredom para ocupar o espaço quente assim que o vaguei. Deixei para ela um pouco de água fresca e uma tigela grande de ração, mas duvidava que ela fosse perceber que eu tinha saído até ouvir minha chave na fechadura outra vez, à noite. Ela ficava muito serena assim (embora é preciso dizer que não de muitas outras maneiras).

A caminhada até o ponto de ônibus foi mais interessante do que eu me lembrava, talvez porque a estivesse vendo com olhos frescos depois de uma ausência tão longa. Havia uma quantidade excessiva de lixo e nenhuma lixeira; esses dois fatos, sem dúvida, estavam relacionados. Essa parte da cidade era agressivamente cinza, mas vida verde ainda lutava para existir: musgo nas paredes, ervas na sarjeta, a árvore desamparada eventual. Sempre vivi em áreas urbanas, mas sinto necessidade de verde como um desejo visceral.

Quando estava chegando ao cruzamento onde atravesso para pegar o ônibus, parei de repente, com os olhos atraídos para um movimento dissimulado, um arremetida calculada de vermelho-amarronzado. Inspirei o ar frio da manhã em meus pulmões. Sob o brilho laranja de uma luminária pública, havia uma raposa bebendo um copo de café. Ela não o estava segurando nas patas – como já ficou claramente estabelecido, não sou *louca* –, mas, em vez disso, baixara a cabeça até o chão e estava lambendo um copo do Starbucks. A raposa me sentiu observando, ergueu os olhos e encarou meus olhos com firmeza. “O que foi?”, parecia estar dizendo. “Um café matinal, grande coisa!” Ela voltou para sua bebida. Talvez tivesse ficado acordada particularmente até tarde na noite passada junto dos latões de lixo e estava achando difícil começar o dia naquela manhã fria e escura. Eu ri alto e continuei andando.



Enquanto estive fora, Bob me dissera para aparecer no escritório a qualquer momento ou ligar para conversar quando quisesse. Na semana passada, alguns

dias antes que minha licença expirasse, eu ainda não havia decidido se tornava a visitar o médico para tentar uma extensão, ou voltava ao trabalho na segunda-feira seguinte, então telefonei para ele, sem querer voltar para o escritório por medo de encontrar perguntas invasivas de meus colegas de trabalho sem ter primeiro preparado algumas respostas apropriadas.

– Eleanor! – exclamou Bob. – É ótimo ter notícias suas! Como estão as coisas?

– Obrigada pelas flores – agradei. – Estou bem... Quer dizer, estou melhor, obrigada, Bob. Tem sido difícil, mas tenho feito bom progresso.

– Brilhante – disse ele. – Isso é uma notícia brilhante! Então, você sabe quando você, er, quando deve voltar? – Ouvi uma inspiração quando ele se preocupou com o que acabara de dizer. – Não há pressa, agora... Nenhuma pressa, mesmo. Não estou pressionando você, pode levar o tempo que precisar. Só quando estiver absolutamente pronta.

– Você não *quer* que eu volte, Bob? – disse eu, com uma ousada tentativa de fazer humor.

Ele resfolegou.

– Eleanor, este lugar está desmoronando sem você! Jesus, Billy não tem a menor ideia de como emitir uma fatura, e Janey...

– Bob, Bob, eu estava brincando – disse eu. Sorri, e devo admitir ter me sentido um pouco gratificada com o quanto meus colegas haviam se saído durante minha ausência.

– Uma piada, Eleanor! Isso é um ótimo sinal, você deve estar se recuperando, então – disse Bob com um tom de alívio, ou devido à piada ou porque eu estava me sentindo melhor; ou os dois, supus.

– Eu volto na segunda-feira, Bob – disse eu. – Estou pronta. – Minha voz estava firme, confiante.

– Ótimo! E tem certeza de que é a hora certa? Uau, isso é magnífico, Eleanor – disse ele. – Fico ansioso para vê-la na segunda, então. – Eu sabia que ele estava sendo sincero devido a todo o calor que vinha pelo telefone. Sua voz muda quando você está sorrindo, isso, de algum modo, altera o som.

– Muito obrigada por ser tão compreensivo em relação a tudo... A tudo o que aconteceu, Bob – disse eu com um nó se formando em minha garganta. –

Obrigada pelo apoio. Eu estava querendo dizer... Desculpe se eu nem sempre fui uma... funcionária muito entusiasmada ao longo dos anos...

– Ah, está tudo bem – disse ele, e eu quase podia visualizá-lo sacudindo a cabeça. – O lugar não seria o mesmo sem você, Eleanor, não seria mesmo. Você é a alma do escritório.

Ouvi o celular dele tocar. Ele emitiu uma expressão contrariada.

– Desculpe, Eleanor, mas preciso atender a isso. É um cliente novo. Agora, você se cuide, e nos vemos na segunda-feira, certo?

– Certo – disse eu.

Lembro-me de pensar, ao desligar o telefone, que eu na verdade estava torcendo muito para que Janey não levasse um de seus bolos caseiros para marcar minha volta, como ela frequentemente fazia com pessoas que tinham saído de licença. Seco não chega nem perto de descrever a textura árida de deserto de seu pão de ló de café com avelãs.



Quando cheguei ao trabalho, o exterior do escritório não estava nada atraente, como sempre, e hesitei diante dele. Eu estivera ausente por quase dois meses, e só os céus sabiam que tipo de rumores sem fundamento tinham se proliferado, assim como as razões por trás deles. Eu não pensara – não tinha sido capaz de pensar – nem uma vez durante esse período em minhas planilhas, em contas a pagar, pedidos de compra e impostos. Será que eu ainda podia fazer meu trabalho? Eu não tinha confiança de que podia me lembrar de nada. Minha senha? Claro. Três palavras: *Ignis aurum probat*. “O fogo testa o ouro.” O resto da frase: “... e a adversidade testa o bravo”. Isso era verdade. Uma senha forte, bem forte, exatamente como exigido pelo sistema de computadores. Obrigada, Sêneca.

Ah, mas senti o princípio de um pânico palpitante em meu peito. Eu não podia fazer aquilo. Podia? Não estava pronta para encarar a situação. Eu iria para casa e ligaria para Bob para contar a ele que ia tirar mais uma semana de licença. Ele ia entender.

Houve um som arrastado às minhas costas na calçada, e rapidamente enxuguei as lágrimas que tinham se formado enquanto eu olhava fixamente

para o prédio baixo à minha frente. Sem aviso, fui puxada em uma volta de cento e oitenta graus e esmagada em um abraço. Havia muita lã (gorro, cachecol, luvas), pelos que arranhavam e um cheiro de maçãs, sabonete e Marlboro vermelho.

– Eleanor! – disse Raymond. – Então era isso o que você queria dizer quando falou que me veria em breve.

Eu me deixei ser abraçada, na verdade, me aproximei mais do abraço, porque, fui forçada a admitir, naquele momento em particular naquelas circunstâncias em particular, e sentindo como estava me sentindo, a sensação de ser envolvida por ele era quase milagrosa. Eu não disse nada, e, muito lentamente, meus braços se ergueram, hesitantes como o sol de inverno, de modo que se posicionaram em torno de sua cintura, para me afundar melhor em seu abraço. Meu rosto repousou contra seu peito. Ele também não disse nada, intuindo que talvez aquilo de que eu mais precisava no momento era que ele já estava fornecendo, e precisamente nada mais.

Ficamos assim parados por alguns momentos, em seguida eu recuei, rearrumei o cabelo, esfreguei os olhos e olhei para meu relógio.

– Você está dez minutos atrasado para o trabalho, Raymond – disse eu.

Ele riu.

– Você também! – Ele se adiantou outra vez e olhou atentamente para mim. Eu o encarei de volta, de um jeito parecido com o que a raposa fizera mais cedo.

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Vamos – disse ele enquanto estendia o braço. – Nós dois, agora, estamos atrasados. Vamos entrar. Não sei você, mas eu adoraria uma xícara de chá, hein?

Entrelacei o braço através do dele, e ele me acompanhou para dentro, por todo o caminho até a porta da sala do departamento contábil. Eu me soltei dele ali o mais rápido possível, ansiosa que alguém pudesse nos ver juntos daquele jeito. Ele se abaixou e aproximou o rosto do meu, falando de um jeito um tanto paternal (pelo menos, achei que fosse isso – pais estão longe de ser minha área de especialidade).

– Então – disse ele. – É isso o que vai acontecer. Você vai entrar aí,

pendurar o casaco, ligar a chaleira e começar. Ninguém vai criar confusão, e não vai haver nenhum drama. Vai ser como se você nunca tivesse se afastado.

Ele balançou a cabeça uma vez, como se quisesse reforçar o que estava dizendo.

– Mas, e se...

Ele me interrompeu.

– De verdade, Eleanor, confie em mim. Tudo vai ficar absolutamente bem. Você estava doente, tirou algum tempo de licença para melhorar, e agora você está aqui, de volta ao batente. Você é ótima em seu trabalho, e eles vão adorar tê-la de volta. Fim – disse ele, franco, sincero. Simpático.

Eu de fato me senti melhor depois que ele disse isso, bem melhor.

– Obrigada, Raymond – agradei em voz baixa.

Ele me deu um soquinho no braço – com delicadeza, não um soco de verdade –, e sorriu.

– Estamos atrasados demais! – disse ele com olhos arregalados em horror fingido. – Encontro você para almoçar às 13h?

Assenti.

– Então vá em frente, entre aí e acabe com eles! – disse ele com um sorriso, e em seguida foi embora, com passos pesados pela escada, como um elefante de circo aprendendo um truque novo. Limpei a garganta, alisei a saia e abri a porta.



Tudo em sua ordem: antes de ir até minha mesa e encarar todo mundo, precisei fazer aquela temida entrevista de volta ao trabalho. Eu nunca fizera uma dessas antes, mas ouvira os outros murmurarem sobre elas no passado. Aparentemente, o RH obrigava você a ter uma reunião com seu chefe se tivesse ficado ausente por mais que alguns dias, ostensivamente para assegurar que você estivesse plenamente recuperada e pronta para o trabalho, e para ver se era necessário fazer algum ajuste para garantir que ficasse bem; na realidade, porém, a visão popular dizia que esse processo tinha sido criado para intimidar, para desestimular a ausência, e para verificar se você estivera – qual era a palavra –, ah, sim, matando o trabalho. Essas pessoas, entretanto,

não tinham Bob como chefe. Só os gerentes de seção estavam diretamente subordinados a Bob, e agora eu era um deles, a guarda pretoriana, os eleitos. Bob, porém, era um tipo estranho de imperador.

Ele se levantou e me deu um beijo no rosto, e enquanto me abraçava, sua barriguinha protuberante se apertou contra mim e fez com que eu sentisse vontade de rir. Ele me deu vários tapinhas nas costas. Aquilo tudo foi extremamente embaraçoso, mas muito, muito agradável.

Ele me preparou uma xícara de chá e se ocupou com biscoitos, assegurando-se de que eu estivesse confortável.

– Agora, então, esta entrevista. Não é nada com que se preocupar, Eleanor, uma formalidade. O RH me perturba se eu não faço essas coisas, sabe como é. – Ele fez uma careta. – Nós só precisamos marcar umas cruzinhas – (o quê?) –, assinar o formulário, e, depois, vou deixar você voltar.

Ele estava bebendo de uma caneca de café, e havia derrubado um pouco na parte da frente da camisa. Bob usava camisas finas, com uma camiseta sem manga visível por baixo, o que dava a impressão geral de um colegial crescido. Passamos por uma lista de perguntas insultantes de tão banais, exigidas em um formulário. Foi, para alívio visível de nós dois, um processo indolor, mesmo que um pouco entediante.

– Certo, então – disse ele. – Isso está feito, graças a Deus. Tem mais alguma coisa sobre a qual gostaria de falar? Sei que é um pouco cedo para entrar em detalhes específicos – disse ele. – Podemos nos reunir outra vez amanhã, depois que você tiver tido a chance botar todas as coisas em dia, se quiser.

– O almoço de Natal – disse eu. – Está todo organizado?

Ele retorceu o rosto pequeno e redondo, e praguejou de um jeito nada querúbico.

– Tinha me esquecido completamente disso! – exclamou ele. – Houve tantas outras coisas para resolver, e isso meio que, não sei, acabou esquecido. Merda...

– Não tem problema, Bob – disse eu. – Vou cuidar disso o quanto antes. – Fiz uma pausa. – Quer dizer, depois de me atualizar com as contas, é claro.

Bob pareceu preocupado.

– Tem certeza? Eu na verdade não quero colocar nenhuma pressão extra em você, Eleanor, você acabou de voltar, e tenho certeza de que vai ter muita coisa para fazer.

– Sem problema, Bob – disse eu com confiança, dando a ele um duplo sinal de positivo com os polegares, com isso experimentando uma expressão e um gesto favoritos de Raymond pela primeira vez. As sobrancelhas de Bob se ergueram. Torci para que eu os tivesse usado corretamente, e no contexto apropriado. Em geral, sou muito boa com as palavras, mas esse tipo de coisa, tenho de confessar, às vezes me complica.

– Bom, se você tem cem por cento de certeza... – disse ele, sem, deve ser observado, parecer especialmente seguro.

– Absolutamente, Bob – assenti. – Tudo vai ser confirmado e os arranjos vão ser feitos até o fim da semana. Pode contar com isso.

– Ah, bom, isso seria brilhante – disse ele enquanto escrevia no formulário, que em seguida passou para mim. – Só preciso que preencha essa seção no pé, e com isso acabamos.

Assinei com um floreio. Não tenho muitas oportunidades de usar minha assinatura na vida diária, o que é uma pena, pois tenho um “jamegão” muito interessante, como diriam nossos primos do outro lado da poça. Não estou querendo me gabar. É só que, quase todo mundo que a viu, observou como é incomum, como é especial. Pessoalmente, não vejo por que todo o barulho. Todo mundo poderia escrever um “O” como a espiral de uma concha de caracol se quisesse, e usar uma mistura de maiúsculas e minúsculas é simplesmente bom senso – isso garante que a assinatura seja difícil de falsificar. Segurança pessoal, segurança dos dados: muito importante.



Quando finalmente sentei à minha mesa, a primeira coisa que percebi foram as flores. Tinham ficado ocultas pelo monitor enquanto eu me aproximava, mas agora vi o vaso (bom, na verdade era um copo grande de cerveja; o escritório nunca teve vasos, facas de bolo nem taças de champanhe suficientes, apesar de os funcionários celebrarem acontecimentos da vida no que parecia ser uma base semanal). Ele estava cheio de flores, eríngios, lírios do nilo e íris,

e estava maravilhoso.

Havia um envelope apoiado contra o arranjo, e abri o selo lentamente. Havia um cartão no interior, uma foto linda de um esquilo vermelho comendo uma avelã na frente. Dentro, alguém (desconfiei de Bernadette, pela letra infantil) tinha escrito BEM-VINDA DE VOLTA, ELEANOR!, e havia uma multidão de assinaturas acompanhadas de Abraços ou Beijos espalhados pelos dois lados. Eu, de algum modo, fui pega de surpresa. Abraços! Beijos! Não sabia ao certo o que pensar.

Enquanto ainda refletia sobre aquilo, liguei meu computador. Havia tantos e-mails não respondidos que fui direto para os de hoje, achando que iria apenas apagar todos os outros. Os remetentes tornariam a entrar em contato se fossem importantes, sem dúvida. O mais recente, enviado apenas dez minutos antes, era de Raymond. O assunto dizia: ME LEIA!!!

Achei melhor escrever isso pois vc provavelmente tem dez milhões de msgs não lidas em sua caixa de entrada agora, rs. Queria dizer isso na outra tarde, tenho dois ingressos para um concerto, é música clássica, não sei se você gosta desse tipo de coisa, mas eu achei que talvez gostasse. É no sábado, daqui a duas semanas, se estiver livre – talvez ir comer alguma coisa depois?

Te vejo no almoço

Bj

R

Antes que eu tivesse a chance de responder, percebi que meus colegas tinham se reunido em círculo em torno de minha mesa sem que eu notasse. Olhei para eles. Suas expressões iam de entediadas a benevolentes. Janey parecia um pouco preocupada.

– Sabemos que você não gosta dessas coisas, Eleanor – disse ela, tendo sido nitidamente nomeada porta-voz. – Só queríamos dizer que estamos felizes que esteja se sentindo melhor, e é bom tê-la de volta! – As pessoas balançaram a cabeça, murmuraram sua anuência. Em termos de discurso, estava longe de ser um digno de Churchill, mas foi mais um gesto simpático e atencioso.

Eu não gostava de oratória pública, mas senti que não ficariam satisfeitos sem algumas palavras.

– Muito obrigada mesmo pelas flores e o cartão e as felicitações – disse eu por fim com os olhos na mesa enquanto falava. Houve um momento de silêncio que ninguém, e sem dúvida não eu, sabia bem como preencher. Olhei para eles.

– Bom – disse eu. – Não acho que essas faturas atrasadas vão ser processadas sozinhas, vão?

– Ela está de volta! – disse Billy, e houve risos, inclusive o meu próprio. Sim. Eleanor Oliphant estava de volta.

QUARTA-FEIRA À NOITE. ESTAVA NA HORA.

– Alô, mãe – disse eu. Ouvi minha própria voz, ela parecia insípida, sem emoção.

– Como sabia? – Incisiva. Irritada.

– É *sempre* você, mãe.

– Atrevida! Não seja insolente, Eleanor. Isso não combina com você. Mamãe não gosta de meninas mal-educadas e respondonas, você sabe disso.

Conversa velha... uma reprimenda ouvida muitas vezes antes.

– Não me importo mais com o que você pensa, mãe – afirmei.

Ouvi sua expressão de escárnio; curta, sarcástica.

– Ah, céus. Alguém anda nervosa. O que é, está naqueles dias? *Hormônios*, querida? Ou alguma outra coisa... Deixe-me ver. Alguém andou enchendo sua cabeça com bobagens? Andou contando mentiras sobre mim? Quantas vezes alertei você sobre isso? Mamãe não...

Eu a interrompi.

– Mãe, eu vou dizer adeus para você esta noite.

Ela riu.

– Adeus? Mas isso é tão... final, querida. Não há necessidade, pare com isso. O que você faria sem nossas conversas? E seu projeto especial, não acha que devia manter sua mãe atualizada sobre seu progresso, pelo menos?

– O projeto não era a resposta, mãe. Foi errado de sua parte, muito errado de sua parte, me dizer que era – disse eu, sem tristeza nem alegria, apenas expondo os fatos.

Ela riu.

– Foi *sua* ideia, pelo que me lembro, querida. Eu apenas... Torci para você, de fora. É isso o que uma mãe que apoia faz, não é?

Pensei nisso. Apoiar. Apoiar significava... O que isso significava? Significava se preocupar com meu bem-estar, significava querer o melhor para mim. Significava lavar meus lençóis sujos e se assegurar de que eu chegasse em casa em segurança e me comprar um balão ridículo quando eu estivesse me sentindo triste. Eu não tinha o desejo de repassar uma lista de suas falhas, suas injustiças, para descrever os horrores da vida que levávamos na época, ou recordar as coisas que ela fizera e não fizera com Marianne, comigo. Não havia motivo mais.

– Você ateou fogo na casa enquanto Marianne e eu estávamos dormindo lá dentro. Ela morreu lá. Eu não diria que isso é exatamente dar apoio – falei, fazendo o possível para manter a voz calma, sem conseguir inteiramente.

– Alguém *tem* contado mentiras a você, eu sabia! – exclamou com triunfo na voz. Ela falou animada e cheia de entusiasmo. – Olhe, o que fiz, querida... Todo mundo teria feito a mesma coisa na minha situação. É como eu disse a você: se algo precisa ser mudado, mude! Claro, vai haver inconvenientes pelo caminho... Você simplesmente precisa lidar com isso, e não se preocupar muito com as consequências.

Ela parecia alegre, feliz por estar dando conselhos. Ela estava, eu me dei conta, falando sobre nos matar, a Marianne e a mim, suas *inconveniências*. De um jeito estranho, isso ajudou.

Respirei fundo, embora, na verdade, não precisasse disso.

– Adeus, mãe.

A última palavra. Minha voz estava firme, contida, segura. Eu não estava triste. Estava certa. E, por baixo disso tudo, como um embrião em formação – pequeno, muito pequeno, pouco mais que um aglomerado de células, a pulsação diminuta como uma cabeça de alfinete – ali estava eu. Eleanor Oliphant.

E, simples assim, minha mãe se foi.

**DIAS
MELHORES**



EMBORA EU ME SENTISSE PERFEITAMENTE BEM e, na verdade, pronta para voltar ao trabalho pesado, o RH insistira em um “retorno escalonado”, durante o qual trabalhei apenas pela manhã nas semanas seguintes. Pior para eles. Se quisessem me pagar um salário de tempo integral para que fizesse meio expediente, era problema deles. Na hora do almoço, na sexta-feira, ao fim de minha curta jornada de trabalho e de minha primeira semana de volta, me encontrei com Raymond pela segunda vez na semana.

Depois disso, nos comunicamos apenas por meios eletrônicos. Eu passara a noite anterior em pesquisas na internet. Era fácil encontrar coisas. Talvez fácil demais. Eu imprimira duas reportagens de jornal sem ler abaixo dos títulos, em seguida os guardei em um envelope. Eu sabia que Raymond já as teria encontrado por conta própria, mas era importante para mim que *eu* fizesse a pesquisa. Era *minha* história, e de mais ninguém. Pelo menos, de mais ninguém vivo.

Como solicitado, ele se juntou a mim no café, para que eu não estivesse sozinha quando as lesse pela primeira vez. Eu tinha tentado enfrentar as coisas sozinha por tempo demais, e isso não me fizera nenhum bem. Às vezes, você simplesmente precisava que alguém empático se sentasse com você enquanto lidava com as coisas.

– Eu me sinto como um espião, ou algo assim – disse Raymond, olhando para o envelope fechado que estava entre nós.

– Você é completamente inadequado para uma carreira na espionagem. – Ele ergueu as sobrancelhas. – Seu rosto é honesto demais – disse eu, e ele sorriu.

– Pronta, então? – disse ele, agora sério.

Assenti.

Era um envelope pardo amarelo claro tamanho A4 com fecho, que eu tinha roubado do armário de material de escritório no trabalho. O papel também viera de lá. Eu me sentia um pouco culpada em relação a isso, especialmente porque Bob, eu agora sabia, tinha de considerar esse tipo de coisa em suas despesas correntes. Abri a boca para contar a Raymond sobre o orçamento de material de escritório, mas ele gesticulou com a cabeça na direção do envelope de maneira encorajadora, e percebi que eu não podia mais adiar a questão. Eu o abri com facilidade, em seguida o estendi na direção dele para lhe mostrar que havia duas folhas de papel A4 no interior. Raymond chegou tão mais perto que nos tocamos, lado a lado, harmônicos. Havia calor e força ali, e, com gratidão, eu me aproveitei disso. Comecei a ler.

The Sun, 5 de agosto de 1997, p. 2

**“Bela, mas mortal”, a assassina de crianças
“enganou a todos nós”, dizem vizinhos**

A “mãe assassina”, Sharon Smyth (foto), 29, estava vivendo em uma rua tranquila de Maida Vale havia dois anos, disseram os vizinhos, antes de deliberadamente dar início ao incêndio que terminou em tragédia.

“Ela era uma moça tão bonita. Enganou a todos nós”, disse um vizinho que não quis ser identificado. “Suas filhas estavam sempre arrumadas corretamente e falavam muito direitinho, todos comentavam as boas maneiras que tinham”, contou ele ao nosso repórter.

“Com o passar do tempo, porém, era possível dizer que havia algo errado. As crianças sempre pareciam mortas de medo dela. Às vezes apareciam machucadas, e as pessoas ouviam muitos gritos naquela casa. Ela saía muito. Nós supúnhamos, apenas, que ela tivesse uma babá, mas pensando bem...

“Uma vez, eu estava conversando com a menina mais velha, diria que ela devia ter só uns nove ou dez anos, e a mãe lhe deu um olhar tal que fez com que ela começasse a tremer, como um cachorrinho. Tenho medo

de pensar no que acontecia por lá, entre quatro paredes.”

A polícia confirmou ontem que o incêndio fatal da propriedade foi iniciado intencionalmente.

Uma criança (10), cujo nome é mantido em sigilo por razões legais, permanece no hospital em estado crítico.

Olhei para Raymond. Ele olhou para mim. Nenhum de nós disse nada por um tempo.

– Você sabe como acaba, certo? – perguntou Raymond, delicado, tranquilo, olhando-me nos olhos.

Peguei a segunda reportagem.

London Evening Standard, 28 de setembro de 1997, p. 9

***Últimas notícias sobre o assassinato de Maida Vale:
dois mortos, órfã corajosa se recupera***

A polícia confirmou, hoje, que os corpos recuperados da cena do incêndio em Maida Vale na semana passada pertenciam a Sharon Smyth (29) e sua filha mais nova, Marianne (4). A filha mais velha, Eleanor (10), teve alta hoje do hospital depois de ter o que os médicos chamaram de “recuperação milagrosa” de queimaduras de terceiro grau e inalação de fumaça.

O porta-voz confirmou que Smyth, com 29 anos, começou o incêndio deliberadamente, e morreu na cena como resultado de inalação de fumaça enquanto fugia da propriedade. Testes nas duas crianças revelaram que um sedativo havia sido administrado, e forneceram provas de que tinham sido fisicamente imobilizadas.

Nosso repórter entende que Eleanor Smyth inicialmente conseguiu se soltar e escapar das chamas. Vizinhos depois relataram ter visto a menina de dez anos gravemente ferida tentar entrar na casa antes da chegada dos serviços de emergência. Bombeiros a teriam encontrado tentando

abrir um guarda-roupa em um quarto do andar de cima. O corpo de sua irmã de quatro anos foi recuperado em seu interior.

A polícia não conseguiu localizar nenhum parente vivo da criança, que está sob cuidado dos serviços sociais.

– Isso foi tudo o que encontrei, também – disse Raymond enquanto eu empurrava as folhas impressas na direção dele.

Olhei pela janela. As pessoas faziam compras, falavam ao celular, empurravam carrinhos de bebê. O mundo simplesmente seguia em frente, independentemente do que tinha acontecido. É assim que funciona.

Nenhum de nós falou por algum tempo.

– Você está bem? – perguntou.

Eu fiz que sim com a cabeça.

– Vou continuar a ver a terapeuta. Isso ajuda.

Ele me olhou com cuidado.

– Como se sente?

– Você também com essa pergunta? – suspirei. Em seguida sorri para que ele soubesse que eu estava brincando. – Estou bem. Quer dizer, sim, obviamente tenho que trabalhar muitas coisas bastante sérias. A dra. Temple e eu vamos continuar a falar sobre tudo isso: sobre a morte de Marianne, como mamãe morreu, também, e por que fingi por todos esses anos que ela ainda estava ali, ainda falando comigo... Vai levar um tempo, e não vai ser fácil – disse eu. Eu me sentia muito calma. – Essencialmente, porém, de todas as maneiras que importam... Eu agora estou bem. Bem – repeti, reforçando a palavra porque, finalmente, era verdade.

Uma mulher passou correndo, perseguindo um chihuahua e gritando seu nome com um tom cada vez mais ansioso.

– Marianne amava cachorros – disse eu. – Toda vez que víamos um, ela apontava e ria, depois tentava abraçá-lo.

Raymond limpou a garganta. Mais cafés vieram, e bebemos devagar.

– Você vai ficar bem? – disse Raymond. Ele parecia com raiva de si mesmo. – Desculpe, pergunta idiota. Eu só queria ter sabido mais cedo – disse ele. – Gostaria de ter ajudado mais. – Ele olhou para a parede,

parecendo estar se esforçando para não chorar. – Ninguém devia ter de passar pelo que você passou – disse ele por fim, furioso. – Você perdeu sua irmãzinha, embora tivesse feito de tudo para salvá-la, e você mesma era apenas uma criança. Você ter conseguido sair disso, de tudo isso, e depois ter passado todos esses anos tentando lidar com isso por conta própria, é...

Eu o interrompi.

– Quando você lê sobre “monstros”, nomes conhecidos... esquece que tiveram uma família. Eles não brotam do nada simplesmente. Você nunca pensa sobre as pessoas que são deixadas para trás para lidar com as consequências de tudo.

Ele balançou a cabeça lentamente.

– Solicitei ao serviço social o acesso a meus arquivos. Eu tive razão para rever minha posição sobre a Lei de Liberdade de Informação, Raymond, e deixe-me lhe dizer uma coisa, é na verdade uma legislação esplêndida. Quando chegar, vou me sentar e lê-lo de ponta a ponta, o Livro da Vida de Eleanor. Preciso saber de tudo, todos os detalhes. Isso vai me ajudar. Ou me deprimir. Ou os dois.

Sorri para mostrar a ele que não estava preocupada, e para me assegurar de que não estivesse preocupado, também.

– Mas é mais do que isso, não é? Todos esses anos perdidos, desperdiçados. Coisas terríveis aconteceram. Você precisava de ajuda na época, e não teve. Você tem direito a isso agora, Eleanor... – Ele sacudiu a cabeça, incapaz de encontrar as palavras.

– No fim, o que importa é que sobrevivi. – Dei para ele um sorriso muito discreto. – Eu sobrevivi, Raymond! – afirmei, sabendo que ao mesmo tempo tinha sorte e azar, e grata por isso.



Quando era hora de ir, percebi e apreciei o esforço de Raymond para conduzir a conversa na direção de outra coisa, algo normal.

– O que planejou para o resto da semana? – disse ele.

Contei as coisas nos dedos.

– Preciso levar Glen ao veterinário para tomar vacina – disse eu. – E tenho

que organizar uma noite de Natal no parque safári. O site deles diz que estão fechados para o inverno, mas tenho certeza de que conseguirei convencê-los.

Sáímos e paramos na porta por um momento, saboreando o sol. Ele esfregou o rosto, em seguida olhou por cima de meu ombro na direção das árvores. Ele tornou a limpar a garganta. Um dos muitos riscos de ser fumante.

– Eleanor, você recebeu meu e-mail sobre aquele concerto? Eu estava me perguntando se...

– Sim – respondi com um sorriso. Ele assentiu e olhou atentamente para mim, e em seguida retribuiu o sorriso. O momento parou no tempo como uma gota de mel em uma colher, pesado, dourado. Chegamos para o lado para permitir que uma mulher de cadeira de rodas e sua amiga entrassem. O horário de almoço de Raymond estava quase no fim. Eu tinha o resto do dia para gastar como quisesse.

– Tchau, então, Raymond – despedi-me. Ele me puxou para um abraço, me segurou por um instante e prendeu um fio de cabelo solto atrás de minha orelha. Senti seu corpo quente e macio, porém forte. Quando nos afastamos, beijei seu rosto, a barba macia que fazia cócegas.

– Até logo, Eleanor Oliphant – disse ele.

Eu peguei minha sacola, apertei o colete e me virei na direção de casa.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a meus amigos e minha família, e também às seguintes pessoas e organizações:

Janice Galloway, por ser sempre sábia e inspiradora.

Minha agente maravilhosa, Madeleine Milburn, e seus colegas na agência, por seu entusiasmo, conhecimento, conselhos e apoio.

Minhas editoras, Martha Ashby, no Reino Unido, e Pamela Dorman, nos EUA, que tomaram um cuidado meticuloso com o livro e trouxeram novas perspectivas, sabedoria e bom humor ao processo editorial; obrigada, também, a seus colegas talentosos na HarperCollins e na Penguin Random House, respectivamente, que estiveram envolvidos no design, na produção e promoção deste livro. Tenho muita sorte de estar em tão boas mãos.

O Scottish Book Trust me selecionou para receber o prêmio Next Chapter, o que, entre outras coisas, me permitiu passar o tempo escrevendo e editando no Moniack Mhor Creative Writing Centre. Sou muito grata às duas organizações.

A meu grupo de autores, pelo retorno construtivo, as discussões proveitosas e a boa companhia.

George e Annie, por sua hospitalidade generosa e estímulo irrestrito.

Por fim, obrigada a George Craig, Vicki Jarret, Kirsty Mitchell e Philip Murnin. Sou muito grata por sua amizade, seu apoio e suas sacadas editoriais e estímulo bem-humorado enquanto eu estava escrevendo (e não estava escrevendo) este livro.

Título original
ELEANOR OLIPHANT
IS COMPLETELY FINE

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e incidentes retratados nele são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos e localidades é mera coincidência.

Copyright © Gail Honeyman, 2017

Gail Honeyman assegurou o direito moral de ser identificada como autora desta obra.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Excerto de *The Lonely City* (2016) by Olivia Laing.
Reproduzido com autorização da Canongate Books Ltd.

FÁBRICA231

O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
GUILHERME KROLL

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: outubro, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H743e

Honeyman, Gail

Eleanor Oliphant está muito bem [recurso eletrônico] / Gail Honeyman; tradução
Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Fábrica 231, 2017.
recurso digital

Tradução de: Eleanor Oliphant is completely fine
ISBN 978-85-9517-029-2 (recurso eletrônico)

1. Romance escocês. 2. Livros eletrônicos. I. Barreiros, Edmundo. II. Título.

17-43563

CDD: 828.9913

CDU: 821.111(411)-3

A AUTORA

Gail Honeyman é formada pelas universidades de Glasgow e Oxford. *Eleanor Oliphant está muito bem*, seu livro de estreia, foi escrito enquanto ela trabalhava em tempo integral, sendo um dos finalistas do Lucy Cavendish Fiction Prize como obra em desenvolvimento. Ela também foi premiada com o Scottish Book Trust's Next Chapter Award 2014, selecionada no programa Opening Lines da BBC Radio 4 e finalista do Bridport Prize.